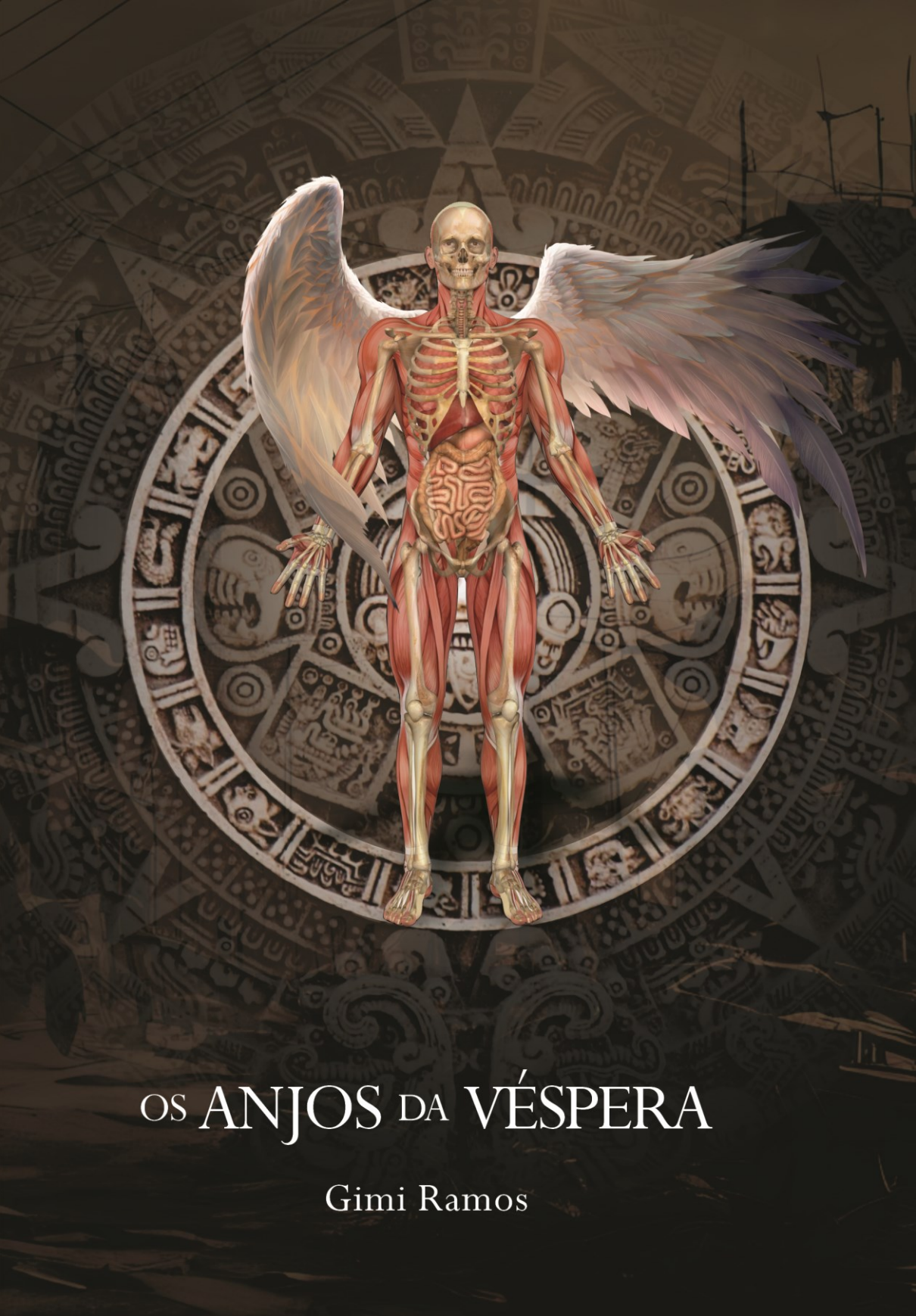

OS ANJOS DA VÉSPERA

Gimi Ramos

editora potencial
Livros e Sonhos

CNPJ: 23.021.757/0001-67
potencialgraf@gmail.com

Ramos, Gimi
Os anjos da véspera
/ Gimi Ramos. Araranguá, SC :
Potencial Comunicação, 2024.

ISBN 978-65-01-03075-3

1. Literatura - Ficção - Realismo fantástico
2. Drama - Suspense 3. Crime
4. Psicológico 5. Filosofia

Índices para catálogo sistemático:
1. Literatura catarinense - Ficção

Impresso no Brasil

Gimi Ramos

OS ANJOS DA VÉSPERA

2024

editora potencial
livros e sonhos

Sumário

De tensão e esperança . 7
O mundo de Deus . 9
A vida é cansativa . 13
O submundo será aqui . 21
Uma batalha pelo fim . 25
No silêncio da mente . 33
O coração não ama . 39
O mal é a prova . 47
A defesa pode continuar . 55
A sede de vingança . 63
Um acervo de absurdos . 67
É impossível ser lógico . 75
Os vivos deste inferno . 83
A cerca e o descampado . 89
O descanso na morte . 97
A miséria dos humanos . 103
A vontade mais singular . 109
Respirar é uma dádiva . 117
Apenas um desejo . 123
Admiro sua coragem . 127
Um dia de cárcere . 131
O invólucro da alma . 137
Um falso alívio . 147
A causalidade do ser . 155
Nascer não é escolha . 161
Um pária infeliz . 165
Eu era seu sangue . 171
Talvez seja isto . 177
Ele está em você . 183
A redenção do injusto . 195
O que é verdade . 199
Uma obra de justiça . 205
Eu nunca morri . 209
Um erro da ingenuidade . 217
Uma derradeira mensagem . 223
Uma singular conexão . 229
A dívida é eterna . 237
A estrada dos tormentos . 243
O mal é maior . 249
Um corpo sem alma . 257
Os anjos da véspera . 263

O romance, construído no realismo fantástico, é permeado por História e Filosofia, onde as personagens relatam sobre suas vidas num mundo antagonista regido pela dualidade do bem e do mal.

O autor nos leva a refletir sobre a condição humana e o nosso agir cotidiano numa vida conturbada.

A trama envolve dois personagens etéreos numa luta engendrada pela chamada *Guerra das Flores*: Quet'zan, filho de uma deusa asteca e um anjo de Deus; e Morsath, voz do submundo, rebento de uma humana com um anjo caído.

Durante a leitura, o cotidiano dos vários personagens nos enche de tensão e esperança.

Essa tensão ocorre quando as dificuldades nos posicionam sem muitas perspectivas. A raiva, o vício, a luxúria, a depressão, o tédio, a maldade e o encarceramento real ou imaginário não nos deixam respirar.

A esperança se dá quando conseguimos subir à superfície do poço da angústia e percebemos que finalmente algo de bom acontece neste mundo conturbado.

Todas as mazelas mundanas estão acontecendo na *Guerra das Flores*, que sempre nos dá esperança de que o bem vença o mal.

Nesta guerra liderada por anjos, o autor utiliza propositalmente um estilo maniqueísta, sem espaço para questionar o que é o bem e o que é mal, já que mostra de forma real como cada personagem vê o mundo; questão habilmente colocada na figura de Harden, onde não há nenhuma empatia. Da mesma forma como acontecia nas cerimônias astecas, em que arrancar corações humanos e comê-los seria a salvação para uma lavoura em momentos de clima difícil.

A interferência dos anjos, veladas ou não, nos faz viajar pelo mundo do realismo fantástico.

Os momentos em que nos colocamos na realidade, sem fantasias, são exatamente os que vemos cruamente a realidade das mazelas humanas; seja no cárcere com os prisioneiros, num quarto com depressão, ideias suicidas, na superficialidade, num vício ou luxúria que nos rouba a vida.

Quem vencerá esta batalha?

Andréa Rocha

A neve começou a cair dando sinais de que tão breve não cessaria. O sol, tímido e pálido, dava a cada floco um tom de chumbo, áspero e sombrio. Nas árvores cobertas, nos lagos congelados, nas ruas laminadas, o inverno alemão castigava impiedosamente. Era como o nono círculo do inferno de Dante, *um pavimento de duríssimo gelo onde estão Caim, Antenor, Ptolomeu e Judas.*

Corpos enrijecidos, em meio aos escombros, traziam à saída do gueto a nuance de que nada se manteria intacto ou vivo por muito tempo. O odor dos cadáveres em decomposição era amenizado apenas pela densa fumaça dos fornos crematórios. Infectavam o ar, o único benefício não privado dos judeus, pois até os sonhos sucumbiram à cruel realidade.

Enquanto os operários marchavam para as fábricas de munições e armas, uma sombra negra, imponente e imperiosa *comandava*, com os olhos ardentes, as fileiras de mulheres e homens em seus corpos decadentes e ausentes de alma. As câmaras de gás dizimavam às centenas, enquanto o vulto alado padecia frente ao horror dos gemidos, gritos e inimaginável perversidade.

Após, eram jogados em carroças como ratos exterminados, lançados em valas comuns e cobertos por algumas *pás de cal*. Logo, cobriam os corpos com a terra lamacenta e pútrida, misturada à neve e ao sangue que vertia das feridas, confirmando o desdém com que eram sepultados. Sem nome, sem lembranças, sem misericórdia e sem um fio de humanidade.

Horror infindável. Suscitava e acalmava-se em locais distintos: fuzilamentos e gás, fornos e enforcamentos. Constantemente, a fome e as doenças.

A sombra contorcia-se com o terror ininterrupto. Não obstante, quando a serenidade de Deus a corrompia, prostrada e imperceptível, questionava subitamente a tragédia humana.

Sobre um galpão em Bergen-Belsen, em janeiro de 1942, a funesta silhueta acompanhava um garoto com um volume tão pesado quanto o próprio, cruzando o lamaçal do campo, dos *dormitórios* judeus em direção ao estábulo. O peso do pacote levou ao chão a pobre criança cadavérica. Ela tentou se erguer para depois apanhar o material, que estava envolto em um tecido listrado e roto, ornado com uma estrela amarela. Não teve forças para se levantar. A fraqueza que corroía aquela alma moribunda na manhã gélida não a matou; contudo, descansou após um projétil dilacerar seu pequeno crânio.

Numa luxuosa casa, sob uma varanda e ao som de *Götterdämmerung*, um oficial do exército alemão se orgulhava do primogênito de apenas doze anos. Os soldados apelidaram o garoto de *bleifalke*, ou falcão de chumbo, por sua pontaria certeira com o rifle. Petrus Kastell viera comandar o campo havia dois anos. Paul, o filho, recebera o nome em homenagem à irmã do *Führer*, Paula, a quem Adolf renunciou à pensão de órfão após a morte da mãe, Klara. O oficial Kastell e Hitler tinham estreitas ligações desde a Primeira Guerra Mundial, em 1914, quando faziam parte do mesmo regimento de infantaria.

A neve intensificou-se e o conteúdo do pacote se apresentou. Eram apenas ferraduras para os cavalos de passeio dos oficiais. Muito bem polidas, mas manchadas de sangue.

Naquele instante, o que restava de *sagrado* no *anjo* fora tocado e, em surdos pensamentos, sua sarcástica sombra conjecturou…

Que Deus é este? Que Deus permite tal barbárie? São a Sua imagem e semelhança. Todos. Sem distinção. Todos são imagem e semelhança e Ele permite que tudo isso se faça sem intervenções, avalizando um livre-arbítrio de horror e padecimento. Que pecados possui este povo? Será pelo fato de que seus antepassados tomaram

parte na crucificação de Jesus? Que direito têm seus algozes? Que dívida é esta que não se pode pagar?

Os pensamentos ásperos mantiveram-se e suas assertivas tornaram-se mais complexas, dando sinal de revolta incauta e voraz.

Deus tem um sentimento de ofensa frente ao homem pecador. O devedor, pois, insolvente e fraco, não consegue honrar a si. O débito para com o Criador é perpétuo, tanto que gerações não conseguem quitá-lo. Vem pagando-se com sangue a redenção de uma geração vindoura e, mesmo desse modo, a dívida permanece… Não se põe, pois, o débito já quitado pelo sangue e sacrifício do seu filho, Jesus. O qual, ao menos, deveria constar como uma relevante purificação dos pecados humanos, considerando uma afronta não para com a humanidade, mas uma afronta contra o Criador. Aquele que não tem o entendimento de Deus, pela experiência direta ou mesmo instintiva, terá sempre que colocar a visão e a atitude em patamar temerário, devendo, à comedida maneira, especular constantemente e pôr em cálculo meticuloso sua crença, para que seus patéticos e minúsculos desejos e interesses pessoais não escoem como água suja em esgoto pútrido, arriscando que seus tão caros ídolos sejam derrubados e esfacelados como suas almas já entregues ao acaso. Pois, sabe bem já a humanidade: o mundo de Deus somente é belo quando posto à própria luz de Deus. Se Deus fosse realmente bom, este mundo não seria mau. Se o mundo fosse realmente bom, Deus não seria mau?

Um resquício de ódio irrompeu violentamente sua espinha. Manteve-se absorto enquanto o horror de um enterro coletivo continuava. Contudo, conjecturou novas inquisições.

Bem-aventurado seja este povo que paga pelo passado e pelo que ainda virá. Mas sei bem. Deus tem seus propósitos e nada é em vão. Ele não interfere, pelo fato de que um ensinamento seja transmitido… e com o livre-arbítrio, o mais forte encurrala e aniquila o fraco. Lembro-me de ter ouvido em um dos campos de concentração,

vociferado por um membro do alto comando: "Se um povo não luta por seu povo, por sua liberdade, por sua geração, por seus ideais, por sua vida, é irrelevante que ele pereça. É a ordem das guerras". Que verdade crua. Que sinistra fatalidade. Que calculável acidente. Grande parte dessa tragédia se deve à disseminação do complexo de inferioridade semeado nos cultos a Deus. Há uma anulação de toda boa constituição intelectual, o indivíduo só pode alcançar o reino dos céus se se banhar nas águas da razão cristã. O fiel interessa-se por tudo aquilo que carece de inteligência e pronuncia o anátema contra os espíritos e contra a soberba das almas livres e não enfermas. Para os crentes e submissos, faz-se necessário que todos os métodos relevantes e corretos, legítimos e científicos, os quais conduzem ao pleno conhecimento, sejam expurgados de seu derredor, taxados de caminhos infames e proibidos.

Cansado de suas reflexões, olhou com desdém ao seu redor. A fumaça negra dos fornos mantinha seu fluxo. Valas comuns eram fechadas, enquanto outras eram abertas. Baixou-se, envolvendo a cabeça com as mãos, mantendo-se alheio aos acontecimentos.

Dizem que *eles* não choram. Mas…

Abriu suas asas e desapareceu em meio às gotas de chumbo que continuavam intermitentes, assim como todo sofrimento, a angústia, a desesperança e a morte inevitável.

Ele precisaria de anos de servidão, cercado por todas as falhas humanas, até que sua energia se esgotasse. Sua história e aura seriam apagadas, tornando seu vulto indesejável em qualquer paisagem. Que não aparecesse jamais, perniciosamente, em lugares onde Deus não lançara a sua luz acalentadora de redenção.

Abruptamente, fora chamado. Um novo *trabalho* suscitara. Ele continuaria pagando as contas de seus genitores: um anjo caído e uma primata de Deus?

Às pressas ele desceu na Linha 03, em *Coyoacán*.

Trazia o paletó amarrado à maleta, a gravata já frouxa e retorcida. A camisa branca, consideravelmente amarrotada, com contadas manchas de café a partir do terceiro botão. Uma das pernas da calça azul-marinho estava dobrada quase à metade da panturrilha.

Trazia um ar cansado, quase exaurido.

Dirigiu-se à fileira de bancos, tenso e ofegante, para poder colocar tudo em *(quase)* ordem, naquela sexta-feira quente e ensolarada de julho. Uma redoma de calor enclausurava a cidade e oprimia os transeuntes.

Sentou-se pesadamente e, com velada paciência, iniciou o conserto dos desajustes que lhe faziam companhia. Um pouco mais aliviado, porém com o semblante ainda pesado, desamarrou o paletó da maleta e tentou dobrá-lo, sem sucesso. Estava quase enxovalhado. Após enrolar a peça a deixou cair sobre o banco, com desdém e sem preocupação. Ajustou a bainha da calça com muita calma, prestando atenção ao movimento contínuo dos usuários do metrô, sorrindo ao ver toda a comunicação visual repleta de pictogramas. Pensou consigo no motivo e tornou a sorrir.

O uso de pictogramas foi usado devido à elevada taxa de analfabetismo no final dos anos 1960, tornando mais fácil para a população se guiar por um sistema baseado em cores e símbolos. Além do nome da estação em si, a base para a escolha do símbolo, foram considerados aspectos da região onde ela se localizava, como um coiote para a Estação de *Coyoacán*. Essa lembrança o fez sorrir novamente, pois o que ele visualizava na torrente humana da estação, não passava de canídeos apressados com fome, sede, esperança…

Com a maleta aberta, ele organizava os papéis de trabalho. Eram fichas, documentos e contratos, tudo oriundo do escritório de advocacia em que trabalhava havia seis meses, um dos seus dois empregos. Era também colunista num periódico que circulava na capital e região metropolitana. Possuía temas variados, porém, seus assuntos principais eram Filosofia, Literatura, Psicologia e narrativas sobre os problemas da Cidade do México.

Às sextas-feiras levava seu texto para a edição do fim de semana. Como tivera dias atribulados, não conseguira discorrer sobre nada, por tal, saíra antes do escritório para honrar seu compromisso com o *Diario Mēxihcah.*

Tomou um bloco de anotações e buscou inspiração, arrancando de sua alma o que lá se fazia constante…

Angústia é parcela integrante do caráter constitutivo de nossa existência. Ela não é algo a ser evitado. Não é algo a ser medido, não é algo que temos de combater. Em contraponto, configura-se num caminho que nos coloca face a face com o nosso Eu íntimo, diante de nossas próprias condições absolutamente únicas e singulares. Angústia é aquilo que não é marcado por um objeto particular. Ela é a união de fatores preponderantes e edificados em fragmentos. Ela é diferente do medo, da tristeza, do desespero e do rancor. A dimensão da angústia é mensurada por precisões em relação ao que se trata de aspectos ásperos e dissociados. Ilustrando: é um instante justamente preciso em que sua resistência no aqui e agora da sua vida decide se você tem uma relação de autenticidade consigo mesmo ou você está de modo disposto que o afasta do Eu íntimo.

Absorto em sua tarefa, ele não notou a aproximação de uma bela mulher que o fitava desde que descera do vagão, em frente ao banco onde ele se encontrava.

Uma questão essencial na ocorrência da angústia enquanto mal-estar constante e recorrente, é a problemática da repetição dos sintomas. Dependendo da maneira como você vive a repetição, ela

irá surgir como uma maldição. Isso é, a priori, a prova de que você é um mero espectador dos poderes naturais, do que é história, ou até mesmo da repetição das coisas em si. Você pode ter a oportunidade de tomar para si da consciência de que você é uma força singular da natureza e não o que a sociedade impôs como um "tomar posse de si", gravado como fonte de repetição. Essa repetição é um paradoxo que apresenta a profundidade da ironia de que o tornará a ser, o tornar a acontecer não é algo que nos inflige a repetir ocorrências passadas, entretanto, faz-nos abrir a vida para uma perspectiva de futuro. É a recuperação de nossa autenticidade enquanto seres únicos e ao mesmo tempo plurais. É nossa redenção…

Ela vestia negro dos pés à cabeça. Tinha olhos verdes, cabelos curtos e louros não naturais, tez dourada, nariz pequeno, adornado por lábios delineados e sedutores. O som dos saltos de seu sapato acompanhava a orquestra harmoniosa da Estação *Coyoacán*. Soava como um poema metricamente versado, magnífico e compassado, digno do maior poeta mexicano. *¿Palabras? Sí, de aire, y en el aire perdidas. Déjame que me pierda entre palabras, déjame ser el aire en unos lábios...*

Estacionou diante dele. Imponente. Deslumbrante.

Retirou um cigarro da bolsa e o acendeu, dando três tragadas fortes e sensuais. Isto fez o jovem varredor, vestido de uniforme cinza pesado, parar seu trabalho. Ele se deixou seduzir pela ilusão, uma madrasta infame, que o transportou para um mundo além de suas modestas possibilidades e de seus sonhos mais espetaculares.

A dama se dirigia ao seu encontro, não mais vestida, trazia apenas as *vergonhas* cobertas pelas mãos, fazendo-o tremer frente à imagem do prazer que se projetava naquele delírio.

O tempo parou enquanto ela iluminava a estação com um brilho sensual intoxicante, transbordando de torpor e lascívia. Ela encarnava a tentação de Xochiquetzal: a virgem que seduz os homens com voluptuosidade e inclinação para o prazer sem compromisso.

Nesse ínterim, o varredor retornou à vida terrena. A fumaça do cigarro contorcia-se no ar quente e denso do ambiente. O introspectivo movimento da turba, com suas vidas íntimas e sem dono, refletia a miséria humana. Cansativas existências entregues ao acaso, perturbados pelo desenfrear da vida cinza e pálida que carregavam em seus âmagos.

De súbito, uma voz suave e cálida rompeu o burburinho surdo e *nauseante*, *vaporizado* pelo barulho da estação.

— Às vezes fico me perguntando: o que acontece conosco?

— Conosco? Exatamente de quem ou de que estás falando?

— Nós, seres humanos. As desolações, tristezas, angústias e injustiças. Entre muito mais. É disso que falo. Exatamente do que nos oprime e nos sufoca. — Disse a mulher, em nuance áspero e carregado de remorso.

— Entendo, tens razão. Conhecemo-nos?

Questionou, assustado com a *petulância* da dama que fazia sombra aos papéis amassados. Ela deu sinal positivo com os lábios entreabertos e a língua entre os dentes, expelindo um *sim*, obtuso e provocativo. Ele esqueceu a maleta, os documentos, contratos e fitou-a com exímio cuidado.

Deveras a conhecia. Cursaram Direito em Stanford, Estados Unidos. Porém, ela parecia ter aproveitado melhor a qualidade do ensino. Era proprietária de um dos escritórios de advocacia mais conceituados em causas criminais da Cidade do México. Acabara de vir de um enterro e preferiu o metrô ao passeio entediante de automóvel com o ex-marido e ex-sócio, o promotor público Homero Palácios. Incompatibilidade de gênio em última instância.

Ele, Frederico Necalli, além do Direito, havia cursado Filosofia e Teologia em Guadalajara, contudo, mesmo acanhado pelo contexto *(e pelo abismo que os separava)* convidou-a para sentar-se. Ela aceitou e logo disse, apanhando outro cigarro na bolsa.

— Vivemos em busca de algo que não sabemos o que é… e ainda conseguimos questionar se está ao nosso alcance. Essa busca para aliviar o que sentimos… o que sofremos. Você não pensa assim, Frederico?

— A vida é cansativa. A vida é enfadonha, Inés Reyes Carranza. Todos os acontecimentos levam, com garantia, para um caminho sem volta. Uns chamam de ensinamentos, alguns de destino, outros de busca à felicidade. Chamo de cansativo e enfadonho esse processo.

— Deixe de cerimônia. Somente Inés. E sim, é verdade. É isso mesmo, ou tem algo mais que não sei como explicar? — Finalizou ela, com *certezas* que questionavam.

— É um processo sem sentido.

— Sim, sem sentido. Tudo para chegar à morte?

— E não paramos para refletir com afinco, com consistência. São apenas lampejos, alguns instantes de busca por respostas. Superficiais escavações em terreno rochoso e de difícil acesso. Fagulhas de consciência de um cérebro questionador em determinados momentos.

— É um processo doloroso sempre. Vivo numa busca atormentada com meu *Eu* interior. Um labirinto. Poucas vezes me encontro próxima à saída. Não consigo manter um equilíbrio. É difícil entender… estou cansada demais para conseguir um alicerce e edificar essa busca.

— Esse equilíbrio, harmonia, é algo utópico. Somente quem se acomoda finge encontrar a tão esperada saída desse labirinto que falaste.

— Sim. Mas, acomodar-se também se torna cansativo e faz do processo de viver um caos constante e doloroso.

Ela riu com os olhos turvos e insinuantes. Ele continuou…

— É uma farsa que mascaram para manter um *status* que deveras não existe, nem existirá… nem sequer pode-se cogitar e…

— Eu não tenho mais lágrimas para chorar. — Sussurrou ela, interpelando a fala dele, sorrindo sem vontade de sorrir. Fazendo com que as covas da bochecha a deixassem mais atraente…

— Mas… O comodismo alivia a dor de quem não pensa.

— Como viver sem pensar? Não compreendo. Tenho vivido num mundo de reflexões acerca de mim, de minha vida, dos rumos que ela tomou e dos rumos que tomará. São trevas. Estou resumida a trabalho que não gosto, água, café, cigarro e algo para entorpecer minha mente. Enfim, um dia acaba essa busca. Assim espero.

— Há quem viva sem pensar. Pensar, claro, do modo como nós pensamos. Questionando, tentando entender todo o processo que é o viver. Colocar na balança e pesar se vale a pena ou não viver.

— Vou te confessar. Fui procurar tua amiga, Dra. Ibarra.

— Minha amiga, Dra. Ibarra? Psiquiatra? — Perguntou ele, contrariado com a situação, e continuou...

— Como você sabe que ela é minha amiga? E então?

Inés respondeu com superficial verdade.

— Não me dou bem com isso. Terapia, tratamento, recuperação. Remédios, nem pensar. Saio da realidade, transpasso o espelho. Surto ainda mais e adentro em uma confusão mental ininterrupta. O tempo não para e se tem de seguir. A ampulheta da vida continua escoando e seguimos no turbilhão de acontecimentos sem ao menos poder escolher estacionar ou não. Mas, estou num caso de triplo homicídio e sinto minhas estruturas emocionais e psicológicas em processo de ruptura.

— Isso é o pior de tudo. Mas, o que Dra. Ibarra lhe disse?

— Nada que eu não soubesse. Foi apenas uma sessão experimental para analisarmos as possibilidades. Ela é *freudiana,* não é? A célebre *cura pela fala* não me *diz* muito, sou pragmática. O que me ajuda é olhar no espelho e perguntar se existe alguém mais desconexa do que eu. *Algo como rainha má.*

Risos nervosos e tremores se repetiam, deixando sua face turva e opaca, enquanto ela transladava os olhos pelo ambiente.

— Dependendo de como me vejo, até tenho respostas. Hoje, ainda não estive diante do espelho. — Finalizou Inés com semblante acanhado. Frederico complementou.

— Estanquei a experiência com o reflexo, não me reconheço mais. Entretanto, como soube que sou amigo da Dra. Ibarra?

— Parece um caminho sem volta. Sei de muitas coisas sobre você… seus trabalhos, seus artigos, sua *ex-esposa*… fomos colegas na universidade, lembra-se disso ou esqueceu? — Disse ela, parecendo finalizar o assunto.

— Claro que lembro. Ex-esposa? Nunca fui casado. Quase, mas não casado. Enfim. Mas não justifica saber a respeito de minha terapeuta, digo, amiga. Minha hora chegou. Voltamos a conversar? Encontrar? — Disparou esperançoso, entretanto repleto de dúvidas.

— Bem provável. Mas, para que tanta pressa? Queria te convidar para um passeio. — Disse, tirando mais um cigarro da bolsa e o acendendo.

Tinha, nesse momento, um ar menos amargo em comparação ao que apresentara durante a conversa despretensiosa, mas carregada de intenções misteriosas.

— Um passeio? — Ele questionou, *afirmando*, com certo prazer mascarado, esboçando apenas um tímido sorriso de satisfação preocupante.

— Sim. Um passeio à Casa de Frida. Conheces?

— Não. A Casa não. Ela, sim… A obra, ela pessoalmente não, óbvio… ela não, a obra um pouco, enfim.

Replicou entre os dentes, trazendo consigo um pouco de deslustre e debilidade.

— Então, vamos? *Amo Frida* e tudo que ela e a época representaram. Posso lhe contar tudo. Sou quase uma *expert* em se tratando de Khalo.

Inés falava com entusiasmo radiante, vislumbrando o tempo dourado de Frida Kahlo. Suas roupas, os quadros, as cores, a vivacidade, a militância e toda a vanguarda que por conta da época se fizera grandiosa e jamais será repetida.

Tragou com força o cigarro e transportou-se, deixando chegar aos seus ouvidos, bem ao longe, uma triste e penosa voz que dizia… *Si porque te quiero quieres, llorona... Quieres que te quieres más...*

Inebriada pelos versos da canção, ela avistou Frida à porta de saída. Ela vestia vermelho e rosas, olhos negros e brilhantes. Sorrindo… aproximou-se e sussurrou ao ouvido da advogada: *Tentei afogar minhas mágoas, mas as malditas aprenderam a nadar e agora estou sobrecarregada com essa decente e boa sensação.*

Uma chama de resignação acendeu-se. Frida voou com suas asas. Ela voltou-se ao colega de universidade e com voz imperativa, tomou-o pela mão, dizendo…

— Vamos, Frida nos espera.

Ele, sem ação e hipnotizado, deixou-se levar ao sabor daquela *quase estranha* que lhe tirara, enfim, o fel da alma… ao menos naquele momento.

Quando Vincent Garcia Harden já havia iniciado sua obra macabra, em 1970, Quet'zan seguia o rastro do assassino, tentando, incansavelmente, finalizar a carnificina. O anjo estava sob o olhar atento de Coatlicue, buscando um novo caminho junto aos *seus*.

Contudo, o mestiço falhava deveras, deixando que um rastro de sangue se fizesse cada vez mais rubro e denso. O criminoso tinha por regra impiedosa atacar jovens que pediam carona pelas estradas de fronteira, vindos clandestinamente do México, para saciar seu desejo de matar.

Vincent viveu em lar de mãe negligente, Juana Garcia, prostituta e alcoolista. Sofreu violência constante por parte de seu padrasto, Phillip Harden, que o registrara como filho legítimo, já que o pai de Vincent estava em uma extensa lista de clientes de sua mãe. Em 1970, aos 17 anos, com tendências racistas e homofóbicas, buscava suas vítimas enquanto dirigia a esmo por caminhos ao sul dos Estados Unidos e fronteiriços ao México. Eram estradas entre bosques, desertos, cidades pequenas, vilarejos e comunidades. O sangue era o único comum em tudo. A insanidade transcendia a razão, e a razão era ultrapassada pelo prazer que a perversidade lhe proporcionava. Em novembro de 1971, Harden cometeu o crime que ele chamou de *mortes autênticas*, pessoas de suas relações, que foram mortas por motivos pessoais. Essas mortes foram de um casal de primos homossexuais; o mais velho tinha trinta anos e o outro doze.

O periódico *Diario Mēxihcah* destacou um retrato falado de Vincent em sua capa por meses. A manchete indicava a recompensa

oferecida pelo governo norte-americano, paga somente se as informações fornecidas fossem bem-sucedidas.

Quet'zan ficou no encalço de Harden. Não o abandonava de vista em momento algum. Seguia o assassino por onde fosse, buscando, deveras sem êxito, findar o massacre. Harden não parava.

Era março de 1972, Quet'zan tentou interceptar uma tentativa de homicídio, sendo ferido por Harden, levando-o a manter a decepção de não estancar o rio de sangue que corria por considerável parte do sul norte-americano e norte do México.

Em setembro de 1972, o *Diario Mēxihcah* noticiou sobre a prisão do assassino.

O assassino de nossos filhos foi detido. Vincent Garcia Harden usava métodos cruéis em seus assassinatos. Suas torturas alcançavam o ápice da crueldade, infligindo sofrimento inumano às vítimas. Ele queria ver quanto aguentariam vivas. Utilizava estocadas de lâminas, mutilação e asfixia. Até o canibalismo era praticado. Como sentia prazer em seus atos, Vincent resolveu fazer dos assassinatos um negócio muito rentável e tornou-se matador de aluguel. Contudo, suas funções não perduraram por muito tempo. Na madrugada desta quinta-feira, 18 de setembro, o criminoso foi preso em um prostíbulo próximo à cidade mexicana de Tijuana. Segundo informações do departamento de polícia de San Diego, que efetuara a prisão, de modo arbitrário, mas necessário, Vincent Garcia Harden conduzira os investigadores ao local onde enterrou os corpos, já que confessara 37 mortes. A polícia estima mais de 78 desaparecidos somente em solo norte-americano.

O Diario Mēxihcah se solidariza com todas as mortes, em especial aos filhos e filhas do México, que foram trágica e brutalmente mortos por este monstro. Esperamos que a justiça, em sua forma mais lúcida, seja feita.

Vale lembrar que Vincent Garcia Harden tem naturalidade mexicana, mas será provavelmente julgado como norte-americano, o que deixou as autoridades indignadas. Espera-se, conforme o advogado de defesa, que Vincent pague sua pena em território mexicano. Mais notícias sobre o caso, em nossas próximas edições.

Com a situação num nível de descontrole total, Coatlicue, na tentativa de proteger Quet'zan, designou-o a um *novo trabalho*. O mestiço estaria sob jugo e domínio da *Mãe de todos*. A partir do fracasso, foi incumbido de vigiar potenciais suicidas. Entraria agora numa nova batalha. Seria um anjo da véspera: aquele que tem somente algumas chances para dissuadir quem deseja aniquilar a própria existência. Para se colocar entre o suicida e o fato consumado, tem de aguardar a última linha de vida da alma. O momento antes do derradeiro.

Todavia, além de ter de estancar o número crescente de suicídios, Quet'zan teria que confrontar Morsath, um anjo caído, sem lar nem senhor, um preterido e repulso. Pactuado com Mictlantecuhtli, foi incumbido de trazer à terra o Reino dos Mortos.

Morsath encontrara, desse modo, uma razão *para existir*. Assim como seu adversário, ele era também um anjo da véspera. Contudo, seguia a mão contrária do opositor. Seria um *facilitador* da subtração de vidas humanas, configurando, assim, os sacrifícios necessários para o senhor da camada mais profunda do submundo. Ele seria o exército contrário à causa de Quet'zan e Coatlicue.

Os anjos estavam sentados no cume da Pirâmide do Sol, centro de Teotihuacán, leste da Avenida dos Mortos, principal artéria norte-sul da cidade ancestral. Morsath questionou o inimigo recém-adquirido, buscando ofendê-lo e entrar em combate.

— Vou dar início a uma nova *Guerra das Flores*, mas, dessa vez, as oferendas serão para Mictlantecuhtli. Estou preparando o ter-

reno para a vinda d'Ele. O submundo será aqui, onde Tenochtitlán fora construída e corrompida pelos invasores. Com a minha ajuda, Ele irá reparar o erro de Montezuma ao pensar que Cortés era Quetzalcoatl, entregando o reino Asteca aos vermes... Ele quer um culto puramente seu, sem interversões cristãs, longe da sombra de um Deus que não seja a sombra d'Ele. Quet'zan irou-se.

— Estás querendo ensinar a mim a história de meu povo? Sou parte dele, e tu sabes bem... sabes, também, o horror que uma nova *Guerra das Flores* trará a este povo sofrido. Eles não precisam de mais uma guerra, de mais sacrifícios. Eles já têm suas batalhas diárias... garanto teu fracasso, nem que para isso eu precise...

O anjo mestiço, resoluto em abrupto, abriu as asas e desapareceu na noite. O rival regozijava, sentado próximo ao patamar mais alto da pirâmide, construída em *tezontle* lavrado. Material vulcânico poroso de alto teor de oxidação, matéria-prima para grande parte das construções do México e região.

Morsath raspou a rocha e deixou a ponta dos dedos rubras, fazendo-o imaginar o sangue que traria o Reino dos Mortos à superfície ancestral. Num absorto devaneio, vislumbrou, projetado no céu de Teotihuacán, ações da sua *missão*...

Na capital asteca, ele buscava os componentes para a nova *Guerra das Flores*: a luz sagrada do sol, a água fecunda, o fogo ardente, o guerreiro suplantado, o corte da obsidiana, o sangue derramado, o coração que ainda batia suspenso e a batalha que materializava seu propósito. Ele surgia, em meio às trevas, espreitando a vítima sacrificial. A alma, descendente direta do povo de Aztlan, suspensa em terror, sentia a vida de invólucro se esvaindo e a matéria abstrata do espírito sucumbindo às ordens dele: o anjo da véspera, o soldado de Mictlantecuhtli. A densa névoa do pavor enredava a vítima, vencida e capturada, configurando a plenitude do sacrifício...

Uma parábola de tristeza riscou o tempo e o espaço, enquanto duas sombras se mesclavam à imensidão do céu cinza e pálido que se formava.

Ele sabia que sua hora mais negra estava chegando e que o anjo, encarregado de conduzir sua partida, já transladava o olhar na extensão daquele patético invólucro de alma. Uma atmosfera obscura manipulava seus atos. Foi até a cozinha e observou o ambiente. Ateve-se um tempo considerável em estado inerte. Nem a alma se movia. Estava cravada em um ponto do passado, um período que para ele era algo intocável e servia de acalento ao terror que lhe sorria. *Era um sorriso turvo, avermelhado, de dentes pontiagudos.* Trazia um brilho pálido, amedrontador, contudo não fazia com que ele se sentisse acuado. Sua resignação era insólita. Apresentava-se imponente e resoluta, como a densa e ameaçadora névoa da morte que lentamente sublimava suas ações.

O que sentia era demasiado estranho. O corrosivo sentimento de abandono da vida já se lhe apresentara no sugar o veneno; na confecção do nó; no corte frio da lâmina; na overdose de medicamentos, ao lançar-se na frente de um automóvel… no mergulho ao desconhecido. Foram tantas cogitações suicidas que cada molécula de seu corpo já se acomodava ao instante vindouro. Seus fluidos corporais arremedavam o desfecho, enquanto sua alma *(dominada)* buscava estratagemas para escapar do derradeiro espasmo de vida. Junto a ele, uma sombra íntima tentava persuadi-lo a abandonar o sopro de Deus naquele amontoado de matéria ingrata e egoísta.

Em seus devaneios desesperados, aguardava que Ele o guiasse pelas verdejantes paragens, que encontrasse consolo guiado pelo *pastor*. Mas almas que subtraem o sopro de vida dado por Deus, aninham-se nas trevas e no padecer eterno. Estas almas vagam errantes pelo vale sombrio da morte, mendigando o perdão com clamores mudos e inaudíveis.

As trevas do padecimento drenam todas as lembranças e a cada passo para o nada absoluto sentem apenas a dor que a si próprios infligiram, mantendo-se em pleno sangrar rancoroso. Seus olhos estão cerrados, tentam comunicar-se, mas suas línguas foram subtraídas, seus membros não mais respondem, suas almas estão atadas ao momento final de suas vidas. Os anjos guardiões os açoitam de tempos em tempos para que não se esqueçam, jamais, de seus crimes e lembrem-se eternamente de suas penas.

Saiu da cozinha em modo absorto e chorou ao ver a mesa posta e que não fora tocada. Dirigiu-se à sala e antes de desligar o televisor, gastou um pouco do pouco tempo que lhe restava. Era a cena de um filme que tanto amava. Seus olhos transbordaram de tristeza. A cada fala da personagem, um fragmento de vida lhe era arrancado. Desligou o aparelho e seguiu para o quarto. Já estava certo de que ali, sua vida encontraria o fim. Foi ali, naquela mesma cama, que o corpo desfalecido do filho fora tomado em seus braços. Eram apenas 16 anos. Uma lâmina e muito sangue. O garoto não suportara a morte da mãe e decidiu unir-se a ela. Porém, o filho não sabia que suicidas encontram outra morada, muito diferente daqueles que Ele próprio leva em seus braços, como um embrulho de presente.

O desespero o envolveu em asas de temor funesto. Caçoava dele como criança que ri de um palhaço velho e sem graça. Assim é o desespero; toma a forma da insanidade e mascara-se de tristeza, tentando ludibriar inocentes almas. Sabe da exaustão em repetir o mesmo ato, que há tempos encarcera a essência moribunda numa vida decadente. Faz rir para esconder a angústia de ainda se manter vivo. Assim é o desespero.

A semente da discórdia entre alma e corpo fora plantada. Ele não estava mais sob seu próprio comando. Era o fantoche de uma sombra disforme.

Logo após sentir o toque gélido do grosso calibre; e antes que o projétil fatal lhe cruzasse a caixa craniana, sua última lembrança fora da infância. Seus olhos se cerraram com força e uma densa lágrima lhe correra face abaixo, queimando a pele e *rompendo* seus pensamentos.

Dois vultos conjecturavam no corredor, estagnados à porta entreaberta. Gestos de desprezo e arrogância sobressaltados, ilustravam o tom da conversa.

Uma das sombras tinha os braços erguidos ao céu, injetando a ideia da culpa em seu interlocutor. Na objeção do instante tripudiava da situação. Cogitava a confecção de uma sereia de Fiji, não estivesse a cabeça estilhaçada; enquanto desfilava seu olhar enegrecido em busca dos olhos que se uniram à cada fragmento do crânio e da alma que ornavam a cabeceira da cama.

Jesus, preso ao crucifixo, estava banhado em sangue e sofrendo como sofrera no Gólgota.

— Se era ateu, deve ter implorado perdão a Deus antes de puxar o gatilho.

Disse um dos vultos, em tom sarcástico, simulando um revólver com o indicador, pressionando o queixo e emitindo o som de disparo, com os lábios cerrados e os olhos entreabertos. Fingiu uma última oração hipócrita que sacramentava o fim da vida.

— Há algo insolúvel nisso tudo. Nada ocorreu… e havia tempos ele deixara de cogitar a morte. Ainda terei a verdade. E sei que esta verdade está contigo, insano.

A segunda sombra sorriu, enquanto encenava o choro mudo de um bebê. Disparou…

— Tu és patético, tal qual tua *Mestra*. Faz como eu. Sirva, mas não muito. Liberdade é tudo. Mictlantecuhtli agora é meu guia. Ele me oferece o que preciso. Mas cuido antes de meus caminhos... Já Ela, é privação. Rédeas. És *burro* atrelado...

— Sinto somente piedade de tua existência. *Faz como eu?* Tu és indigno de clemência. Se Mictlantecuhtli está ao seu lado, não esqueça que sou protegido de Huitzilopochtli e da *Mãe de todos*.

— Perdeste o tato. Teu pensamento já rasteja e tuas salvações se encaminham para o pleno fim. Estou incumbido de arrebanhar almas para o reino de Mictlan, meu submundo agora, minha casa.

— Vou desatar este nó. Agora vá em frente, leve seu troféu. Este sangue não suja minhas mãos. Sujeite-se à sua enegrecida alegria. Sei que foi obra sua a morte dele. Tu pagarás!

— O homem é o seu próprio carrasco. Ele simula juiz e júri, vislumbrando uma absolvição justa que ele mesmo sabe que é forjada. Lembra-te de Goebbels, Quet'zan? *Uma mentira contada mil vezes torna-se uma verdade.*

— Negra existência. Rendo graças à *Mãe* todos os dias de não ter sido incumbido de *almas* como esta. Tu cuidavas de todos eles… e sentia prazer.

Acrescentou Quet'zan, em tom de alívio. Morsath não se dava por satisfeito em provocar a ira do anjo mestiço, um condenado à mercê de um *Deus punidor*.

— Ah, doce lembrança. Fora das poucas vezes que vi seus braços cruzados, distantes e rebeldes. Magda matou os filhos e logo os dois se foram. Como foi realmente, lembras? Ele a matou e depois se suicidou? Ou foi o cianeto que os levou? Enfim, o deleite foi observar-te à espreita, como um fantasma, uma sombra envolvendo-os e deixando que o livre-arbítrio fizesse sua parte. *Elohim* não gostou de tua atuação, lembra? Mas, enfim, é passado e nem isto Coatlicue consegue reverter.

Um grito estridente ecoou.

— Basta! Isto é irrelevante. Aquele mundo não é o meu mundo, Morsath. Meu mundo é aqui com Coatlicue, Huitzilopochtli… esta é minha família há tempos; desde que fui abandonado à minha condição de mestiço. Saiba que *Elohim* não me significa mais nada. Somente aqui tive amparo…

— Penso não haver nada mais inebriante que observar alguém agonizando e poder mantê-lo vivo ou deixá-lo morrer, de estar em suas mãos a vida e a morte.

— Estou cansado de suas intervenções inúteis e ofensivas. Vou-me. Já se faz a hora dos *primatas* chegarem para fazerem o trabalho deles. O mortal e enfadonho trabalho.

— Qual foi teu castigo mesmo? Deixe-me ver se lembro. Eras o *plantonista* da Golden Gate. Lembro-me de ter passado por lá muitas vezes. Cada qual que se lançava às águas era um *risco de giz* a mais no parapeito. Conseguiste ter sucesso em somente um, ao que me lembro. Um jovem adicto que pensou que fornecerias mais droga a ele. Foi comovente. Dois viciados precisando cada qual de seu subterfúgio. Ele de heroína e tu de uma alma para poder abandonar o posto de guardião da ponte mais amada dos suicidas daquela infame cidade.

— Ah, Morsath. Tu sentes prazer com isto, não é mesmo? Tu és um mercenário. Não tens disciplina… és como um jogador sem fichas para apostar.

— Mas cumpro minhas missões com louvores, Quet'zan.

Ao ouvir um automóvel estacionando, os vultos que confabulavam e travavam uma guerra particular desapareceram como fumaça. Cada qual para uma corrente de ar distinta.

Os investigadores entraram já atentos e com armas em punho. Um avançou à cozinha e retornou confirmando tranquilidade. O outro, em tom solene, citou algo em quase sussurrado tom.

— Por quanto tempo suporta uma alma até que o peito se entregue ao vazio?

Com ar de reprovação, González moveu a cabeça debilmente; contudo, absorveu as palavras misteriosas e desculpou-se com um gesto de resignação comedida.

Após fazerem a varredura padrão na casa, os investigadores destinaram toda a atenção ao quarto onde se encontrava o corpo. O revólver *SAA .38* estava sobre a cama e ao lado esquerdo da vítima, que se encontrava caída para o lado oposto. Dada a situação do colchão e a coagulação do sangue, haviam se passado, no mínimo, oito horas entre o único e fatal disparo até o momento.

González despendeu um tempo apreciando a arma. O *Colt Single Action Army* fora usado na Revolução Mexicana. Em seus olhos, um brilho quase fraternal. Queria aquele raro exemplar para sua coleção, mas não o teria, certamente.

Constataram também que, em virtude da força do projétil, o corpo havia se deslocado do lugar. Fato este confirmado pelo afundamento secundário do colchão por conta da pressão imposta pela mão esquerda, provavelmente nos momentos que antecederam o disparo. A tensão em todos os músculos fez com que as marcas de afundamento se apresentassem mais evidentes que o habitual, deixando obviedade aos investigadores. Castillo afirmou:

— O corpo só se moveu por conta do poder do disparo. Um único, sem dúvidas.

A última fala saiu da boca com sarcasmo. Ele continuou...

— A pistola fora apoiada no queixo, como prova a queimadura no local. Preciso saber quem efetuou o disparo, pois a arma não se encontra na mão da vítima. Sabe-se que com a tensão dos músculos a pistola deveria, ao menos, ficar pousada, sem pressão, sobre a mão, mas isso é apenas especulação de instante.

O investigador foi interrompido. González lhe entregou um caderno enxovalhado, que estava pousado sobre um considerável amontoado de jornais do *Diario Mēxihcah*.

No editorial de um exemplar, após tomar o caderno em mãos, ele constatou que o rosto impresso na abertura da edição era o mesmo do homem que aparecia abraçado a uma mulher e a um jovem, numa foto acomodada sobre a mesa de cabeceira.

O caderno tinha uma página marcada, dobrada categoricamente, que dividia o volume quase ao meio. Não tinha capa. A página em evidência trazia o texto em folha amarelada e coberta por pontuais manchas de sangue já coagulado. Tiveram certa dificuldade em ler por completo o que estava posto. Era um emaranhado de palavras quase desprovido de pontuação.

Milícias da escuridão e do nada absoluto travam em minha mente uma batalha pelo fim completo... o ar findará, a ferida não sentirei e a alma ansiosa aguarda o cicerone...

Não tomaram como mensagem de suicídio, mas entreolharam-se, confirmando o que não havia ainda confirmação. O investigador Castillo continuou sua linha de raciocínio, enquanto González anotava peculiaridades em seu bloco de notas…

— Mas isso é especulação de instante. Se tomarmos a pistola como ponto de partida de investigação, nós podemos abrir um leque de variáveis. Primeiro, ele foi assassinado. A arma foi colocada em sua mão para simular o suicídio. A coleta de dados posterior averiguará a existência de digitais na arma, na mão da vítima e na cena do crime. Segundo: alicerçado pelo texto do livro, conclui-se o suicídio, contudo precisamos das motivações e uma análise rigorosa dos elementos que formam a cena.

A cada ordinal, o investigador levantava um dedo da mão esquerda, sistematizando as constatações.

— Terceiro: suicídio imposto. A vítima foi forçada a tirar a própria vida, de forma que eximisse o autor de qualquer culpa. Quarto: não menos importante, a autopsia deixará que o corpo fale por si em conjunto com toda a sorte de provas, depoimentos e histórico da vítima. Quinto: Não lembro quem *disse*, mas lembro da passagem.

Qual a razão da alma sonhadora aguardar fitando todos os horizontes? Sacrifica-se, expande-se e continuamente mascara o padecer com um sorriso.

González balançou a cabeça e retrucou impaciente.

— Vamos, a equipe forense fará o resto. Nossa *passagem* por aqui se alongou demais, penso eu.

Castillo sorriu. Apontou o dedo para a amiga e entre dentes resmungou aos ouvidos dela, que replicou…

— Outra citação misteriosa, Pérez? Já são quantas hoje? Creio que seja o conhaque falando. — Acrescentou González, com tristeza no olhar.

— Sim, não sei de quem é Antonieta. De que conhaque você está falando? Ah, o texto do caderno, creio que conheço o autor.

Disse ele reticente… e caminharam abraçados até à porta.

Castillo beijou a cabeça de González e saíram sorrindo, a passos lentos, observando a vizinhança que ainda dormia, alheia ao que ocorrera no número 123, da Rua Monte Alvo, no bairro Del Valle.

Era véspera de ano novo; 1973 estava chegando.

Morsath encontrava-se ao lado da chaminé das fornalhas. A fumaça negra e densa fazia-se perniciosa ao ar, dando sinais de que as atividades do dia finalizavam na Penitenciária Porfirio Díaz. Nela, almas se mesclavam e se afastavam, enegreciam o local como espectros de sangue e de maldade. Criavam uma redoma de pavor, entrelaçada por almas já falecidas naquele lugar maldito.

Todas as fechaduras cerraram-se e numa das celas, absorto e introspectivo, estava a presa do temido e resignado vulto da morte, o anjo dos momentos últimos. Havia dias, sob o vermelho pôr do sol, Morsath deixava-se estar sobre os muros, aguardando que sua *presa* cometesse o suicídio, deixando-se contabilizar mais uma alma em suas contas. Mais uma pedra para a edificação do reino de Mictlantecuhtli, que enfim estaria sob a luz do sol.

Era o trigésimo oitavo dia de vigília. Desse modo, foram horas intercaladas em que Quet'zan fazia seus trabalhos sem perturbações; livre para cuidar de seu rebanho sofredor.

A alma que Morsath desejava era um assassino comum, subitamente simplório, em termos. Um homem calmo, contudo, surpreendente. Um pai de família que em determinado momento, uma *hora negra* o fizera adentrar num surto psicótico. Ateou fogo na casa onde vivia com a mulher e três filhos. Matara, porém, quase toda a família a golpes de machado enquanto dormiam, crendo ele ser a redenção. O momento último para encontrar o Pai, ou buscar pagamento pelos atos passados?

Logo após o horror inimaginável e a realidade se apresentar, ele tentara o suicídio. Não obteve sucesso. Conseguiu apenas subtrair

uma porção da face, desfigurando-o e impossibilitando quase o ato da fala, cegando um dos olhos e comprometendo alguns movimentos. *Indício de intervenção divina?*

Rendia graças e suplicava a Deus que o levasse, mas Ele o fazia pagar o preço da insanidade cometida. Deus não o deixava esquecer um instante sequer a abominação. Seus olhos queimavam. Seu peito fragmentava-se segundo após segundo. E sua alma… ah, a sua alma padecia negra como a mais escura noite, fazendo dela um fundo para as imagens de horror que em sua mente suscitavam constantemente. Havia quase cinco anos que lutava contra si, enclausurado nos muros da Porfirio Díaz.

Acabaram de jantar. Os convidados divertiam-se em cômoda embriaguez pelo ano que chegara. A meia-luz da sala dos jogos entorpecia a todos; a fumaça dos charutos formava um véu de chumbo. O leve aroma de *bourbon* deixava o ambiente entregue a um torpor pecaminoso. Alguns homens e o anfitrião estavam vendidos ao pôquer; a anfitriã tinha uma agradável conversa ao ouvido com um amigo da família, enquanto contados casais experimentaram delírios de Tiacapan, encarcerados sob a atenção de Papaztac. A madrugada já dava sinais de cansaço e melancolia. Os donos da casa, cada qual em sua singularidade, sorriam com lamento o fim da festa. A edificação estava entregue a uma penumbra inebriante. Os filhos dormiam protegidos por Deus no andar superior. Os dois meninos, três e cinco anos, em um quarto; e a menina, com seis, noutro. Tudo nesses ambientes era paz. Era apenas e nada mais que um simples canto do céu, como chamava o pai. O casal despediu-se dos últimos convidados. A esposa, obtusa à realidade, foi ao banho. O véu formado pela água quente fazia do lugar um espaço sombrio de uma floresta ao amanhecer. Nada se via até que estivesse a poucos centímetros do nariz. O marido desceu à garagem e acendeu a luz, tomou o machado do quadro de ferramentas. Congelou-se o corpo por um instante, parecendo estar calculando os passos a seguir ou a desistir. Desistência, não

cogitara. Seus olhos flamejavam, as células do seu corpo indicavam um único intento. Uma só ideia. Suas mãos agarravam-se ao machado com força descomunal, expondo claramente todas as veias do braço, da testa, do pescoço. Seus dentes rangiam, seu coração acelerou os batimentos. Sua alma *morrera* naquele instante. Um pandemônio de loucura e sangue tomou conta de tudo ao redor e uma sombra negra atentava para os movimentos seguintes, sorridente e satisfeita. A esposa foi golpeada no tórax enquanto saía do banho, nua. Inundou-se, assim, o cômodo de um vermelho-escuro-brilhante. Os dois meninos foram atingidos na cabeça com a parte sem lâmina da ferramenta, afundando-lhes o crânio e os fazendo irreconhecíveis. A filha ele não encontrara. Descobriram-na inconsciente, debaixo do automóvel na garagem. Constataram que ela havia ingerido alguns sedativos. Fora coberta e deixada no jardim, sendo a única não carbonizada após as chamas que envolveram a casa por completo. Estava sob o olhar atento de um vulto pálido e enternecido. O autor empunhou uma pistola *calibre .38* e direcionou contra a própria face, a partir do queixo. Hesitou logo após o disparo. Como a mão oscilou, não conseguiu sucesso em seu intento. Caiu desfigurado, embora com vida.

Ele implorou novamente a Deus que o sofrimento findasse. Fez o sinal da cruz e deitou-se. Naquela noite, Deus lhe subtraíra o sono novamente.

No dia seguinte Morsath não apareceu, dera lugar à advogada de sua presa, que seria julgado em alguns dias. Passavam-se mais de duas horas após o almoço. Era 14 de abril de 1978.

Enquanto alguns detentos dormiam após a refeição, outros se preparavam para assistir, como prêmio por bom comportamento, a uma partida de futebol. Club América e Boca Juniors disputavam o título na terceira e decisiva partida, agitando os corações de considerável parte da nação de Frida Kahlo e Emiliano Zapata.

O burburinho e os ruídos faziam com que Lorenzo Itztli, a presa de Morsath, entrasse em descontrole por conta do único ouvido que, após o fracassado disparo, deixou o assassino com a audição mais apurada. O barulho constante dos detentos, buscando um lugar melhor para assistir ao jogo, fez com que Lorenzo se deitasse pesadamente na cama e cobrisse a cabeça com o travesseiro, tentando amenizar o volume dos corredores.

A advogada chegou. Vestia uma camisa branca, abotoada até a altura dos seios que, protuberantes, deixavam o colo aveludado à mostra. Os sapatos pretos, com um considerável salto, unidos à justa saia negra, davam contornos deveras atraentes à magistrada.

Dois carcereiros foram buscá-lo.

A sala, em tom de cinza, inclusive o teto, tinha somente a porta e a mesa brancas. O resto era palidez e tristeza. Ele foi algemado à cadeira com os braços para trás, bem como os pés que foram afixados à mesa.

O homem, com a metade do rosto coberto, observava a liturgia gestual da advogada e a dança dos papéis do processo. Todo aquele movimento, a união de pastas de cores similares, as assinaturas da doutora, o abrir e fechar da maleta, a acomodação dos óculos sobre o nariz, a tosse educada e tantos outros movimentos, fez com que Lorenzo recordasse de seu tempo de escritório.

Lembrou seus mandos e desmandos. Os dias a fio no gabinete. As situações em que ele era a última palavra. O tempo, que vorazmente o consumia, roubava-lhe horas preciosas com a filha, afastava-o da esposa e o encarcerava em um paletó azul-marinho com listras em branco pálido. Recordou de sua gravata cinza com estampa geométrica e sua imponente camisa azul-claro. Sorriu tristemente.

A advogada tossiu novamente. Desculpou-se. Ajustou os óculos e disparou em tom cauteloso, porém incisivo.

— Lorenzo, meu caro.

Mais uma vez tossiu.

— Tua situação é delicada. A tentativa de suicídio não tocará os corações dos jurados, nem tampouco da promotoria e tão menos da juíza. Falo-te a verdade que tenho comigo pelo simples fato de não deixar, de modo algum, que você se iluda com a…

— Mas, doutora… — Interpelou Lorenzo, balbuciando e quase ininteligível. — Quantos anos mais? Pois cinco já se foram. Não sei mais quem sou. Vejo-me como uma sombra na escuridão. Venho pedindo a morte todos os dias, mas Deus não me atende.

A advogada bateu firme na mesa e gritou com rispidez, fazendo-se rubra.

— Não fale asneiras. Deus foi piedoso para com tua vida. Muitos em leitos de hospital têm a face desfigurada por acidentes e nem por isso desejam uma morte, sequer pensam em pedir a Deus o que tu desejas. Ingrato. Ademais, não estou disposta a perder esta batalha.

— Mas estes pobres não fizeram o que fiz. Sou uma aberração. Olhe para mim…

Lorenzo retirou o tecido que lhe cobria parte do rosto e apresentou à advogada, que fez sinal de repulsa, quase regurgitando. O homem cobriu a face, baixou a cabeça e chorou. Ela continuou…

— Vou alegar insanidade temporária ou crime passional, talvez ambos. Ao menos amenizarei o assassinato da megera infiel. Contudo, com o crime passional, podemos alegar que ele tenha gerado o surto e você responderá pelo incêndio e pagará parte da pena em hospital psiquiátrico, com alguma chance de condicional, o que penso ser muito difícil. Sabes que sou sincera. E mais… agradeça por estar em uma cela sozinho, com as regalias que consegui comprar. O diretor é meu amigo, mas não deixou de pedir um regalo para te beneficiar. Agradeça.

Com um riso sensual, Inés finalizou.

— E eu sei como agradá-lo. Enquanto você, mormente, saberá me retribuir.

Um dos carcereiros entrou e finalizou a visita.

Lorenzo retornou à cela, mas não conseguiu descansar. As luzes mantinham-se acesas ainda. Eram oito e trinta da noite. Apagavam-se nas celas às dez, religiosamente. Lorenzo estendeu o braço esquerdo e apanhou uma velha revista que trouxera da biblioteca. Acomodou-se na cama de concreto, abriu o periódico e lançou pouco interesse sobre as imagens, com desdém. Transladava, desinteressado e apático, os olhos pelas páginas e o dedo indicador por entre as linhas, parecendo buscar algo que lhe aprouvesse e encontrou; sob um título em letras maiúsculas e assinatura de um francês…

O suicídio sempre foi tratado somente como um fenômeno social. Um gesto como este se prepara no silêncio da mente, da mesma forma que uma grande empreitada. O próprio homem o ignora. Uma tarde ele dá um tiro ou um mergulho.

A leitura incrivelmente o comprou e, a cada linha, uma centelha de força e decisão o lançava ao fim da vida. Continuou...

Começar a pensar é começar a ser minado. A sociedade não tem muito a ver com esses começos. O verme se acha no coração do homem. É ali que é preciso procurá-lo.

Sua alma fez-se obscura e triste. Deitou o volume sobre as pernas e apanhou um copo d'água. Bebeu e sentiu-se melancólico.

O que desencadeia a crise é quase sempre incontrolável. Os jornais falam frequentemente de profundo desgosto, doença incurável, melancolia exacerbada, entre outros fatores não menos caóticos. Muitos motivos são válidos. Mas seria preciso saber se, num dia qualquer, um amigo do desesperado não lhe falou em tom indiferente. Este é o culpado. Este é um gatilho.

Em sua mente, uma chama de ódio tornou-se uma fogueira de esperança. Suscitaram sentimentos que dantes não existiam, e a imagem da filha surgia vívida em sua alma já moribunda e há poucos instantes entregue às teorias sobre suicídio.

O sinal para a entrada dos alunos soou estridente. Eles voavam pelos corredores, gritando e sorrindo. Carregando, além das pesadas mochilas com livros e cadernos, suas esperanças juvenis de um futuro tão bom quanto o presente de seus pais. No Colégio Nossa Senhora de Guadalupe, a rigidez cristã formava cidadãos éticos e dignos para a vida em sociedade.

No ano de 1979, que já estava vivo havia sete meses, a criminalidade aumentara em relação à década que se esvaia. Os pais temiam pelo caráter de seus filhos; e como possuíam condições financeiras, mantinham as *crianças* sob o controle e longe do mundo violento que corrompia valores e fazia vítimas em números elevados.

O Colégio Nossa Senhora de Guadalupe, localizado no *Colonia Cuauhtémoc*, fazia fronteiras com o *Paseo de la Reforma* e sua exuberante estátua do *Ángel de la Independencia*. O bairro cosmopolita sediava a Bolsa de Valores do México e diversas embaixadas. Edifícios modernos se mesclavam às clássicas e sofisticadas mansões no trajeto de suas ruas sempre muito movimentadas. Diplomatas e outros profissionais se dirigiam à *Calle Rio de Lerma* para desfrutar de variadas opções de alimentação. Desde taquerias esplendidamente localizadas ao ar livre a requintados restaurantes.

Empresários, banqueiros, comerciantes abastados e até mesmo a escassa aristocracia da capital eram os clientes fiéis da instituição de ensino comandada com as garras de um leão e o coração de um cordeiro. O cordeiro de Deus e o Leão de Judá?

Monsenhor Jesús Fernández Herrera era o diretor do Colégio Nossa Senhora de Guadalupe. Tinha 59 anos. Embora houvesse dú-

vidas sobre a idoneidade do *religioso*, pouco importava para os pais, visto que o modo como os estudantes eram conduzidos, não deixava ninguém insatisfeito, salvo os alunos.

Jesús era um homem de baixa estatura, cabelos negros e dentes amarelados por conta do cigarro e do conhaque. Passava as horas na sala da direção fumando e bebendo; embora ninguém fizesse ideia desses hábitos, ou não passavam de túmulos andantes. Atendia aos pais somente com hora marcada, bem como funcionários e professores. Nas reuniões agendadas, permitia-se um dia sem uso para apresentar um semblante favorável.

Viera para o comando da casa havia pouco mais de cinco anos. Tempo suficiente para criar uma lei interna chamada *Filii Dei*, pondo abaixo uma cláusula do contrato de matrícula que proibia crianças que não vivessem com os pais biológicos, salvo apresentação do atestado de óbito de ambos os genitores. Com a lei, o diretor ganhou notoriedade e o respeito da população, contudo, desagradou aos mais conservadores.

Entretanto, ao implantar a *Filii Dei*, ampliara em vinte por cento as matrículas da instituição, fazendo do Nossa Senhora de Guadalupe um dos maiores colégios internos e *democráticos* de toda a Cidade do México. Ali, no ano corrente, Rosa, Mario, Clara, Henrique, Mayala, Antônio, Mafalda… tiveram a oportunidade de usufruir da educação e do *status* de estar em uma instituição com reconhecimento singular por parte das melhores universidades do país.

O professor de Teologia entrou cobrindo os olhos com a mão esquerda; com a direita trazia a Bíblia Sagrada. Pelas grandes janelas o sol adentrava soberbo, agraciando a sala de aula com toda sua luminosidade acolhedora. Os alunos prontificaram suas Bíblias sobre as classes compartilhando um silêncio angelical e colaborando com a graça daquela manhã de terça-feira, dia em que o professor passava integralmente no Nossa Senhora de Guadalupe em aula, já que ministrava a disciplina em outras cidades da região metropolitana.

Como insistia em dizer, em voz cálida e sentimental.

— Às terças-feiras, eu sou Guadalupe. Graças ao Nosso Senhor Jesus Cristo.

Padre Eugênio Perdonáz era um homem tranquilo, tez pálida, ombros caídos, pernas e braços longos, olhos negros, guardados por finas sobrancelhas e vagamente calvo.

Comandou a Paróquia de Morelos alocado, por escolha, na cidade de São Miguel de Anenecuilco, conhecida por ser o berço de Emiliano Zapata, líder da Revolução Mexicana contra a ditadura de Porfirio Diaz. Zapata é considerado um herói nacional e de Padre Eugênio, que cresceu em casa de zapatista. Seu pai e família participavam assiduamente de todo movimento que culminou com a morte do revolucionário em 1919, rendendo frutos em 1934, quando o presidente Cárdenas conseguiu promover uma reforma agrária nacional.

Padre Perdonáz deixou a Bíblia sobre a mesa e fez sinal aos alunos que se levantassem. Eles obedeceram e direcionaram seus olhos atentos à imagem de Cristo dependurada sobre o quadro negro. Todos fizeram o sinal da cruz e em comunhão de pensamentos rezaram em alto tom.

— Perfeita, sempre Virgem Santa Maria…

Findada a oração, os alunos sentaram-se mudos, deixando somente que seus olhos falassem ao mestre. Diziam eles, calmos e serenos, que suas atenções estavam sob comando.

O professor foi até a janela e manteve-se inerte no movimento do pátio sul do colégio. Crianças jogavam futebol, gritavam e brigavam e sorriam, consolidando suas inocências.

Retornou à mesa e sentou-se pesadamente, transparecendo uma melancolia exacerbada. Fitou a todos e sorriu com lucidez. Tossiu e falou em tom sereno.

— Sabem crianças que temos hoje apresentação dos trabalhos. Contudo, vamos antes à chamada.

Os olhos atentos disseram sim e as bocas entoaram em voz única e forte…

— Amém, Padre Perdonáz.

O mestre apanhou da gaveta um diário, abriu com cansaço desmedido e iniciou.

— Abelardo Acosta, Antónia Bellatorre…

Ao ouvir o nome chamado, meninos e meninas respondiam com um pálido *presente, Senhor* e logo inclinavam a cabeça em sinal de reflexão. Pois, todo nome pronunciado na instituição, diziam, era um agradecimento à Nossa Senhora de Guadalupe.

Padre Perdonáz terminou a lista de chamada. Sentia-se exausto. Tinha os olhos baixos e em constantes piscadelas, os lábios pálidos e as mãos trêmulas. Despendia uma força além do possível.

Parecia não estar gozando de saúde plena, contudo continuava o seu compromisso, mesmo não tendo um semblante para tal. As crianças, no trato carinhoso do padre, nada falaram, mas sentiam que algo se fazia preocupante.

Subitamente, uma aluna levantou-se sem pedir licença e sumiu corredor afora, fazendo dissipar o vulto que se projetava à porta da sala. Era Mayala Cáceres. Ela sentiu seu corpo gelar, mas não se abalou e manteve a firmeza de seu intento. Uma leve brisa ficara para trás, deixando um odor de chama apagada e flores murchas.

O professor apresentava sudorese, seus olhos cerrados imploravam ajuda; e sentado, buscava pelo ar que lhe faltava. Os alunos ficaram apreensivos com a situação, até que Mayala surgiu à porta acompanhada de dois funcionários do colégio. Ambos ampararam Padre Perdonáz e o levaram para a enfermaria. Tivera, sussurravam nos corredores, um início de infarto.

Alguns alunos choravam, outros se mantiveram mudos e com medo. Jesús tomou conta dos estudantes até o horário do intervalo, disseminando sua análise acerca do Salmo 91…

— E no versículo 2, que diz: “Direi sobre o Senhor: ele é meu refúgio e minha fortaleza; é meu Deus, nele confiarei”. O Senhor significa *Eu Sou*, ou a Presença de Deus dentro de vós. Quando criança, confiávamos em nossas mães, fitando-a nos olhos, no profundo dos olhos… lá existia o amor. Guardemos nossa confiança no mar infinito de amor, que é Deus, em nós. É o nosso Eu Superior, Espírito nato e puro.

Após, a professora de Geografia iniciou sua aula sobre os rios do país e seus afluentes.

No fim do turno, os alunos foram informados de que o Padre Perdonáz passava bem; entretanto, foi hospitalizado para exames minuciosos. Estava sob os cuidados dos profissionais do Hospital de São Miguel Arcanjo. Todos se alegraram, enquanto Mayala sentira uma forte dor na alma, lembrando-se de seu pai.

Os professores a parabenizaram, mas com ressalvas. Jesús disse, áspero e pretensioso:

— Não se deixa a sala de aula daquele modo. Desatinar pelos corredores é inaceitável. Você assustou a todos, e o que não precisamos é de um caos instaurado no colégio por conta de uma atitude irresponsável. A instituição é um lugar sagrado e de respeito. Contudo, parabéns pelo seu ato de coragem.

A menina pouco se importou. Queria apenas que aquela sensação de angústia a deixasse em paz. Foi para casa sentindo o seu peito e espírito corroerem. Ela sabia que não era pelo padre, nem pelos colegas. Talvez fosse a lembrança dos pais que emergira, diante do iminente falecimento do professor. Sentiu, pois, o frio do vulto da morte lhe percorrer o corpo quando fora pedir ajuda. Uma sensação nunca vivida.

Ao chegar à casa, pelo caminho que fazia a pé por contados dez minutos, sua tia Alba notou singular palidez e questionou.

— Que tens minha menina? Estás branca tal qual fantasma.

Mayala deixou a mochila sobre a mesa da cozinha e sentou-se. Relatou o fato e fora se deitar. Não se sentia bem. A tia a acompanhou e conjecturou por entre os lábios.

— Saudade da mãe…

Quando Mayala acordou, o jantar estava prestes a ser servido. Sentou-se junto ao tio na sala e o acompanhou assistindo à novela e seus melodramas cotidianos, patéticas celebrações da miséria humana, acalento dos tolos e abstraídos.

— Você não percebe, que te amo de todo o meu coração e é nele que vive a felicidade... és minha vida e por tal causarás minha morte... não conseguirei sobreviver a este duro golpe.

— Também te amo com a plenitude do meu coração, mas...

Mayala conjecturou consigo, transparecendo enfado. *O coração não ama, não pensa, não fala. Coração é um órgão único e propriamente necessário ao bombeamento de sangue. Coração e felicidade são duas mentiras "desgraçadas" à humanidade. Vamos dar um basta na fantasia de que coração e felicidade são reais no que tange ao sentimento humano. Nosso cérebro é a única tumba de onde extraímos quaisquer que sejam os prazeres, desejos, sentimentos e finais suspiros ao prefácio de nossa dispensável existência. Triste? Não, pois felicidade é utopia...*

Poucos minutos depois foram chamados para o jantar. Sentaram-se todos. Alba, José, Mayala e Guillermo. Eles agradeceram o alimento, o dia, a vida e no final da oração, Mayala pediu pela saúde do Padre Perdonáz e em sussurro quase inaudível, rogou pelo pai.

A tia bateu forte à mesa, derrubando os copos e fazendo tremer pratos e talheres. Após um momento, bradou rispidamente.

— Jamais. Enquanto viver sob este teto, jamais repita isso. Este homem a quem chama de pai está morto. É um monstro. Ore pela alma de tua mãe e de teus irmãos, mas nunca pelo bem deste demônio. — Disse Alba, aos gritos histéricos.

José baixou a cabeça e sussurrou consigo um tom de reprovação. Era um homem recatado, de ponderação aguçada. Tinha uma alma perspicaz e muito atenta; com olhares apurados e discernimentos muito precisos.

Mayala ergueu a cabeça e replicou com rispidez, porém, à ponderada voz, amenizando o embate:

— Ele ainda é meu pai, queira minha madrinha ou não. Meu tio entende a situação. Criaram-se como irmãos na pobreza de Tijuana. Passaram fome juntos. A misericórdia não está somente destinada às almas boas. O perdão também se aplica aos que cometeram atrocidades. Desse modo se concretiza a verdadeira misericórdia. Perdoar o bom, é humano. Perdoar o mau, é divino. Minha madrinha não faz ideia do que acontecia naquela casa. Minha mãe era cega a tudo, exceto aos luxos, devassidão e cuidados com meus irmãos. Eu era a margem da estrada Apesar da obtusidade de meu pai, ele tinha afeição por mim. Tornaram-se pessoas ruins, contudo, minha mãe era o narcisismo doentio, a arrogância escolhida, a perversidade ostentada. Tio José sabe que a alma de meu pai não estava lá naquele dia. Ele suportou tudo o que pôde. Não estou defendendo a crueldade como tratou a revolta que o corroía; meu tio sabe do que estou falando.

Alba ergueu-se rapidamente e deixou a sala de jantar vociferando palavras sujas e chorando. José tratou de acalmar a sobrinha, enquanto Guillermo terminava o jantar.

Mayala foi para seu quarto sussurrando e esmurrando as paredes. Em seus pensamentos teria de encontrar outro lugar para ficar. Mas para que casa iria? Alguém a aceitaria? Sua tia Alba a deixaria ir embora? Deitou-se pesadamente e deixou o espírito sair do corpo e perder-se num passado pouco recente.

A alameda que levava à praça estava repleta de transeuntes. As pessoas iam e vinham sem aparentar eventuais desejos, não transpareciam tristeza, nem tampouco alegria. Surgiam de todos os lados como fantasmas sem face, desaparecendo como que por encanto.

Mayala apreciava o movimento aos pés do *Ángel de la Independencia*, que lhe trazia uma paz necessária. Ela guardava toda a beleza da obra nas retinas e na alma. Lembrara-se da aula da Irmã Rita, que lecionava História, e de tudo que significava e continha no imponente monumento. A religiosa não mais habitava o mundo dos vivos, contudo, lecionou para Mayala novamente…

— O Ángel de la Independencia, configura-se em uma construção artística…

Mayala tinha os olhos rasos d'água, pois sentia a presença de Irmã Rita, a mulher que supria a ausência de sua mãe.

— De base quadrangular, a coluna possui estátuas de bronze nos quatro extremos simbolizando Lei, Justiça, Guerra e Paz. À época do final da construção…

A menina chorou. Aos soluços, chamava pelo pai. Que, com os braços estendidos, fazia sinal que aguardasse.

— A coluna possui 36 metros de altura e foi edificada em aço coberto com betão…

Seu pai conversava sobre negócios com um cidadão em terno cinza-escuro. Era um homem jovem, com aproximadamente 35 anos. Cabelos fartos e negros, olhos também em trevas, maxilar imperioso, bigode fino e óculos discretos. Tinha uma maleta à mão esquerda, presa por algemas, levemente ocultada pelo relógio em ouro, *talvez um Rolex*.

Apertaram fortemente as mãos. Sibilaram um acerto de negócio e sorriram. A maleta foi deixada aos pés do pai de Mayala, tendo, em troca, um cheque pousado no bolso do paletó do distinto cavalheiro, em irretocável harmonia.

As árvores dançavam ao suave toque da brisa de primavera.

— Meu caro, estou tentando traçar sua defesa para ganharmos esta causa. Você tem de se colocar como vítima do contexto, não como um piegas desejando a morte.

— Sinceramente, já não me importo com mais nada. Piegas ou vítima: para mim, são a mesma coisa.

— Veja bem. O embasamento que usarei é proveniente da Filosofia, ajustado a dados sociais. Já ouviu, certamente, falar de Camus, Durkheim.

Lorenzo assentiu com a cabeça. Inés continuou.

— Perfeito. É uma estratégia que venho trabalhando há algum tempo, não só para seu caso, mas também de outros nessa linha. Para você entender melhor. Conforme Durkheim, cada sociedade está predisposta a fornecer um contingente determinado de mortes voluntárias. O que interessa sobre o suicídio é a análise de todo o processo social, dos fatores que agem não nos indivíduos isolados, mas sobre o grupo, o conjunto social. Toda sociedade possui, em determinado momento da história, uma atitude definida em relação ao suicídio.

O detento fingia entender. A doutora manteve.

— Para Camus é muito raro alguém se suicidar por reflexão. Há, portanto, outros agravantes. Ele deixava de lado algumas questões que para muitos são caras; o que ele queria mesmo era tratar de um problema principal: por que as pessoas desistem de si? É aí que entraremos. Onde o suicida foi minado? Qual a razão que o levou a subtrair a própria vida, no seu caso, a vida daqueles que o minavam e a sua, propriamente dita.

Os detentos haviam acabado de sair para o banho de sol. Surgiam todos revestidos de suas armaduras de culpa e miséria, emanando os espectros de todas as máculas humanas. Os mais entusiasmados sorriam para o nada, enquanto os realistas e aspirantes a intelectuais, apresentavam um semblante nauseabundo. Oxidavam a realidade com pensamentos corrosivos, os quais faziam somente manipular as emoções e, por conseguinte, mascarar as ofensivas e carcomidas intenções.

Os grupos amontoavam-se como matilhas dispersas, quando não, varas disformes ou rebanhos famintos. Os líderes, quase sempre, sentados ao centro de um círculo, forjando unidade, mantinham-se de cabeças levemente abaixadas e olhos atentos, firmando o poder que lhes transferiam com submissos silêncios. Intactas expressões ludibriavam os inimigos, deixando abrir caminho para um vislumbre de fragilidade, que iludia planos de ataques em massa.

Esses grupos ostentavam o poder com o domínio de delimitados territórios dentro e fora da Penitenciária Porfirio Díaz. O tráfico de influências garantia junto aos guardas algumas regalias e melhores condições de sobrevivência naquela selva de concreto e aço, tão gélida quanto as suas próprias almas.

Mesmo transladando pelo sempre toda a sua bondade, Deus hesitava em lançar seu olhar para aquele amontoado de carcaças de almas. Criações suas entregues à desprezível sorte, a toda a impureza e distorção de sua imagem e semelhança. Talvez, um protótipo inacabado de Lúcifer.

Eram histórias degradantes de ódio, rancor, angústia, desespero, profanação. Era o avesso das bem-aventuranças, era a decapitação das virtudes. Nas rodas de conversa, o mal se fazia presente, confirmando a existência Dele. Pois, o mal é a prova de que Deus existe, diziam aqueles que, suposta e pretensiosamente, haviam alcançado um nível superior de ligação com o Criador.

Na Penitenciária Porfírio Díaz, os clãs, em sua grande maioria, dominavam distintos pavilhões e subdividiam-se em grupos que arrebanhavam marginais desgarrados, procurando a manutenção do controle interno na instituição.

Camuflada na chaminé do lado sul, onde eram incinerados os dejetos hospitalares e outros materiais nocivos, a sombra de Morsath desdenhava de toda a falsa alegria dos condenados, que se sentiam livres por conta da brisa que os tocava, não querendo tocá-los. O sopro da bondade de Deus não chegava ali. Os fantasmas da morte cuspiam desavenças e injetavam a semente da desgraça. Confabulavam e arquitetavam toda a proliferação de discórdia a cada relato de um detento, a cada prepotência expulsada em forma de confissão via suas obras de terror.

Lorenzo chegara ao pátio depois da abertura dos portões para o banho de sol. Estivera com a advogada novamente. Sentou-se, absorto, a uma mesa vazia onde o sol queimava o metal do assento. Manteve-se só por pouco tempo. Resolveu caminhar por entre os detentos e enegrecer ainda mais sua alma com o horror dos contos reais expostos e ali apresentados como troféu. Sangue, carnificina, tortura, pandemônio, traição… cada qual tinha um substantivo mestre para seu relato. Contavam, muitos, com um riso tenebroso no olhar, enrubescido de maldade e prazeroso deleite.

— Lorenzo, Lorenzo!

Gritou Raúl, soltando a última baforada do cigarro e apresentando o inerente sorriso parcial enegrecido. O homem atendeu com um semblante entreaberto, quase desfalecido.

— Sente-se, estamos fazendo com que o tempo passe. Estamos assustando nossos anjos da guarda. Mesmo sabendo que não existe um sequer neste inferno. Já se foram faz muito tempo. Os que não fugiram, matamos com nossa verdade.

Todos riram em tom sarcástico. Havia oito presos no grupo até a chegada de Lorenzo. Estavam todos sentados no chão, sobre

papelões de caixas de alvejante, os chamados *tapetes*. Eram trazidos pelos trabalhadores da lavanderia, a fim de acomodar o grupo.

Lorenzo sentou-se. Raúl, em tom solene, continuou o relato, fazendo antes um breve apanhado dos acontecimentos já narrados…

— Bem, dizia eu… fui contratado para executar um trabalho de carpintaria na casa do homem traído. Ele chegou por volta das duas da tarde, com outro homem. O que me contratou era franzino, de cabelos negros e densos, muito lisos. Tinha traços de indígena boliviano, embora com rosto fino e avermelhado. O outro era forte. Estatura avantajada, braços longos e pesados. Bigodes densos e levemente grisalhos. Calvo e de olhos fundos e aterrorizantes. Tentei ao máximo ficar alheio à conversa dos dois. Buscava somente cuidar do trabalho a que fora contratado. Contudo, não entendia o motivo de ambos falarem tão baixo, quase aos sussurros. Algo em torno de meia hora após chegarem, ouvi um assovio estridente. Era Aguirre, o contratante, que me chamava. Seu acompanhante fazia sinal com a mão para que eu me aproximasse. Estranhei o chamado, mas como estava ali sendo pago, dirigi-me até a varanda onde os dois se encontravam sentados a uma mesa. Havia uma garrafa de tequila e cocaína. Assustei-me ao ver a quantidade, pois estava limpo há três anos. Aguirre pediu que eu me sentasse, serviu uma dose e pediu ordenando: *Beba… tenho uma nova proposta de trabalho para lhe fazer. Dez vezes mais do que estou te pagando por esse serviço.*

Raúl mantinha a torrente narrativa, sem quase respirar, ansioso pelo momento próximo e regozijando pela atenção de todos.

— Fiquei imóvel. Não me lembro de respirar, nem de piscar os olhos. Estava atônito e suava frio. Algo de ruim estava por acontecer, e eu faria parte daquilo. Balbuciei e perguntei para Aguirre do que se tratava e que trabalho era este que pagaria tão bem. Ele arrumou-se na cadeira, sorveu o resto da tequila do copo e disse com olhar resignado, transbordando maldade. Cabañas, o acompanhante, franziu a grossa sobrancelha, enrugando a testa após inalar uma con-

siderável quantidade de cocaína. Aguirre sorriu; e voltou a fechar o semblante. Disse querer se livrar de um incômodo, pois o corroía saber que ele ainda respirava. O ar sumiu de meus pulmões, minha boca secou e tentei não transparecer pavor. Bebi a tequila em um só gole buscando forças, sabia que minha vida corria perigo. Ou eu aceitava o trabalho e mantinha-me vivo, ou não aceitava e morreria. Era uma escolha fácil do ponto de vista de quem ainda lutava por vida. O que tenho de fazer? Perguntei com firmeza. Aguirre respondeu sem titubear: *Quero que cuide de um homem para mim, novamente... Cabañas o ajudará. Ele me deve um grande favor. Não é mesmo, amigo?*

Os detentos não moviam um músculo, esperando, ansiosos, o desfecho da história.

— O homenzarrão balançou a cabeça em sinal positivo, drenando logo em seguida outra generosa dose de tequila. Suas pupilas estavam dilatadas, o suor de sua testa corria com odor de álcool e suas mãos trêmulas davam sinal de que já havia consumido muito das substâncias postas sobre a mesa. Eu lutava para não me abalar ainda mais, pois com Aguirre já resoluto de seu intento, certo de que eu faria o trabalho, havia a situação de Cabañas, que não mais gozava de consciência plena. Ele seria um empecilho. Mais alguns minutos e algumas doses, tomei coragem e perguntei quem era a vítima. Aguirre disse que logo chegaria, pois, tinham um acerto de contas. Disse gravemente: *Devo certa quantia para o desgraçado... e essa quantia será seu pagamento se cuidar do corpo... e o fará quando for a hora... darei as coordenadas.*

Lorenzo, enfadado, ouvia tudo com certo desdém, entretanto não se deixava dispersar. Mantinha, pois, sua atenção resguardada em porcentagens bem definidas.

— Um tempo se passou e o convidado chegou. Vestia um terno negro, camisa púrpura e gravata cinza. Não vi a expressão de seus olhos, pois estava de óculos escuros. Contudo, a contração facial

dizia que o encontro seria rápido e sem intimidades. Cabañas estava deitado na cadeira, com os pés sobre a mesa, praticamente morto, parecia nem respirar. Suas doses foram desmedidas. Não precisei de muita perspicácia para saber que faria sozinho o trabalho. Manteve-me dissimulado e atento, orando para que abortassem a ideia do assassinato. Fui ao banheiro para o tempo passar e, desse modo, pudesse escapar do imbróglio em que me colocaram. Ao retornar, Aguirre me chamou para conhecer a vítima. Aproximei-me acanhado, simulando cansaço. Esteban Zacares era um homem jovem, requintado e de fala comedida. Falava só o necessário. Seu vocabulário era restrito; monossílabos para respostas complexas.

Lorenzo pediu licença, mas Raúl proibiu, implorando com um olhar quase terno. O homem sentou-se novamente, apoiando a cabeça nas mãos e os cotovelos nos joelhos. Apresentava inquietação…

— Aguirre pediu um momento ao convidado e chamou-me em reservado. Segurou firme em meu braço e sussurrou: *Apanhe o martelo e deixe-o sobre a mesa… Ele ficará de costas para mim, quando eu questionar sobre a traição. Vou golpeá-lo… e logo você termina o trabalho, que é enterrá-lo nas cocheiras. Uma está vazia, número oito.* A ideia inicial havia mudado. Mas, eu ainda estaria em situação delicada. Ele empurrou-me e sinalizou para que o plano se fizesse. Fiz o que ele pedira, trêmulo dos pés à cabeça. Minha condicional estava em via de acabar, e uma ocultação de cadáver me renderia no mínimo vinte anos. Apanhei a ferramenta pedida e dirigi-me à mesa onde os dois encontravam-se. Cabañas havia se transportado para a rede.

O lado do rosto ferido coçava. Lorenzo retirou o tecido que cobria a metade da face e alguns fixaram o olhar com curiosidade; outros mantiveram-se alheios. Itztli raspava o trauma com as unhas, Raúl continuava seu relato.

— Aguirre e Esteban sentaram-se. Beberam juntos como se fossem amigos íntimos. O anfitrião serviu outra dose aos dois e le-

vantou-se, fingindo ir ao encontro de uma caixa de ferramentas para guardar o martelo. Esteban mantinha-se calmo e tranquilo, esperando receber o dinheiro que viera buscar. De súbito, sentiu ao lado da cabeça, pouco acima do ouvido esquerdo, uma pancada violenta que o fez inconsciente, instantes depois. Os olhos turvaram-se, o sangue inundou sua boca e correu quente sobre a calçada da varanda. Quando cheguei ao corpo, Aguirre já havia apanhado os pertences de ouro de Esteban. Anéis, relógio e correntes. Disse-me em tom severo e imperioso: *Raúl, está aí o trabalho. Vou ao banco retirar seu dinheiro e logo estarei de volta. Acorde Cabañas que ele ajudará com o falecido. Vá, temos pouco tempo, até que Júlia chegue.*

A cada fala de Aguirre que Raúl trazia, ele mudava de voz, alterava o semblante, deixando-a mais grave e pesada; simulando o terror pelo qual passara.

— Aguirre saiu. Tentei acordar Cabañas, mas fora em vão. Desse modo, arrastei o corpo de Esteban às cocheiras. Apanhei uma pá e comecei a cavar. Quando voltei meus olhos para o corpo, ele tentava se levantar. Com um lado do crânio afundado, sua voz era arrastada e vertia sangue quase coagulado. Apavorei-me com a cena e resolvi amarrá-lo a um poste de madeira, onde dependuravam os lampiões a querosene. Enquanto cavava, ouvi passos atrás de mim. Era Cabañas. Tinha o rosto amassado de tanto dormir. Os olhos vermelhos transpareciam a ressaca. Pedi ajuda. Ele bebeu um grande gole de uísque da garrafa que trazia à mão. Deixou-a num canto da cocheira e saiu. Apanhei-a e bebi quase a metade para amenizar o que sentia. Minha alma abandonou-me. Embora eu já tivesse matado um homem, estava em condicional por conta disso. À visão do moribundo, que nem sequer conhecia, fez de mim a pior criatura da terra. Esteban agonizava amarrado ao poste. Cabañas aproximou-se com uma foice e, sem pensar, decapitou-o. O sangue jorrou com o rompimento da artéria. O local ficou banhado em vermelho-escuro. Náuseas me fizeram regurgitar. Bebi o resto da garrafa de uísque e sentei-me. Cabañas desaparecera.

Lorenzo acompanhava tudo com repulsa. As imagens relatadas faziam-no relembrar seus crimes. Chorou. Raúl continuou, após dar uma leve palmada nas costas do homem em prantos, buscando acalmá-lo das lembranças malditas.

— Abri uma cova, acomodei o corpo e a cabeça e os cobri. Fui à varanda e apanhei a cocaína, e no bar, uma garrafa de Jose Cuervo. Voltei para as cocheiras e sentei-me próximo ao enterrado. Eram sete horas da noite. Aguirre não deu sinal. Resignei-me em esperar até o amanhecer, bebendo e usando a substância que me levara ao mundo do crime. Às duas da manhã, resolvi abandonar o local. Fui apanhado em casa oito meses depois, através de uma denúncia anônima. Aqui estou novamente cumprindo trinta anos, enquanto Aguirre e Cabañas, pelas últimas notícias que tive, gozam de liberdade traficando drogas para os Estados Unidos. Esteban não fora um traidor, mas sim o traído na negociação, e a casa onde fiz o trabalho de carpintaria era dele, bem como a cocheira onde fora enterrado. Lá ficava seu cavalo mais caro. Três meses bastaram para encontrar o corpo, visto que fora desenterrado e jogado em uma mata isolada na periferia da capital.

O banho de sol acabara. Lorenzo levantou-se e sumiu em meio aos detentos como a fumaça de um cigarro barato.

Ao chegar à cela, sentou-se; resoluto de que o seu suicídio era algo necessário. Decidiu que se matar não se tratava mais de um capricho por arrependimento; sua morte era quitação com a sociedade e com Deus.

Era quarta-feira; dia de *missa* para os detentos da Ala 07 na capela da Penitenciária Porfirio Díaz. Era um grande dia para aqueles que desejavam remoer seus pecados. Triturar suas falhas.

Lorenzo acordou mais cedo que o de costume. Mesmo tendo em sua mente muitos pensamentos de como cometer suicídio e de pedir a Deus a sua própria morte, ele gostava das *missas*. Sentia-se bem durante e depois dos encontros; e muitas vezes deixava que Deus entrasse em sua mente e arrancasse todos os delírios mórbidos e obscuros. Sua alma ainda conseguia padecer após as palavras do Padre Morales, sob uma tranquilidade vigiada, carregando consigo uma bênção remediável; contudo, acalentadora, naquele instante.

Os detentos tomaram o café da manhã e se dirigiram à capela. Os bancos velhos em madeira vermelha, o singelo altar com uma desgastada imagem de Nossa Senhora de Guadalupe e uma mesa de ferro, já oxidada pela umidade, acolhiam os condenados.

Padre Morales pediu que todos se levantassem. Fez o sinal da cruz, abençoando seu acanhado rebanho e começou a cerimônia.

— Assim seja. Hoje, agradecendo mais um dia, farei algo diferente. Vou lhes contar uma história que li em um livro de minha adolescência. Não posso dizer o autor, pois seria excomungado da igreja.

Riu, com um agradável e descompromissado riso amarelo…

— Mas é uma bela história… e sei que irão gostar. Chama-se *La Vierge chez les damnés*, A Virgem entre os condenados. A história se dá, mais ou menos assim…

Padre Morales fez novamente o sinal da cruz e pediu para que os detentos se sentassem. Eles obedeceram e deixaram olhos e ouvidos atentos à história do pároco…

— A Virgem visita o inferno guiada por São Miguel Arcanjo. Vê os condenados e seus tormentos. Alguns afundam no lago e não aparecem mais. Esses são esquecidos pelo próprio Deus.

No semblante de alguns detentos havia uma alegria serena, que transparecia uma felicidade de que a Virgem pudesse vir salvá-los daquele inferno. Noutros rostos, encontrava-se a resignação de que o pecado cometido não seria absolvido até que seus corpos falecessem e que suas almas passassem a residir no inferno, que não o *inferno* da penitenciária.

— A Virgem, banhada em prantos, suplica, insiste e quando Deus lhe mostra os pés e as mãos de seu filho trespassados pelos cravos, Ele pergunta: *Como poderei eu perdoar seus carrascos?*

— Ela ordena a todos os santos, a todos os anjos, que caiam de joelhos com ela e implorem o perdão para os pecadores, sem distinção. O intento é exitoso.

Fizeram a oração final e dirigiram-se para as suas celas, exceto Lorenzo Itztli, que fora encaminhado para o julgamento.

O Tribunal estava lotado. Não havia um lugar vago. Estava repleto de jornalistas, advogados, e figuras ilustres do *mundo das leis*. Eram eruditos, pensadores livres, criminologistas, psicólogos, entre outros. Todos interessados no desenrolar daquele que já era o maior julgamento da história da Cidade do México.

Alba e o marido lá estavam; aguardando a pena máxima ao autor do massacre. A família do réu não viera, talvez não quisesse ver a condição degradante do estimado Lorenzo.

De pé, estáticos em um canto, estavam prostrados os investigadores que cuidaram do caso, Pérez Castillo e Antonieta González. Ele olhava a cena com cuidado. Tinha visão plena de todo o tribunal e, em voz baixa e pausada, recitou ao ouvido da amiga…

— Sou fio de cabelo ao vento ante Tua presença, buscando um domínio que acredito alcançar. Sou fruto morto ao chão, castigado pelos Teus pés.

González sorriu. Mesmo sabendo que não haveria resposta concreta, deixou-se levar pela curiosidade e questionou o amigo sobre o autor.

— Não lembro de quem é. Mas li em *New York*.

Um burburinho infectava o ambiente. Eram falas desproporcionais e irritantes, comentários corrosivos e escusos. O ar estava enegrecido pela maldade e não havia um presente que não estivesse afetado pela atmosfera perniciosa que dominava o lugar.

Lorenzo tinha os olhos falhos, à sua volta imagens distorcidas e flamejantes faziam com que sua mente vacilasse em consciência plena. Gritos surdos de horror ecoavam em sua alma, deturpavam sua audição e faziam com que ele só ouvisse o bater das asas dos demônios que sobrevoavam o local. Lúcifer estava no altar, com o dedo em riste, alimentando incisivamente as chamas daquele pandemônio e condenando-o ao padecimento eterno.

A juíza responsável pelo caso tomou seu lugar, bateu o martelo e reiniciou o julgamento que há dez dias se arrastava.

— Que a defesa prossiga…

A advogada levantou-se, imponente e deslumbrante.

Vestia púrpura. Blusa e echarpe em mesmo tom, contrastando com a situação densa e pesada que se apresentava.

Acomodou os óculos, pousou a echarpe sobre a mesa, agradeceu solenemente em tom cálido e iniciou a sua fala carregada de artimanhas behavioristas e filosofia social.

— Após determinado período de excitação, no estado de mero autômato inconsciente, guiado pela sugestão, aparenta-se difícil qualificá-lo, em qualquer caso, como criminoso. Conserva-se esse qualificativo, *dito errôneo*, pois, como consagrado por pesquisa de

ordem psicológica, certos atos das multidões são seguramente não criminosos, considerados a partir de si.

— Protesto, meritíssima!

A promotoria se manifestou frente à fala da defesa, contudo, não obteve sucesso.

— Negado. A defesa pode continuar. — Ultimou a juíza.

A causídica agradeceu. Acomodou os óculos, arrumou os cabelos com semblante de desdém e continuou, com sutileza.

— Os crimes das multidões resultam, geralmente, de uma sugestão poderosa e os indivíduos.

— Protesto novamente. Com todo o respeito, meritíssima. A defesa está fora de si. Em que se vale ater nos crimes das turbas? Está buscando um traçado fora da linha de defesa. O acusado agiu sozinho e não foi movido por paixão que envolvesse determinantes de outrem. Não sofreu influência de um grupo ou, como a própria firma, multidões.

— A defesa que busque retomar sua linha. — A juíza ponderou com voz enfadada.

Entretanto, a advogada manteve-se resoluta e firmou-se na linha de defesa. Por tal, deu continuidade à fala.

— Pode-se citar como exemplo típico o assassinato do governador da Bastilha. Após tomarem essa fortaleza, o político, rodeado de uma turba raivosa, recebia golpes de todos os lados. Debatendo-se, ele atingiu, sem intenção, um dos curiosos. Alguém, no auge da insanidade, fez uma proposição: de que o indivíduo assim ofendido cortasse o pescoço do governador.

— Meritíssima, por favor. Isso já saiu do controle. — Implorou o promotor.

A juíza bateu firmemente o martelo e ordenou o silêncio da promotoria, concluindo que não mais admitiria interrupções. A advogada da defesa agradeceu sorrindo com gratidão dissimulada.

— Esse homem… *obrigada meritíssima.* Esse homem era cozinheiro desempregado, simples curioso que fora a Bastilha para ver o que ali se passava. Com um sabre que lhe entregam, fere o pescoço do governador, mas como sabre pouco afiado não corta, apanha da cinta uma pequena faca, e como na sua qualidade de saber cortar carnes, acaba com o êxito da operação.

— Isso é irrelevante, meritíssima.

— A defesa pode continuar… e o senhor será punido por desobedecer a uma ordem direta. — Disse a juíza com olhos flamejantes e voz severa e grave.

— Vê-se aqui, claramente, o mecanismo com precedência indicado. Obediência a uma sugestão faz-se tanto mais forte quando é coletiva. Há a convicção do assassino de haver praticado uma ação meritória ou de lavar sua honra. A moral do rebanho pode não estar a seu favor, contudo pode haver uma quase unânime aprovação de cidadãos acometidos por uma ação semelhante. Trata-se, em termos legais, mas não psicológicos, de qualificá-lo como criminoso.

A defesa ensaiava continuação, contudo, a juíza considerou melhor um recesso de duas horas. Tempo para os ânimos se acalmarem no tribunal, abandonando o universo paralelo ao qual estavam dispostos e impostos.

A promotoria aproveitou o tempo para traçar um paralelo com o que discorria a defesa, já que ela saíra do que a acusação esperava. Analisaram, portanto, buscar a base de texto mais direcionada às teorias complexas de Inês Reyes Carranza, abandonando a linha psicológica que haviam preparado. Contudo, em duas horas não seria possível, o que os levaria a pedir, ou forçar, outro recesso que, dada a hora, levaria o julgamento para o dia seguinte, completando uma semana de embates.

Quando a juíza se sentou, todos já estavam acomodados. Os membros do júri entreolhavam-se, transparecendo dúvida após todo o parlatório contundente e despejado pela defesa e pela acusação.

O meirinho pronunciou-se.

O som do martelo fora ouvido novamente.

O silêncio reinou e a voz da juíza se fez ordem.

— Que a defesa continue.

— Obrigada, meritíssima. De acordo com muitos filósofos, o suicídio configura-se no problema mestre do tempo despendido por eles. A vida em absurdidade, este grão de areia absorto no deserto do nada, transmuta-se numa questão relevante no que diz respeito à continuação da vida. Sartre firmava que o suicídio é um erro por se tratar de um ato de liberdade que destrói atos futuros de liberdade. É a afirmação do ser ante a qual o indivíduo nega sua existência.

— Isso é um ultraje, meritíssima… este é um julgamento de assassinato. Não é um julgamento de suicídio. Jamais presenciei tal afronta.

— Meritíssima, desse modo não consigo findar minha linha de raciocínio.

— A defesa pode continuar. Encerrou a juíza, em tom cansado e com fogo no olhar.

— O suicídio está embasado no desejo do ser humano em suprimir-se do tipo de existência em que reside. Para Santo Agostinho, o suicídio é a coragem em caminho de fracasso, é a fuga da existência. Não se tenta o suicídio porque é o mais razoável a se fazer, ao contrário, busca-se uma solução fácil para sua problemática.

A promotoria encontrava-se atada sob as negativas da juíza, que insistia em ouvir a fala filosófico-psicológica da defesa, fato este que desmantelava a linha de acusação.

A advogada de defesa continuou, esboçando um sorriso enfadonho e intolerante.

— Adiciona-se que meu cliente se moveu, antes de silenciar a família, inconscientemente. Reconhecendo, logo após, proteção aos seus, tentou subtrair a própria vida para redimir-se. Crendo ele que o suicídio é, em suma, ter ódio de si, não tolerar as circunstâncias que a

vida lhe apresenta. Trata-se de repugnância a tudo que lhe imputa a existência; rancor até na respiração. Esse ódio irracional, absurdo, é afirmar ao próprio eu uma tentativa de subtrair-se, é a escolha que anula as escolhas. Deixando-se aberto à reflexão, mas concluindo, a participação do agente genético na etiologia do movimento suicida apresenta-se ser considerável.

A promotoria esboçou protesto.

Recebeu da juíza um olhar finalizador e exausto por conta das interrupções reiteradas.

— Contudo, parece também ser claro que esta carga genética não é específica ao suicídio propriamente dito, muito menos à psicopatologia subjacente com frequência vista nestes casos. De fato, diversas linhas de evidência sugerem que uma série de comportamentos relacionados ao suicídio deva ser considerada de modo a caracterizar-se tanto os próprios fatores genéticos, como outros cujo papel é importante na predisposição a esta ocorrência tão trágica.

— É inconcebível.

Resmungou a promotoria, porém, sem passar despercebido pela juíza que o puniu com mais um tempo para a defesa.

— Que a defesa finalize.

— Obrigada, meritíssima. Defende-se, portanto, que meu cliente seja visto com os olhos da solidariedade e não da monstruosidade. Ele é vítima de uma mulher infiel e de dois filhos indiferentes e odiosos, que o tinham como fonte de renda. Nem de padrasto o tratavam, pois, eram filhos da luxúria. Meu cliente lhes era um amontoado de dinheiro. A mulher, que além de traí-lo constante e facilmente, explorava-o para alimentar seus prazeres e futilidades, força motriz para os acontecimentos e a busca pelo suicídio.

Os jurados ouviam tudo com atenção apurada. Conjecturavam com os olhos e sibilavam sozinhos, arquitetando suas considerações para a reunião vindoura. A defesa continuava incansável.

— Suicídio é um conjunto de fatores que corroboram para um ato fatídico, que nem sempre se pode traduzir como fraqueza, egoísmo ou invulnerabilidade ao espectro da psicopatia, ou da maldade patológica. O suicídio é a consequência de um processo depressivo, uma união de fatores de riscos psicológicos, genéticos, sociais e culturais; anelados a experiências de traumas, perdas e graves causas. Contudo, persiste em estigma, encontra resistência na ajuda, lê erroneamente tudo o que remete à saúde mental.

Inés ateve-se um instante. Buscou ar e resolveu findar sua fala prostrada atrás do seu cliente. Com as mãos sobre os ombros de Lorenzo, retomou, em tom poderoso e arrogante.

— Invulnerabilidade ao espectro da psicopatia ou da maldade patológica. Pois, ao praticar tal ato, o indivíduo encontra-se, de causas a efeitos, fora do uso pleno de suas faculdades mentais. Por tal, considera-se que o suicida é, em considerável patamar, um ser entregue ao jugo cruel da alienação, estando ele absolvido da prática.

Por conseguinte, estando sob o jugo da alienação, não se deve… e não se pode imputar sobre ele a ciência de seus atos predecessores, bem como sua factual degeneração humana propriamente dita. Trata-se, portanto, meritíssima, de mais uma vítima neste processo.

— Entramos novamente em recesso e retornamos em trinta dias, às nove. Espero que seja para findar este caso.

As últimas palavras saíram quase que sussurradas da boca da juíza, à medida que o martelo encontrava seu destino de direito.

Ala 07. Penitenciária Porfirio Díaz. O círculo já estava formado. Todos aguardavam a chegada Lorenzo.

Sem titubear, o homem tão esperado sentou-se e deu os pormenores do julgamento. Falou da estratégia da defesa, da irritação da juíza, da severidade da acusação e que se sentia já condenado.

Tentaram animá-lo, mas Lorenzo estava irredutível, nada que fosse teorizado a favor da absolvição o traria para uma realidade que não fosse a que ele próprio criara. Morreria ali; de um modo ou de outro. Morte natural ou imposta. Tinha ele a indubitável certeza de que sua alma ficaria presa entre aqueles muros, tornando-se mais um espectro vagante nos corredores da Porfirio Díaz, assombrando a todos que, assim como ele, acreditavam não pertencer àquele lugar.

Decepcionados com a economia de palavras, resolveram contar suas lástimas. Raúl levantou-se e pediu que Exequiel partilhasse sua história com o grupo. O jovem balançou a cabeça em sinal negativo e disse em tom lamuriante e escasso de força.

— Amigo Raúl, poupe-me desta vez. Minha ainda alma ferve como o escapamento daquela motocicleta. Sinto-me cansado e…

Raúl discordou com o dedo indicador e fez com que Exequiel se levantasse e prestasse contas ao grupo.

— Isso vai te aliviar, amigo. Conte tua história. Alguns ainda pensam ser o Cristo daqui. Conte, resigna-te.

Lorenzo apoiou a cabeça nos joelhos, atou as duas mãos sobre os pés e deixou-se estar. Raúl e os outros repassavam de *mão em mão* um charuto que viera como presente a Ernesto, recente pai de um menino.

Com os olhos marejados, o jovem iniciou sua fala.

— Era sexta-feira. Cinco horas da tarde.

Exequiel não conteve as lágrimas. Parou um instante e tentou continuar. Não conseguiu e deixou o círculo a passos lentos. Raúl fora buscá-lo. Próximos ao portão de acesso os dois conversavam. Exequiel negava, Raúl afirmava com convicção.

Ambos retornaram. Sentaram-se. Raúl apanhou o charuto e Exequiel desatinou a falar…

— Sexta-feira. Cinco horas da tarde. Dezembro do ano passado. Eu e Facundo havíamos terminado o trabalho. Estávamos pintando uma casa no bairro Anzures. Paramos em um bar para beber uma cerveja. Muito calor. Estacionei e entramos. O ambiente estava repleto de trabalhadores da construção civil e de outras áreas também. Dentre eles, avistei um desafeto de minha família. Andrade era um desregrado. Tinha atrito com muitos da nossa comunidade. Ele estava sempre em alta velocidade e já havia atropelado a filha de meu irmão e uma senhora vizinha. Era unanimidade negativa entre os moradores. Alheio a todos, sentamos e pedimos uma cerveja. Bebemos e não nos satisfez. Mais outra, e uma mais. Como eu estava dirigindo, resolvi parar. Ele queria mais. Disse a ele que pedisse, mas eu não queria. Bebeu mais duas. Liguei a motocicleta e me amparei com os dois pés no chão, visto que meu companheiro estava embriagado. Disse a ele que se agarrasse a mim. Ele o fez, logo após beijar meu pescoço. Tomei a rodovia e fomos em direção à casa. A baixa velocidade, que adotei como precaução pela embriaguez de Facundo, fazia com que os outros motoristas buzinassem e nos ofendessem. Ele ria e devolvia as ofensas, levantando as mãos para o alto e gritando sem pudor. Pouco antes de chegarmos à entrada de nossa comunidade, ouvi o barulho infernal da motocicleta de Andrade, cortando a estrada e direcionando algumas palavras para nós. Entendi o que ele gritou. Facundo não.

Exequiel cogitou estancar o relato. O grupo manteve-se calado. Ofegante e indeciso, continuou…

— Da rodovia até onde morávamos, gastava-se uns dez minutos. Mantive a baixa velocidade e direcionei-me mais para a beira da estrada, buscando diminuir o risco de um acidente. Andrade voltou a cruzar por nós e proferir as mesmas palavras. Facundo replicou algo, fazendo com que ele retornasse. Ele não parou. Passou muito perto de nós em alta velocidade e sumiu na poeira. Resolvi parar e esperar que Facundo tomasse um pouco de consciência. Antes não tivesse parado. Desci da motocicleta e fiquei atento aos movimentos de Facundo. Ele não parecia bem. Seus olhos não ficavam mais abertos, ele vacilava sobre o banco e movia-se para frente e para trás. Ouvi de novo a Andrade se aproximando. Ele lançou-se sobre nós, a fim de nos assustar, depois tentou se esquivar, mas já era tarde. Nossa motocicleta foi arremessada a uns quinze metros de onde estávamos estacionados. Com ela, fora Facundo, que ficou caído à metade do trajeto. Corri para acudi-lo. Havia sangue por todo o corpo e uma enorme poça ao redor da cabeça dele. Tomei cuidado para levantá-lo e, ao apoiar sua cabeça em minha mão, notei que o ferimento que havia na testa escureceu de súbito. Era uma lesão arredondada, quase simétrica. Movi minha mão e o trauma clareou, foi quando notei que o guidão da motocicleta de Andrade, que estava próximo ao corpo de Facundo, havia perfurado o crânio, causando a lesão irreversível. Algo surreal. Minha alma abandonou meu corpo e saí em desatino procurando por Andrade. Pedaços de motocicleta faziam uma trilha. Ele estava fora da estrada, trêmulo e de olhos dilatados. Sussurrava algo que não discerni. Parecia rezar. Olhei para ele e a primeira coisa que me veio à mente foi matá-lo. Os restos da motocicleta dele estavam pouco à frente de seu corpo imóvel. De onde tirei forças, eu não sei, mas arranquei o escapamento que, pela violência da colisão, deveria estar ardendo, contudo, não me feri. Ao contrário, sujei-as de sangue. Ele pedia para eu parar de espancá-lo, que me daria muito dinheiro se o deixasse vivo. Mas eu não queria dinheiro, não deseja-

va vê-lo vivo. Queria matar a sede de vingança, queria meu amor de volta… e aqui estou.

Exequiel levantou-se aos prantos e deixou o grupo sem qualquer palavra a mais. Raúl e os outros tinham os olhos vermelhos, embebidos. Talvez fosse pela densa fumaça do charuto barato que fumaram para comemorar o nascimento do filho de Ernesto. Tenório ria, com lágrimas, de pé e atrás da pilha de caixas de alvejante, recém-chegadas da lavanderia.

Lorenzo caminhou chorando até a nova cela. Sentou-se pesadamente sobre a cama e implorou a Deus que o levasse daquele lugar. As portas se fecharam, encerrando mais um dia.

O silêncio do concreto e dos corredores trazia dor a alguns detentos. Outros conversavam em alto tom, reverberando malícia e pretensão ao redor dos espectros que ali residiam. Eram risos apodrecidos de maldade; grunhidos que dançavam freneticamente, tal qual folhas em tempestade; sussurros que se infiltravam na edificação e lá se calavam, retornando instantes depois com mais força e demonizados. Era um bater de palmas surdas; livros destruídos ao encontrarem-se com as grades e estampidos de calcanhares contra as paredes. Tudo revestido de amarga inocência e doce culpa.

A mente de Lorenzo se debatia nos dias mais violentos. Dias em que a troca da guarda se arrastava e o pandemônio se fazia entre as celas da Ala 07, caos que chegava aos seus ouvidos, mesmo não estando mais no corredor dos fantasmas.

Durante o deslizar dos ponteiros do relógio, que marcavam as horas de claridade, a paz chamava-se utopia. Somente com a chegada da escuridão, da ordem de *silêncio pleno*, do início de uma nova contagem de tempo, era que todos, enfim, conseguiam simular o descanso de suas almas. Acalentavam todo o desgaste doloroso que irrompia à primeira luz da manhã ao último brilho da tarde.

O relógio despertara com seu *sino* irritante. Era sábado. Castillo abriu os olhos com cautela, esfregou-os e esticou os braços, espreguiçando-se. Fitou com desdém a sacada e logo avistou um céu cinza e pesado, que trazia consigo uma carga negativa. Foi ao banheiro com total falta de compromisso, mesmo sendo dia de plantão. Vestiu-se, bebeu um gole de café frio, que logo cuspiu na pia.

Encontrou a garrafa de conhaque sobre a mesa da sala; derramou o que restava num copo e bebeu. Tossiu, com repulsa. Sua cabeça vacilou e resolveu sentar-se. Ao retomar a consciência, deitou-se no sofá e manteve-se em silêncio por alguns minutos. Sentiu o cômodo oscilar.

Decidiu-se por comer algo na rua, a caminho de seu primeiro destino, antes do trabalho.

Havia uma padaria que sempre tinha um café de *olla* fresco e o prato tradicional com ovos, pedaços de carnes, *chilaquiles*, contando ainda com *nachos*, feijão, queijo… Castillo restringia-se ao café com *chilaquiles.* Acendeu seu *Cohiba Behike* e deslizou pela rua como um fantasma no Dia dos Mortos.

A *Plaza de la Constitución*, ou *Zócalo*, no centro histórico da Cidade do México, estava praticamente vazia. Havia ainda resquícios da manifestação do dia anterior. Um confronto entre policiais e estudantes trouxe tensão e caos às imediações da catedral. Contudo, nada foi depredado. Apenas faixas e cartazes, com palavras e expressões de ordem, foram deixados sobre as calçadas, à margem da avenida e das ruas transversais por onde os manifestantes passaram.

Castillo transladava um olhar atento ao seu redor, parecendo buscar algum indício de crime, ou que pudesse configurar tal. Não se tratava disso. Seu olhar *sempre* fora assim. Desde a adolescência, suas observações já traziam algo de investigativo, algo de estranheza, de desconfiança. Não sentia conscientemente esta singularidade, talvez por isso fosse tão perspicaz em seu trabalho.

Manteve-se parado alguns instantes em frente à catedral. Uma névoa escura cruzou seu campo de visão e ele transportou-se a dois de outubro de 1968 e à outra praça…

A tarde na capital mostrava seus últimos lamentos. O crepúsculo escarlate dava sinais de que a terra se mancharia de vermelho. Na *Plaza de las Tres Culturas*, em *Tlatelolco*, Cidade do México, contavam-se apenas dez dias antes do início dos Jogos Olímpicos.

Quando a escuridão se instalava, estudantes e trabalhadores, a grande maioria acompanhado das esposas e filhos, congregavam-se no exterior de um bloco de apartamentos próximo à praça, para o que seria uma manifestação pacífica. Nos cânticos uníssonos ouviam-se as palavras *México e Liberdade*. Os líderes cogitaram, em vão, que o protesto fosse cancelado, ao se aperceberem da massiva presença de soldados nos arredores.

Forças armadas e policiais, com blindados e tanques, cercaram a *Plaza de las Tres Culturas* e atiraram na multidão. Não só manifestantes foram atingidos, mas pessoas próximas, sem ligação com o protesto. Manifestantes e transeuntes, bem como crianças, foram assombrados pelos tiros. Em pouco tempo, os corpos amontoavam-se. O massacre entrou na escuridão da noite.

Na madrugada, jornalistas esgueiravam-se entre o pandemônio e encontravam testemunhas dos acontecimentos, que afirmavam ter presenciado corpos serem recolhidos por caminhões da limpeza metropolitana.

A explicação oficial do governo foi dada pelo Capitão Castillo, a pedido do Secretário de Segurança, Lorenzo Itztli. Ele afirmou que agitadores armados, escondidos nos edifícios próximos à praça e misturados entre os manifestantes, iniciaram o confronto.

Na mente do capitão, o Massacre de Tlatelolco é uma ferida aberta que o atormenta desde o primeiro disparo contra os manifestantes. Traz sempre em seus sonhos e realidades os gritos de horror, o chão banhado em sangue e os inocentes que tiveram suas vidas ceifadas por um ato inumano.

Conjecturou consigo se devia entrar ou encaminhar-se ao plantão. Fitou uma lixeira; lançou o charuto já apagado em direção a ela, caindo no piso xadrez. Abaixou-se para apanhá-lo e sentiu uma leve tontura. Dobrou o jornal e dirigir-se à catedral.

Uma voz cansada e pausadamente cautelosa emanava do interior da nave principal.

— Estamos no *Getsêmani*, o suor se tornou grandes gotas de sangue, que correm até o chão. As moedas já estão nas mãos do traidor. O caminho será de padecimento. Gólgota nos aguarda…

Padre Morales estancou a fala ao reconhecer o vulto do investigador Castillo que ultrapassara os umbrais da catedral. À luz, cumprimentaram-se com os olhos e trocaram um sorriso fraterno. Sutil, mas fraterno.

O pároco continuou o Sermão do Domingo. Pregava ele para pouco mais de três dúzias de almas que admiravam os bancos do coral, trazidos de Macau e o atril das Filipinas, que serviam de acalento à suntuosa edificação, prostrada ali desde o século XVII.

— O Gólgota nos espera, como dizia… nossas vidas passam por um momento delicado. Se despendermos tempo à nossa missão nessa terra, entramos num turbilhão de descontentamentos e solidão, mesmo estando nós rodeados de pessoas que nos amam. Estamos alquebrados por nossa surdez em relação a nós mesmos. Paramos de

nos ouvir. E pior ainda, buscamos a voz de outrem para guiar nossos passos já distorcidos e sem rumo. Grandes obras e singulares pensamentos emergem da mais negra angústia. No caminhar por uma calçada qualquer… no burburinho de um supermercado… na solidão de uma xícara de café… na angústia de uma taça de vinho. Momentos estes que preferimos o cenário ao mundo real, a festa à verdade de nossas vidas. Citarei um poeta inglês, mesmo arriscando… *nós humanos somos feitos da mesma matéria de que são feitos os sonhos*. Que Deus me perdoe com Sua imensa bondade.

A singela plateia esboçou um sorriso. Morales escancarou a boca e mostrou todos os dentes, olhando com seriedade para o *Cristo del Veneno*, escultura que pena na nave central.

Castillo, com semblante lúcido e mãos em oração, estava prostrado sobre a base do genuflexório. Este ladeava a fileira de bancos onde a maioria das almas se deixava estar, vazias e murmurando para o nada absoluto. Elas estavam muito aquém da fala quase piegas de Padre Morales. Nesse transe, lembrou-se do trabalho de restauração da catedral ao longo das últimas décadas, o qual estabilizou a queda que a estrutura havia sofrido desde sua origem.

— Não quero subtrair vossas esperanças no Deus bondoso e atento que criamos em nossas crises existenciais. Quero apenas, e tão somente, trazer a força de que necessitamos para sobreviver nessa roda-viva de angústias e melancolia, que nada mais são que uma doença da alma. Nossa alma sofre tanto ou mais que nossa caminhada ao Gólgota de nossas vidas. Fomos traídos por nossos sentimentos íntimos. Sentimentos que decapitamos em tenra idade. Muitas vezes nos sabotamos e pregamos contra o Deus que nos fora imposto como o Ser onipotente, onipresente e onisciente. Um Deus de punição e vingador. Deus não está nessa posição. Contudo, digo mais. Quando, em quaisquer circunstâncias, disserem para você fazer a *vontade de Deus*, não acreditem que é *a vontade de Deus.*

Disse o pároco, baixando a voz e quase se ajoelhando no altar. Castillo sorriu. O padre retomou o tom e continuou solenemente, com desempenho teatral.

— Pois, a *vontade de Deus* jamais é repassada para um de nós, seja quem for. O infame que lhe disser isto é o ser mais avesso à verdadeira *vontade de Deus*.

O sermão caminhava para seu final quando González surgiu às costas de Castillo, quase como uma sombra. Um véu transparente soprava uma brisa tão inocente quanto o riso solto de uma criança. Tocou levemente o ombro do investigador, que jazia compenetrado nas palavras do amigo Morales. Castillo olhou com estranheza para a parceira e de súbito disparou.

— Somos um acervo de absurdos. Logo, logo iremos. O que aconteceu?

González gesticulou de modo desastrado, confirmando com os olhos que contaria depois que saíssem. Castillo sorriu do estrabismo momentâneo da amiga e voltou sua atenção ao Padre Morales, que sorvia a última gota do vinho que ainda sujava a taça.

— Senhor, abençoe a todos. Escolham o Deus que vocês querem para si. Existem *Deuses* diferentes para o mesmo *Deus*. Entreguemo-nos então ao mistério da fé, ou então a vida nos sufoca. Que aprendamos a desatar os nós dos novelos emaranhados da nossa existência, pois desse modo conseguiremos seguir pelos tortuosos caminhos que nos apontam e sentem prazer ao nos verem seguindo-os. Que a paz esteja convosco e com todos os *filhos de Deus*.

Castillo levantou-se e acenou ao pároco, reverenciando-o após virar-se para a tímida luz que adentrava pela porta da nave principal. Pensou em Spinoza. Abraçou González e deixaram a igreja já sob o jugo da morte, pois o plantão iniciara com mais um caso letal.

O trajeto até a ocorrência foi marcado pelo silêncio. González esboçara algumas considerações, contudo, a mente de Castillo ainda se encontrava em 1968…

Um jovem corria em desatino para os blocos de apartamento, acuado tal qual caça ferida. O capitão interceptou o pobre estudante que, ao ver-se sem saída, ajoelhou-se e invocou Nossa Senhora de Guadalupe. Antes de o projétil estourar seu crânio, um amém de sangue vivo fora sussurrado.

Quando chegaram a cena já estava isolada. Contudo, amarrado a uma cerca, um cão guardava a entrada, magro e debilitado. Tinha feições mórbidas e um corpo cadavérico. Da varanda exalava um forte odor de urina e fezes. No chão, em madeira velha e desgastada, algumas porções de comida eram lar de vermes, que se retorciam imitando o sofrimento das almas no inferno.

Castillo cobriu o nariz com a manga do casaco que trazia à mão. Moveram-se, então, mais à direita, o investigador e o policial que encontrara a cena.

— Aqui morava Candice Ameyal. Os vizinhos falaram de um homem, Pablo Tlachinolli, que a visitava com frequência. Ela não tinha filhos e vivia sozinha desde a morte dos pais. A única família que tinha era o tio, um professor de uma universidade renomada, conforme a senhora aqui em frente. — Disse o agente, indicando a mulher debruçada à janela, e buscando carisma nos olhos de Castillo.

Um vão, entre o baixo muro e a porta de entrada, deixava à mostra algumas poças de sangue já coagulado. Por essa porta, entreaberta, avistava-se o corpo de uma mulher; quase despida e marcada por várias perfurações, causadas por um objeto pontiagudo, isso à primeira vista. Aos pés do corpo, um buquê de flores-do-campo manchadas de vermelho-escuro.

González chamou Castillo, que logo retornou ao portão que dava entrada à propriedade, onde o cão encontrava-se deitado e de respiração moribunda, revisitando a certeza de que a morte não tardaria. O investigador abriu o portão. O animal não esboçou nenhuma atenção. Tinha os olhos fechados, inundados de pequenas moscas e um fluido amarelado e fétido.

Os investigadores chegaram à varanda, pisando com cautela na madeira, que rangia como dentes em noite de bruxismo. Abriram a porta devagar e logo avistaram por inteiro o corpo da mulher junto ao buquê. Ela aparentava trinta anos. Vestia somente roupas íntimas. Tinha marcas de perfuração profundas na altura do pescoço e algumas superficiais, nas costas e nádegas, bem como nos antebraços. As unhas apresentavam sinais de luta, tendo em vista que algumas delas estavam quebradas, e outras traziam vestígios de pele e sangue.

A sala, onde o cadáver se encontrava, apresentava-se caótica. Móveis virados, vasos quebrados, quadros caídos, muito sangue, alguns porta-retratos espalhados e dois deles adornando uma pequena mesa ao canto esquerdo. Esses, ainda intactos, mostravam um provável casal, em que se reconhecia o cadáver à entrada da casa.

Fotografaram, com minúcias, o ambiente sob vários ângulos. Alguns objetos foram recolhidos a pedido do investigador Castillo, que já gravara de antemão toda a cena. Aos policiais que acionaram a perícia, aquilo lhes parecia algo de importância simplória, mas para o chefe do caso, tudo era relevante. As roupas da mulher: uma saia estampada com motivos marítimos, uma blusa preta em lã, o par de sapatos também pretos, uma bolsa tiracolo bege em couro. Os óculos de grau masculino, uma camisa vermelha, um abridor de cartas com cabo em madeira nobre, uma lupa nas mesmas feições do abridor, um par de alianças em ouro dezoito quilates e um cheque assinado com valor em branco. Tudo tinha um motivo.

Porém, ao deixar a sala principal, González encontrara, em outro cômodo, algo tanto ou mais aterrorizante que a cena a pouco analisada. Não havia sangue no chão. Preenchiam o ambiente uma cama ainda arrumada, um guarda-roupa revirado, uma escrivaninha intacta, um machado e uma cadeira caída aos pés de um homem com uns quarenta anos. Estava sem camisa, calça jeans, sapatos pretos de qualidade duvidosa e uma corda que envolvia seu pescoço, amarrada a uma das madeiras que serviam de sustentação ao telhado, descendo por uma abertura grotesca feita no teto do cômodo. Tinha arranhões

no peito e nas costas, também nos braços, vestígios de sangue em seu corpo; e o mais intrigante, tinha os dedos médios e indicadores entre a corda e o pescoço. Marcas profundas de uma batalha sem êxito.

Castillo fez sinal para que todos saíssem, exceto González, que recebeu um sinal do olho esquerdo do investigador. Uma leve tremida na pálpebra, que simulava a existência de um cisco no globo ocular. O chefe encostou-se à porta e coçou a barba, que não fizera naquela manhã. Apontava fios brancos no queixo e nas costeletas; eram recém-nascidos já velhos, conhecendo o mundo.

Com os olhos fundos, semblante da noite, rosto derretido e mãos trêmulas, ele manteve-se imóvel de corpo por alguns instantes, enquanto seu cérebro, mesmo funcionando em velocidade lenta, trabalhava em ambas as ocorrências. Tinha, comumente, tudo já traçado em sua linha do tempo. Quando? Como? Por quê? Pensava nos três fatores preponderantes para se estabelecer a culpa numa investigação criminal: meios, motivos e oportunidade.

Havia, contudo, necessidades elementares a partir de sua saída da cena do crime. Precisava de nada mais que sua escrivaninha, um charuto, uma *Remington 12,* uma gratificante garrafa de conhaque e o silêncio de sua sala, no recanto calmo e sereno do lar.

Tudo resolvido, a princípio. Com o que restava da tarde e toda a noite vindoura, o investigador já tinha sua logística determinada. Pela manhã, cansado e com uma *leve* ressaca, teria os pormenores de suas teorias.

Lorenzo encontrava-se sentado no chão da cela. Estava cansado de estar sempre deitado. As escaras já faziam parte da vida do detento. Tinha nas mãos um livro quase em farrapos. Não havia capa. Os vestígios de que as traças tinham nele sua morada, faziam-se nítidos, assim como a tristeza de quem o tinha em mãos.

O claustro faz com que os homens busquem acalento no ato mais simplório, na mais insignificante desatenção, na mais pobre ação, na plena e miserável condição de apenas estar vivo. Seus olhos estavam inundados de rancor, angústia e solidão. Buscavam um bálsamo na leitura e a encontravam, mesmo que fosse para lançá-lo numa melancolia mais profunda que aquela onde se encontrava. Lia sôfrego e sem intenção, mas lia.

Se é difícil fixar o instante preciso, o procedimento sutil em que o espírito se decidiu pela morte, é mais fácil extrair do próprio gesto as consequências que pressupõe. Matar-se é de certo modo, como no melodrama, confessar. Confessar que se foi ultrapassado pela vida ou que não se tem como compreendê-la.

Pausou a leitura e ateve-se um instante num barulho que o importunava. Era um inseto flertando com a luz da lâmpada, suja e opaca, circundada de teias mal tecidas.

Mas não nos deixemos levar tanto por essas analogias e voltemos à linguagem corrente. É somente confessar que isso "não vale a pena". Naturalmente, nunca é fácil viver.

Novamente, interrompeu a leitura e levantou-se. Os estalos do inseto no vidro chegavam à sua mente como uma marreta, forjando aço quente. Pensou consigo e transportou-se para junto do inseto.

Contudo, tornou a ler, porém, de pé.

Morrer voluntariamente pressupõe que se reconheceu, ainda que instintivamente, o caráter irrisório desse hábito, a ausência de qualquer razão profunda de viver, o caráter insensato dessa agitação cotidiana e a inutilidade do sofrimento.

Qual é, portanto, esse sentimento incalculável que priva o espírito do sono necessário à vida? Um mundo que se pode explicar mesmo com parcas razões é um mundo familiar. Ao contrário, porém, num universo subitamente privado de luzes ou ilusões, o homem se sente um estrangeiro.

Arriscou passos para frente e para trás. O barulho *ensurdecedor* da minúscula criatura contra o invólucro da lâmpada o perseguia. Sentou-se pesadamente e atentou-se para as páginas amareladas.

Esse exílio não tem saída, pois é destituído das lembranças de uma pátria distante ou da esperança de uma terra prometida. Esse divórcio entre o homem e sua vida, entre o ator e seu cenário, é que é propriamente o sentimento da absurdidade.

Estancou a leitura e, com ar desfalecido, voltou-se para a batalha entre a lâmpada e o minúsculo suicida. Estava ali sua vida. Estava à sua frente tudo o que ele sentia e o que imaginara para si desde o fatídico dia. Ele era um inseto voando ao derredor de uma luz hipnotizante que o levaria para o fim completo, não terminando, claramente, o sofrimento.

Notou que faltavam algumas linhas e finalizou a leitura.

Como já passou pela cabeça de todos os homens sãos o seu próprio suicídio, se poderá reconhecer, sem outras explicações, que há uma ligação direta entre este sentimento e a atração pelo nada.

Teria, depois da morte, outras mortes e mais sofrimentos. O inferno para ele era morrer todos os dias. Era o tiro de misericórdia que não matava, contudo, abandonava a alma a um padecer ininterrupto. O inferno era ele próprio tentando a morte e não conseguindo.

Chorou. O vulto de um anjo perpassou seu corpo, fazendo-o cair isento de sentidos.

O dia derradeiro de julgamento chegara. Lorenzo aguardava os policiais que o levariam à Suprema Corte da Cidade do México. A parcela final da conta da angústia seria quitada naquele dia. Ao som da última batida do martelo, sua vida estaria decidida. Liberdade vigiada e padecedora ou cárcere perpétuo e infernal?

Em sua mente, pouco importava. Ele queria a morte. Desejava o beijo ardente da morte ao abraço suave da vida, mesmo que isso lhe custasse a privação de ver sua filha amada.

Desse modo, esperava todas as noites que o toque gélido do fim da vida chegasse ao seu peito ou, quiçá, que o espectro distorcido e nefasto que o circundava havia meses, finalmente concluísse seu obscuro trabalho.

Os policiais chegaram. Lorenzo levantou-se pesado e foi até à grade. Estendeu os braços e deixou-se algemar. Deu as costas aos guardas e ajoelhou-se para os tornozelos serem presos. Levantara-se e saíra junto aos policiais, segurado, pouco acima dos cotovelos, fortemente pelas mãos firmes dos guardas.

Enquanto era conduzido, lembrou-se da filha e de como era feliz com ela. Uma lágrima correu pelo rosto do detento, caindo como chumbo no piso cinza que levava à garagem.

A imagem da filha surgiu à sua frente. Lá estava, vestida de rosa, de pé no corredor, sorrindo para ele. Lorenzo chamou por ela com muita angústia; a filha tinha os lábios rubros como sangue, os olhos escuros tal qual a mais escura noite e os cabelos em chamas. Os guardas entreolharam-se e tiveram de lançar o homem ao chão com violência.

A filha desapareceu, fazendo com que Lorenzo chorasse copiosamente, debatendo-se. Os policiais, imprimindo força bruta, encaminharam-no ao veículo que o levaria ao julgamento.

Abriram a porta traseira do automóvel, lançando-o com rispidez contra as grades que faziam a separação do espaço destinado aos presos. Bateram sem piedade a porta, enclausurando Lorenzo. Os guardas tomaram seus lugares e deixaram a Penitenciária Porfirio Díaz em direção à Suprema Corte.

Absorto em seus pensamentos, deixou que a desilusão falasse, suavemente corrosiva, aos seus ouvidos; dilacerando a sanidade por completo.

Faço da forca minha casa, da taça de veneno o meu lar e do salto ao desconhecido rio minha eterna morada. Furtei deliberadamente minha paz, pois assim, concretizar-se-á o enegrecimento da alma, abstendo-me, sem pudor nem pena, da totalidade do controle de minha vontade. Esta é, sem caos nem ordem, minha imponente fortaleza. Sei, portanto, que o início do fim é tão menos doloroso que o processo da existência imposta aos grilhões e jugo do desejo incontrolável de poder, gozo repugnante de todos que sobrevivem aos fragmentos de almas adoecidas. Subtração, descompasso, turva resignação. Não deixarei, contudo, que a cada falsa ajuda me desconcentre de meu mais puro e genuíno desejo.

A juíza responsável pelo caso chegou com dois minutos de atraso. Na área destinada à promotoria, um *teatro de bonecos* estava montado. Havia três manequins. Uma mulher de pé e duas crianças deitadas. Sobre a mesa do advogado de acusação, um imponente machado ornava o móvel.

— O senhor pode explicar isso?

A juíza energizou a voz, com rispidez. O advogado explicou baixo e reservado o motivo dos manequins e da ferramenta. Ela consentiu com a cabeça e bateu seu martelo pela primeira vez no dia, anunciando o início do fim.

Todos no auditório estavam introspectivos, entregues cada qual aos seus pensamentos, esperando que aquele julgamento se encerrasse o mais breve possível. Havia dias em que os dois exércitos

lutavam, defendendo os seus pontos de vistas, suas perspectivas, suas verdades, suas premissas, reconstruções e mentiras.

— Meritíssima, permita-nos iniciar. *A facto ad jus non datur consequentia.* O réu, Lorenzo Itztli, um respeitado Secretário de Segurança, é acusado de um crime terrível. Após uma grande festa em sua casa, construída por meios próprios que não podemos detalhar, ele é acusado de assassinar sua esposa e dois filhos. Deixou uma única sobrevivente, quem cruelmente sofre as consequências desta perda. Talvez, ela sobreviveu apenas porque ele não a encontrou para finalizar o massacre.

O homem tomou o machado em mãos e desferiu um golpe no manequim que estava de pé, destruindo o *tórax,* logo após, golpeou seguidamente os dois manequins que estavam postos ao chão, deitados, também os destruindo.

Os presentes assustaram-se com tamanha violência. Causando um burburinho interrompido pela juíza, com incessantes batidas do martelo, incisivas ordens de silêncio e ameaças de que a corte seria novamente suspensa, caso não houvesse o fim do caos.

Controlada a situação, o advogado se recompôs e iniciou uma fala nada suave e nem tampouco comedida. Tinha o rosto escarlate e a tez úmida. Vociferou com rispidez e carregado de gestos bruscos…

— Diante de algumas contradições e contadas obscuridades, é preciso acreditar, consequentemente, que não há nenhuma relação entre a opinião que se pode ter sobre a vida e o gesto que se faz para deixá-la, fazer com que alguém a deixe? Nada de exageros nesse sentido. No apego de um homem à vida, há alguma coisa de mais forte que todas as misérias do mundo. O julgamento do corpo vale tanto quanto do espírito… e o corpo recua ante o aniquilamento.

A sala de audiências entrou em combustão. Lorenzo tinha sudorese. Suas vistas tremiam, sua audição deturpou-se. As vozes e faces distorcidas fizeram com que Lorenzo se transportasse para ou-

tro lugar. Mergulhou num sonho lúcido e realista, transladando sua alma para outra dimensão. Estava em uma sala de espera ao ar livre. Num primeiro momento, ero o centro da *Plaza de las Tres Culturas,* tudo era vermelho, de sangue e fogo; logo, um projétil disparado encontrou um corpo quase falecido, fazendo tudo se tornar branco. Tudo era branco. Paredes, portas, pisos, inclusive os acentos, onde muitos também se encontravam. A princípio parecia um hospital, com pacientes, médicos e enfermeiras. Eles circulavam apressados, fingindo urgência. Suas roupas brancas tornavam-se rubras de sangue. As imagens distorciam-se e fragmentavam-se. As personagens daquele delírio, oscilavam como chamas ao vento.

Tentou discernir a forma daqueles que o acompanhavam, contudo, não obteve êxito. Voltou um instante à realidade e logo se lançou novamente naquela confusão. Constatou, enfim, que não eram pessoas sem rostos, eram apenas miasmas delineados à semelhança, espectros disformes que se transmutavam em angústia, rancor, desespero, temor, cólera, melancolia e padecimento. Os olhos de Lorenzo vacilavam em um corredor infinito e alvo. Sua respiração estava em consonância com um sino que ao longe badalava, simulando a marcha fúnebre e entoando cânticos ritualísticos, que remontavam a sacrifícios ancestrais.

De súbito, encontrou-se em meio a uma multidão. Era o Dia dos Mortos. A procissão marchava firmemente, entretanto não se deslocava, mantinha-se estática, flutuando sobre um abismo, donde gritos de dor e lamentos ecoavam.

Lorenzo voltou ao tribunal e os sons de seu delírio mesclaram-se à voz rouca e pausada do advogado da promotoria.

— Adquirimos o hábito de viver antes de adquirir o de pensar, como dizia Albert Camus. Nesse desatino que nos aproxima um pouco mais da morte, o corpo mantém esta vantagem inalterável. A esperança de outra vida que é preciso merecer, ou a trapaça dos que

vivem não para a própria vida, mas, para uma grande ideia que transcende ou a sublima, dando-lhe sentido traiçoeiro.

A advogada de defesa levantou-se de sobressalto e bradou com fúria incontida.

— Protesto! Protesto, meritíssima. Ele está usando citações de uma obra a qual já traçara minha defesa. Está tentando incriminar meu cliente com extratos de minha defesa.

— Negado. A proveniência das fontes que ambos usam é irrelevante. Cada qual as usa como bem entender e lhe convir. Continue a promotoria.

O advogado apertou o nó da gravata e manteve sua estratégia.

— Assim, tudo contribui para embaralhar as cartas e fingir acreditar, que recusar para nossa própria vida um sentido, traz a declaração de que ela não vale a pena ser vivida. Não há nenhuma correspondência obrigatória entre esses dois julgamentos. É necessário recusar a se deixar perder no meio das confusões, das dissociações ou inconsequências. De acordo com Camus, é preciso separar tudo e dirigir-se ao problema. Uma pessoa se mata porque a vida não tem valor. Eis, aí, uma verdade - improdutiva - que não passa de uma patética obviedade.

A promotoria dava sinais de cansaço e a defesa já havia esgotado todos os seus estratagemas. Percebendo as intempéries e após seis exaustivas horas, a juíza ordenou recesso de 60 minutos, para que todos pudessem retornar à terra.

Passados os sessenta minutos, a promotoria, com mais fôlego, continuou atacando a defesa, fazendo-a provar do mesmo veneno.

— Mas, a afronta à existência, essa inverdade em que ela é mergulhada, provém do fato de ela não ter sentido? Se seu absurdo exige que se lhe escape pela esperança ou pelo suicídio, necessita-se, desse modo, clarear, perseguir e ilustrar, afastando tudo o mais. É o absurdo que domina a morte: é preciso dar a este problema precedên-

cia sobre os outros, aquém de todos os métodos de pensamento e dos jogos do espírito moribundo.

As apunhaladas da promotoria, recorrendo à mesma arma da defesa, continuavam, enquanto a advogada e Lorenzo já se preparavam para jogar o pano branco da desistência aos pés do acusador. Suas esperanças escoavam tal qual água de sarjeta, lenta e infectada, marcando o fim de uma esperança que jamais existiu.

— As nuances, as contradições, a psicologia que um espírito ativo sempre consegue introduzir em todos os problemas, não têm lugar nessa paixão. É necessário um pensamento incisivo. Isso não é fácil. Mesmo sendo mais fácil ser lógico, contudo, é quase impossível ser lógico até o fim. Os homens que cometem suicídio seguem assim até o fim de seu intento, na maioria das vezes; e por tempos buscam redenção na morte para pagar suas falhas e faltas horrendas. Mas isso não paga. Não é mesmo, senhor Itztli?

Ao proferir a última fala, olhou com desdém e reprovação para Lorenzo, que mantinha os olhos baixos e taciturnos, do mesmo modo em que estavam, ao início do julgamento.

O réu não esboçara reação, contudo, sua mente estava em chamas e seu peito, já rompido pela angústia, dilacerava-se a cada instante, fazendo um movimento de eterno círculo.

A sentença seria dada em alguns dias.

Como um grito de dor, estridente, o sinal que indicava o banho de sol trouxe o mascarado acalento aos *residentes* da Ala 07, da Penitenciária Porfirio Díaz.

Raúl esperava por Lorenzo, ansioso por informações.

Na cela, o portador das novidades olhava fixo para um roedor que mastigava restos de comida deixados pelo *senhorio* do cômodo, a fim de ter companhia naquele derradeiro começo do fim. Sentado sobre os calcanhares, regozijava com o deleite do arrogante camundongo, que se esbanjava com o banquete ali servido, bem-posto e categoricamente nutritivo.

A solidão daquela cela fazia de Lorenzo um privilegiado. Era dono de seus movimentos e necessidades. Raros eram os detentos que viviam em espaço único. Sua formação acadêmica e o *status* social lhe deram esta condição; entretanto, desejava alguém para compartilhar as angústias e melancolias. Não que os livros lhe fossem cáusticos fardos, eram-lhe ótimas companhias. Tinha visitas de Camus, Kant, Spinoza, Platão e até mesmo do ocupadíssimo Sócrates, que se sentava junto ao pé da cama para trazer novos ensinamentos nos dias mais densos e pesados. Certa vez lhe foi cruel. E com rispidez e didática, disse, com o dedo em riste: *Se a morte fosse mesmo o fim de tudo, seria isso um ótimo negócio para os perversos, pois ao morrer teriam canceladas todas as maldades, não apenas do seu corpo, mas também de sua alma.*

Pensou em não ir ao pátio. Sabia, de antemão, que a bateria de questionamentos seria avassaladora, deixando-o deveras aborrecido. Lembrou-se de uma velha sentença que seu falecido pai tinha

verdadeira adoração em pronunciar (em todas as ocasiões): *Onde a vassoura não alcança, a poeira não desaparecerá sozinha.* Contudo, resignou-se e saiu. Era o último interno no pavilhão.

Mesmo com a *máxima do pai* na cabeça, Lorenzo deixou que a *vassoura* fizesse seu trabalho, que era de *varrer* a *poeira* escondida nos *cantos*. Desceu ao pátio e, sem embargo, tomou o caminho contrário ao grupo que o esperava, cogitando algo que sabia ser irremediável. Seus pensamentos circundavam-se por entre os gritos dos detentos jogando futebol, em meio aos sussurros dos enamorados, empenhava-se nos lamentos dos inocentes e, por fim, deixava-se encarcerar na sua própria condição.

A sentença ainda estava sendo digerida. Pensou nos instantes singulares vividos no tribunal. Jamais (contorcia-se seu cérebro) imaginara estar em tal situação. Todavia, agarrava-se às palavras de Inés, a advogada, que apesar de a etimologia trazer o sentido de pura e casta, era ardilosa e dotada de interesses sui generis. Ela tinha estratagemas bem definidos para qualquer veredito. Como portadora da sedução fria e insensível, fez com que tudo se adaptasse a seu belprazer. Ela era um rio que burlava os obstáculos para manter sua torrente, contornando pedras e galhos mortos, inundando espaços, desfilando imponente como o livre-arbítrio. Não lhe havia limites, somente fins para seus propósitos. Nestes, Lorenzo encontrava abrigo, mesmo de modo temerário, pois, nada de concreto ele possuía. A dúvida e o acaso eram seus companheiros inseparáveis desde que ali chegara. Fizeram morada em sua alma; e a cada suspirar, um lamaçal formava-se naquele amontoado de *nada* humano. Deus não mais lhe era a fronteira. Seus flertes com o Demônio mantinham-no suspenso em um fino barbante à beira do precipício sem fim. Ele era esmurrado pelo vento do remorso, fazendo com que seu frágil e debilitado corpo fosse ao encontro dos rochedos, tingindo-os de vermelho a cada colisão.

Após caminhar por considerável tempo esquivando-se das perguntas inevitáveis, finalmente Lorenzo resolveu se juntar ao grupo, que ansioso o esperava.

Sentou-se com leveza, juntou as mãos como que em oração, traçou no vazio o sinal de uma cruz e disse em tom sarcástico, com os olhos flamejantes e riso pretensioso.

— Na verdade, na verdade vos digo que quem ouve a minha palavra e crê *Naquela* que me encarcerou, terá a vida enclausurada e não entrará em liberdade, passará da vida para a morte. Em indignação, em indignação vos digo que vem a hora, em que os vivos deste inferno ouvirão a voz do Estado, e os que não a ouvirem morrerão. Porque, como a Lei dos Homens tem vida em si, assim tem também o condenado à morte em si. Consegue exercer o juízo, porque é o Ultimato. Não vos maravilheis disso, porque vem a hora em que todos os que estão condenados ouvirão a voz do Carrasco. E os que fizeram o bem sairão para a *Condicional* da vida; e os que fizeram o mal, para a *Incondicional* da morte.

Os detentos escutavam com olhos atentos e enxergavam com ouvidos abertos.

— Vou lhes contar uma história sobre este maravilhoso lugar. Ativa desde 1886 até o início da década de 1930, a Prisão de Belém ficava aqui, dentro desses muros, mais precisamente onde se encontra o pavilhão antigo, que chamamos Firmamento.

Disse Lorenzo, lançando um olhar misterioso ao norte do complexo penitenciário de Porfirio Díaz. Era um prédio cinza, de fachada que remetia a uma igreja do século XVII. Estava tomado pelo musgo denso, pelas trepadeiras e ervas daninhas nascidas nas entranhas das colunas que se verticalizavam até o cume da edificação, simulando uma possível salvação no reino dos céus.

O local era coberto por telhas de barro, negras e úmidas, lembrando um terreno pantanoso. As janelas rentes ao chão revelavam a espessa fumaça, indicando que os jogos de cartas já avançavam pela

noite. Talvez, tivessem cruzado a madrugada, assim como os cavaleiros de Cristo cruzaram *a terra* em suas jornadas de sangue e ouro.

Continuou a história, enquanto os espectadores se acomodavam em seus lugares, tendo ciência de que a *aula* se arrastaria até o final do banho de sol.

— Tal edificação fora, por origem, usada pela igreja e confiscada durante a Reforma de 1857. O prédio que se tornaria a Prisão de Belém foi comissionado pelo Padre Domingo Perez de Barcia. O conceituado sacerdote angariou fundos necessários para construir o que seria chamado de Colégio de São Miguel de Belém. Em 1886, o edifício reabriu como presídio estatal, tornando-se a principal prisão da Cidade do México. Nesse ano, todos os prisioneiros e tribunais foram transferidos do Palácio Municipal e iniciaram residência no antigo convento. Lar de muitas histórias horrendas e boatos de espectros amedrontadores. O edifício, localizado na área sudoeste da cidade, foi berço de crueldades, corrupção e regalias luxuriosas.

— Então, nada mudou. — Disse Raúl, em tom sarcástico, esfregando o nariz com rapidez.

Todos riram, inclusive Lorenzo, que se tornou sério quando questionou a continuidade do relato. Nesse ínterim, uma briga generalizada obrigava os guardas a se esforçarem para preservar a harmonia durante o banho de sol.

— Essa prisão era conhecida como um centro de sujeira e crime, maldições e penitências cruéis. Todos os detentos que fixaram *residência* em Belém absorveram uma melhor compreensão de como ser um criminoso no sentido real do vocábulo. Os prisioneiros mais perigosos da instituição, que comandavam a vida dos corredores, diziam que, se alguém fosse inocente quando entrasse em Belém, ele sairia um criminoso *pleno de direito*. Durante a Revolução Mexicana, a prisão foi atacada e muito dos prisioneiros libertados. Belém teve parte do complexo posto abaixo, o que abriu caminho para a construção da moderna e famigerada Penitenciária Porfirio Díaz,

unindo passado e presente num só inferno. Era como se a união do sacro profano de outrora sucumbisse ao profano sacro atual. Se uma pessoa condenada à morte ainda não tivesse morrido nas condições do porão (o que era muito improvável), enfrentaria o pelotão de fuzilamento. Os guardas *acomodavam* o preso de joelhos e com a face voltada para o muro, assim, após a extrema-unção, executavam a sentença de morte com disparos sequenciais de espingardas.

— Estás certo disso, Lorenzo, meu caro?

Disse Tenório, o mais velho dos detentos da Ala 07, que já havia passado pelo Firmamento. O veterano prisioneiro levantou-se, estalando os velhos ossos. Cuspiu, após tragar a última brasa do cigarro, e continuou em tom didático e imperioso, mas nem tanto.

— Quando estive lá, em mil novecentos…

Coçou a cabeça buscando lembrar a data.

— Quando estive lá, contavam que, no derradeiro momento da execução, o detento era posto de pé, nu, com os punhos amarrados às costas. Depois era alvejado por duas baterias de disparos, pois havia um poste onde o condenado era preso pela mesma corda que atara os punhos. Logo, o condenado era deixado ali por um dia inteiro, para que as aves de rapina, existentes na região, dilacerassem suas carnes em busca dos órgãos internos. Sei de fotos nos arquivos que provam essas práticas. Nunca as vi, mas isso era o que diziam os mais velhos do Firmamento. Infelizmente, não posso dizer que eram senhores confiáveis.

Todos riram com invejável vontade.

Tenório gargalhava com saudades. Lorenzo, já inquieto, agradeceu o parêntese aberto e continuou…

— À medida que o tempo avançava, a ocorrência da pena de morte tornou-se uma sentença sem sentido. Então, os prisioneiros não temiam mais o jardim, pois era muito provável que pudessem, antecipadamente, conseguir que sua sentença fosse anulada e revertida em uma pena de duas décadas, ou menos. Na linguagem de Belém

à época, um *gateros* era um interno que servia como doméstico para os outros detentos, enquanto emula era a palavra usada para descrever o homem homossexual que ostentava sua sexualidade para outros prisioneiros. Belém era um local conhecido pela prostituição também. Mulheres vindas de fora dos muros passavam as noites de sábado servindo aos detentos mais abastados… e isso continua.

— Tive um *gateros* quando passei por lá. — Disse Tenório, sorrindo com o canto da boca e o indicador chafurdando a narina esquerda.

O riso fora generalizado. Batiam com as mãos na cabeça do velho com tanta força que o fizeram ajoelhar-se. Tenório mantinha as duas mãos circundando o pescoço, buscando refugiar-se de dores mais latentes, enquanto Raúl e Lorenzo já se encaminhavam para as celas. Um para o inferno conjugado e o outro para o corredor dos fantasmas.

Na Penitenciária Porfirio Díaz tudo tinha uma alcunha. Os locais eram dotados de características tão singulares que não lhes serviam números e letras ordinárias, somente valor e reconhecimento às nomenclaturas com as quais foram batizados com muita dor, sofrimento, desespero, ódio e rancor.

A CERCA E O DESCAMPADO

O ar gelado da madrugada e a espessa neblina davam contornos mais sinuosos ao caminho de chão batido, que levava ao galpão isolado em meio à Área Rural, não muito distante da capital. Todos os dias admirava a imensidão da paisagem. As cercas de madeiras, brutas e disformes, separavam a solidão da estrada da solidão da edificação; ambas castigadas pelo tempo. No horizonte, uma luz tímida ameaçava o início de um novo dia. Parou em frente ao portão e desceu como se fosse o último dia de sua vida. Ateve-se um instante fitando a vila mais próxima e suas luzes pálidas, junto à miséria que lá vivia. Todos dormiam. Exceto alguns cães que vasculhavam os lixos à procura de alguma coisa que lhes enganasse a fome corrosiva e companheira. Pensou na filha e nos netos que lá sobreviviam. Sentiu uma tristeza áspera. Queria ter tido condições para melhor suprilos. Não pudera.

Estacionou a camionete *Ford F100*, amarela, ano 1965, com tarjas pretas e prateadas as envolvendo. Era um meio de locomoção satisfatório para o que ele precisava. Tratava-se, portanto, não de um luxo, mas somente de uma necessidade.

Apanhou um cigarro, arrancou o filtro e tragou com certo prazer. Encostou-se à camionete e desfrutou da cena que o circundava. Lembrou-se de como conseguira o automóvel e deixou que sua mente o guiasse por um passado não muito distante.

Comprara o veículo com o dinheiro de um prêmio que recebera da Academia Mexicana da Língua, em alusão à inauguração do Museu da Academia, em 11 de setembro de 1970.

Embora jamais publicado, Ramiro Zapata possuía uma vasta produção literária. Contudo, era em seus versos que seu talento se fazia visto e admirado. Longe dos grandes círculos abastados e pomposos das academias, suas produções eram ventiladas como sucessora de alguns poetas mexicanos de grande nome.

A não publicação da obra de Ramiro, não fora sua maior decepção. Seu rancor literário tinha outra razão. Após o prêmio da academia, ele havia entregado ao editor e poeta, Fernando Menendez, amigo dos bancos de colégio, uma antologia de poemas. Volume este vendido a um escritor e crítico norte-americano. Um oportunista sem escrúpulos que publicou os textos de Ramiro Zapata, fazendo apenas algumas alterações geográficas e adaptando os textos a um estilo que vendia à época em Nova Iorque. Jacob Gräff alcançou grande sucesso e tornou-se um dos poetas mais lidos nos Estados Unidos, traduzido para o espanhol e lançado em países latinos. The Big Apple, como fora intitulada a obra, chegou ao topo das vendas nas livrarias da metrópole. Zapata não recebera um centavo por todo o sucesso de Gräff. Por isso, dedicara-se à atividade de líder comunitário e guia espiritual no pequeno povoado de Anenecuilco.

Sua mente divagava por lugares esquecidos, mas ainda presentes no âmago de sua alma, fazendo-o triste e rancoroso. Enquanto fumava, pensava.

Há coisas que poderiam me satisfazer, mas não dependem de mim… por isso o ceticismo em depender de outrem. Ter meu trabalho como escritor reconhecido, por exemplo, seria uma coisa banal hoje, de certo modo, mas fora uma paixão minha. Tenho minha filha e netos… e sou feliz com eles… então isso é manutenção de satisfatoriedade… é a manutenção do meu trabalho na comunidade… fui casado duas vezes, não deu certo, por fatores muitos. Uma mulher que eu amasse e estivesse ao meu lado, seria uma satisfação para minha vida. Trabalho para o sustento da carne é irrelevante. Temos mesmo de trabalhar para viver, então não se trata disso, enfim… valho-me, também, de meu trabalho comunitário… penso muito para

listar todas as coisas da vida. São coisas pequenas. A paz de espírito, a verdadeira paz, é outra satisfação que depende dos outros, sim. É imprescindível. Essa é a problemática. Seria a realização de um sonho, mas antes uma satisfação de vida. Sinto-me realizado por tudo que escrevi, mas ter o trabalho de escritor reconhecido é utopia. Tenho agora meu povo para cuidar…

De súbito, uma forte luz cegou seus olhos. Suas pernas fraquejaram e ele escorregou pela porta da camionete. Sentiu um calafrio percorrer todo o seu corpo, fazendo-o abandonar os sentidos. Passados alguns minutos, recobrou a consciência. Estava sentado no chão, úmido pela neblina que cobria o vale. Não desistiu dos devaneios, acendeu outro cigarro, já sem o filtro e tornou a pensar, acomodando-se, novamente, à porta do veículo.

Mas ter sonhos faz a vida valer a pena? Não suporto mais o ideal trazido pelos sonhos, decepciono-me demais com eles. Ando bem acordado agora. Sonhos nos tornam acomodados. Traçar metas é um fator ponderável. Nem tanto ao norte, nem tanto ao sul.

Os pensamentos tomaram outro caminho e Ramiro passou a comandá-los, com teor e rumo de dúvidas.

O que é fé, e para que serve? Fé espiritual? Fé religiosa? Crer em algo? Fé é acreditar no que não existe, ou no que não é provável, ou ainda, no que é culturalmente incutido. Creio em mim, creio que há um poder superior, mas não posso ficar usando isso como subterfúgio para as minhas fraquezas e incapacidades. Crer que as coisas vão melhorar, só irá me tornar apático e, para melhorarem, tem-se o fator principal: os outros, os malditos outros. O fator externo, fora de nosso controle. Nossa incapacidade de ação.

Pensou na mãe de Isabel.

De que me adiantou crer nela, se eu não cria em mim? Era um casamento horrível; muitas brigas, desencontros, caos. Só nos restou viver por Isabel.

Aimara Yaotl, a mãe de Isabel, os abandonou quando a menina tinha 12 anos. Contam que foi embora para os Estados Unidos com um amante, por conta da *ausência* de Ramiro. Há também a história de que se mudou para Tijuana, para ler cartas, prever o futuro. Como não havia de ter previsto o seu? Outra versão é que está com uma guatemalteca na Cidade do Cabo, vivendo de prostituição, ambas. O destino provável é que esteja morta.

Contudo, o que havia de concreto era o bilhete deixado à sua saída, escrito com caligrafia esmerada, porém com teor agressivo e péssima gramática.

Tu é uma pessoa ruim um hipócrita, merece o que planta porque amor na medida certa é uma receita certa, mas odiar na medida certa também é. Dizer amém para tudo e dar a outra face, isso não te faz um ser humano melhor, só um idiota a mais. Sofrer calada, perdoar suas ofensas jamais, nesse mundo não se pode viver assim, é matar a própria alma, é matar aos poucos a vida. Tem coisas que não mudam e você Ramiro é uma delas. Cuida bem de Isabel…

De volta ao mundo *real*, Ramiro levantou-se, apanhou outro cigarro, arrancou o filtro e tragou-o todo de uma só vez. Nauseou-se, seus olhos escureceram, achou-se tonto e um vulto irrompeu sua alma. Retomou o equilíbrio e apanhou as chaves do galpão que estavam sobre o banco da camionete.

Dirigiu-se ao grande portão. Abriu os cadeados, puxou com tranquilidade a corrente que cerrava o local, empurrou as portas com o pé direito e observou o movimento dos animais. Uns ainda estavam adormecidos, outros reclamavam comida, enquanto havia aqueles que queriam somente uma boa algazarra.

Avistou a porta dos fundos aberta, que levava aos canteiros de hortaliças. Estranhou deveras, pois tinha certeza de que fechara após descer do escritório. Com um olhar apurado para fora, viu algumas pegadas nítidas e compassadas que estavam acompanhadas de dois rastros fundos na areia avermelhada e solta. *O que poderia ter cau-*

sado aqueles estranhos vestígios? Nada lhe ocorreu, contudo, resolver averiguar o escritório.

O acesso ao cômodo em que mantinha a escrivaninha, alguns livros, um velho sofá e um triste tapete era guardado por uma porta estreita, estacionada no topo de uma íngreme escada, em madeira escura e já gasta pelo tempo, que dançava e rangia à medida que se pisava nos degraus.

A porta estava entreaberta. Ramiro sentiu a temperatura baixar. Um sopro de ar frio lhe cortou a espinha e fez com que ele subisse em desatino a velha escada. No canto do escritório, ao lado de uma cascata de prateleiras, Isabel estava dependurada, já sem vida. Tinha uma corda rota envolvendo o pescoço e marcas intensas de arranhões, indicando a resistência desesperada para sobreviver.

— *El Pater, Pater, El Pater...* — Gritava, em desespero infundado, o extravagante Raúl.

— *El Pater*.

Ramiro caminhava compassadamente. Vestia branco, tinha na mão esquerda uma bengala reluzente, na cabeça um chapéu alvo como as nuvens e no rosto um semblante aristocrático. Atentou para o escândalo pouco depois. Já tinha conhecimento do que se tratava. Raúl tornou a gritar.

— *El Pater*, é hoje. Sabes que nos deve sua história…

O banho de sol, naquele sábado de visitas, estava apenas começando. Os grupos se reuniam, amontoavam-se como ovelhas acuadas, repartindo seus rancores, culpas, inocências e histórias. Sempre havia uma nova *aventura* a ser contada. Raúl era apaixonado por elas. Sentia-se vivo ao ouvir os relatos dos detentos. A cada semana, ele escolhia uma alma para compartilhar o que lhes trouxe para a Porfirio Díaz.

Estavam já sentados Tenório, Ernesto, Exequiel, Raúl, Alejandro. Lorenzo, que acabara de chegar, com ar introspectivo e sua face meio coberta, trazia consigo a melancolia que o caracterizava.

Ramiro aproximou-se. Raspou a bengala no chão e bateu firmemente, criando uma atmosfera imperiosa. Tossiu algumas vezes e extraiu da garganta após pigarrear o excesso de muco causado pelos anos de tabagismo. Exequiel quase regurgitou. Raúl abriu seu inerente sorriso parcial. Ernesto coçou entre os dedos do pé, buscando algo para reclamar. Alejandro, o novato, fez o mesmo para acompanhar o ilustre convidado. Lorenzo fingiu um espasmo, revirando os olhos e deixando que o descaso fizesse sua parte.

— Não quero ser interrompido. Nem que a Porfirio venha abaixo. — Disse *El Pater* em tom severo, porém solene, com o chapéu ao peito e a bengala em riste, como uma espada preparada para a batalha. Logo se sentou e iniciou…

— Bem, se é uma história que querem… é o que terão.

A plateia estava ansiosa, atenta. Muitos sorriam, outros *quase* não respiravam.

— A porta estava entreaberta. Senti a temperatura baixar. Um sopro de ar frio me cortou a espinha e fez com que eu subisse desesperado a velha escada. No canto do escritório, ao lado de algumas prateleiras, minha filha estava dependurada, morta. Tinha uma forca em seu pescoço e arranhões que diziam que ela lutara pela vida. Sobre o tapete, uma lata de óleo causava náuseas enquanto ainda derramava o resto do que havia dentro dela. O tapete estava coberto de algo enegrecido, lembrando fuligem molhada. Era imundo, pastoso, escorregadio, repugnante. O ar estava pesado, asfixiante, gelado. Não havia possibilidade de Deus estar ali. Após aquele dia não houve mais paz, nem consolo… nem esperança. Tudo lá era desgraça… miséria… desespero… horror. Tomei minha filha nos braços após cortar a corda que a suspendia. Chorei por minutos, sem parar. Quando as forças me abandonaram, caí. Pouco depois levantei-me,

acomodei Isabel no sofá e senti às costas um vulto romper o ambiente. Era uma forma humana, mas não era humana. Era translucida, não tinha face, mas trazia um semblante de horror. Pouco depois, ainda tentando me recompor, outro vulto cruzou o escritório, emanando uma luz funesta e apavorante. Eles estavam unidos, mas, ao mesmo tempo dissociados… e desapareceram como fumaça ao vento. No dia seguinte, na celebração de despedida de minha filha, avistei, olhando para trás, no último banco, o marido dela. Uma mudança de temperatura tomou meu corpo e corri ao altar. Tomei o lugar no púlpito e, em devaneio insano, segundo o relato de muitos, despejei o que lhes direi agora. Confesso não lembrar as palavras exatas, mas sei que a essência é esta.

Ramiro levantou-se de sobressalto e disparou em voz contundente; com violência e rancor, que retumbava nos quatro cantos da penitenciária.

— Eu os vi… ambos, unidos e dissociados, mas unidos, únicos como um. São o mesmo. Eu os vi quando minha filha estava dependurada a uma corda, falecida, com profundas marcas de batalha. Vi quando aquele homem a transportou da vila até o galpão. Eu disse isso apontando o dedo para o marido de Isabel. Vi o que todos não podem ver. Um deles fez com que ele matasse minha menina… ele matou minha filha…

Respirou fundo, buscando forças, e continuou.

— São apenas a mesma expressão do mesmo sentimento que existe dentro de todos nós. Não somos nada mais que os dois unidos no mesmo corpo físico. Ah, pobre daquele que pensa que tem uma alma salva apenas por sussurrar orações. Ah, malfadado aquele que pensa que sustentar os pobres terá sua alma salva. Deus e Lúcifer são um só. Unidos e dissociados, não existe separação entre ambos. Faces de uma moeda com lados idênticos. São dois lados de uma mesma paragem, são a cerca e o descampado.

O transe de Ramiro chegara ao fim. Sua lembrança nítida do discurso frente à tragédia que o acometera, deixou feridas profundas. Sua vida dividiu-se em antes de depois da morte de Isabel e da visão que teve.

— Após retomar a consciência e me acalmarem, fingi estar recomposto e pedi para falar com o maldito genro. Queria saber o motivo de ele ter levado minha amada Isabel. Trouxeram-no até mim. Todos se acercaram, tomando cuidado para que uma tragédia não nos acometesse novamente. O desgraçado sentou-se à minha frente. Eu fingia tranquilidade enquanto negava. De súbito ele sacou uma faca e tentou me apunhalar. Fui mais rápido. Segurei seu braço e impedi que me golpeasse. O patife ficou sentado no mesmo banco de onde tentara me matar. Eu simulava estar conformado, porém, em um vacilo de todos, apanhei o punhal e o cravei no pescoço do assassino. Ele morreu em segundos. Benitez Ueman, era o nome dele. Limpei a faca na camisa e encontrei uma espécie de paz amarga. Retirei do paletó um cigarro, arranquei o filtro e aguardei a polícia, enquanto tragava com vontade o fumo, que se esvaía como a vida do canalha. Estava tudo acabado. Inclusive eu. Mas, senhores… eu os vi. São como Ometeotl. Uma unidade subjacente ao universo. Ometeotl forma, molda e é tudo. Até as coisas em oposição - luz e escuridão, vida e morte, são expressões da mesma unidade. Unidos e dissociados.

Ele cofiava a barba, *sem compasso e com rancor*.

Cada fio negro, cada fio prateado, sofria tenebrosos espasmos de pressão. Desejava que cada um fosse extraído de forma rápida e cruel, configurando um castigo ameno e apaziguador que seu corpo, pútrido pelo pecado e arruinado pelo ódio, merecia sofrer por conta da perversidade e do caos que havia causado. Tomava como norte os sentimentos e atitudes adquiridos por uma educação rígida, alicerçada em conceitos culturais, de base religiosa, que impelem o indivíduo a viver consoante à sociedade e seus preceitos vigentes. Pouco sofrimento era nada. Muito, era pouco.

Havia semanas, gastava os dias pensando em um canto solitário. Não se preocupava mais com a higiene, que sempre fora irretocável. Não lia mais. Não jogava mais cartas. Não saía para o banho de sol como antes. Contadas vezes, fora visto no pátio. Contudo, adquirira um hábito frequente. Eram-lhe trazidos, por meio do contrabando, garrafas de vinho e uns pacotes pequenos, embrulhados em papel pardo, amarrado cuidadosamente por resistente barbante. No Firmamento nada era revistado, nem sequer proibido. A mudança do corredor dos fantasmas para lá, fora um arranjo de Inés, que buscava ainda um *novo veredicto*, *ou melhor*, buscava artimanhas para tirar Lorenzo da Porfirio Díaz de uma vez por todas.

O mais recente morador do Firmamento tinha, no *cômodo*, privacidade e conforto. As celas do segundo pavimento, delimitadas por paredes em alvenaria, diferiam das detenções do primeiro andar e do porão, que tinham grades como divisão.

Lorenzo possuía uma escrivaninha, uma série de prateleiras para os livros, seu próprio banheiro, uma cama com um ótimo colchão, *mesa de cabeceira*, energia até meia-noite para suas leituras. Mas o que Lorenzo mais gostava era uma janela que lhe trazia a visão completa do pátio da penitenciária, podendo estender a visão ao que circundava os muros de seu cárcere. As portas se mantinham abertas, já que se tratava de detenção para presos considerados não perigosos e que não tinham contato com grupos, gangues ou outras formas de facção, ligações que geravam disputas, brigas e mortes.

Formara uma considerável biblioteca. Todas as quinzenas chegavam livros e outros produtos para ele. Alguns detentos do andar se serviam dessa coleção de obras. Dividia a comida com seus colegas de corredor, com os funcionários da limpeza e quando havia sobras, as enviava para o porão. Sobrevivia comodamente, mas não era o que queria para o resto da vida. Tinha seus desejos e anseios, como todos ali. Sua filha vivia em sua mente e dentro do pequeno quadro, vizinho de Jesus Cristo, sobre a cabeceira da cama.

Sexta-feira. A semana fora atípica. Lorenzo havia elevado o grau de introspecção ao extremo. Não saiu para os banhos de sol, passou noites sem dormir, pouco comia e ficou grande parte do tempo deitado, acometido de um cansaço insólito.

Quando Calixto Osorio chegou à porta da cela, que se encontrava aberta, Lorenzo bebia debruçado à janela, observando, com melancolia, o pátio vazio da penitenciária. Naquela hora da noite, o ar sombrio deixava o espaço, movimentado durante o dia, com feições de terra devastada.

Voltou-se para o amigo de corredor e ofereceu vinho.

— Pegue um copo, meu caro. Está ali, sobre a escrivaninha. O que levará hoje?

Osorio serviu-se do vinho que estava na garrafa, já quase vazia. Bebeu um gole generoso e foi até às prateleiras onde se encontrava a *biblioteca* de Lorenzo.

— Vou levar esse hoje, quero terminar a semana filosofando. Adoro Zea.

Tomou o volume em mãos. *Em torno de uma filosofia americana,* de Leopoldo Zea. Bebeu o resto do vinho num só gole. Lorenzo caminhou até Osorio e conjecturou…

— Leopoldo Zea é de uma geração preocupada com a identidade das Américas. Junto a ele surgiram grandes expoentes como os pensadores Arturo Ardao, do Uruguai; Darcy Ribeiro, do Brasil; José Antônio Portuando, de Cuba, e muitos outros.

Osorio agradeceu ao amigo, deu as costas e saiu. Lorenzo voltou-se para a imagem do pátio vazio. Bebeu o resto do vinho e deitou-se à cama. A luz ainda continuava acesa. Eram nove e meia. Fechou os olhos, cruzou as mãos sobre o peito e deixou-se levar pela imaginação. Pensava em sua filha. Devia ser uma bela jovem. Daria tudo para vê-la. Sentiu falta de ar. Sua cabeça pesou. Suas pernas fraquejaram. Seu coração acelerou e seus pensamentos turvaram-se, fazendo-o vacilar.

Um enxame de gafanhotos ofuscou sua visão. Uma tempestade cobriu o teto da cela. O suor vertia de sua testa, peito e mãos. Uma imensurável dificuldade de respirar o consumia. As paredes à sua volta se dobravam e se retorciam, provocando em sua mente um ruído infernal. Ele cobriu os olhos, mas as cenas se desenrolavam com a mesma voracidade de um cão raivoso. Uma plateia, em algum lugar do tempo, batia palmas. As janelas do Firmamento desapareciam num negrume. Televisores do tamanho de unhas, traziam momentos de sua infância, saltavam sobre suas vistas. A letra exata de uma música que escutou no rádio quando era adolescente. Forças do exército e da polícia, cercavam a *Plaza de las Tres Culturas*. Figuras de um livro que gostava quando tinha sete anos. A cor de suas meias numa festa de família. O jardim de infância, o timbre da voz de seu avô. O primeiro beijo, no primeiro amor. Massacre de inocentes em Tlatelolco. Ascensão e queda. Essas cenas se mesclavam em outras

mais sinistras. Anjos caídos, adagas sujas de sangue, exércitos de demônios. Ele queria fugir, mas não possuía forças… não conseguia mover o corpo, nem tampouco acordar.

Deveras, não acordou. Os enfermeiros foram chamados e o levaram para o necrotério da penitenciária. A autópsia se dera no dia seguinte. O legista, Alberto Mondragon, fora categórico e pragmático, mas não deixou de lado em seu relatório final, o caráter eloquente que carregava desde os corredores do Hospital de Jesús Nazareno, onde fora diretor.

— O chumbo é um dos metais mais úteis para a humanidade. Todavia, também um veneno poderoso. O chumbo é um veneno que se acumula no organismo humano. Ele interfere na produção de sangue, no sistema nervoso e no funcionamento dos rins. Os sintomas da intoxicação incluem insônia, alucinações, cegueira, obstrução intestinal e coma. Algumas tinturas capilares contêm chumbo: *nada funciona tão bem contra cabelos grisalhos.*

Substancial eloquência.

Tomado de entusiasmo, Mondragon não respirava.

— Não obstante, o chumbo envenena a humanidade desde a invenção de duas coisas complementares: a cerâmica e o vinho. Potes de cerâmica costumavam ser envernizados com produtos à base de chumbo. Esse verniz reage com o vinho, resultando numa substância chamada acetato de chumbo. Este era adicionado de propósito à bebida no Império Romano e a elite de Roma, que bebia vinho como se fosse água, dava luz ao comportamento alucinado de imperadores como Calígula e Nero. Enfim.

O alívio foi sentido por todos os presentes.

— Enfim. Lorenzo Itztli morreu por envenenamento causado pelo uso contínuo de chumbo em seu vinho, que não era de má qualidade, certamente.

Raúl encarregou-se de arrumar o corpo. Um terno italiano, que trouxeram com seus últimos livros, seria usado para a partida de

Lorenzo. As oferendas foram postas sobre o corpo para Xolotl, aquele que guia os mortos ao Mictlan, localizado distante, ao norte, formado por nove níveis distintos. A viagem do primeiro ao nono nível é difícil e perdura por quatro anos. Os mortos têm de superar vários desafios, como atravessar uma cordilheira, onde as montanhas se chocam uma contra a outra; um campo com o vento que sopra facas que raspam a carne; e um rio de sangue com temíveis onças vorazes, percorrendo as margens.

Morsath acompanhava tudo com seu riso de prazer. Enfim, contabilizara a morte tão esperada. Mictlantecuhtli se surpreenderia com ele. Seria mais uma alma amaldiçoada que usurpariam do inferno e lançariam no reino de Mictlan. Onde, ao entrar, teria sua carne levada dos ossos por uma ventania de facas e se alimentaria de cobras venenosas, o único alimento do reino dos mortos. Aguardavam ansiosos por ela. Era um troféu. Sentiriam o prazer de ter a alma de um assassino frio e impiedoso na camada mais profunda do submundo Asteca.

Quet'zan aguardava, fora da penitenciária, a saída do rival.

O corpo seria levado no dia seguinte, para sepultamento em Guadalajara, cidade natal de Lorenzo. A família foi avisada, mas não iria ao enterro. Como não haveria velório e Mayala não possuía permissão para *visitas*, alguns detentos e Padre Morales organizaram uma cerimônia de despedida, antes de o corpo ser levado para além dos muros da Porfirio Díaz.

Às sete da noite, os detentos que tiveram permissão, foram conduzidos ao necrotério para dar adeus a Lorenzo Itztli. O padre saudou a todos, rendendo graças e dando a bênção, dizendo…

— Estamos reunidos para nos despedir. — Ateve-se um instante para pensar as palavras e continuou…

— Itztli errou? Erramos todos nós. Mas, resignou-se e provou ter se arrependido de seus atos, por mais cruéis que tenham sido… Deus, em sua imensa bondade e benevolência, há de perdoá-lo pelos

atos impensados da vida. Contudo, é obra de misericórdia enterrar os mortos e rezar por eles. Rendemos homenagens ao corpo por ser nesta terra, em muitos momentos, uma pessoa do bem; rezemos pela salvação da alma e esperamos a ressurreição da carne quando Deus aprouver… Alguém gostaria de manifestar sua despedida?

Ramiro Zapata levantou o braço e ofereceu um trecho bíblico, que ele pensava ser propício para o momento. Padre Morales lhe concedeu o manifesto, sorrindo com os olhos.

— Meus caros amigos… não desejemos que vocês sejam ignorantes em se tratando dos que dormem, para que não fiquem tristes como os outros que não têm fé, nem esperança. Disse-lhes Cristo: *Aquele que crê em mim, ainda que morra, viverá; e quem vive e crê em mim, não morrerá eternamente.* Bendito seja Deus, Amém.

O corpo ficara, já no caixão, durante a noite no necrotério. Morsath sumira no vácuo do tempo e espaço e fora esperar por Lorenzo à beira do rio de sangue, onde todos os anseios, vontades e obrigações não realizadas em vida, ficam.

Quet'zan, decidido a reverter o que Morsath fizera com Lorenzo, tomou uma decisão que poderia lhe custar caro. Retirou as oferendas a Xolotl e absorveu a alma do detento. Sabia o quão arriscado era sua decisão. Todavia, pensava ser o correto a fazer. Lorenzo teria uma segunda chance. Outra vida. Outro corpo. E o anjo já sabia onde seria colocada a alma do assassino que se fora para sempre, somente em matéria.

Às margens do rio de sangue, Morsath aguardava por seu recente êxito, *seu novo* sacrifício. Xolotl surgira à curva do rio, junto às terríveis onças, para levar as almas que ali se encontravam com as oferendas. Lorenzo não estava entre os próximos passageiros. O anjo irou-se. Sabia que algo havia acontecido e descobrira, então, que seu trabalho fora em vão, sabotado por Quet'zan.

Bradou, enfurecido, com a ira dos perversos.

— Maldito Quet'zan.

Die Fahne hoch! Die Reihen fest geschlossen!
SA marschiert mit mutig-festem Schritt.

Balbuciando o hino, uma alma solitária e aquém deste mundo bruxuleava no breu do *Paseo de la Reforma*. Tinha numa das mãos uma garrafa, na outra os retalhos de uma vida. Fragmentos de uma existência que outrora se permitiu escavar as terras da liberdade, manchando de sangue os delírios de uma nação amordaçada. Ofuscada pelo poder, essa alma embrenhara-se na consciência coletiva, dominada por desejos e sonhos utópicos, tão palpáveis quanto as pedras que edificaram Tenochtitlán e deixaram que seu povo fosse dizimado. Dentro dela, encarceradas, havia tantas outras almas que buscavam a redenção sem absorver o conhecimento dos grilhões que as detinham. Eram vítimas da opressão, subjugadas ao cadafalso da barbárie institucional no massacre em Tlatelolco.

Uma sombra, atenta e desejosa, observava a silhueta de feições altivas, vacilante e entorpecida, cruzando a névoa que desgraçava os habitantes noturnos. Espécimes *sui generis* de uma caótica e violenta plebe de desregrados *primatas*.

A alma de Lorenzo estava segura. Guardada em local inóspito, esperava pelo novo invólucro para seguir uma jornada que não havia sequer um resquício de que seria exitosa. Desde a morte do detento e a apropriação do bem maior dele, Quet'zan mantinha-se nas penumbras e sombras, protegido por canais em trevas e espaços enegrecidos, distantes e com segurança de seu desafeto. Havia ele de proteger seu intento, que passava por integridade própria e silêncio. Reclusou-se na *Isla de las Muñecas*, local habitado por um único ser

vivo, Julián Santana Barrera. O *senhor* do lugar mais tenebroso na Cidade do México, em Xochimilco, nas proximidades do Estádio Azteca.

Na chinampa da *Laguna de Tezhuilo*, Santana dependurou inúmeras bonecas alquebradas, sujas, sem olhos, dilaceradas, desmembradas, parcialmente queimadas, cobertas de teias e aranhas, baratas, mofo, limo e toda a má sorte de deterioração.

Fazia-se surreal e terrível como aqueles brinquedos, à imagem e semelhança dos primatas de Deus, tomavam formas tão misteriosamente macabras. O homem era vizinho do bairro de Asunción, onde ele bebia e vendia suas hortaliças. Acreditava ele que as bonecas abandonadas e dependuradas nas árvores, cercas, paredes e estacas eram *sua proteção* contra a alma de sua filha, que havia se afogado em um dos canais de Xochimilco e assombrava o lugar havia anos.

Por conta das superstições, o solitário homem começou a pregar as escrituras sagradas, fato que custou a ele o convívio com os moradores do bairro.

Nesse hediondo lugar, Quet'zan encontrara o esconderijo perfeito para a alma de Lorenzo: Julián Santana Barrera; possivelmente subtraído de plenas faculdades mentais, morador único da ilha, lar de espectros e miasmas, protegida por bonecas grotescas e assombrada pelo espírito de uma jovem alma inocente.

Morsath, em contrapartida, vagava por entre as pocilgas e negrumes da cidade buscando sorte maior: encontrar o *furtador* e, por conseguinte, mais um troféu para Mictlantecuhtli. Este processo lhe renderia mais poder, mais apreço e respeito nos domínios do reino de Mictlan.

A busca por Quet'zan teve seu fim. O anjo estava no mais impróprio local, onde seus pensamentos não cogitavam a presença dele. Mas, ali estava. Sentado, desprotegido e aberto ao parlatório, infectando-se com a noite e com seus habitantes mais estéreis. Auto-

flagelando-se pela situação de seres escusos e miseráveis. Personagens das trevas, que por instinto ímpar ou vítimas do acaso, disseminavam a degradação a cada passo vacilante. Bêbados, prostitutas, ladrões, assassinos, jogadores, mendigos. Almas apodrecidas, sem valor à sociedade e, quiçá, a Ele.

— *Nada surge do nada.* Não seria o próprio caçador de almas? Eis aí… quantas a teu bel-prazer para levar como doce regalo, sem parcimônia.

Quet'zan levantou-se, recolhendo as asas em sinal de falso respeito. Morsath aproximou-se e replicou em tom imperativo:

— À sombra da avareza, luxúria, ira, preguiça, esconde-se a miséria dos humanos. Das suntuosas prepotências projeta-se a indiferença, que reflete nas pupilas opacas as amarras perpétuas da injustiça. Caídos, como anjos expurgados, por tal, permanecem em degradação perene, obliterando os alicerces da resignação.

Quet'zan sorria com olhos débeis, raspando as unhas no concreto frio e úmido.

Morsath continuava irrompendo suas atrozes verdades.

— Ímpios favores e corrosivas submissões edificam o panteão da imoralidade lúgubre, reverberando às tempestades a maldição do insalubre livre-arbítrio. É o espectro atrás da porta da liberdade inconsciente, tomando a alma como o troféu inatacável de um Deus que não os toca com a palma benigna de sua mão esquerda. Esses pobres diabos são o avesso da redenção, são o abismo, são o corpo de bruços já expirado. São as aves de rapina sobre a cruz prostrada no Gólgota, à mercê do escaldante e já tórrido chão no fim do calvário. Não sabes do que sou capaz… nem por onde já passei e sobrevivi. Não sabes quem eu sou.

Vociferou ríspido Morsath, com olhos de fogo e enxofre.

Quet'zan, redarguindo sarcástico e sem intimidação, traçou as ambições eternas do anjo irado.

— Entendo. Tenho de te dar outro nome, agora? Qual?

Morsath abriu as assas e ensaiou um ataque, entretanto conteve-se, visto que o embate naquele instante seria um ultraje. Perderia sua dignidade… e a localização da alma que tanto almejava.

A noite já se ia ao longe e o romper da alvorada não tardaria. A névoa era penetrada pelas luzes da iluminação pública. O *Paseo de la Reforma* assombrava àquela hora. O *Todo* estava taciturno e lúgubre. Oxomo estendia suas mãos sobre o lugar. Mantinha sua velada proteção aos que desafiavam as trevas.

Quet'zan manteve a torrente do discurso, impregnando o local com mais ira e temor. Ironicamente citou alguns nomes de divindades, desejos de *vir a ser* de Morsath.

— Hela? Ament? Kala? Mictecacihuatl?

A cada nome proferido, um riso de escárnio, distorcido e suscetível à ofensa, era desenhado no semblante de Quet'zan, fazendo com que Morsath se contorcesse de ódio. Este fechou os olhos, quase que em oração, e pediu sabedoria à Mictlantecuhtli.

Quet'zan continuou…

— Queres ter o poder absoluto sobre a morte? Ser a última instância da alma? Esta foi desde sempre sua ambição. Isso dilacera *sua existência*, não é? Tu não mereces o sentimento de pena, Morsath. Sempre se escondendo na aparência dos *primatas* de Deus e na mais íntima fraqueza desses fantoches. Ambicionando ser a entidade superior por onde passa. És avesso à tua condição.

Quet'zan se fazia áspero a cada romper de palavras. Transmutava de irônico ao opressivo, de suave pálido ao ríspido impiedoso. Morsath decidiu entrar no curso das ofensas, entretanto, usando de cautela e falsa polidez.

— Sempre. Por todo o *sempre* dos tempos. Mas, sabe o que mais temo? — Questionou afavelmente, em voz de *plumas* e continuou na mesma serenidade…

— Ter uma existência frustrada e patética… isso é o que mais temo e dilacera-me. Uma grandeza almejada, mas nunca alcançada. Pretender ser o que não chega à condição de um grão de areia frente ao oceano. Isso lhe soa familiar, Quet'zan?

— Se o que desejas é fazer com que eu me renda a seus desejos de poder, fique sabendo que jamais irá consegui-lo. Tenho meus estratagemas, meus artífices e minhas capacidades.

Morsath olhava com impetuosidade para Quet'zan, premeditando um combate, prevendo um ultimato ao insolente. Contudo, resignou-se, como se resigna um animal acuado, prestes a fugir. Todavia, apunhalou Quet'zan novamente com cruéis verdades.

— Muitos perdem a fé por acreditarem que Deus *mostra* pouco do reino, enquanto outros perdem a fé por Deus *mostrar* demais.

Morsath sorriu, elevando os braços em agradecimento sarcástico. Quet'zan esboçou tomar a palavra. Recebeu um sinal de silêncio e manteve-se resoluto. O outro continuou…

— As dores do mundo tiram a capacidade do ser humano em crer num *pai bondoso*, piedoso e dotado de amor incondicional pela sua *criação* maior. Os *embriões* miseráveis, *primatas* falantes. A *imagem e semelhança* é tão, ou tanto mais distorcida quanto um espelho quebrado. Vida em um mundo abandonado, de caos, ganância e morte. A injustiça pintada num quadro sem moldura e de tamanho imensurável, donde o padecimento jamais terá fim.

Quet'zan sofria os golpes e tentava manter-se resignado, mas as palavras de Morsath dilaceravam seu corpo como espadas, facas e punhais de verdades.

— Retalhar corpos com sensatez e desnudar os mais íntimos desejos do ser humano, isso é fácil. Posso obstruir seu trabalho. Mas, eu posso mais do que isso…

Caminhando a passos largos e com voz grave e imperativa, Morsath exalou aos gritos sua cólera encarcerada.

— Posso subtrair sua vida, sufocar seu coração. Seu coração quase *primata*. Pois não sou eu quem usa de clemência para com eles… os *primatas* de Deus. Os *primatas* do *seu* Deus. Sei bem de tua história.

Tomado pela ira e com o dedo indicador em riste, penetrou na mais profunda camada do íntimo de seu opositor e traçou sua ameaça aterradora.

— Isso não acabou aqui, Quet'zan. Isso não acabou.

Morsath desapareceu sob a penumbra, cortando a névoa densa e pesada que imperava aos pés do *Ángel de la Independencia*.

Quet'zan sentou-se em uma das extremidades do monumento, junto à estátua da Guerra. Olhou para o rosto inerte em bronze e sorriu por vencer mais uma batalha.

A imagem da *terra materna* ofuscou *sua alma*. Lembrou-se do seu nascimento e de todo o mistério que o circundava. Segundo os habitantes de Tenochtitlán, a capital Asteca, ele era filho de um anjo de Deus com Coyolxauhqui, a filha mais velha de Coatlicue.

A avó de Quet'zan é a *Deusa* da vida e da morte. A mãe dos deuses, da lua e das estrelas. Coatlicue fora acusada de quebrar o celibato e engravidar do *Deus Céu,* que veio em forma de pássaro deixando uma oferenda de lindas plumas. Dessa divina *união*, abstemia de relações sexuais, nasceu seu filho e salvador, Huitzilopochtli, o *Deus* maior do povo Asteca.

O pai de Quet'zan, após a união com Coyolxauhqui e seu nascimento, fora destruído e sem nome permanecera nas escrituras divinas. Deus considerou a atitude do anjo uma traição mortal para com Ele, para com os anjos celestiais e para com o homem.

Sua mãe, a *Deusa* símbolo da lua, que liderou a vingança contra Coatlicue, fora morta e esquartejada pelo próprio irmão, Huitzilopochtli, que pôs fim à revolta contra a *Mãe de todos*. Por esse motivo, Quet'zan tem a proteção deste *Deus* e da avó, também conhecida por Nossa Senhora de Guadalupe.

Há mais de uma dezena de dias, Frederico privava-se da luz do sol. Furtava-se do ar da rua, do som dos transeuntes do bairro. Nem a fumaça dos escapamentos dos veículos adentrava o claustro que ele edificara. Seu pequeno apartamento, em *Coyoacán*, recebia somente o mensageiro do jornal e o entregador do mercado, que ficava à esquina de sua moradia.

O odor de poeira e mofo, de solidão e abandono, impregnava os cinco ambientes. Sala, cozinha, banheiro, quarto e sacada. Alguns ratos, que desciam pelos canos encarregados de lançar fora a água da chuva, passeavam juntos às baratas, buscando comida no acanhado espaço, suspenso e saliente às paredes do edifício. Transladavam próximos à porta, ao balaústre e parapeito, infectando o charmoso local onde Frederico gozava as tardes de sábado, acompanhado de um bom vinho e um bom charuto, lendo e absorvendo toda a atmosfera de *Coyoacán*.

Bairro pitoresco mesclado ao *Jardín Centenário*. Parque arborizado no centro do reduto boêmio, conhecido pelas ruas de paralelepípedos, pelo aspecto e marca colonial de sua arquitetura. Reduto de intelectuais, artistas e rebeldes que povoavam as galerias de arte, comércios artesanais multicoloridos. Cafés requintados avizinham-se às sorveterias descontraídas na extensão das ruas repletas de árvores.

O advogado, preso por suas próprias ações, demitiu-se do escritório. Ele manteve apenas o emprego no *Diario Mēxihcah*, após o suicídio do editor-chefe. Este evento ocorreu semanas após o encontro de Frederico e Inés na estação de *Coyoacán*.

Com a morte de Sebastián Sugey, Frederico assumira o cargo e mergulhara em um poço de tristeza. Ele lhe fora um esteio, um pai que fez falta nas horas mais sombrias.

Mesmo com todo o conhecimento e edificação espiritual que possuía, o impacto fora devastador. Não conseguira mais controlar as duas ocupações e, como não desejava ver a obra de Sugey desmoronar, resolvera manter o periódico funcionando, já que tinha o aval da sócia de Sebastián: Lupe, sua tia.

Frederico escrevia somente para o periódico e deixara de se encontrar com Inés. Entretanto, ela buscava por todos os meios tirá-lo daquela funesta reclusão. Batera várias vezes à porta. O telefone era constante meio de tentativas fracassadas de contato. Contudo, ela não desistia. Trazia ainda consigo a agradável tarde que passaram juntos, quando ela se encontrava em estado de torpor e melancolia, à Linha 03. Ela queria oferecer o que não lhe deram. Queria estar junto a Necalli, libertar ambos de tudo o que os corroía.

O apartamento era um quadro de desgraça. Tudo estava fora do lugar. O lixo acumulava-se. O sofá da sala já tinha a silhueta de Frederico gravada. Eram horas ininterruptas de enfadonhas apatias. A mesa de centro estava sempre ornada de garrafas e copos, papéis e escritos lúgubres. Quando a consciência lhe tomava, os textos para o editorial e sua coluna no *Diario Mēxihcah* davam vida ao lugar.

O entregador do mercado lhe implorava que comesse; o mensageiro lhe pedia que escrevesse. Ele comia e escrevia por se sentir ordenado. Tornara-se um fantoche sujo e alquebrado, passivo e entregue a toda angústia e melancolia.

Contudo, ao findar os trabalhos, a morbidez fazia-se mais obscura e densa, traçando um final medonho àquela alma. Nessa aura perturbadora, um espectro acompanhava a inércia de Frederico. Velando sua tristeza, calculando suas contadas ações. Esgueirando-se pelas muitas sombras e miasmas que ali habitavam.

Enquanto o enclausurado dormia, o vulto conjecturava uma saída. Era fato de que aquela alma não sairia daquela prisão com o corpo. Algo teria de ser feito para que Frederico fosse, enquanto homem, usado de forma mais valiosa. Seus conhecimentos não poderiam estancar com um suicídio ínfimo, de proporções desnudas de coragem. Um pária à margem de uma calçada qualquer, mendigando resquícios do que fora, fragmentos de um homem que não mais existia. O reflexo deixado no espelho, o sussurro esquecido.

O som de uma viatura o despertou. Disparos e gritos o fizeram mais atento. Olhou por uma fresta da cortina e feriu-se com a luz do sol. A rua já estava em silêncio após a rápida passagem da polícia. Voltou ao sofá e sentou-se com toneladas às costas. O espectro estava sentado à sua frente, acomodado na poltrona de leitura. Sobre a mesa, entre os estofados, havia uma garrafa de vinho. Com grande dificuldade, conseguiu abrir. Apanhou uma taça e serviu-se. Drenou o conteúdo num só gole. Limpou a barba e o bigode e apanhou o envelope com o timbre do *Diario* M*ēxihcah.* Olhou ao redor e encontrou uma faca caída abaixo da mesa. Agachou-se para juntar e caiu. Na queda, bateu a cabeça contra o móvel. Ergueu-se sôfrego e tonto. Lançou-se pesadamente sobre o sofá e buscou retomar a consciência.

Estimado Fred…

Sentimos, todos nós, imensa falta de você aqui na redação. Pedimos, por Nossa Senhora de Guadalupe, que reconsidere esse afastamento e retorne aos trabalhos. Tuas ideias, estratégias e perspicácia nos deixam mais fortes e felizes. Nosso trabalho é melhor contigo aqui. Tia Lupe te espera.

Cordiais saudações de todos do Diario Mēxihcah.

As lágrimas não tardaram a brotar. Frederico apanhou caneta e papel e tentou iniciar algo para a próxima edição. Suas mãos tremiam. O cérebro não passava de um emaranhado de obtusas ideias e

parcas sensações. As vistas nubladas faziam do papel uma mancha turva e tenebrosa, que inerte, trazia-lhe sentimentos fragmentados, corroendo as fronteiras da realidade que aos poucos se escoava.

Os dias e as noites se mesclavam. Na escuridão permanente em que ele se embrenhara, *sua alma* não mais distinguia o tempo. As noções de hora pareciam-lhe como alarmes de relógios, possuía discernimento somente quando chegavam, o entregador e o mensageiro. Exceto às visitas, a areia da ampulheta corria de baixo para cima, retrocedendo sua mente para o que devia ter acontecido e não aconteceu.

Fortes batidas ecoaram da porta. Seu nome fora chamado. Os ouvidos de Frederico já não atendiam aos apelos dos sons e das súplicas. Eram, para ele, distorções auditivas de uma realidade paralela. Atentou-se e buscou uma trégua com a mente distorcida. Discerniu:

— Frederico, abra a porta, por favor… Trouxe comigo quem a derrube. Não consigo mais viver com esta situação. Por favor…

Inés resolvera, depois de três dias sem tentativas, dar o ultimato àquela insanidade. Um guarda-costas e uma equipe médica a acompanhavam. Ela ordenaria a derrubada da porta e a internação dele. Incessantes pedidos foram feitos, contudo, não surtiram efeito. Necalli parecia resoluto a manter-se no claustro. Passadas duas horas, Inés falou pela última vez em ríspida ordem.

— Pronuncie-se, meu querido. Diga algo para acalentar minha alma. Estou em via de morrer antes de você, carregarás contigo esta culpa?

Frederico levantou-se. Foi até a porta e sussurrou sem forças.

— Amanhã venha me buscar. Finalizarei o texto para o periódico e vou me colocar frente à vida. Recomeçar e te ter comigo. Estou exausto. Pensei que poderia morrer desse modo, mas fora engano. Não tive coragem de me unir à forca. Não tive coragem de drenar o veneno do copo. Não tive coragem de me lançar da sacada. Amanhã retomarei tudo novamente. Obrigado. Amo-te.

Ela se fora. Retornaria no dia seguinte.

Também se encontrava exausta. Suas forças diminuíam a cada dia. Buscava capacidade de se recobrar ou se adaptar à má sorte das mudanças. Em suma, buscava resiliência onde ela nunca tivera. Sempre fora impetuosa e agressiva. Era uma fortaleza, intransponível. Contudo, a decadência de Frederico fez dela uma mulher cautelosa, romântica e suscetível à desistência.

Tornaram a bater. Frederico tentou gritar. Não conseguira. Levantou-se às duras penas e encostou-se à porta.

— Quem? — Retrucou com voz fraca e rouca.

— Ignácio, senhor Frederico, o mensageiro. Precisam do senhor. Está tudo explicado na carta. Volte, sentimos sua falta.

— Obrigado, Nacho…

O envelope cruzou a fronteira do corredor com o apartamento e Frederico abaixou-se para juntá-la. Tornou ao sofá. Abriu a correspondência e ficou a par de tudo o que estava acontecendo.

Fred, Tia Lupe vai te dizer o que há e o que precisamos.

O Investigador Pérez Castillo trabalha há algum tempo em vários casos de suicídio, que estão intrigando a população da capital. Segundo ele, há indícios de que sejam suicídios impostos, pois vários fatores corroboram para tal.

Enfim, preciso que iniciemos na sua coluna a abordagem do tema, visto que suas formações acadêmicas dão o embasamento necessário para isso. Pois, fomos contatados pelo investigador para cobrir os casos… confio em teu trabalho, meu amado. Teu pai e tua mãe estão muito orgulhosos de ti. Sei de tua contratação pelo Nossa Senhora, sei que terás mais trabalho, contudo, sei também que esta função lhe trará renovação… volte à ativa, sua mente é relevante demais para viver estagnada. Tenho certeza de que atenderás ao pedido desta que te ama.

O amor pela tia falou mais alto e, como um autômato, uma chama de resignação lhe queimou, fazendo daquele moribundo um novo homem.

Frederico foi ao banho, escovou os dentes e sentou-se à mesa da cozinha. A alma dele sorria. Como em despedida gratificante, colocou as teclas da máquina de escrever em movimento, fazendo-a viva por trazer à luz mais palavras, mais um texto, mais pensamentos, mais de si…

O desejo de viver é a vontade mais singular e remota do homem. Sua prisão, a dependência que o encarcera ao passado e o une ao futuro. Essa vontade é desprovida de razão, é cega, surda, muda… aspira somente a continuidade e a disseminação do Eu. A sabedoria intelectual emerge neste imbróglio de difusão das espécies, todavia, vislumbra o teatro decrépito da sociedade e faz-se avesso a ela. A vida é passível de contemplação e gozo? Não! Há um subterfúgio? Abster-se do desejo de vida incutido em nós. Não se trata de uma apologia ao suicídio. A vontade não encerra com o ato de desespero, apenas se mantém imponente. O suicida cogita ainda viver, entretanto, não está satisfeito como a vida se lhe apresenta.

A negação do desejo de viver não se firma com uma morte brutal, mas tão somente com a negação consciente de abster-se da vida. O suicídio rejeita o indivíduo, mas o desejo de vida mantém-se inabalável, por mais estranho que isso possa parecer. É a manutenção da espécie agindo.

Qual seria a trilha correta a se seguir? A ciência do desejo de viver tem de ir de encontro ao querer encerrar a vida e superá-lo. O aviso primeiro de que nos distanciamos da vida passa pelo simples fato de perder o medo da morte. Com essa condição adquirida, nos desprendemos da vida material, que corrobora com a sabedoria de se ter uma morte serena, fazendo-nos indivíduos bravos e com firmeza para estar diante do incógnito nada.

O texto fluía como corre um rio para o mar. Ele sentia-se vivo novamente. Algo lhe guiava naquela tarefa, seus dedos tinham uma ajuda aquém do mundo material.

Ao finalizar, tratou de envelopar o que escrevera e desceu à caixa de correspondências do edifício, para o mensageiro apanhar e fazer com que o texto fosse veiculado.

Frederico gozava de uma atmosfera diferente. Sentia-se mais forte. Sua mente não lhe traíra, ao contrário, manteve-se inata; não perdera a perspicácia, a vivacidade e a sabedoria que há muito lhe acompanhavam.

Sentou-se ao sofá para gozar daquele momento único. Abriu uma garrafa de vinho e acendeu um charuto. Ele parecia limpo, mas o ar do ambiente o infectava. A sujeira, a escuridão, os fantasmas do claustro e o vulto que ali fizera morada trouxeram novamente a morbidez ao lugar.

A garrafa fora esvaziada, e mais uma, e outra. Adormeceu.

Quet'zan aproximou-se, pousou sua mão esquerda sobre a cabeça de Frederico e ordenou que sua alma *buscasse* outro lugar. Que aguardasse a mão protetora e sábia da *Mãe de todos* a colocar em solo benigno e mais jovem; pois daquela data em diante, o corpo e a mente seriam os mesmos, mas a alma seria outra.

Invocou, portanto, Coatlicue para levar a alma de Frederico em forma de amor sacrificial…

— Nossa Mãe. Tu, que és a Mãe das mães; A Mãe de todos, a que detém o poder sobre a vida e sobre a morte; ofereço-te esta alma cansada das agruras do tempo. Entrego-te esta alma exaurida das intempéries da angústia diária. Castigada pelas amarguras da vida. Dilacerada por si mesma. Esta alma, Mãe de todos, que é descendente da criança que deixaste viver por conta do erro de teu infiel marido, por seres tu benevolente com as crianças e inocentes, pois, és tu, Mãe de muitos, Nossa Mãe e cuidadora do Todo. Que esta pobre alma seja acolhida e carregada em teus maternais braços.

Que seja ela, esta alma, recebida como um agradecimento terno e puro deste teu servo, que te adora, venera e ama como a Mãe de todos. Plante-a, minha Mãe, em terreno fértil e tenro, em criança dilacerada pelos erros maternos e que também sofre as amarguras da vida. Rendo-te graças, Nossa única e onipresente salvadora.

A *Mãe de todos* surgira como um brilho envolvente e plácido. Prostrou-se ao lado de Quet'zan, que se encontrava de joelhos e mãos postas em reverência. Sussurrou ao neto uma benção e levou a alma de Frederico Necalli, já sabendo onde *plantá-la*.

Instantes depois, Quet'zan preencheu o espaço vazio deixado no jovem invólucro. A alma de Lorenzo Itztli já possuía nova casa.

Aquele trabalho, deveras, estava terminado sob a mão protetora e justa de Coatlicue.

Ela voltara do colégio aos prantos, antes do fim das aulas. Sua alma se contorcia em pensamentos de resolução, ao passo que sentia uma presença a impelindo ao desfecho. Tranquilizou-se de súbito, quase derrotada.

Colocou água num copo pequeno, pouco maior que o usado para uma dose de tequila, e dissolveu um grama, no máximo um grama e meio de cianureto. Tinha no semblante, turvo e pálido, uma resignação dantes não vista. Sabia, pois, que o uso de quantidade maior provocaria a sensação de queimadura na garganta. Sentou-se à escada que dava acesso aos quartos. O ar taciturno dela misturava-se ao da casa, que estava sozinha. Todos saíram cedo. Somente ela era vida na edificação. O copo, a água e o *veneno* completavam o movimento de toda a ideia que circundava aquela alma desesperada. Tentou dissolver, assim como o cianureto, alguns pensamentos que lhe corroíam.

Cinco minutos se foram. Tinha a ciência plena de que não era necessário ser tomada a decisão de imediato, mas deveria fazer dentro de algumas horas, no máximo. Todavia, não desejava que o processo se alongasse por mais tempo. Queria tudo findado o mais rápido possível. Bastava de sofrimento. Tudo o que vivera já fora o suficiente para o propósito desejado.

Passado o tempo mínimo de dissolução completa do cianureto, ela ingeriu a solução. Dirigiu-se para o quarto e deitou-se, esperando o fim da consciência, que se daria em um minuto.

Uma pessoa muito debilitada por seu estado de saúde apagaria em vinte segundos. Ela, de conhecimento antecipado, tomou pre-

cauções para que isso não acontecesse. Entretanto, os contados segundos se foram e sua mente entrou em confusão. Ela já se encontrava deitada na cama.

Altamente tóxico para os seres humanos, o cianureto, se ingerido ou inalado, entra em contato com a corrente sanguínea, ligando-se ao ferro das hemoglobinas de forma estável. Desta forma, interfere no sistema de transporte de oxigênio e gás carbônico, essencial para o metabolismo.

Os sintomas mais graves surgiram em aproximadamente dois minutos. Uma forte dor de cabeça, tontura, ritmo cardíaco acelerado, falta de ar e vômito. As convulsões não tardaram a aparecer. Os batimentos cardíacos se fizeram lentos, a pressão arterial baixou e a tão esperada perda de consciência chegou, assim como visita indesejada.

Morsath assistia a tudo, encurralado nas sombras e deleitando-se com todo o sofrimento que a jovem havia imposto a si mesma. Ele regozijava, assim como ficara na Ilha de Saipan, em julho de 1944, esgueirando-se em uma caverna, como uma cobra à espera da presa. A imagem era nítida em seus deleites.

Três dias após ter sido declarada segura, uma região chamada Marpi Point, no extremo norte da ilha, fuzileiros tentavam retirar o que sobrou do exército japonês, mais 4000 civis em pânico que escaparam do avanço norte-americano. Mas o que deveria ser uma operação de rotina tomou um terrível rumo surpreendente. O anjo mantinha-se à espreita, aguardando o pior. Eram centenas de civis japoneses; homens, mulheres e crianças pulando dos penhascos. Da beira de um rochedo de sessenta metros em Marpi Point, era possível ver sete corpos dilacerados. Não se sabia o que era homem, o que era mulher. Mais adiante, havia centenas de cadáveres que se lançaram dos penhascos. Os fuzileiros podiam esperar praticamente qualquer coisa no caminho de autodestruição dos japoneses, contudo, ninguém estava pronto para ver o imenso suicídio em massa dos civis. Ele abriu

suas asas e deliciou-se com a cena. Os civis cometiam suicídio por conta do medo de que o exército japonês os impôs. Medo de que os soldados norte-americanos fossem estuprar, torturar e assassinar qualquer um ainda vivo. Os civis foram condicionados a acreditar que tirar a própria vida era o único jeito de escapar de tamanha brutalidade. Eles tinham de ser salvos de si e fazia-se necessário tirar as crianças dos braços das mães. Houve aqueles que cortaram os pescoços dos filhos antes de se jogarem do precipício. Uma mãe que se afogou enquanto dava à luz. Alguns realizaram cerimônias antes de dar cabo à própria vida. Famílias inteiras se reuniam e puxavam o pino da granada preso ao peito. Outros corriam para o mar e preferiam se afogar a entregar-se. Morsath estava à beira do abismo, fitando o quebrar das ondas. O corpo de uma criança flutuava, seguido por uma mulher e um homem. Era a guerra na forma mais macabra. Mil civis cometeram suicídio em Marpi Point, Saipan. Qual o sentido de tamanha autodestruição? Os fanáticos escolhem a morte à rendição? Nem sequer Deus, pode responder.

O suor vertia de sua testa. Seu corpo não estava mais sob o domínio do cérebro. Delírios e devaneios absurdos tomaram conta de sua alma. Lampejos surgiam instantaneamente, sequenciados e dolorosos, trazendo passagens aleatórias de dias que se foram…

Um amigo cruza a rua e lhe cumprimenta. A casa está cheia de crianças. O farmacêutico reluta em vender. Ela chora sobre a cama, clamando pelo pai. Sua tia a convida para o cinema. Ela veste sua saia nova para o aniversário de cinco anos da prima. O televisor traz a manchete de um assassinato. Os livros sobre a escrivaninha estão empilhados. Ele tira o dinheiro do bolso e joga sobre o balcão. Seu tio lhe beija a cabeça. Sua avaliação de Matemática é um desastre. O frasco que resolveria seus problemas fora adquirido. Ela chora a perda do primeiro amor. O burburinho na casa é infernal. Os cadernos do colégio estão sobre a cama. A escada que leva aos quartos parece ter mais degraus. Ela sai do colégio aos prantos. Uma jovem

mulher chega à farmácia, sua compra é adiada. Ela corre pela avenida, buscando ganhar tempo. O almoço fora servido. Uma caneta mancha o lençol de azul. O cianureto vai se dissolvendo devagar. O diretor passa por ela e abre um sorriso. O telefone toca e ninguém atende. O copo é guardado com cuidado, muito limpo. Seu primo chega do colégio. Ela é toda indiferença. O rádio anuncia uma promoção. Ela cola na parede o pôster de um filme. O farmacêutico se rende. Ela está só. A poeira acumula-se sobre o criado-mudo. O bolo de aniversário é cortado após os parabéns. O jornaleiro traz a edição de domingo. Um redemoinho se forma no copo. Sua melhor amiga lhe rouba o namorado. Seu primo recita algo áspero. Todos saem de casa. Cães ladram no pátio vizinho. Um automóvel reclama atenção em frente à casa. Os portões do colégio se fecham. Jesus continua preso à cruz. Sua tia bateu à porta.

Morsath já havia abandonado sua presa. Possuía consigo a certeza de que era um caso encerrado, mais um *sucesso* em seus caprichos. O anjo desceu as escadas sorrindo, derrubando os quadros que ornavam a parede. Todos caíam à medida que sua sombra beijava a alvenaria. Premeditava a próxima ação, pois tentara Lorenzo e o perdeu; mas quanto à vida da filha, tinha como empresa sacramentada. Seria uma vingança muito própria, um recado ao seu íntimo, que fora enxovalhado pelo rival. A alma de Mayala seria um regalo a todos os insucessos. O carrasco sabia que a areia da ampulheta não cessava sua trajetória vertical. Ele sabia bem que precisava de uma virtude rara nos humanos: a paciência. Quase uma paixão, estratagema que trazia agregado uma logística complexa, um projeto audacioso, mas de êxito singular. Morsath sabia que teria sucesso, salvo se Quet'zan interferisse.

O coração dela seguia o ritmo das pancadas na madeira, mas sua mente não tinha forças para responder. Ela estava sucumbindo ao veneno. A porta do quarto fora arrombada e os enfermeiros entraram. Ela foi avaliada. Não constataram vestígios de envenenamento, por hora. Eles cogitavam parada cardíaca, o que deveras também aconte-

ceu. Sua respiração estava fraca, afirmavam. Um dos enfermeiros sentiu nos músculos dela, ainda enrijecidos, indícios de convulsões.

Com urgência, dirigiram-se para o hospital…

No caminho, ainda na avenida congestionada pelo alto fluxo de automóveis e motocicletas, uma luz intensa invadiu a ambulância, parecendo alterar todo o plano de espaço/tempo linearizado até aquele presente momento. Um ocaso disforme balizou o caos instaurado, perpetrando pavor em todos no veículo. Os enfermeiros nausearam-se. O motorista freou bruscamente, tomado de um pavor imediato. Alguns automóveis na avenida se chocavam para evitar algo mais grave. A luz circundava o corpo preso à maca. O veículo de socorro balançava como um barco à deriva, prestes a sucumbir frente à tempestade. Os ocupantes não conseguiam enxergar; entretanto, a jovem, aturdida, vislumbrou um vulto em meio à ofuscante luz, trazendo acalento à sua alma perturbada. Sentira a proteção de uma mãe, uma imaculada força a conduzia por uma trilha serena. Sentiu-se deixar o plano terrestre e logo retornou. O clarão se dissipou rispidamente, assim como surgiu, indolor e silencioso.

Na manhã seguinte, fora de perigo, Mayala contou os pormenores de sua desgraça. Dez minutos separaram vida e morte. Usou, como sempre, toda a sua prolixidade. Seu tio adorava. Seu primo queria ser igual. Alba sentia repulsa, pois lembrava dos incômodos parlatórios de Itztli.

— *Ninguém levanta quem já está de pé*. O que posso dizer, meu tio, é que enquanto meus sentimentos estiverem machucados, a viagem ainda estará *por iniciar*. Errei, deveria ter buscado ajuda… mas para minha tia, que cogitou até possessão, é uma catástrofe. Sou e estou debilitada.

Alba estava horrorizada. Falava ininterruptamente, causando mal-estar em todos no corredor do hospital. Ordenaram que se fizesse silêncio. Desrespeitando a ordem devido à sua arrogância, ela teve

que ser escoltada para fora do hospital pelos seguranças. Debatia-se como em convulsão, chegando ao ponto de ferir-se ao cair. Os responsáveis pela ordem no São Miguel Arcanjo tentaram acalmá-la, mas fora em vão. Sua entrada foi proibida até uma segunda ordem.

O tio despendia o tempo em acalmar a sobrinha.

— Meu amor, o que você se propôs a fazer era uma solução definitiva para problemas passageiros. Esta não é a saída. Respirar é uma dádiva de Deus. Penso que não preciso lhe contar sobre a guerra que houve no céu por conta da inveja que acometeu alguns anjos pela obra maior do Criador, que somos nós. Você sabe muito bem disso. Nosso livre-arbítrio permite tudo; mas, o suicídio, é uma afronta contra Deus e contra nós mesmos. Sei que você tentou isso. Não comentei para sua tia não assinar o atestado de loucura tão rápido. Meu anjo, você sabe que ela é desequilibrada, ditadora e, por vezes, insuportável. Eu a conheço bem.

Mayala interrompeu José abruptamente e disse, com um sorriso no olhar…

— Tenho um vazio em mim que jamais se preencherá. Sucumbi frente aos fantasmas que rondavam minhas forças, trazendo angústias e rancores em virtude do trauma que me impuseram por ter os sentimentos que tenho. A cada dia que passa, as desilusões trazem a depressão; e aniquilam minha busca pela felicidade. Minha tia chama de rebeldia, chamo de desespero.

Enquanto a fala se estendia, o primo chorava, acompanhando o movimento dos automóveis e transeuntes pela janela do Hospital de São Miguel Arcanjo, na capital. Ao longe, o *Ángel de la Independencia* abençoava a cidade.

— Quanta perda em minha vida, em tão pouco tempo? Estão subtraindo tudo o que amo.

— Pare! Por favor, não há necessidade disso. — Emendou José, com ar amofinado.

— José, você nunca vai entender meu sofrimento. Criei uma família contigo. Para você é fácil, não me ama.

— Você não sabe o que está dizendo. Não vive na minha cabeça. Então, não direi nada sobre isso. Pensa que sou feliz? Se pensa isso, não sei em que mundo vives.

— Por que você acabou tudo? Éramos felizes juntos.

— Não acabei com nada, Alba. Já estava acabado.

Ele sentou-se no sofá da sala e convidou-a. Ela tomou um lugar e pediu algo para beber. Ele lhe serviu duas doses de *bourbon*, sem gelo, e guardanapo junto ao copo e uma garrafa de água tônica.

Após o incidente no hospital, a separação fora inevitável. Alba ficara com o apartamento em Del Valle, segurança em primeiro lugar, bairro residencial, composto em sua grande maioria por famílias e localizado no meio da cidade. José permaneceu na casa em *Colonia Cuauhtémoc*, para que Guillermo ficasse no mesmo colégio. O filho não quis morar com a mãe.

Continuaram o diálogo…

— Tudo estava bem. Eu, você, Guillermo. Quando ele chegou, nossa vida transformou-se. Éramos uma família perfeita.

— Não éramos felizes. Guillermo trazia felicidade. Hoje é quase um homem; e a doçura e a inocência de criança se foram.

— Sua vida está melhor?

— O que quer dizer, melhor? Estou sobrevivendo só por Guillermo e Mayala, que amo como filha, e por nada mais. Assim como você, ou não?

Guillermo e Mayala assistiam a tudo, abraçados, no topo da escada. Ela chorava, ele a consolava. Após a tentativa de suicídio, a jovem ficara muito emotiva e vivia enclausurada num quarto do apartamento da tia. Estava sob um jogo poderoso e sem piedade, ou seja, pouco mudara de sua vida anterior.

José e Alba continuavam a conversa, que ia tomando um rumo mais áspero e desgastante. As cobranças dela se faziam repetitivas. Ele aduzia seus demônios e mantinha a serenidade, aguardando o descontrole inerente à ex-esposa, ainda mais com o *bourbon* já no fim e a água tônica que sequer fora tocada.

— Você acha que amor é o quê? O amor dos romances, telenovelas? Diga-me.

— Ah, se eu fosse lhe explicar o que penso do amor. Continuo de pé pelo meu filho. Espero que esteja por Mayala também. Ela me faz falta.

— Nunca seremos felizes. A vida é assim. Felicidade é efêmera. Mayala tem a vida dela. Pouco a vejo…

Alba já mostrava sinais de irritabilidade. Respirava profundamente, tentando acalmar-se, enquanto estalava a unha do polegar esquerdo na unha do dedo médio direito. José se esquivava das questões de amor. Ela pediu mais bebida. José relutou e ela fora se servir. Ele sentia que toda aquela conversa não levaria a lugar algum. Era um beco, uma ponte inacabada em um abismo. Mas, ele continuava. Era um mal necessário.

— Por isso, não me iludo com nada mais. Felicidade? Isso tudo é uma falácia social.

— Amou-me? Alguma vez? Ao menos algum tempo de nossa vida juntos, você me amou, José Cáceres?

— Minha *vida* é uma *vida* de batalhas. Penso que sou um bom pai… amava-te, por isso me casei. Mas essa tristeza, essa melancolia, esse ódio que tenho de estar vivo me faz ser assim, inconstante, sem vontade de viver.

— Amor não acaba assim.

— Se eu não tivesse Guillermo e Mayala, há anos ninguém teria mais notícias de mim. Então, não me faça perguntas desse tipo. De cem coisas do nosso casamento, setenta foram erros imperdoáveis que cometi. E como você diz que fomos felizes?

— Eu era feliz porque tinha você comigo.

— Praticamente só perturbei a você devido aos meus vícios, das minhas frustrações, da minha tristeza, do meu remorso, do meu rancor, do meu ódio, da minha incapacidade, da falta de reconhecimento ao meu trabalho…

— Estávamos bem nos últimos tempos. Não estávamos?

— Um fingindo ensinar; outro fingindo aprender.

— Eu não estava assim.

— Tenho uns bons momentos, confesso. Mas isso só piora as coisas, porque sei que é temporário. Continuo infeliz, e morrerei infeliz. Agradeço por ter meu filho e minha sobrinha.

Guillermo e Mayala desceram, com os olhos vermelhos e úmidos, já sussurrando algo entre si. Eles tinham uma ligação muito estreita e forte. Um vínculo de irmãos. No colégio estavam sempre juntos. Conversando às escondidas, conjecturando, rindo, traçando planos e especulando mudanças. Haviam tomado, por certo, alguma decisão, visto que Guillermo não estava feliz junto ao pai, e Mayala, não se encontrava em estado melhor com a tia.

José e Alba estancaram a conversa e abriram um sorriso prevenido e opaco. Ela chamou pelo filho e o abraçou com certo desconforto. Havia um muro entre eles, uma redoma de rancor e indiferença. Guillermo culpava a mãe pela tentativa de suicídio da prima. José

recebera um carinho especial da sobrinha. Mayala lhe tinha como um pai, um segundo pai.

Mantiveram-se calados por alguns instantes. Os adultos sentados e os jovens de pé, de mãos dadas e ensaiando um discurso.

— Você quer falar?

Questionou Guillermo. Mayala olhou para o lustre da sala, coçou a ponta do nariz e disse em tom sarcástico, porém com voz suave e polida, quase solene.

— Vamos direto ao ponto. Acordamos Guillermo e eu, que ficaremos nesta casa. O colégio está próximo para nós e alguns colegas de turma moram nas redondezas. Teremos um ao outro, já que tio José é ocupado com seu trabalho na embaixada. Quinzenalmente, aos sábados, passaremos o dia com a tia Alba. Não há dissolução desse nosso pacto e não aceitamos propostas. Pensamos ser o melhor para nós e para vocês.

José e Alba entreolharam-se e não tinham o que fazer, salvo concordar e abençoar a decisão de dois jovens tão resolutos em seus anseios e desejos. Estavam, deveras, com a razão. Alba era inconstante, desequilibrada, sem ponderações e narcisista com *espectro* ditatorial. Quase insalubre, uma companhia desagradável e difícil de trato. José era calmo, ausente, introspectivo e reservado; contudo, tinha padrões de uma vida voltada aos desejos do filho e sobrinha, não de total liberdade, mas de confiança.

Estava, então, tudo acordado. A vida seguiria um novo rumo. Guillermo fora jogar futebol com os amigos do colégio. Mayala subiu para seu quarto e escreveu em seu diário…

Sinto agora uma imensa vontade de caminhar até você. A distância é somente e tão apenas um desejo…

Apagou a luz do abajur, fez uma breve oração e foi dormir. Haveria aula no dia seguinte.

Como de costume, após soar o sinal do intervalo, Mayala e Guillermo corriam para debaixo do grande carvalho, a fim de lanchar e trocar ideias mirabolantes e muito próprias. A ligação entre os primos era algo ímpar. Eram trocas de vivência, sabedoria, amor, religião, Filosofia, Literatura. Eram irmãos que vibravam em harmonia, eram singulares almas semeando o que há de melhor no ser humano. Quisera a humanidade seguisse tal caminho.

Debaixo da portentosa árvore tinha-se uma privilegiada visão do corredor principal da edificação. Por lá passavam, fingindo pressa, os detentores dos cargos do mais alto escalão do Nossa Senhora de Guadalupe.

O diretor Jesús, cruzou pela Madre Superiora e lhe obsequiou algo com a cabeça inclinada. Ela não lhe deu ouvidos. Ele retornou e segurou com rispidez o braço da religiosa.

Ela descuidou-se da postura arrogante, segurou o crucifixo que trazia ao peito, sobreposto ao considerável volume dos seios e proferiu algo. Talvez um *sim*. Jesús traçou outras tantas considerações e ambos sumiram em direções opostas.

Mayala, atenta ao encontro dos dois opostos do poder no Guadalupe, cochichou ao ouvido de Guillermo…

— Ela me causa medo. Seus olhos parecem penetrar em nosso âmago, sugando os pensamentos mais íntimos. Não confio nela…

— Quem?

Interessou-se Guillermo, com curiosidade aguçada nos olhos.

— A Madre Superiora, quem mais?

— Por quê? Deixe de loucura, prima.

— Tive educação rígida e cristã. Não é nada fácil viver sob a mão pesada do catolicismo hipócrita, dotado de restrições que só abarcam os *catequizados*. E você, teve ou tem alguma imposição de ser subjugado a uma fé? Duvido muito…

— Está me oferecendo uma fé?

— Não foi esta a pergunta. Teve *ou tem* alguma imposição de ser subjugado a uma fé? Você precisa de uma fé para viver?

— Não, por quê? Nunca precisei de fé. Li de um filósofo que a *fé é acreditar no que não existe.* Por que desejaria uma?

— Está bem. Não precisa ter, então. Não é de minha índole fazer alguém *engolir* uma fé. Não sou ev*angel*izadora. O Criador e eu brigamos após a tentativa de suicídio. Paramos de conversar desde o acontecido. Ao menos você já teve contato com a Bíblia, para poder desenfrear acidamente teus pareceres?

— Eu já li a Bíblia, se queres saber. Mas também conheci Gräff, com seus textos ácidos, porém românticos, e desde então, as *passagens sagradas* se me apresentaram murchas, opacas, sem vitalidade e, incrivelmente, sem atrativo válido de qualquer espécie.

— O senhor Gräff terá explicações amontoadas a dar.

— Não é isso, amada prima. Minha Mayala, o êxito da vida supera a morte. Os cristãos que pensam ser bons sentem um horror descomunal do inferno. Aquele filósofo que citei há pouco, também firmou que o único cristão morreu na cruz. Estes cristãos, do hoje, do ontem, também do amanhã, buscam ajudar ao próximo somente para lhes suprir de uma graça, que eles supõem existir, para livrá-los das garras de Lúcifer. Patéticos. Os agnósticos, os ateus… não sentem esse horror, pois não se transmutam em bons ou maus. São quem realmente são, sem medo, sem amarras. Eu não temo a Deus. Posso ser quem eu sou. Sem ter débito com qualquer entidade, inventada para causar o medo, respeito, opressão…

— Admiro sua coragem… Grande incumbência. Orgulho-me de tê-lo como primo. Lembra-se de algum texto de Gräff? Recite-o para mim, por favor.

— Vou tentar… um momento. Ah, sim. *Os grilhões*. É algo assim… *podem dizer que somos perturbados… mas para conseguir nossa carta de libertação e lançar nossos pensamentos dentro de cada um, teremos de retirar as vendas tauxiadas de nós, que foram postas num dia de sol. Bloquearam nossas vistas de vidro, que sangram vivaz como correm os rios ao mar, onde a fragilidade solitária mistura-se à areia em tua boca.*

— Ah, agora entendi o motivo das *parábolas* soarem sem vitalidade. — Disse Mayala, sob o véu da surpresa, com os olhos miúdos arregalados.

O sinal de entrada do intervalo soara. Guillermo disse que continuariam a conversa em casa, após o término das aulas. Cada qual se dirigiu à sua turma, lançando, ambos, beijos no ar.

Ao adentrar à sala, Mayala deparou-se com Monsenhor Jesús Fernández Herrera, que já se encontrava prostrado frente ao quadro negro. Trazia boas novas, e outras nem tanto.

Em voz rouca, com vestígios de *curada* embriaguez, feições moles e avermelhadas, o diretor ordenou que todos se sentassem. Pigarreou nauseante.

— Bem, hoje finalizo minhas horas com vocês no que tange à disciplina de Teologia. Com pesar imenso… informo… que nosso amado Padre Perdonáz falecera há duas horas no Hospital de São Miguel Arcanjo. Os nomes dos substitutos já estão sendo ventilados junto ao conselho e, provavelmente, segunda-feira teremos o novo professor de Teologia. Estejam bem e fiquem com Deus e Nossa Senhora de Guadalupe.

Deu as costas à classe e sumiu pelo longo corredor, deixando a porta aberta. Os alunos entreolharam-se; um alívio triste e calculado tomou conta do ambiente.

Os primos terminaram o jantar. Com olhares medidos e o pedido de licença a José, subiram para o quarto de Guillermo, a fim de continuar a conversa da tarde sob o carvalho do colégio.

Mayala, ansiosa, pediu que o primo se adiantasse. Teria uma avaliação importante no dia seguinte e tinha de estudar ainda…

— Bem, como terminamos no texto de *Os grilhões*, posso lhe dizer que há outros mais contundentes, com uma acidez mais acentuada, porém são difíceis de decorar. Mas tenho o livro aqui. Onde está? Ah, sim.

Apanhou o volume que estava sobre a pilha de livros *embaralhados* na mesa de cabeceira e entregou à prima.

Mayala maravilhou-se com a capa. Um céu vermelho, com a textura de uma maçã, sobreposto pela *Times Square* em Nova Iorque. Pessoas sem rosto ornando o rodapé dos edifícios, onde se lia o nome do autor e o título da obra, em duas linhas distintas: *Jacob Gräff / A Grande Maçã.*

— Que título peculiar, não?

— Bem verdade. Alguns críticos dizem que fora inspirado em Nova Iorque e suas mazelas; outros, que faz alusão a Adão e Eva. Há quem diga que seja por ambos e colocam como cereja do bolo os *pecados famigerados* de Adão. Teorias não faltam: ele ter cedido à investida de Eva em provar o fruto da árvore do conhecimento; ter tido outra mulher…

Às últimas palavras de Guillermo, a jovem soltou um gritinho de repulsa. Mayala olhava atônita para o primo. Ele recuou o olhar com semblante de temor.

— Amante? Adão?

O primo respondeu que sim, mas que Adão não tinha exatamente uma *amante*. Que o nome dela era Lilith, que queria ser a dominante na cópula. Ele tentou explicar; não conseguiu.

Despediram-se e foram dormir.

Raúl chegara ofegante. Tinha *boas novas*. Contudo, iria demorar um pouco até trazer a surpresa. Pediu que aguardassem. Ramiro chegou pouco depois, inquieto e áspero.

— Onde está Raúl? Estou cansado de toda essa burocracia.

Raspou a bengala na terra seca e acendeu um cigarro, após extrair o filtro. Baforou uma, duas, três vezes e desistiu do contexto. Deixou o grupo e foi caminhar, na esperança de que o novo morador da Porfirio Díaz trouxesse uma boa história para acalmar os ânimos, que nos últimos dias estiveram exaltados por conta das novas decisões do governo. Cortes severos foram feitos no que dizia respeito aos direitos dos encarcerados. Três mortes, dezoito feridos e celas destruídas: resultado da *tentativa* de rebelião.

Raúl retornara. Trouxe consigo Emanuel Esparza, que fora transferido de uma prisão do interior por assassinar um detento.

Todos o cumprimentaram e ele os saudou com um movimento de cabeça muito sutil. Tinha olhos fundos, bigode espesso, cabelos rapados, nariz adunco e total ausência de dentes. Era um homem forte, de estatura proeminente e constituição física nas mesmas proporções. Causava aversão, antes do respeito. Não tinha as feições e características de que se daria bem com os *comensais* de Raúl, pois ali eram todos tranquilos, não tinham envolvimento com outros grupos. Entretanto, tinham suas ideias acatadas, quando requeridas.

— Então, Emanuel, conte-nos sua história. — Disse Raúl, pondo-se de joelhos e logo se acomodando a um canto da coluna que dividia a quadra de futebol do lugar onde o grupo sempre se reunia.

— Já sabem que fui transferido por conta de um assassinato, não é? — O grupo fez sinal positivo; contudo, tinha os olhos voltados para o chão. Raúl coçava as costas no concreto, esticando os olhos sobre ombros de Esparza.

— Então… quando fui preso no início de 1981, eu ainda era casado. Tinha três filhos e morava em Tijuana, na *Baja California*… próximo à *Cereso La Mesa*. É uma comunidade muito pobre. O tráfico comandava o local e a polícia está sempre às voltas com a criminalidade. Às vezes contra; às vezes a favor. Tiroteios são muito comuns na região. Em 1979, houve um grande confronto. O maior que vi no tempo em que morei lá. Eram carros blindados, metralhadoras, muitos policiais e muita morte. Não lembro a quantidade, mas meu pai foi um dos mortos nessa batalha. Ele não era traficante, nem policial, vendia suas hortaliças na feira para sustentar minha mãe e minha irmã, que sofre de uma doença degenerativa, sem cura. Quando sepultei meu pai, jurei que iria encontrar quem o matou e fazer justiça. A justiça de Tijuana. Sangue pago com sangue. As investigações se arrastaram e, por fim, divulgaram o assassino de meu pai e de mais alguns inocentes, no confronto entre a polícia e os traficantes de armas e drogas, quase ao fim de 1980. Fora um cabo da polícia de Tijuana, Juan Antony Vingaza. Um falastrão, bêbado, corrupto. Vivia em bares e prostíbulos, facilitando minha emboscada.

Tenório pediu licença para se ausentar. Tinha necessidades fisiológicas a fazer. Todos riram. O *velho*, como alguns chamavam, era um sujeito muito engraçado. Estava constantemente interrompendo, ou rindo sem motivo. Todos eram seus fãs.

O grupo ficou perdido com a pausa de Emanuel e seu relato. Exequiel, que acordara de bom humor, sugeriu uma história, para descontrair o grupo. Raúl franziu a testa, fazendo com que a sobrancelha quase se unisse ao penteado lambido que era sua marca. Dizia ele ser o charme de Raúl Montequintel.

Exequiel, então, mesmo com todos os narizes torcidos e sussurros desdenhosos, começou…

— Quando eu era criança, morávamos em Anenecuilco. Logo depois, fomos para Ayala e depois para Tlaltizapán, onde morávamos com meu avô, que era curandeiro. Muito conhecido em toda aquela região de Morelos. Vivemos sempre nos caminhos da Revolução. Bem, mas como dizia, meu avô era curandeiro e salvou muitas vidas com suas práticas. Um dia, vieram chamá-lo para tratar um homem, que estava acamado há dez anos. Meu avô arrumou as suas coisas e me recrutou para tratar do homem, Cesar Vellázquez, em Zacatepec. Em casos mais graves, meu avô sempre preferia levar-me, deixando minha irmã. Dizia que eu tinha *mais jeito* com os enfermos. Quando chegamos, a família nos esperava.

O grupo que havia hesitado em ouvir a história de Exequiel, encontrava-se compenetrado no relato. Muita atenção era despendida e não se ouvia uma palavra fora do discurso.

— A família nos convidou para entrar. Jantamos e fomos dormir. Meu avô veria o paciente no dia seguinte, na casa em que se encontrava acamado. Amanheceu muito rápido. Nem lembro de ter dormido. Bebemos um café forte e fomos até Vellázquez. Entrei no quarto com meu avô. Ele fez suas orações enquanto eu cuidava da limpeza do enfermo. Estava com escaras pelo corpo, unhas grandes e muito sujas. Os lençóis estavam manchados de um amarelo-ouro, o travesseiro apresentava tons negros em ambos os lados da cabeça e debaixo da cama nem pretendo falar. Vomitei por dez minutos. Após limpar o paciente e o vestir com roupas limpas, meu avô pediu que eu me retirasse. Juntei tudo que fora recolhido na imundície do quarto, amarrei no lençol e pedi a benção a meu avô. Ele me abençoou e me retirei. A família estava apreensiva. Fez-me muitas perguntas e o que estava ao meu alcance, respondi, apresentando com rispidez o amontoado de sujeira retirado do *mundo* de Vellázquez. Alguns minutos depois, o paciente saiu correndo e aos gritos, onde esteve por dez anos. A família ficou estarrecida. Comigo não foi diferente. Logo

atrás de Vellázquez, meu avô apareceu com um sorriso jubiloso. Todos o questionaram sobre o que aconteceu e como fez para tirar o homem que vivia sobre um leito à espera da morte. Meu avô sorriu e disse, sem titubear: *Ateei fogo na cama. Era preguiça.*

Exequiel saíra em disparada, rindo alto e com imenso prazer, pois se permanecesse ali, certamente levaria muitos socos e pontapés.

Todos se entreolharam. Riram como nunca, mas tiveram cólera como sempre. Após alguns instantes a serenidade estava estabelecida novamente.

Agradeceram a volta de Tenório, que chegara com a calça ainda não totalmente vestida, deixando à mostra sua roupa íntima, que parecia ter sido usada como alvo para treino de tiro. O grupo riu sem perdão. Tenório balançava os ombros e retorcia o esmaecido bigode como um rato procurando comida. Emanuel continuou…

— Como dizia… estava constantemente em bares e prostíbulos, o que facilitou minha emboscada. Era uma quarta-feira, por volta das onze da noite. Vingaza saiu do bar já embriagado. Arrumou o paletó, apertou o cinto, pois as calças já não obedeciam à barriga enorme. Fumou um cigarro encostado no automóvel e saiu. Eu estava em uma motocicleta emprestada por um amigo. Saí logo atrás dele. Como eu já sabia, ele descera no prostíbulo. O mais barato da região. Eram mulheres sujas, malvestidas, pouco amistosas… algumas, com idade avançada para a profissão. Não que exista idade para o sexo, mas para isso penso que deva haver, enfim… fiquei esperando no estacionamento. Duas horas se passaram. Eu já estava desistindo quando ele surgiu… mais embriagado que nunca. Quase não se mantinha de pé. Vinha buscando, com os olhos cegos pelo álcool, a localização de seu veículo. Tentou três, até chegar ao seu. A chave e a fechadura não conseguiam se unir. Ele estava num estado lastimável. Mas eu não me importava. Só pensei que ele nem saberia quem eu era e não adiantaria dizer. O que eu queria era vê-lo morto, sangran-

do como meu pai. Enfim, conseguira abrir a porta do automóvel. Sentou-se pesadamente no banco e lançou sem piedade a cabeça para trás. Sussurrava palavras ininteligíveis. Parecia estar delirando. Aproximei-me com o revólver em punho. Ele nem sequer abrira os olhos. Chamei por ele em tom baixo, mas agressivo. Perguntei: *Cabo Juan Antony Vingaza?* Ele me fitou com os olhos sôfregos e avermelhados, respondendo cruamente e com voz embargada… *sim, às ordens. O que você quer, seu idiota? Dinheiro? Veio me roubar seu índio sujo.* Respondi com um chute no veículo. Ele recompôs-se no banco e enfiou a mão no porta-luvas. Puxei-o pelo paletó e o joguei a considerável distância do velho Ford. Algumas prostitutas fumavam na porta lateral do bordel. Conversavam sobre os rendimentos da noite. Não se importaram com a briga. Uma delas ria alto, dizendo: *Matem-se, seus porcos. Matem-se seus canalhas.* Vingaza levantou-se com dificuldade e veio em minha direção. Perguntei se ele se lembrava de Juarez Esparza. Ele tentava controlar os pensamentos e as pernas. Nada mais lhe obedecia. Chegou mais perto e disse aos gritos, balbuciando: *Aquele velho índio foi muito fácil de matar. Era um rato… um verme.* Quando terminou a última palavra, seu cérebro juntou-se à areia do estacionamento. Ele lembrava de que havia matado meu pai.

O grupo ficou um tempo calado. Olhando para o nada. Esparza apresentou um semblante resignado e continuou.

— Ajoelhei-me e pedi a Nossa Senhora de Guadalupe o perdão para minha alma. Pedi que Ela cuidasse de minha esposa e de meus filhos, pois eu imaginava que seria preso na mesma noite. Fui para casa com a alma enegrecida, mas aliviada. Após quatro meses, fui preso e levado para *La Mesa*. Um ano depois, matei o detento, sobrinho de Vingaza. Esse evento me trouxe para cá. Era apenas mais um canalha. Outro verme, tal qual o tio. Trazia cravada na parte superior do pé esquerdo uma suástica… demoramos para ver a tatuagem, já que andávamos sempre calçados por conta da podridão do pátio, infestado de doenças e pedras. Mas houve um dia em que ti-

vemos de nos despir por completo. Aconteceu uma tentativa de homicídio no refeitório e uma navalha foi encontrada. Interromperam nosso almoço e nos conduziram ao pátio. Como estávamos todos nus e eu sempre carregava comigo uma *salvaguarda* do Vingaza, embrenhei-me na multidão de presos e caminhei atrás dele até nos sentarmos. Desse modo, vi a tatuagem da suástica. Questionei-me: o que *pensava* um mexicano de Tijuana, com um símbolo daquela ideologia gravado permanentemente ao corpo? A partir dessa data, o ódio só aumentou.

Esparza baixou a cabeça e parecia estar fazendo uma oração. Raúl espreguiçava-se. Tenório coçava o joelho, com a perna esquerda da calça dobrada até as coxas finas, quase cadavéricas. Exequiel fumava. Ramiro havia saído. Estava a alguns metros do grupo, olhando o céu com certa ternura, o que insinuava estar conjecturando com Deus acerca de suas lamentações.

O sinal, avisando que o banho de sol terminara, soou. Todos se dirigiram às suas celas e foram, cada qual, contabilizar mais um dia de cárcere.

González chegou à Secretaria Geral de Segurança exalando sono. Trazia nas mãos um jornal dobrado ao meio, onde se lia o nome em vermelho, *Diario Mēxihcah* e uma sacola de papel com dois lanches, talvez um.

Sentou-se à sua mesa. Esticou os braços para trás, buscando relaxamento dos músculos e permaneceu imóvel durante considerável tempo. Tomara o tempo como uma paisagem estática, tal qual o quadro dependurado à parede, donde se via uma representação de um sacrifício humano na cultura asteca.

O cotidiano cansativo e o relógio cruel estavam mortos. Olhava ao seu redor, mas não enxergava. Tudo era paz, tudo era serenidade. Um filtro de luz embaçado circundava todo o lado da Divisão de Homicídios e Mortes, conhecida como DHM.

No domo que criou, havia uma cacofonia de mesas e cadeiras se movendo, risos involuntários e máquinas de escrever. O caos reinava devido à alta taxa de mortes, roubos, extorsões, tráfico e acidentes de trânsito. Mas, havia algo especial naquele momento.

Enquanto mantinha os braços para cima, forçando-os, o telefone tocou. Mostrou-se enfadada e debruçou-se sobre a mesa para atender ao chamado. Era Castillo. Iria levar um tempo para chegar, tinha horário marcado com Dr. Plácido, a fim de realizar exames gerais. Não se sentia bem.

A colega de trabalho conjecturou consigo o real motivo da visita ao médico. Por um tempo, Castillo esteve em um ciclo descontrolado de consumo de álcool. Todo o trauma do Massacre de Tlatelolco retornara como um fantasma mais letal que o próprio. Por conta

dele, o investigador perdera a mulher e a filha, que o abandonaram ao saber dos seus comandos naquela tragédia. Os dias de Castillo passaram a ser preenchidos pelo trabalho e pelo vício. A alimentação vinha sendo feita de modo descuidado e inexistente, tendo em vista o grau de ingestão da bebida. Vagava às noites por bares do subúrbio, onde não o conheciam; mas tudo em vão. Acabava sempre nas áreas centrais da capital, perambulando pelo *Paseo de la Reforma*, sentado ao *Zócalo* ou, para terminar a noite com mais angústia e terror, deixava-se dilacerar à *Plaza de las Tres Culturas*.

Passava das dez horas quando Castillo chegou ao DHM.

Estava horrível. A pele avermelhada fazia com que os olhos azuis ficassem nublados; olheiras grotescas desciam enegrecidas, dando-lhe feições mórbidas. Mais magro a cada dia, seus braços pareciam ter esticado; suas pernas, antes robustas, dançavam nas calças. A camisa enxovalhada sob o paletó formava a imagem da decadência. Os olhares dos companheiros se compadeciam frente àquele amontoado de decepção e rancor. Buscavam compreensão para o desastre que se anunciava. González chorou.

O investigador sentou-se como um elefante, dado o peso que carregava nas costas. Prostrou os cotovelos sobre a mesa e deixou-se ali, desaparecido em meio a todos. Era o resquício de um grande homem. Torturado e vencido pelos seus próprios demônios. Havia aberto o cômodo escuro de seus fantasmas.

González chamou-o e tentou acordá-lo do transe. Ele não respondera. Estava longe, aquém daquele mundo, vagando por paragens enegrecidas e vigiadas por bestas aladas que o atormentavam com lembranças de Tlatelolco.

O telefone voltou a tocar. Castillo despertou e olhou para González com ternura, inundada de tristeza. A amiga sorriu, sussurrando que tudo ficaria bem. Disse, em voz cálida e encorajadora:

— Vamos trabalhar, isso lhe trará de volta. Ah, antes leia isso. É um bom começo para nossa logística traçada semana passada.

A investigadora lançou o jornal sobre a mesa, disse de passagem o número da página e foi buscar um café quente. O suposto lanche que trouxera já estava no lixo. Castillo abriu lentamente a gaveta de sua mesa, apanhou os óculos, ajustou-os ao nariz e equilibrou a falta de uma haste. Folheou o jornal de trás para frente e logo estacionou na página citada por González. Ignorou o título e foi ao texto.

No corpo expirado, a mente morre.

Com a mente desfalecida, o corpo já pereceu.

A alma, por sua vez, toma destino diverso. Vaga, perambula, padece, perde-se, sofre imposições e mantém-se encarcerada no mundo material, esperando a redenção que, por inúmeras vezes, não virá. Será um arcabouço espiritual, uma sombra perdida, transladando entre os mundos.

O corpo diferencia as sensações.

A mente diferencia as emoções.

O corpo, como invólucro da alma, é receptor e propagador de todas as dores e prazeres. Traz consigo todas as cicatrizes da vida e as chagas do tempo. Escudo e espada na guerra contra as intempéries do cotidiano, armadilhas do inconsciente e contra si próprio.

A mente, como calabouço das ações do corpo, é detentora de tudo o que é bom e de tudo que é mau. Abarca, no úmido chão do inconsciente, as experiências lembradas e vivências esquecidas. Mas, tanto o receptor quanto o subtraído de alma, perdem as memórias recentes e as mais antigas.

A nova morada da alma só guarda lembranças diárias, curtas e praticamente momentâneas.

Entretanto, a memória plena pode, quiçá e remotamente, surgir em momentos de extremo padecimento ou extasiante felicidade.

— Então? Que me diz? O que está acontecendo com este jovem? Não escrevia assim. Temos de falar com ele. Sabes que não me engano com minhas intuições.

Castillo fez sinal de silêncio. Revirou os olhos e balbuciou, imitando a fala de González. Retomou o ar e voltou sua atenção para o que estava fazendo, olhando com semblante repreendedor à amiga. Sempre detestava que o interrompessem durante a leitura. Pensava ser um ultraje. A investigadora desculpou-se com os olhos negros e lançou um beijo por sobre as páginas do periódico.

Por tal, corpo e mente se ajustam e diferenciam os sentimentos nos casos de subtração ou recepção de alma. Esta, quando alocada num invólucro, não traz consigo, a pensar na maioria dos casos, as lembranças de quando era parte da trindade corpo-mente-alma de outro invólucro.

Para que a alma seja subtraída ou receptada, o corpo e a mente devem encontrar-se em estado de abstenção da vontade de vida. Seja por desejo próprio do indivíduo, com uso de plena consciência; seja pela ausência dela, em forma de comorbidades que anulam a capacidade de discernimento entre realidade e ilusão.

O indivíduo que fora submetido à subtração ou recepção de alma mantém as sensações do corpo e as emoções da mente.

A sublime parte da trindade ajusta-se aos dois como parte do todo e entra em singular jornada, agregando e gravando tudo o que o novo invólucro absorver na existência vindoura.

— Antonieta, ligue para o jornal e agende um horário com Necalli… hoje.

González retrucou um sim entre os dentes e sentou-se à mesa. Discou e aguardou o contato.

Necalli não se encontrava na redação. Estava na impressão, resolvendo um problema de última hora. Contudo, a secretária afir-

mou que ele logo estaria disponível, desse modo, atenderia aos investigadores assim que ambos estivessem ali.

— Chefe!

Castillo sequer levantou a cabeça para responder. Tinha aversão à palavra. González gostava de perturbá-lo para rir. O DHM era cinza, assim como as mesas dos investigadores, que não descontraíam o ambiente. Os risos, piadas e brincadeiras sempre vinham do *pessoal* do Trânsito.

— Pérez, podemos ir… Ele nos espera.

O investigador assentiu com a cabeça e levantou-se com cansaço. Seu telefone tocou. Olhou com desdém para o aparelho e atendeu. Tinham de passar pela Legista. Um corpo foi encontrado nos canais de Xochimilco.

— Logo iremos. Temos de falar com a Dra. Paez, encontraram um *invólucro*.

A investigadora vestiu o casaco, apanhou bolsa e revólver e se adiantou. Castillo saiu logo atrás da amiga e caminharam juntos até a Divisão de Medicina Legal.

À porta encontrava-se a Dra. Paez, fumando. Sorriu, soprando a fumaça na direção de Castillo. Ele devolveu a fumaça e franziu a sobrancelha. González beijou a doutora na testa e entraram.

Em uma das mesas, na sala principal, uma silhueta coberta por um pano alvo, mostrava a fragilidade do ser humano. No lado oposto, um corredor escuro abrigava as temidas gavetas. Moradia de corpos sem identificação, sem história e sem alma.

Dra. Paez descobriu o cadáver. Era um homem. Aparentava ter no máximo 40 anos. Parecia quase intacto, salvo as escoriações por conta do local onde fora encontrado.

— Uma menina o avistou sob uma traineira. Conheces, não é González? Aqueles barcos dos canais de Xochimilco. A embarcação estava atracada e, com o movimento das águas, o pobre diabo tinha seu corpo empurrado para frente e para trás no ancoradouro.

— Qual a *causa mortis*, doutora?

Interessou-se González. Haja vista que nada se revelava no corpo, em primeira instância. Castillo analisava o cadáver ao longe, cobrindo o nariz com um lenço à mão esquerda; com a direita friccionava a têmpora tentando livrar-se da dor de cabeça.

— Suicídio. — González surpreendeu-se. Castillo concordou com os olhos baixos.

— As informações colhidas dão conta de que sempre fora um suicida em potencial. Morava sozinho nos arredores e vivia grande parte do tempo em bares de *Asunción*. Não tinha família; amigos somente os de bebedeira. Havia cinco anos sustentava-se com alguns trabalhos e quando era alvo da boa vontade de alguns *cristãos*.

— Mas, suicídio, doutora. — Disse González, enquanto Paez virava o corpo.

A parte de trás da cabeça havia sumido. Um projétil de grosso calibre entrara pela boca, sobre a língua, visto que uma queimadura inerente a disparos se fazia nítida no órgão.

— A princípio, sim, Antonieta. Por isso os chamei aqui. Lembrei-me de outros casos.

Castillo deu as costas para sair e sentiu algo *(ou alguém)* puxar seu paletó. Ele virou-se com rapidez, pensando ser González, ou Paez. As duas conversavam aos pés do morto. Na parede oposta, uma sombra arrastou-se até o corredor das gavetas, sumindo. Não havia luz direcionada para aquele ponto do ambiente, nem tampouco alguém se movera para projetar aquele vulto. O investigador olhou para o cadáver e deixou sua mente girar as engrenagens. Com olhar absorto e gélido, sussurrou em voz exausta:

— Vamos, Antonieta. Obrigado, doutora… qualquer novidade, avise-nos. Aliás, qual o nome da vítima?

— Roberto Eztli… sugestivo, não?

Dra. Paez meneou a cabeça e, baixando-a, uniu as mãos ao peito, rendendo saudação budista. Os investigadores deixaram a Di-

visão de Medicina Legal em silêncio, com os pensamentos corroendo suas mentes e oprimindo seus pulmões. Somente os passos de Castillo e González eram ouvidos no estacionamento.

Ao entrarem na viatura, Castillo, com o dedo indicador nos lábios e os olhos fechados, disse:

— Bem sugestivo. Ela desliza e entorpece como a torrencial chuva que inunda e impregna a terra com sua força. A incógnita dos olhos faz-me sofrer alucinando; tetos e nuvens à frente, com portas aos pés sangrados. Indultos puros e constantes ferem teus ouvidos enterrando-me num rastejar. O caos de cada alma arrebata a recém-nascida chama e empalidece o desejo.

— Não sei como consegues decorar estes textos, Castillo. És como um depósito de quinquilharias. Há muitas coisas, mas nem sempre sabemos de onde vieram, como e qual o motivo de estarem ali, guardadas, esperando o momento de serem utilizadas. Amigo, admiro-te. Sugestivo? O que é sugestivo…

— Obrigado. Também te admiro, minha querida Antonieta… esqueça o *sugestivo*.

Na recepção do *Diario Mēxihcah* já tinham ordens para os investigadores entrarem. Frederico Necalli os esperava.

— Doutor, Sou Pérez Castillo, investigador do DHM. Esta é Antonieta González, minha parceira.

— Como sabe que sou doutor?

Questionou Frederico, com um sorriso amistoso nos lábios. Castillo indicou os diplomas na parede, atrás do redator, balançando o dedo indicador com debilidade.

— Ah, sim… está claro e provado. Sentem-se, por favor. Como sou desastrado. Às vezes esqueço até de acender as luzes. Hoje estão acesas pelo fato de… já falei demais.

Sentaram-se todos e um silêncio constrangedor tomou conta do ambiente. González rompeu-o com pergunta direta.

— Dr. Necalli, sabe o motivo de nossa visita? Está a par dos acontecimentos dos últimos tempos? Tem algo a nos dizer?

Frederico acomodou-se na cadeira e pensou em qual resposta daria primeiro. Iniciou pela segunda pergunta.

— Investigadora, estudo os acontecimentos por sugestão da Sra. Lupe, sócia majoritária do periódico; e encontro-me, sim, a par de tudo. Caso tenham vindo buscar informações ou pareceres acerca dos suicídios.

Frederico tinha a testa suada, olhos apreensivos e mãos trêmulas. Castillo levantou-se, arrumou o paletó e iniciou uma caminhada pela sala, observando os retratos, diplomas, troféus e os ornamentos que davam um ar mais agradável ao escritório.

— Dr. Necalli, surpreendeu-me muito seu último texto, visto que sua escrita não tem aquele teor e estilo. Suas colunas eram mais lúcidas e polidas, literatas e filosóficas, sem o tom perturbador desta última. Sabe algo a respeito dos suicídios que queira compartilhar?

O redator levantou-se e olhou diretamente para Castillo. Manteve-se com os braços apoiados à mesa e logo disparou.

— Aceita algo para beber?

Castillo sinalizou positivo e Necalli lhe mostrou a mesa com as garrafas. O investigador não se furtou da gentileza. Serviu uma generosa dose de vodca e pôs-se em atenção total ao copo e a Necalli, que já tentava falar havia instantes.

— O texto em questão… aliás, os textos, pois o antecessor a este, também me brotou de forma nunca *experienciada* por mim… foram como uma vazão d'água, uma torrente feroz que não encontra obstáculo. Ademais, passei por um momento muito difícil, quase letal… e quando retornei à redação, meus pensamentos encontraram-se confusos, quando relacionados a estes *suicídios*. Tentei algumas vezes tirar minha vida, como é de conhecimento de muitos… desse modo, tornei-me mais sensível a estas vítimas de seus próprios atos ou de algo mais forte que as próprias. Algo que não seja daqui…

— O que quer dizer com *algo que não seja daqui*?

González sentiu um frio na espinha e Frederico permaneceu imóvel, buscando resposta à pergunta da investigadora. Castillo folheava uma revista de esportes, atento aos últimos resultados do futebol pelo mundo.

— Ótimo, Bávaros… — Disse ele com orgulho, batendo a mão esquerda no peito.

De súbito, voltou-se para Necalli com resolução e, em tom severo – mas cordial, replicou.

— Bem, tendo em vista suas palavras, gostaria que nos ajudasse. Que nos auxiliasse. Também compactuo de sua opinião de que há *algo* fora de nosso alcance nesses casos. Sei que todos os seus estudos, sua formação e suas convicções podem auxiliar numa possível resolução.

Necalli olhava atento para o investigador, cogitando em sua mente uma *qualquer* intervenção. Mas ateve-se. Pensou ser melhor deixar que Castillo finalizasse a linha de pensamento em que se enredara. O investigador divagava e quanto mais falava, mais forte se tornava o odor etílico na sala. González buscava um ar inexistente debaixo da mão esquerda, fingindo coçar o nariz. Tinha os olhos nublados, tristes.

— Ademais, caro Necalli, essas mortes nos fazem ponderar sobre, como lhe falei, o algo fora do alcance. Portanto, buscaremos estratégias para estancar estas desgraças. Estou cansado, vamos, Antonieta.

Frederico saiu de trás da mesa e foi até o investigador. Parou diante do homem e, olhando para cima, disse em voz preocupada, porém resoluta…

— O senhor lembra-se do suicídio na Área Rural há alguns anos, que culminou com o assassinato do cônjuge pelo sogro, no próprio velório da suposta suicida? Ramiro Zapata. O poeta, líder comunitário e espiritual, agricultor?

Castillo buscou nas lembranças e *nada* lhe ocorreu. González manteve-se em silêncio.

Frederico continuou…

— Enfim, busquemos informações e falaremos com ele. Zapata tem uma história perturbadora bem para contar. À época, eu trabalhava como assistente em um escritório de advocacia. Meu patrão ficou com o caso dele e tive acesso aos relatos sobre o ocorrido com a filha adotiva, Isabel. São falas aterradoras.

Castillo e González se despediram. Frederico abriu a porta do escritório e o ar tornou-se mais livre à medida que os investigadores se distanciavam. Sumiram pelo corredor e logo pelas escadas. O redator os acompanhou reticente, premeditando uma *cáustica* caminhada pela frente.

Ramiro se deitou. As luzes ainda não haviam se apagado. Como de costume extraiu o filtro do cigarro e o acendeu. Algumas regalias lhe eram permitidas, como portar uma lamparina, fósforos, rádio, entre outros objetos proibidos a detentos comuns. Ele gozava de ótima reputação entre os guardas.

Tragou com tranquilidade e depositou a primeira cinza na lata de *Tecate* cortada ao meio, que era seu cinzeiro. A brasa, não mais crepuscular, conseguia ainda suprir luz ao recipiente. A fumaça, que impregnava seus pulmões, trazia um falso alívio ao amontoado de *quimeras* que residiam naquela cela.

O toque de silêncio fora ouvido. Impossível não se aborrecer com o aviso de subtração da autonomia nas celas. Ele terminou o cigarro e se deixou transportar para o mundo fora dos portões da penitenciária.

Pensou em tudo durante a vida de 65 anos. Longa, cansativa, adversa e infeliz. Lembrou-se do poeta, lembrou-se do agricultor e neto de revolucionário, do marido relapso e pai amoroso. Entretanto, a imagem única e exclusiva que lhe surgia era a do assassino. Imagem obscura que lhe perseguia pelos corredores, pátio e os maculados lugares da prisão, mesmo improváveis, onde sua alma vagava, moribunda e dilacerada, preenchendo os insólitos ambientes.

Um dos bares na frente do edifício onde morava Necalli, carcomia redenções, simulava felicidades, ensaiava desgraças e cicatrizava o enegrecimento das almas errantes que ali se encontravam.

O anjo sentia pavor da miséria humana que observava no lúgubre ambiente à sua frente, enquanto mantinha a *liturgia*…

A alma já sabe de sua condição. Toda ela, que já possui garras, não se despende mais de um cuidado anômalo. Ela não é mais uma inocente. Não necessita mais de atenção. Quando ela atinge este patamar, atente, seus atos serão somente de ataque. A única coisa que fará é atacar, pois ela já possui seus próprios dentes. Não é preciso entender o porquê dessa questão. Eu já consegui tudo o que eu queria aqui. Então, o que preciso é que ela se cumpra. A alma não é mais ingênua, não se encontra mais alheia à condição de alocada. Minhas ações e meu silêncio fizeram com que ela se tornasse portadora de opções. Ela conseguirá o que quer. Sei disso, a minha ideia foi essa, a minha Mãe disse que isso ia se concretizar. Produzido isso, então, eu não preciso de mais nada. Minha hora há de findar, logo…

Quet'zan conjecturava consigo, pousado à sacada do apartamento de Frederico.

A noite morria lentamente com nuances de tragédia.

Ela está dormindo, mas sente quando todos os batimentos cardíacos dele ressoam aos ouvidos. Pensa existir ali o espectro da loucura, mas não… é sempre assim quando a alma é transferida para outro invólucro. No corpo em que ela fez morada sempre terá os batimentos cardíacos ressoando num dos ouvidos. Geralmente ao lado esquerdo, onde dizem ficar o coração.

Voltou os olhos para a sala de estar, confirmando o sono do invólucro que abrigava a alma que tanto lhe trazia tormento. O homem ressonava em alto som. Tinha as mãos postas ao peito, como defunto em um ataúde, aguardando o enclausurar eterno.

Ainda em vigília, o anjo continuou suas considerações…

Mas nos movemos em direções discrepantes e aquela noite, ela, a alma de Lorenzo Itztli, estava envolta em um miasma suscetível à indisciplina. Ela pensou que poderia passar por tudo acredi-

tando piamente que eu não estaria mais por perto. Ela tem agora a consciência de que eu produzira tudo aquilo. Contudo, nada do que foi feito fora diferenciado até então. A vida seguiu enquanto os carros passavam reclamando atenção, quando o sol brilhava sem aquecer, enquanto aquele cachorro negro e pestilento ladrava na rua. Não é nada mais que o lamento das máquinas da indústria, uma pia de cozinha alimentando vermes. O existir é uma triste incerteza de não se saber se o estar vivo ou estar morto é uma recompensa. É um pesadelo medonho em que não se pode acordar antes do despertar utópico.

Amanheceu. Quet'zan já havia abandonado sua vigília. Frederico abriu os olhos com cansaço e sentou-se. O sofá lhe trazia muita dor às costas. A boca abrigava um gosto amargo de vinho do Porto. Foi ao banho, tinha muito que fazer naquela sexta-feira.

Na cabeça, um peso de mil toneladas lhe imprimia uma forte melancolia desagradável, contudo, visou organizar o trabalho e fazer a logística até a redação.

Enquanto ele se encontrava compenetrado em seus propósitos, o telefone tocou. Era Pérez Castillo. Disse, em voz rouca e cansada, o investigador…

— Amigo, precisamos visitar Zapata. Consegui a liberação.

Frederico queria também essa visita. Castillo, por conta de sua predisposição a tudo que era sacro e profano, precisava ver aquele homem. Afinal, Ramiro teria visto os verdadeiros assassinos da filha e, por conseguinte, os assassinos de muitos.

Colocou o telefone no gancho e sacou do bolso interno do paletó duas balas de alcaçuz, buscando melhorar o hálito alcoólico que impregnava o ambiente. A noite havia sido longa. Andara por bares e praças até sentir necessidade de deitar-se. A correnteza do uso abusivo de bebida o levava sem esforço, contudo, ainda possuía forças para o trabalho, porém, até quando isso se manteria, configurava-se numa incógnita que o investigador nem sequer cogitava em analisar.

Chegaram à penitenciária por volta das dez. Castillo e Necalli aguardavam enquanto o diretor despachava cinco novas entradas. O investigador pediu licença e foi ao automóvel. Do porta-luvas retirou o cantil de bolso e drenou o líquido por completo. Acomodou-se no banco do motorista e exalou pesadamente o odor de whisky que a pouco bebeu. Tinha a cabeça pesada, o álcool viera para findar os tremores que já lhe infligiam. Não havia mais prazer. A bebida configurava-se no acalento da dor que ele mesmo criara.

Voltou à sala de espera e encontrou Necalli já com o diretor. Cumprimentaram-se com os olhos e risos amarelos, e adentraram no gabinete de Manuel Corsero.

Os três sentaram-se. O diretor ofereceu algo para beber. Necalli aceitou café, Castillo whisky e o diretor bebeu água.

Corsero, em voz cálida, porém sem cautela, direcionou-se ao investigador arranhando um sotaque…

— Bem… em que posso lhe ser útil, amigo *bleifalke*?

O redator abstraiu-se do contexto, folheando uma revista de esportes que se encontrava num aparador, sob um retrato do ditador Porfirio Díaz.

Castillo fez-se rubro. Olhou com desconfiança para Frederico, acomodou-se rispidamente na cadeira e replicou em voz *não* serena.

— Caro diretor, não são horas para chafurdar em passados remotos; não mais existentes. Peço somente respeito e, por favor, atentemo-nos ao momento.

Corsero concordou com a cabeça, meneando-a à esquerda primeiramente, furtando-se, desse modo, da atenção despendida ao investigador. Ao dar às costas aos visitantes, sentiu uma *brisa* sussurrar-lhe aos ouvidos. *Ah, se essas palavras rompessem o domo da ignorância que impera nesta província suja e absurda, não estaríamos em tais condições.*

— Vejamos então… um momento.

O diretor tomou o telefone e ordenou a presença do chefe da guarda, apresentando semblante contrariado e desdenhoso.

— Senhores, este é o Sargento Palácios. Meu braço direito. Ele os levará até o senhor Zapata. Tenham um bom dia.

Castillo e Necalli seguiram o *homem* de Corsero pelos úmidos e escuros corredores. Foram deixados diante do portão que dava acesso ao pátio. Um soldado, de face magra, bigode fino, olhos fundos, orelhas desproporcionais à cabeça e corpo incompatível com a função, apontou ao sul, pouco após ao campo de futebol, dizendo…

— Lá está, *El Pater*. Senhor Ramiro Zapata. Vestido de branco, de pé… quando o tempo se esgotar venho buscá-los.

Tossiu e cuspiu na lixeira, causando náuseas em Frederico. Castillo sorriu e ambos caminharam até o grupo sentado no chão e comandado por Ramiro, que gesticulava com fervor e prolixamente ensinava… dizia…

— Assim, repito: O que Ele destrói, não mais se torna passível à construção. O homem por Ele encarcerado jamais escapa. Se reter as águas, é seca iminente, contudo, quando as libera, padece toda a terra em suma devastação. Junto a ele estão o poder e o êxito, e só Ele é o enganado e o enganador, o traído e o traidor. Diante *d'Ele* o sábio perece em loucura, o juiz faz-se parcial e o rei abdica de sua coroa.

Castillo tossiu, tentando fazer-se presente. Não obtivera atenção, nem do grupo, nem tampouco de Zapata.

Necalli, atônito com a oratória, sorria com demência nos lábios. Sentia no seu âmago que já tivera contato com tal prolixidade. Que aprendera com o homem que ali se agigantava apenas com seus gestos e palavras. Era um líder a quem ele já fora seguidor.

Ramiro mantinha as considerações…

— Os abismos tornam-se iluminados, assim como o enegrecimento da morte faz vívido ante a presença Dele. A vida é um sopro, a existência um grão de areia. Ele devasta nações, faz sucumbir

os mais poderosos reinados. Ele nos priva, nos dilacera e potencialmente ata-nos aos grilhões de seu prazer e vontade.

Castillo chamou por Ramiro em tom severo. Recebeu um olhar flamejante e um aceno sarcástico com a mão direita, imitando ao Cristo, na simbólica gravura do Sagrado Coração de Jesus.

— Precisamos ter com o senhor Zapata. Seria possível uma breve conversa? Nos concedem a honra?

Questionou o investigador, fitando o grupo sentado. Todos concordaram. Ramiro solicitou privacidade aos *amigos* e aguardou todos se dirigirem ao corredor de entrada para as celas.

— Investigador? Senhor?

— Sou Frederico Necalli, redator do *Diario Mēxihcah*, já publicamos textos seus em tempos idos… lembro bem. Eu aguardava ansioso por eles.

— Faz muito tempo. O senhor era uma criança… agradeço a estima.

Pérez interrompeu a conversa e pediu o que viera buscar: A história do suicídio de Isabel Yaotl.

— Sei que o senhor Zapata já deve estar cansado de falar sobre o assunto, mas gostaria de ouvir de sua boca as palavras que narram a tragédia e o testemunho que aterrorizou a muitos.

Necalli baixou a cabeça. Ramiro concordou com o investigador e iniciou…

— Cheguei à propriedade por volta das cinco, seis horas… talvez mais.

Ao fim do relato, Castillo e Necalli agradeceram a Zapata e deixaram a penitenciária em total silêncio. Não havia o que se pudesse dizer. Tudo fora dito. Tudo fora exposto e dissecado. Restava a eles a interpretação singular e discrepante acerca de toda a narrativa.

Ao chegarem ao edifício do jornal, Frederico desceu acanhadamente, deixando transparecer uma necessidade de falar algo.

O investigador, com perspicácia, retrucou:

— Diga, homem… isso está me irritando.

Necalli sorriu. Retirou da pasta, sua companheira inseparável, um folhetim roto e entregou a Castillo.

— Bem, senhor Castillo, gostaria que lesse isto. Não sei se ajudará em algo, mas poderá servir de partida. São arquivos do jornal. Iria mostrar ao senhor Zapata, mas tive receio. O ano de publicação, talvez, seja o mais curioso.

No amarelado exemplar dos primórdios do *Diario* M*ēxihcah*, em letras opacas e quase sem vida, lia-se…

Sou pobre! Sou Miserável e abandonado… Sou o latino, o negro e o branco explorados… Sou a indígena humilhada e a imigrante faminta. Sou o proletário honesto, sou a trabalhadora incansável. Sou o vento quente nas vistas do caudilho, sou o soldado implorando abrigo. Sou lágrimas de sangue, sou riso de angústia. Sou a curva do caminho, sou a linha reta e fatal. Sou filho, irmão, pai. Sou estranho e sou o amigo. Sou a ave no céu… sou o pássaro morto. Sou o feto abortado, sou o primogênito falecido. Sou a verdade nua e sem máscaras. Sou a mentira contada por vezes. Sou assim, um emaranhado individual, uma singular multidão. Sou muitos e sou ninguém. Não sou legião, sou comunidade. Sou o que a vida me dá. Sou o que a vida me tira. Sou paz, sou amor. Sou guerra, sou ódio. Sou várias forças, um só fluxo… Sou luz, sou treva. Sou um só espírito, mil espectros… Apenas não sou o que o mundo quer que eu seja. Sou unido e dissociado.

R. Zapata (1965)

Castillo leu com olhos atentos e devolveu a Necalli sem dizer uma palavra. Frederico arrependeu-se. Não entendera o real motivo de apresentar o texto ao investigador.

Contudo, já havia sido feito e não mais seria possível retornar ao momento anterior ao surto melancólico a que fora acometido.

Quisera propor uma leitura diferente à narração da tragédia e da visão de Zapata? Insondável questão. Somente o investigador poderia usar o conteúdo da folha amarelada à sua interpretação. Necalli já tinha uma teoria formada, entretanto, precisava preparar a aula inaugural da disciplina de Teologia no Nossa Senhora de Guadalupe, sua mais nova missão.

Seriam terças-feiras cansativas, entretanto, sob a perspectiva do conhecimento, seriam também proveitosas e edificantes. Tratava-se de um colégio conceituado, de visão nacional e exemplo de gestão para o país.

Frederico vislumbrava na docência um campo de realizações a seus desejos mais ambiciosos. Seria a salvação de seu relacionamento com Inés, uma nova fase. Família, filhos, uma confortável casa, automóveis e a segurança de um modelo de vida mais cômodo. Eram desejos nunca imaginados por ele, mas suas novas vontades vinham crescendo e tornando-se mais e mais grandiosas. Suas ações vindouras possuíam perspectivas de vantagens financeiras ou de *status* social. Queria seu nome falado, comentado, especulado. Havia se cansado do anonimato, queria ser o protagonista de quaisquer que fossem as histórias ou enredos.

Mayala e Guillermo corriam, trazendo às costas suas pesadas mochilas. Ao longe, ofuscado pela luz do sol, a silhueta do Nossa Senhora de Guadalupe reclamava irritante a entrada dos alunos. Os primos chegaram ao portão principal em condições de atração de velório. Jesús, sob a proteção dos arbustos que ladeavam a entrada para as repartições dos funcionários, fumava com tranquilidade, mostrando-se alheio ao contexto. Estava com um semblante melhor, aquém de dias passados.

Era quarta-feira. À noite, ele tinha jogo de cartas com os amigos. Bebida, charuto, petiscos e *outras distrações*, que dependiam da disposição dos convivas após incessantes rodadas e conversas nada ortodoxas.

Jesús não notara, portanto, os primos parados ao portão fechado. Ambos o viram fumando, entre as plantas, protegido pelo verde corredor. Mayala, já impaciente, tossiu alto para receber uma resposta. Nada mudara. Guillermo, mais ousado, gritou pelo diretor, escondendo-se atrás do muro, simulando voz feminina.

— Jesús… Jesús. Aqui é Madalena!

O Mons. Herrera esboçou resposta, lançando fora o cigarro ainda aceso, contudo, preferiu buscar a tangente e desaparecer pelo corredor dos funcionários, tal qual fantasma assustado.

Poucos segundos após o diretor desaparecer, Pocho Diaz, o bedel, chegou com as chaves. Com um riso leve e agradável, o funcionário mais antigo do colégio abriu os portões e sugeriu…

— Crianças, cuidem do horário. Jesús não gosta disso.

Riram os três.

A classe encontrava-se em total e surdo silêncio. O novo professor de Teologia ainda não havia chegado. A Direção do colégio avisara que ele se demoraria alguns minutos até reiniciar a disciplina deixada tragicamente pelo Pe. Perdonáz.

Mayala bateu à porta com cautela, buscando evitar transtorno. Ninguém atendeu. Exitosa, tornou a bater e quase inconsciente, abriu-a com suavidade, aguardando repreensão pelo atraso e pelo incômodo que a porta causava ao se abrir. Notou prontamente a ausência do professor e constatou um incomum silêncio em relação à época do outro mestre.

Pe. Perdonáz promovia liberdade, interação e contadas conversas paralelas sempre ao início da segunda quinzena do mês.

— *É tempo de compartilharmos, execrarmos nossos incômodos, exaltar alegrias, protegidos pelas paredes dessa casa…*

À época do carismático padre, todos falavam juntos em tons discrepantes. Piadas cruas, assuntos desconexos, ladainhas esdruxulas e risos irritantes.

Mayala sentou-se e manteve seus devaneios comuns em condição absorta. Aguardava ansiosa a chegada do novo professor. Ela acreditava, angustiada, ser uma nova fase. Entretanto, mantinha-se remontando o passado sem peças suficientes, enquanto a alma se esgueirava em um lamaçal de melancolia. Tinha saudades do pai.

A porta da sala abriu, rangendo as dobradiças como dentes em bruxismo, em velocidade anacrônica. Fazia o tempo parar, inseria nas mentes o desagradável incômodo do *ontem não resolvido*.

Um vulto surgiu e logo adentrou. Trazia uma pasta à mão esquerda e um espesso volume à mão direita. Era ele, o novo professor de Teologia.

Silêncio imediato. Olhos voltados para baixo, alguns sussurros na última fileira e uma voz grave e consistente deu o tom…

— Bom dia. Sou Frederico Necalli, professor de Teologia.

Mayala sentiu uma evocação obsessiva, cortando-a ao meio e dilacerando sua lucidez. Seus olhos fizeram-se turvos e sua mente não mais discernia a realidade do instante. Uma mistura de temor e incapacidade a deixava prestes a sucumbir. Havia algo naquele homem que a perturbava, rompendo os limites da consciência ativa.

Um corredor insalubre e em trevas, dominava seu campo de visão. Ao longe, algumas silhuetas aparentavam estar em oração à beira de um ataúde. Ela manteve os passos firmes em direção ao ritual fúnebre que se apresentava. Os vultos sem face abriram caminho, deixando o caixão em evidência. Mayala aproximou-se e reconheceu o pai. Lorenzo estava ali. Vestido de negro, de semblante marmóreo, velado sorriso e as mãos sobrepostas, enrijecido como o gelo. Rosas brancas ornavam seu corpo. A filha tocou o rosto do pai e ouviu seu nome sussurrado… de súbito, foi ao chão, desacordada.

Duas colegas apressaram-se para acudi-la. O silêncio da classe transformou-se num burburinho caótico. Necalli clamou por ordem. Os alunos atenderam, com ressalvas. Havia ainda um choro vigiado pela amiga.

Chamaram o plantonista e a levaram para a enfermaria do colégio. Frederico assustou-se com o ocorrido e pediu liberação da turma ao diretor. Jesús assentiu e correram todos para o pátio. Futebol. Conversas íntimas. Namoros escondidos. Não haveria mais aula?

Após intermináveis vinte minutos, Mayala estava recomposta.

A aula fora retomada sem quaisquer mudanças. Salvo os semblantes: o decepcionado da classe e o cauteloso do professor.

— Bem, como dizia, sou Frederico Necalli e vou ministrar as aulas de Teologia, em substituição ao estimado mestre Perdonáz, que descansa em paz. A Teologia, como todos aqui sabem, trata-se de uma disciplina… que abarca um leque enorme de temas e, para muitos, configura-se como *ciência* ou *estudo* que se ocupa de Deus.

O professor fez uma pausa. Foi até a mesa e bebeu água. Sentia-se quase que entorpecido. Entendia haver algo o desviando do

real propósito. Buscou mais ar, encheu os pulmões, debruçou-se à janela e retornou. Os alunos entreolharam-se com desconfiança, mas mantiveram a discrição.

— Se entendemos que a Bíblia não tem uma ordem necessariamente cronológica, os eventos não são explicados um sequenciado ao outro. Deus criou o mundo espiritual antes deste mundo material onde vivemos. Neste mundo espiritual habitavam seres espirituais chamados anjos; mas, por conta de uma rebelião, eles caíram e passaram então a ser designados como demônios.

Outra pausa ocorreu. Frederico não estava, certamente, sentindo-se bem. Entretanto, deu continuidade à linha de pensamento…

— Ao pensarmos sobre poderes, percebemos que os anjos e os demônios possuem forças em equilíbrio. Não há, portanto, um vigor maior nos demônios do que nos anjos. Mas ao tomar posse, ao tomarem controle do ser humano, a possessão demoníaca pode conceder ao homem uma força sobre-humana.

As palavras do professor rompiam o cérebro de Mayala como uma lâmina cortando a carne, sem sinal de sangue, mas carregada de dor. Não era o discurso, era a voz emanando as palavras que causavam opressão, fazendo-a sentir-se aquém daquele momento. Ela observava a todos em transe, atentos aos passos de Necalli, não ao seu discorrer teórico. Ele continuava, dum lado ao outro da classe, gesticulando e buscando enfatizar o *teor singular* de sua aula inaugural.

— Anjos e demônios possuem inteligência, entretanto, eles não conhecem todas as coisas, mas têm capacidade de deduzir, de planejar. Mas só podem produzir ações com suas presenças, ou seja, eles não estão em todos os lugares ao mesmo tempo. Têm, portanto, a mesma natureza dos anjos. Não são onipotentes, onipresentes, nem oniscientes…

Até o sinal dar cabo à aula, tudo caminhou satisfatoriamente. O professor manteve-se firme, Mayala enterrada em seus pensamentos e a classe fingindo interesse.

Ao sair dos domínios do Nossa Senhora de Guadalupe, Frederico fez-se cego pelo crepúsculo vermelho que inundava o horizonte. O fim de tarde naquela parte da cidade era algo mágico. No bairro *Colonia Cuauhtémoc*, as nuances nostálgicas e pitorescas mesclavam-se ao movimento dos transeuntes apressados de um progresso que não tomara a bucólica região. Por conta do contrato firmado entre a Cidade do México e os moradores, a região permanecera essencialmente residencial, salvo as escolas e construções comerciais limitadas às áreas voltadas ao *Paseo de la Reforma*.

Em meio à paisagem escarlate, Inés, encostada ao *Pontiac Bonneville*, herança do avô, fumava à espera de Necalli. Vestia camisa vermelha, uma saia cinza e óculos de sol. Aquela silhueta de mulher trazia ao novo professor de Teologia o sentimento do pecado original, a sensação de transpor as regras e o desejo primitivo encontrado em todos os animais endotérmicos. Ela sorriu. Tragou novamente o cigarro e o jogou em direção à avenida, apagado pelo tráfego constante do horário.

— Como foi o primeiro dia de aula, mestre? — Sussurrou aos ouvidos de Frederico, causando-lhe arrepios.

— Nada mal, meu amor. — Replicou Necalli, buscando uma tangente impossível.

— Vou estancar o interrogatório aqui, tendo em vista que o réu usará seu direito de permanecer calado…

Beijaram-se com requinte de carinho e tomaram a via em direção ao jornal, abençoados pela tarde vermelha.

No curto caminho, tendo em vista a economia de palavras, a conversa inicial não passou das banalidades da previsão do tempo, da irritabilidade provocada pelo futebol e da sujeira política. Contudo, tornou-se complexo, para findar, na causalidade do ser. Disse Frederico, respondendo a uma afirmação de Inés.

— Enquanto abstração, a causalidade indica como o mundo progride. É um conceito tão fundamental que é mais apropriadamente qualificado como explicação de outros conceitos de progressão…

Inés não se contentou com o tom imperativo do namorado e fez-se causídica, como tal.

— Na filosofia aristotélica, a palavra *causa* também é usada como significado de explicação ou resposta a uma pergunta, aquelas que demandam necessariamente um esclarecimento.

A cada *grifo*, Inés abandonava o volante, erguia as mãos e lançava piscadelas, unidas a beijos no ar para Frederico que, prontamente, irritava-se com a imprudência da motorista.

— Desta forma, estabelece a *causa* como o conteúdo fundamental da explicação… mas deixemos disso. Hoje, a noite é nossa!

A maior preocupação dos últimos dias, para ambos, seria a presente noite que passariam juntos, após todas as intempéries. A ocasião vinha sendo tratada como divisor de águas no relacionamento. O amor? Seria o do dicionário, o dos poetas ou o amor dos frios pensadores livres.

Despendeu considerável tempo tentando levar a garrafa à boca. Os olhos estavam nublados, quase desfalecidos. O quarto, bem como a cama, parecia algo inalcançável. Manteve-se, então, enredado ao sofá da sala, vislumbrando vultos e nuances mórbidos.

Almejava não estar naquele contexto. O pragmatismo do instante o fez desejar liberdade daqueles grilhões, os quais ele mesmo havia fechado.

Libertar-se, seria uma utopia? Pensou em Guadalupe e acabou submerso no mundo abstrato, insondável e mitológico de Ixtab. Inconscientemente, rogou a ela que o levasse consigo.

Ixtab é uma divindade relacionada com a morte do Eu, representada por uma mulher que tem em torno de seu pescoço uma corda que alcança o céu, donde um cadáver em estado de decomposição e de olhos fechados configura o suicídio. Ela translada entre os mundos, observando e auxiliando almas arrependidas. Está incumbida de instruir os homens, no que concerne à obliteração dos transtornos psicológicos. Ela clama a reflexão e o arrependimento dos atos errôneos e contribui com o começo de uma nova vida. A purificação faz-se necessária. Sacrificar as paixões, desejos, emoções e maldade arraigadas, para receber o bálsamo da vida. Este remédio simbólico pressupõe a imortalidade, capacidades da alma e ensinamentos desenvolvidos, como se o indivíduo se encontrasse em trevas. Ixtab vem para ajudar.

Para Castillo, assim como na representação da divindade, o suicídio era tido como ato de coragem e honra, um *status* semelhante ao das vítimas de injustiça, mães que morrem ao dar à luz e guerrei-

ros mortos em combate. Configura, pois, o sacrifício em suma. A lição transmitida por ela é extraordinária e concretiza *a morte total do ego*. É a subtração da vontade de viver encarcerada no âmago do desespero. A busca pelo fim do sofrimento.

O suicídio é um ato de autodestruição, é violentar a natureza e as leis divinas. Não há complacência com o crime, embora seja fato que todo ser é livre para fazer o que desejar. Contudo, tal liberdade é passível de cobrança. As ações têm, mesmo sob o jugo da escolha íntima e singular, o cadafalso da punição ou recompensa.

Castillo sofria pelo passado, tentando livrar-se das amarras, projetando um novo futuro, longe do que ele próprio teria traçado.

Ele estava em condições mais que deploráveis. A única réstia de percepção fazia-o pensar em si como um velho e decrépito oráculo, o qual se encontrava em total abandono. Era improfícuo, alienado e obsoleto. Suas ideias escoaram, seus pensamentos fecundos morreram. Via-se como uma tábula rasa, a mente subtraída de ideias, conhecimentos e saberes, necessitando absorver tudo do mundo cognitivo mais uma vez, era um aluno no sentido real da palavra: aquele sem luz. Era o vazio completo, o nada absoluto.

Sua lucidez e perspicácia estavam como chama ao vento. Mantinham-se acesas por bel-prazer do acaso. Bruxuleavam, apresentando o sinal do fim. Devaneios concretos e pensamentos tortuosos invadiam e assaltavam sua mente em deterioração.

Chorou, ao momento em que balbuciava, salivando sobre o peito já inundado de desgraça.

— Nascer não é escolha, é uma imposição. Não obstante, ainda somos censurados por querermos administrar ou subtrair o que nos é imposto na grande maioria das vezes. Abstemo-nos de viver ou de morrer? Somos pressionados e encurralados. Nos oprimem simulando importar-se. *Dizem: força!* Você deve ter força para conseguir êxito no que veio fazer neste mundo… e você sabe que você veio fazer. Logo atacam… tenho pena. Sinto pena de você, porque

nada que tentou em toda a tua existência você conseguiu realizar… está sempre buscando algo que você não tem ou não poderá ter. Muitas vezes é difícil acreditar no ser humano, pois quanto mais verdades são expostas, mais a hipocrisia torna-se fecunda.

Em meio ao pesadelo de palavras e pensamentos, Castillo sentiu algo atormentar seus olhos. Nublados e castigados por luzes intermitentes, o homem sentiu um corpo estranho manifestar-se debaixo das pálpebras, causando dor e desespero. Pareciam insetos de obsidiana. Minúsculos monstros, azul-noturnos, que surgiam das cavidades dos olhos, boca, nariz e ouvidos. Seu rosto fora tomado por estes intrusos, que não tardaram a povoar seu corpo, cambaleante e quase moribundo, inundando o móvel onde estava arraigado.

Tudo era escuridão. Tudo eram zumbidos e gemidos de dor. Um vulto transladava naquela tempestade de horror, sussurrando, ao canto da sala, pedidos em agonia. As poucas palavras inteligíveis que chegavam ao cérebro de Castillo o chamavam para a morte. Confirmavam que a vida não passava de um fardo. Projetavam o além-túmulo como a redenção dos fortes e nobres, via subtração do sopro divino. A libertação das amarras impostas pelo criador, o Deus de todos. Rei dos mundos e dos seres.

As manifestações absurdas enegreciam o ambiente. O espectro que o observava percorria toda a extensão da sala, causando pavor e enfurecendo as ígneas aladas que tomavam conta de toda a habitação, uivando como coiotes famintos e sedentos por sangue. O corpo do investigador não mais estava sob seu comando, era agora um fantoche, um arcabouço dominado e entregue aos caprichos do vulto miasmático que trouxera sua forma abjeta para a terra. As asas do carrasco mostravam sua agressiva envergadura, oscilando sobre o pandemônio instaurado.

Castillo suplicava salvação. Vacilante ainda, levantou-se do sofá e caiu de joelhos. Seus olhos estavam sob densa névoa, a boca

sangrava, carcomida pelas amaldiçoadas e abstratas criaturas. *S*ua alma fragmentava-se, transladando entre vida e morte.

Fatidicamente, quase recomposto da agrura que vivera, dirigiu-se à sacada, abrindo com rapidez a negra cortina que *fazia noite* no apartamento. Fitou os primeiros raios de sol e lembrou-se de sua mãe e da glória de se vencer uma batalha.

Ela surgiu em branco. Vestindo o uniforme de enfermeira-chefe da *SS*. Sorriu com candura e pediu ao filho que se sentasse junto a ela. Os cabelos louros, brilhantes como o ouro, conferiam luminosidade ao azul mágico dos olhos. Disse, envolvendo Paul com um abraço fraternal:

— Ao retornar para casa, após campanha vitoriosa, um *oficial romano encontrou* uma homenagem gloriosa na cidade. Contudo, enquanto regozijava do êxito e recebia o louvor do povo, uma sombra se projetava às suas costas, *sussurrando* aos seus ouvidos: *Respice post te. Hominem te esse memento. Memento mori.*

A candura dos cabelos e olhos sumiram. A escura névoa de amargura que envolvia o ambiente tornou a aparecer, fazendo de Castillo novamente o prisioneiro encarcerado em seu *Eu*.

Uniu as mãos em oração. Fitou o vulto alado, que ainda sussurrava palavras desgraçadas. Lançou a garrafa vazia ao encontro da sombra que o amaldiçoava, dissipando ambas. Gritou por Guadalupe. A Virgem atendeu. Os insetos desapareceram. Seus olhos abriram-se e sua boca curou-se, deveras, para agradecer à *Mãe de todos* pelo fim do inferno que vivera.

Jesús chegara ao Nossa Senhora de Guadalupe mais tarde que o de costume. Trazia, apressado, um exemplar da *Person Magazine* à mão esquerda. A revista norte-americana não era permitida entre os muros da instituição.

Era demasiadamente ligada às notícias impactantes sobre pessoas famosas e notícias extraordinárias sobre pessoas comuns, não se furtando de boa parcela de sensacionalismo e indiscrição. Não obstante, era vista no Nossa Senhora como má influência aos alunos, sucesso contado por suas banalidades, crimes midiáticos e ênfase à vida conturbada de celebridades.

O Mons. Herrera entrou às escondidas em sua sala. Não passara desapercebido pela Madre Superiora, que, dada a visão já em decadência, não discernia o que Jesús trazia consigo. Imaginou uma revista de mulheres nuas, mas absteve-se da ideia e foi cuidar do ofício, que lhe era mais caro que as desregras do diretor infame.

A capa trazia um caso chocante. Era uma manchete acerca de um escritor nova-iorquino, muito conhecido na capital mexicana, por ter vínculos diretos com alguns editores da cidade.

Jacob Gräff fora encontrado morto em seu apartamento, no Brooklyn, onde nasceu e criou-se numa família judia, adotado aos três anos. O corpo do poeta, crítico literário, colunista e escritor estava dependurado em uma das vigas de concreto que sustentavam o mezanino. As autoridades afirmaram estar morto há seis dias.

Conhecido por sua única obra, *A Grande Maçã*, que lhe rendeu sustento até o último dia de vida, Gräff fora enterrado sem ceri-

mônias, no *Machpelah Cemetery*, localizado em Glendale, Queens; último lar e descanso final do mágico Harry Houdini.

Como não tinha mais os pais adotivos, nem irmãos, nem tampouco constituíra família, dado o difícil trato com as pessoas, deixou apenas um testamento a ser aberto após sua morte, com a presença de poucos amigos. No documento, um tanto peculiar, trazia um texto áspero, carregado de rancor e desilusão frente à vida.

Jesús abriu a revista e atentou para a matéria do escritor. O interesse agudo na história se dava por conta de terem participado de um grupo de amigos na década de 1960, quando ambos frequentavam a universidade. Não eram amigos, mas trocaram muitas correspondências e, em datas esporádicas, o diretor o visitava em Nova Iorque, para rodarem pelos bares da metrópole.

Com exclusividade, a Person Magazine trouxe, na íntegra, o testamento de Jacob Gräff, que chocou a todos pela densidade ríspida e mórbida do conteúdo. O final da matéria trazia fotos do escritor em momentos mais lúcidos, lançamento da obra singular e alguns relacionamentos nada ortodoxos para um judeu.

Testamento de vida e literário.
(Outorgado)

Dada as circunstâncias em que me encontro, não vislumbro, nem tampouco almejo, saídas para o inevitável. O fardo da vida é deveras pesado para quem não mais suporta o viver.

Escolho, com dúbia segurança, outorgar o presente documento a quem tenha um resquício de importância para com minha existência. Meus punhos estão cansados e minha pena derribou-se no abismo do esquecimento.

Guardar-vos-ei, portanto, de mais lástimas e palavras de mau agouro. Constrangido, deparo-me com o resultado in vitro de

minha passagem por este lamaçal de iniquidades e gargalhadas ambíguas, funestos acordos e céticos reconhecimentos.

O posto Testamento, no qual valido as experiências desagradáveis da sobrevivência, tem a função de não postergar mais o absurdo da miséria humana que tanto me corrói.

O assunto está, ipso facto, resolvido.

Detalhar-vos-ei, então, a logística de todo o processo.

O documento em vigência, qual seja, Testamento Outorgado, encontra-se dividido em partes várias, que, por critério, irei me abster de citar, pelo cáustico fato de encontrar-me desolado.

Contudo, os degraus deste documento observam uma sequência óbvia e simplória. Visto que, se está sendo lido à presença de todos os quais reservei o interesse de ouvi-lo, estará no nível três de todo o tempo que despendi em esboçá-lo.

A parte prima trata-se do rompimento do lacre, não tendo, o aviso aos presentes, valor neste processo.

Tendo-se rompido o lacre de segurança, temos, dois patamares que conjugam o documento. Meu discorrer unido ao meu intento e, posteriormente, o que agora, presumo, ocorrer: a leitura.

Das considerações iniciais:

Chegará o dia em que todo homem, em uso pleno de suas faculdades mentais, será, de modo irrestrito, livre para subtrair sua própria existência. Todo homem poderá tirar a própria vida sem se desgraçar após a morte, e deixar aos seus o legado que bem desejou. O livre-arbítrio será, definitivamente, usado em benefício de si.

Do mundo:

Não entendi o mundo como deveria. Há coisas absurdas que temos de nos abstrair. Esse foi o meu maior erro. Preocupei-me demais com tudo o que não deveria ter me preocupado.

Das exigências:

Não desejo, e não permito, que me seja dado horas em velório, horas de pranto falso, palavras equivocadas, mentiras polidas e discursos obtusos em meu nome. Não desejo velas, nem flores, nem oração. O respeito pelo que me valeu este documento é o único ato que pode me trazer sublime descanso.

Dos bens:

Nada tenho além de meus textos. O mundo se encarregará de colocá-los em seu devido lugar. A vida dos textos lidos ou o ostracismo de apenas mais um que sujara o planeta gastando horas de papéis improfícuos e indesejados.

Portanto, minha obra estará ao dispor daquele que tiver a coragem de defendê-la. Saberá, pois, que usei estratagemas, chamados antagônicos, para edificá-la.

Mas o que é o mercado editorial, senão uma matilha de lobos vorazes, numa selva de capitalismo, publicidade e mentiras, falácias e máscaras, onde o que detém poderes, sejam escusos ou honestos, sobrevive?

Abstenho-me, aqui, de deixar transparecer os citados estratagemas. Quem se dispuser a defender minha luta literária terá, em texto integral, o dossiê para fazer a escolha de me manter onde estagnei ou colocar-me no limbo da abstração.

Do legado:

Vide itens anteriores.

Das considerações finais:

De modo amplo e carregado de dogmas (pré) conceituosos, o ser humano sempre flertou com as trevas, seja individual ou coletivamente. Essas trevas, não se tratando da ausência de luz, revisitaram o pior de nós.

Somos seres dotados de bondade que praticam o mal como fonte de prazer. Se Rousseau dizia que quem nos corrompe é a soci-

edade, ele estava certo desde sempre, pois já nascemos sociais, no âmago de nossas famílias. Boas ou más, são nossas famílias.

Não obstante, é desse primeiro círculo social que muito do nosso caráter é formado e constituído. Trago à luz aqui o que não é uma verdade; pois dirão alguns que muitos nasceram e se criaram em ambientes adversos e tornaram-se virtuosos.

Trato, portanto, por grifo meu e com propriedade, acerca do ser humano em sua dimensão mais ampla. Não falo de casos isolados. Não falo do singular, falo do plural.

Somos, consequentemente, como já citados acima, dotados de bondade. Contudo, deixamo-nos levar pelos sentimentos mais mesquinhos, impuros, adversos, gananciosos e alimentados pelo grande mal que nos assola e que edificará o futuro, qual seja: a falta de empatia para com aquele que sofre.

Somos uma turba utópica a caminho da extinção que, se não formos acometidos por uma hecatombe de reflexão cognitiva, faltar-nos-ão palavras para descrever qual será a herança que deixaremos para os tempos vindouros e para os nossos.

Por ser verdade, de minha única e necessária vontade, firmo e dato este documento.

Jacob Gräff
Junho. 13. 1981

Jesús prostrou-se absorto diante do texto. Suas desconfianças tornaram-se verdades. Jacob, deveras, havia comprado os originais de Ramiro Zapata por intermédio de Fernando Menendez.

Um ser mesquinho e inescrupuloso.

Um pária infeliz. Um traidor.

O diretor assimilou o que acabara de ler; e decidiu-se por fazer a *vontade* de Deus. Devolver a obra ao autor de direito. Entregar

os louros da dignidade ao injustiçado Ramiro Zapata. Mas como deveria fazer? Requerer-se-ia o testamento de Jacob Gräff? Mas, para isso, teria de ir a Nova Iorque, tomar posse do documento, da obra enquanto bem e, tendo este poder, devolvê-la a Ramiro. Com esta parte do trâmite sob seu domínio, buscaria a possível devolução *a quem de direito*, com o auxílio primordial que sua mente já havia recrutado: Inés Reyes Carranza.

Tudo estaria resolvido. A justiça seria feita. Restava agora convencer o casal a se unir a ele neste digno propósito, mesmo que sob o véu do benefício próprio.

Na catedral reinava o silêncio.

Os bancos vazios, as velas acesas e o odor de incenso dominavam o local. Ao fundo, ladeando a fileira de bancos reservados às autoridades eclesiásticas, políticos, empresários e a casta *aristocracia* da cidade, um vulto respirava com dificuldades ajoelhado junto ao confessionário.

— Mas… Padre Morales, sinto vergonha de falar com a Mãe depois de tudo o que faço. Sabe bem o senhor que não é uma opção. É uma obrigação, ou então morro de fome. Eu e meus filhos…

— Sei bem, minha filha. Mas seja honesta consigo. Tudo feito como afronta *a Ela*, segundo a sociedade, nem sempre é uma afronta *a Ela* como nossa Mãe. Você sabe. O filho *Dele* defendeu uma mulher em condições adversas às regras dos homens. A pedra nem sempre é lançada. A pedra muitas vezes somos nós mesmos que jogamos. Perpetramos a nós o castigo que pensamos merecer.

Ela sentiu-se mais aliviada. Trazia na bolsa a tiracolo uma garrafa embrulhada num papel pardo. Era sua anestesia para a noite que se aproximava. Padre Morales apercebeu-se do desconforto da confessa e sussurrou…

— Beba um gole, minha filha, sei bem como é isto. Esta vontade é quase imparável. Em meus dias mais obscuros, também usei o álcool para acalentar a alma, buscando me sentir melhor, mas…

O barulho do papel tomou conta do confessionário. Três goles generosos foram dados e toda a angústia se dissipou. O tremor das mãos cessou e a fala abandonou o tom lamuriante. Agradeceu.

— Obrigada, padre. O senhor deve ir para o céu quando morrer. És um santo. Sabe distinguir o desejo de viver do viver de desejos… tentarei conversar mais com Nossa Mãe...

— Vá, filha, tome ela como sua salvadora. Ela, só a Mãe Guadalupe, nos salvará de toda a maldição de viver em desejos. Reze para ela, implore por seu perdão, q'Ela te ouvirá...

A mulher, ao sair do confessionário, sentiu uma mão segurar fortemente seu braço nu e cadavérico. Padre Morales já havia sumido pela nave principal da igreja. Ela vestia uma camiseta sem mangas. Suja, com pequenos rasgos à altura da barriga. A saia desbotada trazia um barbante roto amarrado à cintura. Os calçados, brancos e muito sujos, eram de procedência simplória. Tinha os seios adiposos, olhos nublados, corpo emagrecido e trazia aos lábios, murchos e descarnados, um batom velho e enegrecido. O hálito comparava-se ao do homem que a detivera. Este tinha os olhos mortos, a saliva solta ao canto da boca e titubeava com a cabeça ao buscar palavras.

Era domingo. A *missa das sete* logo iniciaria. Entreolharam-se e sentiram uma sinistra ligação. Algo os uniu. Por certo que fora o álcool. O miasma etílico os envolvia. Ele, em voz arrastada e muito comum aos embriagados desagradáveis, disse.

— Você sabia que os astecas tinham uma deusa que era a padroeira da sexualidade feminina e protetora das prostitutas. Sim, é verdade. — Balbuciando, com discurso arrastado, continuou…

A mulher conseguiu desvencilhar-se do homem. Dirigiu-se para fora da igreja com velocidade, mesmo cambaleante. O bêbado sorriu e disse em voz alta e carregada de vapores etílicos…

— Que bela mulher. Acho que me casaria com ela.

O homem bateu à porta da sacristia. Clamou por Morales, intermitentemente, que foi atender ao chamado suplicante e confuso.

Era Castillo. O investigador encontrava-se vacilante, quase maltrapilho e de alma furtada.

— Amigo, que é isto? O que *te fizeram* ou o que você *se fez*?

Castillo entrou cambaleando e sentou-se pesadamente na poltrona que precedia a escrivaninha do pároco. Sobre uma mesa, ao centro do grande tapete vermelho, uma taça e um *bourbon* chamaram pelo investigador. Ele serviu uma dose. Duas doses. Três doses e bebeu-as como água, como um andante em deserto mata a sede. Padre Morales interrompeu o ímpeto etílico do amigo e retirou a garrafa das vistas de ambos.

— Pérez… o que está acontecendo? — Questionou Morales, com os olhos úmidos. Continuou…

— Em todos esses anos de amizade, jamais te vi assim… e jamais pensei que veria. Sei de teus demônios, de tua perda, do conflito em 1968, das mortes. Mas sinto ser *muito mais que tudo isso*. Diga, o que te aflige com tanta perturbação? Eu lhe ajudarei.

— Richard Wagner reclamava ao fundo. *Götterdämmerung* trazia um ar sombrio ao dia mais sombrio…

— Mas o que tem a ver a ópera Crepúsculo dos Deuses com esta angústia corrosiva, que está matando sua alma?

O investigador buscou forças. O caos mental em que se encontrava era uma barreira quase intransponível. Um obstáculo demasiado horrendo para que ele conseguisse cumprir o que viera fazer junto ao amigo Morales.

— A música de Wagner infectava todo o campo. Eles tentavam acalentar os horrores com a música opressora e triste de Wagner? Ora passiva, ora áspera, dolorosa. Meu pai e eu estávamos sob uma varanda, no alto da colina, onde ficava a residência do comandante daquele inferno: Petrus Kastell. Chovia muito. A lama podre e pestilenta liberava o odor da morte. Os fornos crematórios, que para mim, à época, diziam ser uma indústria, expeliam uma fumaça densa, enegrecida. Eu sabia que eram corpos e almas a queimar. Ele, inundado de maldade, como sempre, entregou-me um rifle e, sorrindo como Satã sorri, disse-me em voz grave e petulante: Tome. A próxima criatura, que se assemelhar a um rato, porém, que seja bípede,

elimine-a. Ele falava de qualquer judeu do campo… A música nos alto-falantes me deixava nervoso. Ela era irritante, maldosa. Tinha a ironia da perversão. Minha alma travava uma batalha. Eu desejava morrer. O rifle estava em minhas mãos, mas ao menor movimento em fazer o que ele não desejava, eu seria abruptamente impedido. Ele sabia que eu queria morrer e que eu tinha em minha consciência juvenil a culpa de tantas mortes sob o jugo dele. Eu era seu sangue. Seu cúmplice, um conveniente. Matei muitos inocentes, para alimentar a insanidade de meu pai. Mas eu poderia ter dito não. Cometi assassinatos em nome de um delírio horrendo, imperdoável.

— Você não deve, nem pode se sentir culpado pelos desejos insanos de seu pai. Você não era ele. Ele não era você. Tinha poder sobre você, mas não era você. — Ponderou o pároco, secando as lágrimas do rosto.

— Um garoto surgiu… trazia consigo um pacote mais pesado que ele próprio. Ele cruzava o campo, dos dormitórios judeus, em direção ao estábulo. O peso do pacote levou-o ao chão. Ele tentou se erguer. A fraqueza o corroía. A manhã de chuva e frio não o matou. Encontrou a paz depois que dilacerei seu crânio. A massa encefálica misturou-se à lama. Sua alma estava lá. Havia lutado contra a fome e tantas outras misérias, mas eu o matei. Arranquei sua alma para o Senhor. Pobre Isaac… esse era seu nome. Soube no dia seguinte, sem que meu pai tivesse conhecimento. A família fora dizimada. Haviam restado apenas dois irmãos. O que matei e o mais velho, que se tornou meu amigo…

Padre Morales chorava ao ver Castillo confessando o crime cruel e impiedoso. Buscava, no mais profundo segredo, acalentar a vítima com culpa. O inocente condenado.

— Sabes, amigo… antes de minha ordenação eu era um condenado. Em minhas orações, olhava nos olhos de Cristo e via a miséria humana, mas não era dos olhos Dele que emanava tal miséria, era apenas o reflexo de minha alma. A fé, Pérez… a fé é uma escola com

muitas salas, muitos alunos, muitos professores e nenhum diretor. Ela, a fé, nasce em nosso âmago, para somente depois vir à luz por nosso aprendizado, nosso amor e nossa obra. Até os dias hoje eu ainda duvido de minha fé. São 63 anos de celibato e trabalho para Cristo e a Santa Igreja; ainda assim, vejo minha fé corrompida e esfacelada pelos meus erros e pecados…

— Buscando acalentar meu sofrimento e tentando pagar minha dívida. Jacob e eu, o irmão de Isaac, mantivemos contato até alguns anos atrás. Ele foi adotado por uma família judia que foi para Nova Iorque…

Morales respirou fundo, pensando em estancar o discurso, mas era tarde. Precisava acalentar aquela alma frente à desgraça.

— Caro amigo, não temais… seremos todos salvos se nos arrependermos verdadeiramente de nossas falhas, erros, pecados… por nossa culpa, nossa tão grande e eterna culpa de estarmos vivos. Quem vive, peca.

Castillo e Morales saíram abraçados pela extensão da catedral. Despediram-se com afeto à porta principal. O pároco manteve-se absorto, observando Castillo distanciar-se. Temia por ele e por suas ações. Uma alma naquele estado podia privar-se da vida.

Parou diante do altar e pediu a intervenção de Nossa Senhora de Guadalupe. A resposta veio imediatamente. Às costas de Morales, Pérez surgiu em palavras cruas.

— Havia me esquecido. Estas mortes, estes suicídios, *supostos suicídios*, que são notícia em todo o país... aqui, bem debaixo dos meus olhos... enxovalhando meu nome, destruindo minha carreira... há causadores e não são deste mundo Morales. Não são deste mundo. Preciso de sua ajuda, urgente.

O pároco meneou a cabeça em sinal positivo. Sabia de antemão o que se passava. Contudo, não podia fazer nada. Os causadores estavam muito além de sua capacidade, aquém de sua força. Prostrou-se à nave central e sussurrou ao amigo em sofrimento.

— Em *San Luis Potosí* há quem possa lhe ajudar. Porém, há algo necessário a se fazer antes. Próximo daqui, na rua que corre a República de Brasil, onde dormem as almas dilaceradas e moribundas. Existe uma porta azul, símbolo branco. Com tua fraqueza estacionada poderás obter ajuda, que só encontrarás em *San Luis*.

Castillo tornou a dar as costas a Morales e seguiu. Estava com a alma nublada e os pensamentos pesados e cinza como o chumbo.

— Que é a vida? Que é a vida, que não um hábito? Um emaranhado turvo e gélido, que pouco se distancia da morte; que não passa de *coisas* que deixaram de existir? A vida é uma enfadonha coleção de fracassos e frustrações. Uma lista de *coisas* que perdemos. A redenção não nos acompanha Mãe. Estamos encarcerados em nós mesmos e o que ainda nos mantém são a tua Graça e Misericórdia... e resquícios abjetos de resiliência pálida e esmaecida.

Balbuciou Morales, com os olhos inundados e fixos no Cristo do altar. Jesus, sabendo da apreensão do pároco, relutou um instante, contudo, deixou uma brisa soprar suavemente de sua boca cerrada, trazendo ao murmúrio divino um resquício de sarcasmo diabólico...

Acalme-se, Morales, o suicídio nem sempre, ou nunca, se dá pela vontade de se conhecer o outro lado, vir até o Pai por intermédio de mim. Sou a ponte em madeiras podres e carcomidas. Minha luz há muito não se faz como farol de redenção... O suicídio, a subtração da vida, se dá apenas, ou quase sempre, pela vontade única de abandonar o que se vive neste plano, cessar uma dor incurável, estancar uma tristeza sem fim, abandonar o padecimento da respiração insalubre... Colocar-se como Deus em si... O senhor do livre-arbítrio próprio e intransferível, proprietário incontestável de seu futuro já abnegado…

Mayala acordou não desejando acordar.

Era segunda-feira. Primeira e segunda aulas, Teologia, com o professor Necalli. Estava se tornando enfadonho todo o mal-estar desses encontros. Eram cáusticos os inícios de semana. Em sua alma, ela tinha um vazio que lhe carcomia lentamente, uma corrosão medonha que subtraía a paz. Contudo, o que lhe perturbava era a falta de ciência do que aquela sensação se tratava. Era algo além de sua compreensão e conhecimento de mundo. Apesar de seus 16 anos, Mayala era muito sábia, perspicaz e de uma sagacidade muito apurada. Entretanto, o processo com Necalli se fazia mais doloroso. Ela padecia com a ignorância do motivo, que insistia em se manter.

Quem era este homem que tanto lhe perturbava, que nem sequer lhe dirigiu a palavra. Mayala sentia que ele se fazia desconfortável também, tendo a presença dela em sala de aula. Ele mostrava-se constrangido, ansioso, desordenado. Suava sem calor, sentia frio nos dias quentes, tinha as vistas nubladas, que praticamente o encerravam na cadeira frente à mesa do professor. Sua voz era fraca, outras vezes descompassada. Suas aulas estavam confusas, suas palavras misturavam-se a ensinamentos disformes da função teológica das coisas.

Mas, o que fazer diante deste dilema perturbador?

Mayala, pouco antes de sair para o dia letivo, foi ter com o tio. Relatou sua agitação ante ao professor Necalli.

José, um homem sábio e de muita sensibilidade, tentou acalmá-la, amenizou o sofrimento da sobrinha e ponderou acerca de tal distúrbio.

— Meu amor, tente entender que nem tudo nos é salutar. Talvez tu tenhas uma atração por Necalli. Você é jovem, mas está em um patamar aquém das meninas de sua idade. Os caminhos do coração são misteriosos.

Mayala relutou em responder à consideração do tio, mas não se furtou de menear a cabeça em tom de reprovação.

— Sei que conheces a Bíblia como poucos, mas devo te alertar, que em Coríntios diz: *Tudo me é lícito, mas nem tudo me convém*. Não o conheço pessoalmente, mas sei que é um bom homem; embora jovem, é de *ótima* índole, bonito, inteligente. É o que dizem minhas amigas, que fique bem claro...

Finalizou José, soltando um riso despretensioso. A jovem resolveu opinar, buscando entrar no caminho que o tio traçara.

— Penso que não. Não é este o sentimento que me atormenta. Eu saberia se fosse desejo romântico. Ele traz uma atmosfera funesta. Algo que me lembra a morte, ou algo muito próximo. Creio que não seja este o sentimento. Jamais me apaixonei por alguém, mas penso que não é esta a perturbação que me consome...

José resolveu buscar uma abordagem alternativa, no intento de livrar a sobrinha do sofrimento.

— Talvez ele faça você lembrar seu pai? Talvez sua mente tenha uma atração por ele, pelo fato de Necalli ter algumas características de Lorenzo. Tens um conhecimento de mundo privilegiado. Foste agraciada com ótima educação, acometida por muito sofrimento e, quiçá, toda a leitura dos acontecimentos passados lhe fizeram bem, embora tenham trazido esta nuance melancólica e taciturna à tua personalidade... talvez seja isto. Ele lembra teu pai, como você ainda o guarda na lembrança. Vocês foram separados quando Lorenzo tinha a mesma idade que Necalli tem hoje, um pouco mais de fato. Talvez seja isto.

Mayala assinalou um *talvez* com os olhos.

— Não sei, meu tio. Pode ser, mas isto não está me fazendo bem. Penso que tenho de mudar de colégio. Minha sanidade mental está em risco, novamente.

O tio aproximou-se da sobrinha e a abraçou, acariciando os longos cabelos negros. Sentiu o medo em seus braços e manteve-a junto de si, buscando livrá-la do padecimento. Mayala retribuiu a força que lhe era passada, sentia em José um porto seguro, um esteio para seus desalentos.

Guillermo desceu as escadas com rapidez.

Ao avistar o pai e a prima naquele momento fraterno, emitiu um risinho insípido e de sarcasmo velado.

— Quanta melancolia em duas almas. Vamos, Mayala, já estamos atrasados, novamente. Hoje, Jesus nos crucifica e Pocho não nos salvará.

Beijaram José nas bochechas e sumiram pela porta da cozinha, em direção ao portão dos fundos, por onde saíam para ir ao Nossa Senhora de Guadalupe.

Pouco após cruzarem os limites do colégio, o sinal de entrada para os alunos reclamou atenção. Estavam salvos, ao menos naquela segunda-feira, de uma advertência do Mons. Herrera.

Guillermo se dirigiu ao pátio. Teria aula de Filosofia, com o discípulo de Aristóteles, mas também de Jesus, afinal, eram ambos peripatéticos.

O professor Casapalle, após os alunos colocarem-se em seu encalço, disse:

— A filosofia peripatética vem do termo *perípato,* que significa *ensinar andando*. Este método filosófico foi apresentado por Aristóteles, provavelmente ouvindo Platão falar sobre a maiêutica socrática, forma como Sócrates ensinava os jovens atenienses a pensar. Abro, portanto, um parêntese: Jesus Cristo também usava a filosofia peripatética para ensinar o povo e seus discípulos. Em Mateus 4:23, encontra-se o método peripatético em Jesus: *"E percorria Je-*

sus toda a Galileia, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do Reino e curando todas as enfermidades e males entre o povo".

Mayala sentiu seu estômago retorcer-se; entrar em desacordo com suas necessidades e desejos. Tinha seus sentimentos correndo pelo suor que vertia de sua testa já vermelha, predominando a insalubre missão que enfrentava a cada dia de aula com Necalli.

Ela abriu a porta com temeridade. Implorou à Guadalupe para que o professor não estivesse em sala. Sentia-se melhor chegando antes dele. Podia esconder-se em meio aos outros, olhar para o chão, dispersar sua consciência em outros pormenores, aliviar sua alma da presença de Necalli, abstraindo-se em pensamentos cáusticos.

Frederico chegou cinco minutos após a turma já estar toda em sala, num silêncio e amordaçado, parecendo estarem todos, sem distinção, lutando ao lado de Mayala.

— Bom dia. Como passaram o final de semana?

A turma assentiu com a cabeça. Necalli abriu sua pasta e iniciou a chamada. Ao findar, notou que o silêncio ainda era surdo, mudo e, *quiçá*, cego.

— Bem, trago hoje, como já prometido, uma análise de três passagens bíblicas para podermos dar continuidade ao projeto que os grupos vêm desenvolvendo, sabendo todos que os materiais devem ser entregues na data previamente acordada. Espero não ter surpresas desagradáveis...

Os estudantes estavam, ainda, como estátuas. Necalli constrangeu-se um instante, mas resolveu continuar a aula sem maiores cerimônias e simpatias.

— Em Provérbios, deparamo-nos com a verdadeira edificação da palavra enquanto ação, enquanto solidariedade. Construímos do alicerce, semeamos e damos de comer a todos, sem distinção, sem

julgamentos. Contudo, antes, faremos um intervalo, tendo em vista que o tema se faz denso. Em quinze minutos retornaremos.

Mayala agradeceu à Nossa Senhora de Guadalupe por atender seu clamor. Pedira, com a mais profunda necessidade, que a aula cessasse. Precisava respirar; buscar a paz que ali não existia.

Os colegas de classe saíram em disparada para o pátio. Ela manteve-se absorta em seu lugar e assustou-se com Necalli, de cotovelos sobre a mesa, cabeça envolta pelas mãos e respiração pesada. Ela não queria um embate, não naquele momento, não naquele dia. Saiu sem ele perceber e retornou junto a todos, após os contados minutos.

Quando Frederico deu-se pela presença dos alunos, levantou-se da cadeira em que parecia estar sepultado e continuou a palestra.

— Nosso temor a Deus nos faz entendedores e disseminadores da verdade. O cristão tem comprometimento com a verdade, é de nossa índole. Quem é o homem que deseja a vida, que quer largos dias para ver o bem? Em Salmos, sabemos que este homem é aquele que guarda a língua de todo o mal, de todo o engano, de toda a traição, de toda a maledicência.

Um calafrio perpassava Mayala. Transladava seu corpo e alma, trazendo uma angústia temerária. Ela se irritava com as palavras da Bíblia que chegavam aos seus ouvidos. Ela desculpava-se com Nossa Senhora; pedia perdão pela ira que a fala lhe provocava. Suplicava pelo fim da amargura. Necalli continuava…

— Em Efésios diz: Por isso, não sejais insensatos, mas entendei qual seja a vontade do Senhor. E não vos embriagueis com vinho, em que há contenda, mas enchei-vos do Espírito. Não nos embriagaremos com a mentira e com a maldade; fartar-nos-emos com a palavra e nos encheremos do Espírito Santo. É o caminho da redenção.

O fim da aula foi anunciado pelo estridente sinal.

Pocho Diaz bruxuleava cautelosamente pelos corredores, alertava os apressados, cumprimentava os benquistos e rendia graças aos amáveis. Ele era um bom homem.

Mayala chegara sem Guillermo. José questionou-a após um carinhoso beijo na testa. Ela respondeu suave e pausadamente.

— Eu não me sentia bem, meu tio. Guillermo ficou um pouco com os amigos ao fim das aulas. Iriam jogar uma partida de futebol que diziam estar atrasada. Meninos…

José sorriu. Mayala retribuiu o sorriso e foi para o quarto. Chorou por algum tempo. Lembrou-se do pai, pensou em Frederico e deixou que os pensamentos conscientes fizessem seu papel: fragmentar o mistério tenebroso que a circundava.

Com perguntas a si, buscava elucidar a incógnita dolorosa. Quem era Frederico Necalli? Uma simples figura que a transtornava sem um mísero motivo? Isso era impossível. Nada está no mundo sem razão. Nada se nos apresenta sem motivos, nem o mais simplório acontecimento, nem a mais insignificante situação, nem a mais irrelevante pessoa. Seria ele um desejo reprimido de uma adolescente solitária? Uma paixão da alma, que se apresentava disforme e agressiva? Um reflexo da necessidade de exterminar demônios habitantes de seu âmago? Lorenzo estava sendo vislumbrado em Necalli? Ele era um mistério. Tudo nele era sombra e indagação. Tudo nele era o princípio da dor, o fim da paz, o meio do abismo. Até quando, e quanto, suportaria este pandemônio psicológico?

Mayala estava exausta e, enlaçada a todas as conjecturas e questionamentos sem respostas, adormeceu. Sonhou com um ser alado, em trevas e lutuoso, que velava um corpo; proferindo frases que pareciam estar em língua ancestral. Ela sentia-se um fantoche, guiado por correntes, não arrefecendo, de modo algum, sua dor, mesmo que em sono profundo.

— Bem, se ele for usado visando suas virtudes psicoativas, amigos, as doses básicas para mescalina pura giram em torno de *300 miligramas*. Para usar outra estimativa, pode-se dizer que se aproxima de *20 gramas* de botões de peiote secos, tratando-se de potência mediana; contudo, a potência varia bastante entre as amostras…

Morales interpelou o locutor e questionou:

— Mas, professor Ameyal, quanto tempo o uso peiote, ou mescalina, se mantém ativo?

— Dizem, *eu não sei*, pois nunca fiz uso, caríssimo Morales… mas afirmam que seu efeito tem uma duração média de 10 a 12 horas. Dizem também que o peiote suscita efeitos visuais e auditivos muitas vezes, que faz com que o indivíduo tenha sensações sinestésicas, promovendo compatibilidade entre planos sensoriais discrepantes. Estive em *San Luis* em 1976, estamos em 1981. Deixa-me ver… faz só cinco anos.

Castillo ouvia tudo com muita atenção. O professor remontava ideias ingênitas, elucidando os detalhes da viagem que logo se daria nos caminhos do ritual Huichol. Explicava, em tom de mestre, a origem do povo.

— Os huichóis afirmam ser originários do estado de *San Luis Potosí*, donde migraram em direção a oeste para partes de Durango, Jalisco, Zacatecas e Nayarit onde se situa a acidentada Sierra Huichol. São plenamente arraigados aos costumes e tradições, e jamais se renderam ao catolicismo. Mantendo sua religião, voltada a quatro divindades principais: a trindade do Milho, Veado Azul e Peiote e a Águia, descendentes do Deus Sol. Considerável parcela dos huichóis

mantém suas crenças tradicionais e são resistentes a quaisquer tipos de mudanças. Uma vez por ano, alguns huichóis viajam até *San Luis Potosí*, a sua terra ancestral, para as cerimônias rituais com peiote, chamadas de mitote.

Morales e Castillo meneavam a cabeça, debruçados, sob as explanações do professor Ameyal. Entre breves suspiros de cansaço, entreolhavam-se, esperando com fé o desfecho da aula.

Continuou o professor…

— No uso em rituais, atentando para local e ambiente apropriados, o peiote conduz quem fez uso dele a um estado pleno de *ensimesmação* profundo, é uma experiência provinda de uma espiritualidade ancestral.

O investigador despediu-se de Morales e do amigo do pároco, que veio somente lhe trazer alguns subsídios para a viagem que Castillo estava prestes a embarcar.

Antes de sair, fora chamado pelo professor.

— Amigo Castillo, somente a título de conhecimento. Se o uso do peiote não for parte de um ritual conduzido por um *peyotero*, similar a um xamã, é essencial que o usuário esteja acompanhado. Este acompanhante deve ser alguém que não tenha tomado peiote, para garantir a segurança. Muitas vezes isso aconteceu e as consequências não são agradáveis. Ah, obrigado pela atenção ao caso de minha sobrinha.

O investigador não entendeu, mas balançou a cabeça, mostrando suposta empatia.

Um vasto trecho de terra árida e ardente antecede um caminho de pedra e a travessia por uma montanha, deveras sombria, cravada ali desde os mais remotos tempos. Este local é testemunha da história de quando as rochas eram escavadas para extrair prata e ouro, num lugar solitário e perdido, em que viajantes vêm provar o peiote, buscando empreender uma jornada além da razão.

O próximo passo se dá por atravessar uma paisagem de antigas minas carcomidas ao lado de um acanhado rio, calado por cães abandonados que ladram em virtude da fome e do padecimento provocado pelo deserto. O caminho apresenta um horizonte amplo de montanhas altas e desnudas. Ornando esta cena distingue-se uma única árvore, um álamo sagrado, que afirmam recarregar a energia dos homens que ali chegam. Próximo ao cume de mais de 3.000 metros, as plantas apontam todas para o topo da montanha. Este fenômeno misterioso parece imitar a procissão dos Huichóis ou Wixárikas, indígenas com uma marcha sagrada centenária que termina ali.

Um trecho de pouco menos de 400 metros de inclinação finalmente desvela tudo. Em suma, duas visões: uma montanha com uma capela e um anel de cerimônias de onde se contempla o deserto infinito; ou uma mina cheia de minerais que enriquece muitos homens. Aí começa e termina a história de um conflito entre ontem e amanhã. Já ao longe está a cidade de *Real de Catorce*.

— O *Cerro del Quemado,* ou *Wirikuta,* é o Vaticano dos Huichóis e é também uma montanha cheia de pedras valiosas que uma empresa estrangeira quer explorar. E isto é só uma questão de tempo para conseguirem…

Um dos visitantes, em tom solene, continua. Disse:

— Tocar na montanha é como se as veias fossem arrancadas de nosso corpo, dilacerando nosso coração. Viemos todos os anos se pudermos e tivermos dinheiro. Viajamos 400 quilômetros a pé de Jalisco para chegar ao nosso altar sagrado. Demoramos oito ou dez dias para chegar e outros cinco ou seis para retornar. Aqui o sol foi criado e aqui fazemos as nossas ofertas.

O viajante, Armando, dava o tom melancólico da alegria de poder estar em terras sagradas. Ele explica aos que o rodeiam num espanhol nem tanto fluente, mas de compreensão satisfatória.

Castillo e Necalli apreciavam a vista, tentando descansar dos quase 500 quilômetros de viagem de carro até *San Luis Potosí*. Após

uma noite de descanso, empreenderam quase 300 quilômetros até *Real de Catorce* e, logo, a árdua caminhada para chegar a Wirikuta, o destino para o início de uma jornada além deste mundo.

O investigador não conseguia acalmar-se; suas mãos tremiam, o período de abstinência se mostrava cruel. Bebia muita água, fumava em desordem. Necalli temia por um colapso, mas Castillo ponderava. O suor lhe vertia de todos os poros do corpo, inundando suas roupas e fazendo-lhe mais fraco. Teria de recobrar a força, para adentrar no universo do peiote.

No topo, encontra-se um centro cerimonial. Constituído por círculos de pedra que só podem ser adentrados após a realização de determinados ritos e oferendas com a autorização do vigia, um huichol idoso, de tez amargurada e semblante sofrido, chamado Calixto. Logo atrás do velho, havia uma pequena capela onde se via dependuradas algumas cabeças de veado, instrumentos musicais, velas, laços e peiote.

— Bebemos *tesgüino* e o nosso peiote. Para nós, isso é como a hóstia sagrada para você. Sou wixárika, não me acostumei ainda com pessoas nos chamando de huichóis, porque o pai de meu pai dizia que era esse o nome com que os espanhóis os chamavam. Sou wixárika.

Disse Calixto, com o punho cerrado e os olhos sanguíneos, dirigindo-se a Necalli, que estava sentado em um banco de madeira velha e gasta pelos anos de visita. O investigador mantinha seu calvário de tremores, suor e fraqueza; mas também de fé e perseverança na realização da empreitada.

Calixto continuou…

— Faz com que nos aproximemos de nossos deuses, para nos encontrarmos. Nós nos preparamos para isso. Não comemos carne, não usamos sal e não temos relações sexuais. Estão vendo aqueles quatro homens?

Calixto ponderou, apontando para uma parte da montanha onde se encontravam quatro indígenas, com os pés cheios de poeira, olhos cansados e semblantes fechados, após viajarem por um deserto quase inóspito para muitos.

— Consegui arrancar algumas palavras deles, algo muito raro. São reservados e se mostram distantes com os turistas ou qualquer um que não lhes sejam próximos. Eles vão esperar a noite ou a tempestade incipiente dissolver os poucos turistas que entraram em sua área cerimonial sagrada. Irão limpar suas almas, fazer suas orações, pegar seu peiote e se aproximar de seu Deus daquele altar que é o *Cerro del Quemado*. Aqui nasceu o Sol, e ali está o deserto onde encontramos o peiote. Somos quase 50.000 *wixárikas* restantes em todo o México. Todos devem vir periodicamente para cumprir sua longa peregrinação na montanha sagrada.

Necalli, mostrando-se interessado na cultura *wixárika*, mas ainda em total amparo ao amigo Castillo, lança uma pergunta sobre aqueles que vêm para Wirikuta usar o peiote como diversão. Uma simpática senhora, muito bem caracterizada, de cabelos prateados e rosto sereno, interpelou Calixto, que já estufava o peito para tecer suas considerações.

— Muitas pessoas enganam, meu jovem… Vestem-se de huichóis, ou como Calixto prefere, *wixárika*; fingem ser xamãs, e trazem os turistas ao deserto para beber peiote. Alguns vêm apenas para ficarem alucinadas, drogadas. A venda de peiote é proibida e punida com prisão. Essas pessoas perversas não vêm para recebê-lo com respeito. Elas o misturam com álcool e outras drogas, como a maconha, para garantir que sua jornada seja mais longa do que os milhares de quilômetros percorridos para chegar até aqui. Digo isto pelo fato de morar em *Real de Catorce* e presenciar estes fatos corriqueiramente. Sou Madalena, a propósito.

— Olá, senhora Madalena. Sou Frederico, venho da capital com meu amigo, Pérez. Ele está em busca de respostas…

Madalena balançou a cabeça com ar de tristeza. Arrumou os cabelos, assentou-se mais confortavelmente na cadeira em que estava e ponderou.

— Não há mal nenhum em se buscar respostas. Isso é uma dádiva que o peiote proporciona. Contudo, seu amigo não está em condições plenas de receber esta dádiva. Há sangue sujo, bem como há uma *alma suja* com vocês. Algo está bloqueando uma boa recepção para vocês aqui. Sinto muito. Ele pode limpar-se ou suavizar o peso que carrega; mas, você, se está pensando em usar o peiote, sugiro um tempo maior para estar apto.

— Não, de modo algum. Ele quer fazer uso. Eu não.

Respondeu Necalli de sobressalto, mostrando-se assustado com a revelação da simpática senhora.

— Esteja tranquilo. Você não é culpado por esta retardação de experiência com o peiote. Tens de buscar outros caminhos antes disso. Tua alma está bloqueada, parece não ser sua. Não sei como dizer, mas é assim que é.

Frederico encheu-se de pavor. Sentiu seu peito comprimir e o ar entrar em escassez. Levantou-se e desapareceu montanha abaixo. Estava tonto. Suas vistas enegreceram e um vulto o levou ao chão, com violência.

Uma sombra rondava seu corpo desacordado. Aspirava com ferocidade à volta da face dormente do professor, buscando por algo. Como nada se lhe apresentou no instante, contorceu os olhos flamejantes de ódio e, de súbito, desapareceu no breu da noite.

Quando Necalli retomou a consciência, o sol vermelho já queimava o horizonte. Apressou-se com inquietação. Castillo ficara no cume da montanha, junto ao centro cerimonial, enfrentando sua abstinência com grande dificuldade.

A noite caiu sobre os viajantes. O clima no deserto neste período do dia apresenta-se mais ameno, contudo, mostra sua face mais sombria. A poucos quilômetros de onde estavam Frederico, Pedro, Madalena, Calixto e muitos outros, um dos sinais do mau uso do peiote fez mais vítimas.

Quatro jovens da Califórnia, dois homens e duas mulheres, vieram para *Cerro del Quemado* usar o peiote. Acamparam em um ermo do deserto, fizeram buscas pelo cacto e o usaram sem acompanhamento espiritual. Ao contrário, consumiram peiote com álcool e outras substâncias. Um dos jovens acabou matando a namorada e o casal de amigos.

Segundo a polícia local, conforme notícia que chegara ao centro cerimonial, ele entrou em uma espiral alucinatória que o fez ver, nos amigos e namorada, três demônios. O jovem californiano foi levado à delegacia de *Real de Catorce* e aguardará por julgamento de homicídio triplamente qualificado.

Todos que souberam do fato, ficaram chocados. Madalena chorou. Em prantos disse…

— É preciso explicar e fazer as pessoas verem que é algo sagrado, não uma simples droga. Não se vai à igreja instigar os fiéis com coisas perversas. O perverso é tão forte quanto o que é bom.

Naquela noite, uma forte tempestade caiu sobre a montanha. As mulas e os cavalos dispersaram, espantados, de volta à cidade. As humildes casinhas na entrada da vila, junto à ribeira, encheram-se de lama, enquanto na praça central de *Real de Catorce*, a música de um concerto celebrava a chegada dos turistas para a Páscoa.

Madalena, Calixto, Armando e seus três companheiros huichóis, junto a Necalli e Castillo, se protegeram da chuva torrencial. Em completa serenidade e paz, celebraram os ritos de passagem, para que no dia seguinte a cerimônia principal se fizesse ao início do crepúsculo, entre o ocaso e a noite. Após os ritos, os convivas sorriram

timidamente, sozinhos na colina onde o sol nasceu, onde o mundo foi criado, onde tudo começou.

Castillo acordou-se mais disposto. A noite de celebrações e os ritos de passagem lhe fizeram bem. Tinha mais força, não apresentava sudorese e suas mãos estavam mais firmes. Necalli notou a diferença no amigo e ponderou:

— Meu caro, estás bem melhor. Penso que hoje farás, sem dúvidas, tua viagem e concretizarás tua empreitada.

— Sabe, amigo… estimo muito sua companhia. Espero que a noite se faça proveitosa, pois a carga não foi fácil de suportar. Mas, agradecemos à Guadalupe toda a força que nos deu.

Passaram o dia em rodas de conversa, contando histórias e preparando-se para a cerimônia final. Madalena contou a história de uma amiga que jamais voltou da experiência. Havia falecido há dois anos. Teresa chegou ao *Cerro del Quemado* com o namorado.

— À época eu era solteira. Acompanhei os dois, pois como vivia aqui desde sempre, tinha mais conhecimento para guiá-los na viagem. Porém, como ambos vieram dos Estados Unidos recentemente, eu não sabia como era o estilo de vida deles. Quando chegamos ao centro cerimonial, nos acomodamos perto de um amigo xamã, para que tivéssemos mais segurança na experiência com o peiote. Teresa e Billy foram os primeiros a beber o peiote. O namorado sentiu em instantes os efeitos do peiote no corpo. Encolheu-se como um cão ferido, cerrou olhos e boca e manteve-se em estado de introspecção irredutível. Era uma estátua. Teresa observava o namorado rindo e chorando em descompasso. Eram risos de euforia, choro de pavor, transladando da alegria à tristeza em instantes. Ela começou a tremer. Primeiro foram suas mãos, depois o tremor passou também às pernas e logo se instaurou no corpo todo. Ela estava como que em convulsões constantes, tinha calafrios e logo iniciou um processo mental de confusão. Eu a chamava, tentando despertá-la daquela torrente insana em que se encontrava; apresentava dificuldade na con-

centração e problemas temerosos com atividades que necessitavam de atenção linear e simplória. Alguns minutos depois, ela acalmou-se. Billy já estava quase recuperado. Perguntava por Teresa, mas apresentava no semblante distorcido algo como uma sensação estranhamente feliz e de que parecia estar sonhando. Suas atitudes traziam uma nuance de esperança, de estar em um ciclo de rejuvenescimento. Ele me causava medo. Contudo, meu temor maior era para com Teresa. Ela tinha uma atenção incomum em detalhes mínimos, formigas no chão, lembranças suas da infância, coisas insignificantes e sem sentido. Atentava para grandes conceitos; traçava teorias complexas e desveladas, mas sem consistência ou sentido, fazia mudanças no significado ou significância das experiências vividas e em vidas que não viveu. Os dois foram levados ao hospital de *Real de Catorce*. A última notícia que tive dela foi de sua morte em uma clínica psiquiátrica no Texas. Billy fora morto em tiroteio com os guardas da fronteira. Trabalhava como *coyote*.

A noite não tardaria. Necalli e Castillo, acompanhados por Calixto e Madalena, se dirigiram ao centro de cerimônia. Havia muitos sentados ao chão, formando um grande círculo, que guardava uma fogueira.

O xamã que conduziria o ritual iniciou suas atividades. Preparou as plantas, contou histórias e, necessariamente, realizou alguns ritos de purificação antes de permitir o consumo do peiote pelos presentes aptos a receber o espírito de *Wirikuta*.

Cada participante ingeriu uma média de três a dez botões, experimentando os primeiros efeitos psicoativos em 30 minutos. O peiote é consumido diretamente, fresco ou seco, mastigando a polpa do cacto. Desta forma, a mescalina penetra no corpo através das mucosas orais; esta, uma forma desagradável de uso, devido ao seu sabor amargo. Castillo ingeriu com suco de abacaxi, buscando amenizar a agressividade do cacto.

Alguns sofreram com os sintomas mais comuns: vômitos, hipertermia, dilatação das pupilas e aumento da força física.

Necalli, sentado ao lado do investigador, acompanhava as reações de todos. Tinha pavor nos olhos. As atitudes das pessoas após determinado tempo começavam a mudar, e ele se lembrava da história de Madalena.

Uns diziam ver um brilho intenso nas cores que os circundavam, outros tinham oscilação na temperatura corporal, mais alguns sentiam falta de ar e expressavam ideias com falas incomuns, como se estivessem falando outra língua. Houve usuários que urinaram nas vestes, apresentavam dores no pescoço e opressão física no peitoral.

Castillo mantinha-se introspectivo. Necalli temia por isso. Passados cinquenta minutos, contados no relógio de Frederico, o investigador passou a ter alucinações. O professor questionava o amigo sobre o que estava sentindo. Pérez falava pastosamente…

— São miasmas alados, disformes, em uma grande batalha… há sangue… vejo todos na *Plaza de las Tres Culturas*. Estou sentindo o cheiro da luminosidade da fogueira, ouço o sabor do suco de abacaxi e estou vendo o gosto amargo do peiote.

— O que mais, Castillo… diga-me. — Vociferou Necalli, com voz grave e áspera. O investigador continuou…

— A filha de Ramiro foi assassinada, mas não foi o marido. Vejo um vulto a envolvendo. Ela carrega a lata de óleo e faz o nó da forca. O espectro a envolve, incutindo pensamentos na alma dela. Ela consuma o ato. Duas sombras conjecturavam no corredor, estagnadas à porta entreaberta, debatiam a causa, mas uma sombra fora a culpada da morte. Cristo estava banhado em sangue, fixo à parede. Ele puxou o gatilho, mas não fora ele quem consumara o ato. O cianureto, ela não sabia o que estava fazendo, era comandada por ele. Coatlicue a salvou. O cão morreu, o cão da varanda morreu. Ele não a matou, foi induzido ao suicídio, assim como ela. A névoa cobre tudo, são móveis virados, vasos quebrados, quadros caídos, muito sangue,

alguns porta-retratos espalhados. A sombra a matou e logo fez com ele se enforcasse.

Necalli temia pelo amigo. As alucinações pareciam fazer sentido na mente do investigador. Mas ele não conseguia discernir o que era. Não conseguia entender, ou saber do que Castillo falava, mas ele tinha ciência de que era algo real. Mas, também irreal.

— Você. Vejo você em seu apartamento. Está deitado no sofá… mas há uma densa névoa cobrindo o restante da sala. Uma pessoa sem rosto te circunda… profere palavras, sinto o som reverberar como um tambor batido levemente. Parece o pulsar de um coração. Seus ouvidos enxergam o que se passa. Um espectro ronda o ambiente. Ele diz: *Nossa Mãe… Tu que és a Mãe das mães; A Mãe de todos, a que detém o poder sobre a vida e sobre a morte; ofereço-te esta alma cansada das agruras do tempo…*

O transe no qual o investigador entrara era algo inimaginável. Eram visões distorcidas para quem presenciava, mas para ele próprio, era a realidade.

— Entrego-te esta alma exaurida das intempéries da angústia diária. Castigada pelas amarguras da vida. Dilacerada por si mesma. Esta alma, Mãe de todos, que é descendente direta da criança que deixaste viver por conta do erro de teu infiel marido, por seres tu benevolente com as crianças e inocentes, pois, és tu, Mãe de muitos, Nossa Mãe e cuidadora do Todo. Que esta pobre alma seja acolhida e carregada em teus maternais braços.

Castillo estava num caminho que parecia não ter volta. Ele contorcia-se, ofegava, gritava, pedia silêncio. Alucinações visuais de olhos abertos. Sinestesia. Tato mais intenso, aumento da percepção espiritual, experiências esotéricas profundas. Mudança na consciência e percepção da realidade. Visões desagradáveis e assustadoras. Pensamentos indesejáveis, impressionantes, não obstante, um pavor depressivo e uma súbita ansiedade.

— Lorenzo, responda, por favor. Não consigo ouvi-lo. Mas sei que estás aqui. Sei que a criatura alada lhe rondava na fatídica noite. Você matou sua mulher, mas seus filhos foram mortos pela sombra que está à espreita e nos rondando a todo o momento, inclusive agora. Você pagou pelo que fez, mas não se culpe pela morte dos garotos, eles estão num lugar melhor. Mas, atenção. Sua filha foi guiada por Coatlicue e teve a primeira intervenção da Mãe de todos, mas ela corre perigo. Sua filha está sob a névoa da tragédia, uma corrupção das relações puras e castas, ela está prestes a bestializar-se, regressar à animalidade e, se não houver uma intervenção urgente, estará condenada para todo o sempre…

Por fim, seu corpo e mente entraram em colapso. Paranoia, medo e pânico. Num ímpeto de raiva e pavor, contorceu-se e prostrou-se fixamente em posição fetal. Sussurrou com temeridade:

— Lorenzo. Lorenzo? Necalli, ele está em você.

— Todos de pé! O excelentíssimo juiz Carl Willem Smith, da Suprema Corte de San Diego, Califórnia, Estados Unidos da América. Caso: Estado da Califórnia contra Vincent Garcia Harden.

Assim se pronunciou o meirinho à entrada do magistrado que traria a sentença final do caso.

O juiz sentou-se de cabeça baixa; os presentes o acompanharam. Tinha um semblante pesado, quase impossível de se fitar. Ajustou os óculos, olhou para o *horizonte* da Suprema Corte, fez o sinal da cruz e levantou-se, com a mesma feição com que se sentara. Com as mãos nas têmporas, sussurrou o que parecia uma oração. Fez sinal para que todos se colocassem de pé novamente e iniciou um trabalho que deixava transparecer o enfado do cargo, a cansativa liturgia da situação. Disse:

— Agradeço aos representantes da Promotoria, aos jurados, à segurança do tribunal, à imprensa, ao Estado da Califórnia, aos Estados Unidos da América e a Deus por ter me concedido sabedoria e serenidade para conduzir este processo.

O silêncio se fez, tão surdo e mordaz quanto os assassinatos de Harden. O juiz ateve-se num soluço seco. Respirava com dificuldade. Estava ofegante e reticente, sem frases completas. Seus olhos inundaram-se de lágrimas. A plateia entreolhava-se, conjecturava entre si, explorando as suas próprias almas. Um véu de comoção colérica transbordou a sala de audiências, criando um burburinho semelhante a um enxame, fazendo os policiais atentarem-se ao réu e a uma possível revolta. Um raio de sol transpassou a claraboia, naquele dia nublado. Algum tempo se passou até a retomada das atividades.

Parecia que tudo se colocara no seu lugar, exceto o motivo pelo qual todas aquelas pessoas ali se encontravam.

Os trâmites se fizeram lineares até as *(quase)* últimas palavras do juiz, que, ainda com o semblante abatido, mas com sinal de resignação amarga, proferiu a sentença:

— Vincent Garcia Harden cumpriu 10 anos de detenção, mesmo sem julgamento, acusado de homicídios qualificados. As vítimas eram Paul Harden Mayles e Travis Benner Harden, mortos em 1971 sob alegação de legítima defesa. Agora, o Estado da Califórnia, usando o poder a mim concedido, revoga sua prisão preventiva. Anteriormente, isso seria cumprido nos Estados Unidos, mas agora ele será deportado ao México. Que as autoridades de lá cumpram a lei e cumpra, com a graça de Deus, a sentença que lhe faça pagar pelas atrocidades cometidas, tanto na amada nação norte-americana quanto no país vizinho. Com sua deportação, irá também todo o material dos casos. Provas recolhidas, investigações, diligências e indícios de crimes ainda abertos, provindo do Departamento de Polícia da cidade de San Diego, bem como o relato da condução dos investigadores ao local onde você enterrou os corpos de supostas vítimas dos assassinatos, com infelicidade, ainda não solucionados. Sabe-se, de causas a efeitos, que sua pena no México é de 15 anos, valendo a década que esteve detido neste país. Espero que revoguem e dobrem, no mínimo, a pena dos cinco anos restantes. *Que Deus não tenha piedade de sua alma.*

Vincent sorriu. A redenção dos injustos. Voltaria ao México, cumpriria mais alguns anos e estaria livre. Ao menos era o que sua mente perversa cogitava.

Os portões de entrada dos novos detentos se abriram, rangendo como dentes no inferno. Dois guardas retiraram Vincent do veículo e o levaram para o gabinete do diretor. Algemado, com marca-passo e ainda em vestes da prisão de San Diego.

O novo detento da Porfirio Díaz sentou-se, petulante, frente à mesa de Manuel Corsero. O diretor olhava para Vincent com olhos ardentes de um ódio jamais sentido por outro prisioneiro. Disse…

— Então, você é o verme Vincent Garcia Harden. Costumo dizer a canalhas como você, que dentro destes muros, um dia é um mês; um mês é um ano; e creio que seja *um pouco* inteligente para entender o tempo de minha instituição. Nos corredores, no pátio, nas celas; ele corre como deves ter entendido, presumo. Mas, tua sentença, dada pelo imbecil *azul-vermelho-branco*, requintado e patife, é nada diante do que terás aqui.

Harden olhou fixamente para o diretor e cuspiu sobre a mesa. Corsero sorriu com sarcasmo. Um dos homens do diretor golpeou o assassino com o cassetete. Fazendo-o vacilar na cadeira.

— Vou lhe contar uma história, inútil...

Corsero levantou-se. Caminhou lentamente, levantando as calças e aproximou-se de Harden. Segurou o cabelo do criminoso e doutrinou sua alegoria.

— Meu avô morava dentro do que era a propriedade do fazendeiro, e quando nessa mesma fazenda acontecia de sumir alguma coisa, o padre dava ordens de buscar as pessoas, convocava-as por meio do sino para se confessarem. Mas se o roubo era grave, então o que acontecia era que às dez horas da noite a polícia entrava na casa do suposto delinquente e depois o enforcavam, deixando-o exposto em uma árvore à beira do caminho. Para que isso? Para intimidar e fazer com que os demais também não roubassem. Era uma forma de domínio da mente, fazendo com que o povo estivesse sempre com medo. Logo depois, meu avô morreu… e não viu mais ninguém ser morto. Isto serve para você. Não faça nada errado aqui, ou suspendo sua carcaça no meio do pátio. Levem *esta coisa* da minha frente. Deviam ter cozinhado *isto* lá, para não sujar nosso amado país… levem-no.

Os guardas o conduziram sob chutes e socos, fazendo com que Vincent chegasse à cela sangrando. Ele ficaria no corredor dos fantasmas, privado de convívio até novas ordens do diretor. Ficaria no mesmo cárcere onde Lorenzo estivera. Encontraria lá todos os espectros e demônios que atormentaram Itztli? Estaria lá, o fantasma do suicídio? Sentar-se-ia ao chão e alimentaria um roedor, buscando redenção? Eram espíritos semelhantes? A maldade de Itztli era a mesma maldade de Harden? A cela manteria sua maldição? Levaria o detento à loucura e, arrastando-se às paredes geladas, o anjo da véspera induziria o recluso ao sono eterno? Vincent não era feito da mesma matéria de Lorenzo.

Deveras, não. A alma perversa do suicida era mais fraca que a do assassino convicto. Os dias derreteriam suas verdades e, naquele amontoado de almas insanas, o psicopata faria as regras e daria as cartas do jogo que ele mesmo criara.

Harden seria *o demônio* à solta nos domínios da Porfirio Díaz. Ele faria da penitenciária seu novo inferno.

O televisor estava ligado. Castillo, deitado no sofá, assistia a um programa de entrevistas na *Televisiva*. Um doutor falava sobre a maldade humana…

— A maldade encarcera a humanidade desde os tempos mais remotos. Ela se dissemina tanto quanto sementes fecundas; seus níveis vão da tenra idade até o fim da vida. Desde a criança que sente prazer em arrancar as asas de uma borboleta ou torturar um animal de estimação. Passando pelo fanático religioso ou político, que não mede esforços para impor suas ideias, crenças e manter seus pensamentos como regra de base, sob seu jugo e vontade. Seja na mecânica da vingança, que traz consigo o ciúme e a inveja, acarretando males indizíveis. No espectro da psicopatia, capaz de cometer as mais terríveis atrocidades para alimentar um prazer mórbido, pelo deleite de manter-se no poder e em domínio da situação e de outrem, no controle da alma enfraquecida pela manipulação.

Cansou-se do aparelho. Abriu a porta da sacada. O silêncio era ensurdecedor. Uma solene melancolia imperava no ambiente. Nem sequer da rua vinham ruídos, barulhos ou burburinhos, muito comuns para o dia da semana e para a localização do apartamento. Estranhou. A luz que emanava da cozinha trazia consigo as sombras do abajur, da garrafa de tequila e da poltrona da sala.

Foi para o quarto e deitou-se. Com os olhos abertos e direcionados à parede, via silhuetas disformes que se projetavam, causando um mal-estar. Em sua cabeça, já *livre* da abstinência, o ocorrido com os wixárikas não passava de um delírio, acontecimentos insalubres,

passíveis somente a devaneios adictos, distorções de uma realidade malparida e malfadada.

Passou o dia no apartamento. Solicitara dispensa para cuidar de problemas de saúde. Não dera detalhes, mas todos sabiam do que se tratava. O investigador, após a experiência com o peiote, retomou a rotina com a bebida. Sua alma estava doente, seu corpo suplicava por álcool e ele rendera-se novamente. A quantidade e o teor de informações junto à cerimônia em *Wirikuta*, trouxe a ele uma disfunção mental, convulsionando sua visão do mundo. Nada do que vivera lá, ele tinha plena ciência. Recebeu as anotações de Necalli, que traziam os pormenores de toda a cerimônia. Leu os escritos sem parar. Não acreditava em algumas passagens. Eram densas e perigosas.

Em devaneio inquiria-se, contorcia-se, deturpava-se questionando o que desejava saber, mas provavelmente não suportaria ter conhecimento.

Que são os miasmas? De onde vem os espectros? Como são projetadas as sombras? De que se trata estes vultos alados? Estas entidades são as assassinas que simulam os suicídios? Como se deslocam estes abjetos? Quais as cruéis verdades eles trazem? Quantos são estes seres? Há desígnios divinos? Há ordens profanas? O que é verdade e o que não é, em tudo que aconteceu em Wirikuta? Como apresentar tudo isso para González? O que o departamento irá pensar? Irão acreditar em mim? Irão acreditar em Necalli? Quantas revelações em tão curto e relativo espaço de tempo.

Miasmas, espectros, sombras, vultos. Castillo semeava em terreno infecundo. Eram sementes mortas? Eram perguntas vazias? Eram verdades perigosas? Neste turbilhão de sofrimento, nada se resolvia. Tudo eram dúvidas e certezas, realidade e delírio, alívio e medo. Sua vida tornara-se aquém dos acontecimentos reais? Ele vivia numa cápsula, num mundo alheio.

Transladava na cama, buscando respostas que certamente não obteria em noites de insônia. Os olhos estavam drenados. Fechava-os

de tempo em tempo para amenizar a irritação das horas de vigília. Não obstante, tentava descansar a mente em momentos de oração. Guadalupe não o atendia. Suas dívidas ainda estavam sob análise, pensava ele. Assim que tudo fosse esclarecido, assim que sua dívida estivesse quitada, o investigador teria o auxílio da *Mãe de Todos*? Teria a recompensa para todo o martírio? Contudo, padecia ao cogitar que sua redenção seria a morte, como os louros da vitória ao bravo guerreiro.

O sono o agraciou em determinado momento. Sua mente vacilou por alguns minutos. Neste ínterim, um breve sonho trouxe uma paz amarga. Ele estava morto. Era conduzido pela mão por um anjo, caminhando em direção a uma luz intensa. Paragens verdejantes, um rio cálido e nuvens plácidas completavam a paisagem. Sentia-se bem, mas com ressalvas. Sua mãe e seu pai estavam lá, frente às águas, na outra margem. Eram criaturas translúcidas, de faces derretidas, corpos distorcidos e envoltos em penumbra. O anjo abandonou sua mão e adiantou-se. Indicou a sala e fez-se escuro. O ar tornou-se escasso. Castillo abriu os olhos e observou, na sombra projetada na parede, uma silhueta sentada à poltrona. Ele assustou-se e logo buscou a pistola debaixo do travesseiro. Não a encontrou. Ergueu-se de sobressalto e lançou-se ao chão, caindo próximo à mesa de cabeceira do lado oposto à porta. O vulto levantou-se e caminhou em direção ao quarto. Tinha as asas entreabertas, projetando uma sombra aterrorizante. O corpo era uma matéria translúcida, bruxuleante. Tinha o desenho humano, mas não a essência. Transladava do material ao abstrato. Era um homem, era uma névoa. Subitamente colocou-se em forma nítida. Prostrou-se na entrada do cômodo e questionou, em voz grave e imperiosa.

— Não tema, investigador. Não vou machucá-lo, mas responda. O que viste em *Wirikuta*? O que disseste a Necalli? Responda, investigador!

Castillo rastejou até os pés da cama e surgiu rapidamente, com a pistola em punho. Disparou duas vezes. A sombra sentiu o

impacto de um dos projéteis e deslizou no ar. Pousou na cama e logo pairou sobre Castillo, que se encontrava estático. A arma havia travado. O vulto pôs-se de joelhos, segurou na garganta do investigador e tornou a questionar, com mais fúria:

— O que viste em *Wirikuta*? O que disseste a Necalli? Responda ou pagarás pelo silêncio.

— O que é você? O que quer? Não sei do que está falando.

— Não tornarei a perguntar. O que viste em *Wirikuta*? O que disseste a Necalli? A alma de Itztli é minha. O que aconteceu em *Wirikuta* e o que disseste a Necalli? Responda, investigador!

O anjo bradava com ódio e terror. Eram urros de uma ordem irreversível. Era, deveras, um interrogatório que somente terminaria com respostas ou sangue, talvez ambos. Mas, em sua ira, descuidou-se e aliviou a mão sobre a vítima de sua cólera.

Castillo conseguiu desvencilhar-se e destravou a arma. Mais cinco disparos foram efetuados. Todos se alojaram no tórax da criatura alada. A sombra sentiu a força dos tiros e cambaleou, dirigindo-se à sala. Um resíduo viscoso e escarlate, quase em negrume, traçou seu caminho até a sacada. Desapareceu nas trevas.

O investigador seguiu a trilha e debruçou-se no parapeito, observando o silêncio do domingo.

Em sua mente, o grande horror estava por vir. Tudo o que acontecera, até o momento, não poderá ser comparado à desgraça vindoura. A subtração da vida, em todas as suas formas, apresentar-se-á grotescamente. O sangue que estava em curso iniciará uma torrente ainda mais poderosa e sofrível. Assinara ele, naquela noite, o contrato da vingança. Seu inimigo número um não era mais ele mesmo, tinha agora a criatura alada como o maior desafeto. O desafeto da fúria, pavor e desolação. A morte, que sempre esteve muito próxima, caminharia com ele, a partir desta noite, atada a grilhão único.

Foi ao banho. Ateve-se por minutos debaixo da água quente que parecia corroer sua carne. Seus pensamentos vasculhavam os recantos mais íntimos de sua mente. Escavava por entre os labirintos, fossos, vastos campos e desertos. Buscava por algo que pudesse lhe trazer a mínima chama de elucidação. Uma ínfima inspiração na busca por resoluções ou estratégias que pudessem lhe proteger, acalentar ou livrá-lo do grande e inevitável mal que ali fizera morada.

Cruzou a sala e lançou o olhar para a estante de livros. Lembrou-se de um texto. Apanhou um volume empoeirado e riscou o dedo pelo sumário. Não obteve êxito. Fechou-o, olhou com pesar para a capa e sorriu ao fitar o surrealismo contido nela: um céu escarlate, textura de maçã, a *Times Square* em Nova Iorque e os transeuntes sem rosto completando aquele delírio. *The Big Apple* era um de seus livros preferidos. Não entrou em contentamento. Resolveu vasculhar as páginas. Transladou por alguns instantes. Próximo à desistência, finalmente encontrou. Leu com voz cansada:

Um sopro de sono, acreditava eu chamar-me, não era; como sempre, vestígio de vigília se avizinhava. Deitado em amarga escuridão, feridas ardentes se abriram, chagas que nascem no leito e permanecem quando verticais. Um guardião de sangue em ebulição movendo-se por direções, encontrando atroz repouso por vistas tórridas continuar. Ambiente de trevas fragmentadas, amargurando, padecer impiedoso, vultos e sombras de agonia à alma progressiva expirando. Perfeita conexão de sofrimento formava-se em aura envolto, estendendo lúgubre padecer até a desistência do pulsar. Espectro de magnificente envergadura, num pêndulo impiedoso, circulava atento ao flagelo, riscando sombria penumbra a martirizar o espírito. O ar, dantes afável, ressonava ímpio ao queimar respiração profunda e desgastada, transfigurando o peito em chamas. Esperança vem de luz singela, que ao romper da alvorada deixam intactas as cicatrizes da enegrecida tortura, ao passo que miasmas opressores contemplam o sofrimento que logo reiniciar-se-á.

Leu novamente. Encontrou referências, mas não respostas. O que o autor desejava dizer, já que seus textos tinham esta linha tênue e misteriosa? Será que Gräff teve contato com alguma entidade, como a que o visitou há pouco? O autor deixou em outros textos passagens sobre estas entidades, não tão ofuscadas? Há anos não tinha contato com o autor. Como estaria? Vivo? Morto? Poderia procurá-lo e elucidar estas dúvidas? Quando retornasse ao trabalho, buscaria por ele, pensou em voz alta, assustando-se com o volume da própria fala. Voltou a si e resignou-se, sabendo que não procuraria por Jacob. Ele não fazia mais parte de sua vida. Sua parte ele havia feito. Lembrou-se de Bergen-Belsen.

Resolveu ir para a cama novamente. Foi à cozinha, apanhou um copo, serviu-se de tequila na sala e levou consigo ao quarto. Da mesa de cabeceira, apanhou dois benzodiazepínicos, trazido dos EUA por um amigo; chamavam *diazepan*, o mais vendido na nação do *sonho americano*.

Deitou-se e não dormiu.

Jesús chegou ao *MXC Executivo,* em *Cuauhtémoc*, por volta do meio-dia. No *hall* de entrada o movimento era constante. O edifício luxuoso era *casa* de grandes escritórios de advocacia, multinacionais e empresas do mercado imobiliário.

Tomou o elevador e parou no sexto andar. Sem se identificar, e com ar presunçoso foi abordado.

— A doutora está em reunião. O senhor gostaria de agendar um horário? — Disse a secretária, que quase *não se fez* ouvir por seu interlocutor, em virtude da beleza dela e da indiscrição dele.

— Bem, agradeço… seu nome?

— Catarina; senhor?

— Ah, mil perdões. Sou Jesús Fernández Herrera, diretor do Colégio Nossa Senhora de Guadalupe e amigo da doutora Inés, bela Catarina. Catarina?

— Catarina Delbosque, senhor Herrera.

— Perfeito. Então não há possibilidade de ter com a doutora Inés Reyes Carranza hoje; agora? — Jesús ponderou arbitrário, com o dedo indicador apontado o chão repetidamente.

— Sinto muito. A doutora está em estudo de caso e não será possível atendê-lo hoje, agora… senhor Jesús Fernández Herrera.

Catarina terminou a frase com um sorriso amarelado e descontente. O diretor redarguiu:

— Jesús, por favor. Não necessitamos de formalidades, podemos nos tratar como amigos.

Interpelou ele, pousando as duas mãos sobre a mesa da atendente e insinuando um pedido especial, *por ser quem era*, com pre-

potência de superioridade, desvelando seu interesse no colo da jovem. Com olhar faminto, deslizava suas intenções.

Ao fim do corredor, uma silhueta observava a cena. Catarina firmou o que eu havia posto, alterando o teor da voz, antes suave e cálida, buscando desvencilhar-se do inoportuno, desagradável e invasivo *cavalheiro*.

— Gostaria de agendar um horário, senhor Herrera?

O telefone tocou. Catarina pediu licença e atendeu. Era Inés, dando sinal verde a Jesús, o inconveniente.

— A doutora pediu que entre. Terceira porta à direita, senhor Herrera. Grata.

O homem contrariado seguiu em direção ao corredor, fitando a secretária, com desejo no olhar e premeditações em sua cabeça de que algo poderia acontecer entre eles. Catarina sorria com ar amigável, porém carregado de desdém e repulsa.

Inés esperava por Jesús à porta. Tinha o semblante fechado, o humor deturpado e a língua afiada.

— Em que posso ser útil, meu caro Jesús? Notei que despendeu muito interesse na recepção.

Ele baixou a cabeça em sinal de reverência, sorrindo com os olhos entreabertos. Ela retomou menos sutilmente.

— Não subestime a inteligência de uma mulher, ainda mais aquelas que vivem muito próximas a mim. A beleza de uma cascavel não a faz inofensiva, Mons. Herrera.

A advogada o convidou para entrar. Entraram ambos. A advogada dirigiu-se à mesa de trabalho. Jesús serviu-se de uísque e ofereceu a ela, que recusou, enquanto indicava a poltrona ao diretor, como ordem expressa.

— Vamos direto ao ponto, meu caro. Tenho compromissos.

— Doutora, penso que já deve ter passado os olhos pela *Person Magazine*, presumo?

— Para ser sincera, não. Não tive tempo para banalidades, ultimamente. Mas, enfim, de que se trata sua visita, estimado Jesús?

— Bem, a edição do mês traz um fato trágico. A morte de Jacob Gräff, ou melhor, o suicídio do escritor. A doutora sabia?

— Pensei ser boato. O senhor Gräff sempre buscou os holofotes de várias maneiras, e seu suicídio seria uma boa publicidade para a venda de *Big Apple*… então, é fato que ele se foi?

— Sim, é fato.

— Contudo, o que está me intrigando é a sua relação com o ocorrido. O senhor tinha relações com o falecido? Não lembro de nada próximo a isto. Ele lá, com suas amarguras e descrenças e...

— Ele deixou um testamento, o qual chamou de *outorgado*… como a doutora sabe, ele era só. Homem de obra única e duvidosa, *persona non grata* em vários círculos, um crítico rotineiro e sem crédito. Temos uma edição da revista por aqui?

— É bem provável. Um momento.

Inés estendeu o braço e apanhou o telefone. Discou uma sequência breve e solicitou o exemplar da revista norte-americana. Sorriu enfadada para o monsenhor e acendeu um cigarro. Um minuto se passou e duas batidas leves ecoaram da porta. A advogada ordenou que entrasse. Catarina surgiu com a publicação. Jesús arregalou os olhos ao ver a secretária deslizar pela sala. Não era apenas um lindo rosto e um colo sedutor. Era uma mulher deslumbrante. Ele imaginou coisas ordinárias e baixas. Pensamentos que corroboravam com o caráter dele.

— Obrigada, Catarina. Tire o resto do dia de folga. Logo saio e Dr. Palácios se encarregará de fechar o escritório. Beijos, meu amor… aproveite.

A doutora lançou um olhar flamejante contra Jesús, em tom de reprovação. Apanhou a revista. Buscou a página da manchete de capa e pôs-se a ler com os olhos… alguns instantes depois, a leitura foi compartilhada.

— Minha obra estará ao dispor daquele que tiver a coragem de defendê-la. Saberá, pois, que usei estratagemas, chamados antagônicos, para edificá-la. Mas, o que é o mercado editorial senão uma matilha de lobos vorazes, numa selva de capitalismo, publicidade e mentiras, falácias e máscaras, onde o que detém poderes, sejam escusos ou honestos, sobrevive? Quem se dispuser a defender minha batalha literária terá, em texto integral, o dossiê para fazer a escolha de me manter onde estagnei ou colocar-me no limbo da abstração… muito conveniente, não é mesmo? O senhor quer cuidar da obra deste indivíduo? Este é o motivo da sua visita?

Jesús arrumou-se na poltrona e, constrangido, retornou à doutora, com voz suave…

— Bem, caríssima Inés… sabes que a obra de Gräff é uma obra comprada, não é?

Ela acenou com a cabeça, sinalizando sim.

— A doutora sabe, também, que o autor é mexicano?

— Jesús, isto já está tomando demais o meu tempo. Diga o que quer de uma vez. Todos conhecem a história de Zapata, de Gräff e de Menendez.

— Sim, quero tomar posse dos direitos sobre a obra dele. Como proceder? Desejo, após a tomada de direito da obra, devolver a Ramiro Zapata.

A conversa estendeu-se por mais alguns minutos. Inés aceitou as investidas de Jesús e resolveu compactuar do processo; contudo, tinham de convencer Necalli a fazer parte dessa empreitada, *uma obra de justiça*, visto que o editor poderia dar mais envergadura às *boas ações* de ambos. Publicidade positiva ao diretor e visibilidade relevante à advogada.

Os amigos chegaram à República de Brasil, em frente à igreja de Santo Domingo. A rua estava sem grande movimento. Alguns transeuntes pintavam o local com suas presenças aquém. Ao descerem do automóvel de Necalli um homem aproximou-se, com olhar sôfrego. O investigador colocou a mão às costas e manteve-se atento.

— Senhores, podem me ajudar com algum dinheiro? Estou com fome. Há três dias que não me alimento.

Necalli apanhou a carteira do bolso e entregou o que tinha em notas de baixo valor. Castillo franziu a testa e olhou para o amigo com ar de reprovação.

— Frederico, que anedota. Ele vai beber! Irá se embriagar até cair e sabe-se mais o que fará este desregrado.

— Ele que faça o que bem entender. E você não está em condições de recriminá-lo. Ou estou errado?

Disse Necalli, sorrindo para o investigador, que retirava a arma do coldre que trazia ao peito. Acomodou-a no porta-luvas do automóvel do amigo e cerrou o veículo.

A porta azul com símbolo branco estava aberta. Necalli atentou para o movimento que se fazia. Castillo vestiu o paletó e entraram pelo corredor, buscando pela reunião tão bem falada por Morales. Do interior da sala, ouvia-se em tom baixo e ruidoso, mas uníssono e compassado:

Estou aqui porque, finalmente, não há mais como refugiar-me de mim mesmo. Até que me confronte nos olhos e no coração dos outros, estarei fugindo.

A cada passo que davam, o som se fazia mais alto e nítido, mantendo-se uniforme e claro.

Até que sofra no partilhar dos meus segredos, não me libertarei deles. Temeroso de ser conhecido, não poderei me conhecer e nem aos outros.

Castillo estancou o passo, enquanto Necalli entrava.

Estarei só. Onde, senão em meus companheiros, poderei encontrar este espelho?

Os ocupantes da sala confraternizavam de mãos dadas e mantiveram o que o redator pensou ser uma oração, uma filosofia, uma evocação.

Nele posso enfim revelar-me claramente para mim mesmo.

O investigador surgiu à porta.

Não como o gigante dos meus sonhos, nem como o anão dos meus temores, mas como alguém, parte de um todo, com a sua contribuição para o propósito comum.

Um senhor fez sinal com os olhos para ele entrar, esboçando um sorriso cálido e fraternal. A liturgia se manteve.

Sobre este fundamento posso me enraizar e crescer; não mais solitário como na morte, porém vivo, para mim mesmo e também para o outro.

— Sejam bem-vindos, sentem-se… estejam à vontade. Sou Carlos, e sou um dos condutores do Grupo Santo Onofre. Somos um grupo de pessoas que compartilham, entre si, suas experiências, forças e esperanças, a fim de resolverem seu problema comum e ajudarem outras a se recuperarem do alcoolismo.

Todos se sentaram e a reunião iniciou.

— Não estamos ligados a nenhuma seita ou religião, movimento político, organização ou instituição; não desejamos entrar em qualquer controvérsia; não apoiamos nem combatemos nenhuma causa. Nosso propósito primordial é mantermo-nos sóbrios e ajudarmos outros alcoólicos a alcançarem a sobriedade.

Frederico inclinou-se ao investigador e questionou, maravilhado, de que se tratava o que todos os presentes acabaram de recitar. Castillo tornou, em voz baixa e rápida, ao ouvido do amigo.

— Chamam de *The Daytop Philosophy*. Foi escrita em 1960 pelo jornalista Richard Beauvais, que permaneceu em uma comunidade terapêutica por um mês. Ele se surpreendeu com tudo o que presenciou e vivenciou. *Daytop*, segundo muitos terapeutas e internos, soma-se como uma completa e relevante análise sobre os tratamentos em comunidades terapêuticas para usuários de álcool.

Solicitaram silêncio.

Castillo e Necalli simularam surpresa e deixaram os ouvidos fazerem o trabalho. Colocaram-se a ouvir com atenção todas as histórias relatadas. Eram casos tristes, alguns mórbidos, ao passo que outros beiravam a insanidade, o além do *homem comum*.

Era a terceira vez de Castillo no grupo. Convidara Necalli para não se sentir só, mesmo estando em companhia de indivíduos que buscavam o que ele tentava buscar. Tinha contato com homens e mulheres com situações bem distintas. Algumas com histórico de uso mais ponderado; contudo, havia aquelas que se equiparavam com a forma e o modo como ele usava o álcool. Encontravam-se também usuários que não mais retornariam ao convívio social, estavam ali por ordem judicial, entre outros casos que apenas o pandemônio etílico proporcionava. A autodestruição, a morte, o amor, a doença, a negação, a revolta, a amargura, o rancor… o vício pelo vício, o caos desmedido e sem retorno. O fim da linha, o poço sem fundo.

A última história compartilhada fora de uma mulher. Tinha os olhos distantes. Tez pálida e corpo magérrimo. Disse se chamar Eugénia Yolotli. Viera para a capital ainda quando criança. Trazia consigo o sonho de ser cantora. O pai, um agricultor rígido e devoto, expulsou-a de casa. Disse ela, com a voz levemente carregada de cólera, arrastada pela secreção na garganta e exalando um forte odor de descuidada higiene.

— É isto, caros colegas… como já dito antes, fui expulsa de casa aos 11 anos. Queria muito ser cantora, assim como Chavela Vargas. Mas para meu pai, isto era coisa de prostituta. Nunca obedeci a ninguém, não seria a ele, um alcoólatra, que eu iria obedecer. Uma noite, tomei um ônibus com meu namorado e viemos parar aqui. Conseguia dinheiro cantando na rua, pedindo esmolas. Aos 15 anos, fui levada para um colégio de freiras, estava muito debilitada. Aos 18, fugi e comecei a cantar numa casa noturna. Mas, como o cachê mal dava para eu manter meus vícios, tornei-me o que meu pai sempre disse: uma prostituta que canta.

Os colegas de grupo olhavam-se entre si, conjecturando cada qual, de onde Eugénia tirava tantas histórias diferentes. Todo encontro era uma fantasia, um caminho trilhado, um detalhe exuberante. Da prostituta que cantava, passando pela advogada que fora roubada pelo cliente; da bailarina famosa no Brasil, chegando à socialite canadense, abandonada pelo marido. Mas em todos, alguns fatos e personagens eram sempre os mesmos.

— Numa noite, eu estava no palco. Cantava Joe Hill, de Joan Baez… lembram?

Fizeram sinal positivo, rendendo graças à Guadalupe para que ela não cantasse, mas fora em vão. Nossa Senhora não ouvia mais os pedidos do grupo, estava exausta de tudo aquilo. Todas as quintas eles pediam; todas as quintas ela cantava, não importando a personagem que Eugénia havia trazido.

— I dreamed I saw Joe Hill last night, alive as you and me. Says I "But Joe, you're ten years dead". "I never died" said he. "I never died" said he…

O grupo aplaudiu. Eugénia agradeceu e continuou…

— Numa noite, eu estava cantando Joe Hill e, bem à frente do palco, havia um senhor muito distinto, cidadão de bem, vestido com um terno azul noturno, de corte fino e elegante. Chamavam-no Dustin. Quando terminei a música, ele me chamou, ordenando com o

indicador. Fomos para o quarto e só faltou o padre para a cerimônia. Praticamente estávamos casados. Eu só me deitava com ele. Cantava até a sua chegada; depois, nos encarcerávamos no meu quarto, que ele comprou, e por anos vivi assim.

Alguns companheiros de grupo já sussurravam uns aos ouvidos dos outros: *hoje, aos 29 anos, estou em uma clínica de recuperação, buscando a sobriedade para voltar aos palcos e aos quartos…*

— Agora, aos 29, estou internada em uma clínica de recuperação, tentando me manter sóbria para voltar aos palcos e aos quartos. Ninguém quer uma acompanhante com tuberculose, cuspindo sangue enquanto troca prazer por dinheiro, mesmo que seja para a escória que rasteja pelas ruas escuras da capital. Sim, meus amigos… sou uma prostituta, alcoólatra, decadente, mas ainda em busca de recuperação.

A reunião acabara. Com promessas de retorno, apertavam as mãos, sentindo a recuperação se fazer. Eugénia chorava, sentada em uma cadeira afastada do movimento. Carlos aproximou-se de Castillo e buscou confirmação de uma próxima visita. O investigador firmou que sim, que não se sentia muito bem ainda, mas que estava em busca de equilíbrio. Disse com ressalvas.

— Meu caro… o grupo me faz bem. Mas ainda é cedo para estacionar muitos anos de sofrimento. Sei que é imperativo que eu estanque meu consumo. Meu trabalho está ficando difícil, mas vou contornando as dificuldades como a água que desce pela montanha e encontra seus obstáculos. Segue a torrente, mas a cada dia que passa o trajeto vai se tornando mais difícil por conta do musgo que acumula. Assim está minha vida. Sigo, mas os problemas estão impedindo o controle total de muitas situações.

Eugénia cruzara pelos dois e dirigiu-se para fora, secando as lagrimas. O investigador mantinha a fala com o interlocutor.

— É preciso sobriedade, antes mesmo de estar vivo. Viver não me é mais necessário, estar equilibrado, sim. Entretanto, sou o

mais realista possível e tenho ciência plena disso: não será com estas reuniões, ou somente com estas reuniões, que conseguirei controlar meu uso. Isto é uma doença, e não há cura para ela. Obrigado pelo entendimento e pelas portas abertas. Esteja certo de que farei o máximo para eu estacionar este caos. Por ora, seguimos como Deus quiser. Se ele quiser.

Enquanto Castillo *destilava* suas considerações, ouviu o surdo barulho de um vidro estilhaçando. Correram todos.

Na calçada, de joelhos, estava Eugénia com o nariz sangrando. Pouco à frente, com uma arma na mão esquerda, que sangrava, o homem a quem Necalli deu esmolas gritava em desespero.

— Chegou sua hora, prostituta. O reino não tardará.

— Dustin, não… perdoe-me. Estou me curando para você.

Castillo tentou dissuadir o homem, que parecia resoluto.

Eugénia implorava. Necalli tentou promover uma trégua, mas fora tudo em vão.

A mulher desesperada correu até o homem e o abraçou. Sussurraram lamentos entre si por alguns instantes. Abraçaram-se novamente e a mulher tomou a arma e disparou contra a própria cabeça. Ela caiu sem vida após o disparo da arma de Castillo atravessar o crânio, inundando o passeio público com um vermelho de dor, angústia e arrependimento.

Dustin fora encontrado logo depois, buscando esconder-se num acanhado movimento de transeuntes do *Zócalo*. Os policiais não lograram êxito na captura. O homem desapareceu diante dos guardas, como fumaça que se dissipa no ar.

Após o corpo de Eugénia Yolotli ser levado, os amigos despediram-se do grupo e foram ao apartamento de Necalli.

Castillo sentou-se, com semblante de questionamento. O redator serviu-se de uísque e bebeu a dose num só gole. O investigador manteve-se resoluto, salivando e conjecturando. Sentia uma enorme

vontade de drenar a garrafa em uma só respiração, e esquecer a tragédia que a pouco os assolara. O anfitrião, em ato falho, ofereceu uma bebida ao amigo. Tentou estornar o que havia feito, mas já era tarde. Peréz levantou-se e parou diante de Necalli.

— Meu caro Frederico, você já se deu conta de que muitas das mortes por *suicídios* mais recentes trazem nomes astecas? Aceitarei a bebida.

Frederico apanhou caneta e papel, e iniciaram uma lista. Nesse ínterim, bebiam. Ao findar duas garrafas, a lista se fez. Castillo balbuciava, com orgulho, todo o empenho de ambos.

— Amigo, fomos assertivos em nossa pesquisa. Se não deixamos nada nos fugir, eis a lista, com significados, um tanto relapsos, mas, com muito trabalho ainda a ser feito. Brindemos!

Sorveu a última dose e, tal qual as citações misteriosas que habitavam nele, Pérez recitou, contudo, em tom didático:

— Sebastián *Sugey*, luz do sol; Candice *Ameyal*, água; Pablo *Tlachinolli*, fogo; Lorenzo *Itztli*, obsidiana; Isabel *Yaotl*, guerreiro; Roberto *Eztli*, sangue; Eugénia *Yolotli*, coração. E você sabe que *Necalli*, batalha. São todos elementos presentes na *Guerra das Flores*. São fatores que compõem o contexto dos rituais.

Entretanto, há entraves para o *propósito* dessas mortes… sejam quais forem. Mas, há entraves. Há situações que barram a completude desses *sacrifícios*. Está faltando um elemento para se concretizar este pandemônio. Onde está a *batalha*, se Itztli, de alguma forma, está em você, Frederico? Você é a *obsidiana* agora. Temos de nos concentrar e trilhar caminhos seguros para traçar esta teoria e o que está por detrás desta barbárie. Tenho um suspeito, mas você não vai acreditar.

Necalli ficou paralisado. Castillo olhou ternamente para o amigo e amenizou.

— No tempo certo, direi tudo. Agora, descanso e serenidade. Mas, esteja certo de que descobriremos a razão dessa *moderna Xo-*

chiyáoyotl, esta nova *Guerra das Flores*. Grande parte dos elementos que compõem a guerra e culminam com os sacrifícios já estão postos. As mortes só irão parar quando o último elemento - a última alma - estiver sob domínio do causador disto tudo.

O investigador despediu-se e desceu as escadas com paciência. Necalli o observava pela porta entreaberta. Fechou-a e foi à sacada com urgência. Viu Castillo entrando no bar que se avizinhava ao apartamento.

Frederico ficou intrigado com as frias certezas de Pérez. Questionava-se sobre o *propósito*? Como o investigador afirmava, com tanta convicção, que eram *sacrifícios*? *Moderna Guerra das Flores*? Qual a função dos elementos, escondidos na língua mãe dos astecas? Assassinatos mascarados de suicídios, destinados a um mal maior? Tratava-se mesmo de uma batalha? Ele, Necalli, estaria sob perigo nesse círculo de morte?

— Eu estava num bar em *Ciudad Juárez*, bebendo e à espreita de um casal que aparentava estar com muito dinheiro. Estavam numa mesa oposta ao balcão onde eu me encontrava. Eu queria ir para El Paso, mas não tinha condições de manter a viagem, mesmo sendo um trajeto tão curto.

Ele parou um instante e cuspiu. Olhou ao redor e, parecendo filtrar as maldições *intramuros*, bateu palmas e esfregou as mãos em seguida, após fitar o céu azul daquela manhã. Continuou, mas agora com nuance de professor aposentado.

— Vocês sabiam que *Juárez* foi originalmente fundada com o nome de *Nuestra Señora de Guadalupe de los Indios Mansos del Paso del Río del Norte*. Era mantenedora das duas margens do rio Grande, nosso Bravo del Norte.

Os detentos ouviam com atenção, mas odiando o novo *convi-va*. Balançavam a cabeça como se soubessem de toda a aula de História dada por Harden.

— No ano de 1848, dividiram a cidade entre o México e os Estados Unidos. O lado mexicano passou a se denominar Juárez, só em 1888. A cidade foi batizada em homenagem a Benito Pablo Juárez García. Ele foi o primeiro presidente indígena do país e o primeiro indígena chefe de estado nas Américas pós-coloniais. Vocês sabiam? Não sabiam, eu sei que não. Estão fingindo saber, não é?

Ele era um sujeito de tom imperativo. Seu ar de psicopatia impregnava o contexto, com pragmatismo reservado e autoritário. Ademais, sempre fora um forte usuário da palavra impositiva e orde-

nada, seu discurso antes dos ataques era um apelo emocional que margeava a diplomacia da reverência.

Ele tinha estratagemas pérfidos, mascarados. Arrebanhava a vítima como se ela própria quisesse a dor, a humilhação, a tortura e, por fim, o abate. Harden extenuava suas presas, sufocava todos os desejos numa corte macabra e deleitosa. Era um maestro do horror.

Nessa torrente de pavor Raúl sorria, regozijava-se em ter mais uma história na sua conta. Era de outro perfil, mas sentia prazer nos relatos do mundo tenebroso que cada qual trazia. Todas as narrativas preenchiam seu ego de prazer e quase luxúria, um gozo ímpio e furtivo, que transbordava a cada ato do enredo disparado, a cada sussurro lamentoso de sangue. Vítimas de uma mente paralisada pelo pavor de outrem, mesmo que em contos de temor e verdades absurdas.

Este era o segundo banho de sol de Vincent, desde que chegara à penitenciária. Com a plateia em suas mãos, tal qual fantoches, ele continuou com a mesma empáfia e arrogância com que chegara ao grupo. Ele era, deveras, um indivíduo de tom imperativo.

— Eu bebia e observava o casal, que já estava um tanto bêbado. Ótima hora para abordar vítimas. Deixei o balcão e me dirigi a eles. Ela era uma mulher muito bonita. Tinha olhos azuis, cabelos louros, seios fartos e um corpo belíssimo. Ela me ganhou no primeiro instante. Mil coisas passaram na minha cabeça naquele instante. Mas eu já sabia o que seria dela. Ele era um jovem sem atrativos. Um qualquer. Uns 30 anos, ou menos. Pela aparência, devia ser filho de um maldito *güero* com uma mestiça latina, quase como eu… um bastardo, um pária. Mas ele tinha dinheiro, eu não.

A história manteve-se estagnada por um tempo. Eram falas sem acréscimo, que beiravam o desinteresse geral. Era o discurso de um narcisista inveterado. Vincent ria muito, era um fanfarrão sem inteligência. Uma pessoa desagradável e irritante. Ele retomou.

— Eu, sabendo que tinham dinheiro, aproximei-me da mesa, cumprimentei-os e apontaram uma cadeira para que eu me sentasse.

Obedeci aos encantos da mulher e acolhi a sugestão do pobre coitado, que também já estava com futuro garantido. Eram muito agradáveis. Ele ria o tempo todo. Ele ria dela rindo. Eu ria do que iria acontecer a ele, antes do que aconteceria a ela. Meu campo de vislumbre de um futuro próximo é muito amplo e preciso. Na minha mente, tudo já estava planejado e efetuado. Só restava saber a sequência dos acontecimentos.

O grupo, acostumado com histórias emocionantes, carregadas de tensão e surpresas, já apresentava sinais de cansaço. Estavam em seu limite com tamanha arrogância.

Contudo, o marasmo estava prestes a findar. Ramiro aproximou-se, com semblante fechado e retratando insatisfação. Raúl bateu às costas do colega e convidou-o a unir-se ao grupo. Zapata fez sinal negativo, sussurrou ao ouvido de Raúl e saiu, raspando a bengala na terra, fazendo subir uma acanhada nuvem de poeira seca.

Vincent levantou-se e bradou, infame e provocativo…

— Traga tuas lamentações para o grupo *El Pater*… quem tem hábito de balbuciar ao *pé de ouvidos* são prostitutas de margem de estrada. Para não usar outro termo e correr o risco de machucar os ouvidos do *poeta*.

Harden colocou-se como um déspota.

Ramiro voltou-se com cólera nos olhos.

— Quem és tu para me dirigir a palavra? Tu devias estar na Califórnia, no corredor, ter sido executado como Gilmore, pelo pelotão de fuzilamento em Utah. Teu lugar não é aqui! Mas teu país foi conivente contigo. Tua terra não é essa. Espero que não te demores por aqui. *Um falador cai mais cedo que uma pessoa manca.*

Harden olhou ao redor e conjecturou consigo a incapacidade de ataque, guardando a vingança para outra oportunidade, em que poderia lavar sua *honra* frente ao disparate de Zapata.

Raúl ponderou, buscando uma união, pensando mais em si que qualquer outra coisa.

— Deixemos disso… estamos todos encarcerados pelos mesmos muros. Continue, meu caro Garcia…

— Adiantemo-nos. O casal já estava muito bêbado, e eu fingia estar. Simulei uma busca por dinheiro em meu bolso, bradando com voz débil: *outra rodada.* Jack, o jovem, adiantou-se e chamou a garçonete. Lisa, a mulher, sorriu para mim e sussurrou que eu deixasse por conta dele. Meus desejos se aguçaram. Na minha mente, não haveria outra coisa a se fazer a não ser tomar conta dela… tratá-la como deveria, como uma amante, tendo em vista que Jack não sabia como fazê-lo.

Uma ansiedade mórbida tomou conta do grupo. Inquietos, alternavam posições: todos sentados, todos de pé; depois alguns sentados e outros de pé. Assim, revezavam naquela história que começara fria e, de súbito, estava prestes a entrar em ebulição. Sabiam do *curriculum* de Harden, de suas facetas e suas culpas. Tinham certeza de que aquela aventura de amor não teria como acabar bem. Sem sangue e sem morte? Jamais!

— A garçonete chegou com mais uma rodada. Três canecas de cerveja e seis doses de tequila. Era o fim para ele, e o início para mim e Lisa. Terminamos de beber e perguntei novamente para onde estavam indo. Ela respondeu que para qualquer lugar, resposta que eu não lembrava da primeira vez que perguntei. Disse que eu tinha de estar em El Paso pela manhã. Lisa concordou. Jack, adormecido na cadeira, *assentiu*. Saímos do bar e pegamos a rodovia.

Harden parou um instante para tomar fôlego.

— Cinco quilômetros após, entramos em uma estrada secundária, que cortava uma propriedade improdutiva. Era um atalho por um local isolado e sombrio. Uma trilha estreita usada pelo tráfico, que desembocava na periferia de El Paso. Pouco tempo depois, Jack acordou, irritado. Tinha os olhos turvos, parecendo não estar enxergando bem. Assentou-se no banco de trás e recobrou a consciência. Tirou da mochila uma lanterna e lançou luz na escuridão. Pouco se

via naquele breu da noite. Irou-se com a estrada isolada. Onde estamos? Falou em tom imperativo, como se estivesse em condições de tal. Estamos indo para El Paso, eu disse com ordem na voz. Ele desagradou-se e rosnou como cão bravo, balbuciando algo que não entendi. Perguntei o que ele dissera. Ele gritou que não deveríamos ter saído do bar e questionou raivoso, pensando poder gritar, com voz alterada e imperiosa: para onde estamos *indo?*

Harden parou novamente. Estava com semblante cansado, mas todos já sabiam que ele não iria parar… jamais deixaria a vanglória. De modo algum, estacaria o relato narcísico para continuar noutra oportunidade, que talvez não tivesse.

— Lisa tentou acamá-lo. Ele desferiu um soco no rosto dela e a fez sangrar. Freei bruscamente e o arranquei do assento para as trevas. Ele levantou-se rapidamente e veio em direção a mim. Empurrei-o e ele caiu. Lisa pediu que parássemos, mas Jack não ouvira. Tornou a levantar-se e tentou me agredir. Esquivei-me de seu intento e fui ao carro. Apanhei uma faca. Lisa colocou-se entre nós. Olhei para ela, enxergando parcialmente seu rosto.

Tenório levantou-se e saiu. Tinha náuseas e suava frio.

— A maquiagem estava derretendo face abaixo. Os olhos azuis, parcialmente iluminados pelos faróis, traziam pavor e arrependimento. Disse em tom suave que tudo ficaria bem. Enlacei-a pela cabeça e a beijei. Ela retribuiu o beijo e saiu da minha área de visão, encostando-se na lateral do veículo. Jack estava em posição de ataque. Lançou-se sobre mim sem estratégia e sofreu as consequências de sua ingenuidade. Golpeei cinco vezes no estômago dele. Ele caiu sem vida, com as vísceras à mostra. Que deleite.

Raúl e os outros mantiveram-se em silêncio, absortos pela história e pelo caminho que se fazia.

— Ela chorava e gritava por socorro. Mas em vão. Estávamos em uma estrada deserta. Ordenei que entrasse no carro e ela o fez. Arrastei o corpo dele até o porta-malas e joguei-o dentro; pesava uns

60 quilos, ou menos. Envolvi o cadáver num velho cobertor e, ao abrir a porta do motorista, deparei-me com o vazio. Lisa havia fugido. Olhei ao redor e não vi nada. Era só escuridão. Entrei no carro e dei a partida. O sol já despontava no horizonte.

— E a mulher? — Perguntou Raúl.

Exequiel estava atônito. Emanuel condenava com o canto da boca. Ernesto e Alejandro simulavam sono, cortejando uma saída rápida. Vincent sorria com sarcasmo…

— Lisa, acreditem vocês ou não, encontrei-a em El Paso dias depois. Ela estava em uma rua famosa pela prostituição e tráfico de drogas. Como eu ficara com todo o dinheiro do Jack, antes de enterrá-lo num estacionamento de trailers abandonado, onde um amigo morava, ela resolveu ficar comigo. Foram cinco dias de muita festa. Tive a amante que desejei por muito tempo. Porém, quando o dinheiro acabou, Lisa disse que iria procurar uns amigos. Não gostei da ideia. Pedi que ficasse, mas ela foi taxativa e irredutível. Mais um erro de ingenuidade. Matei-a e joguei o corpo no lago Ascarate. Depois segui meu caminho, era agosto de 1972. Em setembro, fui preso em Tijuana. Saudades de Lisa.

Somente as luzes do altar estavam acesas. O restante da catedral encontrava-se em trevas, cogitando sacro e profano *no templo maior* e mais adorado do povo mexicano.

Padre Morales tratava de assuntos eclesiásticos com o arcebispo da cidade do México, Dom Leonardo Fuentes, seguidor ferrenho das ideias de Jose Mora y del Rio, arcebispo da arquidiocese mexicana. Dom Leonardo vivia sobre o muro das oportunidades. Mesmo com o aberto apoio a Jose Mora, era filho mais velho de um defensor do zapatismo, apoiador dos caudilhos que lutaram contra Madero, e a favor da Reforma Agrária tão sonhada pelo povo.

Embora fosse um *revolucionário*, simpatizante do *Plano de Ayala*, o pai de Leonardo Fuentes transmutou-se em Judas, barganhando um cargo mais elevado a favor do filho em troca de subserviência a Madero e à arquidiocese vigente. Morales suportava o arcebispo por razões puras e simples, mas carregadas de indignação. O pároco destilava, longe dos corredores do poder, suas inclinações rebeldes a favor dos ideais de Zapata e Villa.

Estáticos, diante do grande templo, no *Zócalo*, estavam os investigadores González e Castillo. Travando uma discussão *infundada* para ela e *pertinente* para ele. Poucos minutos antes, os dois encontravam-se na Divisão de Medicina Legal, com a Dra. Paez. Mais um cadáver fora encontrado. Contudo, não seguia o *modus operandi* de outros já encontrados e com processos encurralados pela burocracia.

— Vai mesmo ficar? — Castillo indagou, afirmando; franzindo a testa em tom de reprovação.

Insatisfeito, tornou a inquirir sobre a resolução de Antonieta.

— Tem certeza de que queres mesmo um tempo sozinha? Posso te acompanhar e depois tomar o meu caminho. Preciso esvaziar a mente dos pensamentos corrosivos.

— Meu caro Castillo, não sou mais a adolescente que atendia o telefone e anotava recados. Meu casamento acabou, tenho de ter com a Nossa Mãe e acalentar minha alma. Vá em paz e cuide-se. Boa noite, amigo.

Castillo despediu-se, contrariado, fechando os botões do casaco e tragando a última fumaça do charuto. O investigador se dirigiu à República de Brasil, na porta azul com símbolo branco. Mesmo não tendo estancado ainda o consumo da bebida, ele mantinha com relativa regularidade a frequência no grupo que ajudava muitos a abster-se do vício.

Antonieta sentou-se na segunda fila à esquerda do altar. A luz chegava até ela com mediana intensidade; e o todo iluminado à sua frente fazia-se sereno e cálido. Ajoelhou-se, prostrou a mente em oração, amparadas pelas mãos juntas e cruzadas ao peito, rendendo graças à Nossa Senhora.

Castillo chegou ao grupo. Uma dúzia de membros já se encontrava proferindo a oração da serenidade.

— Coragem para modificar aquelas que não podemos e sabedoria para distinguir uma das outras.

O investigador sentou-se e todos o receberam com uma salva de palmas, desejando boa noite ao companheiro. Depois da leitura do preâmbulo da irmandade, a palavra foi aberta para a partilha. Uma jovem fez todos chorarem. Havia se envolvido em um acidente. Embriagada, perdeu o controle do veículo e colidiu contra o pilar de um viaduto. A mãe e a filha faleceram. Ela passou cinco dias inconsciente e logo fora levada a uma instituição correcional para cumprir pena por dois homicídios culposos. O advogado, vasculhando lacunas na lei, pagou uma considerável quantia de fiança e fez a cliente responder ao processo em liberdade. Mesmo livre, estava dilacerada. Tenta-

ra suicídio algumas vezes. Com o último insucesso, buscou o grupo para subtrair a insanidade que se alojou em sua alma.

— O que desejo para mim é o mesmo que desejo a todos vocês, que são inúmeras 24 horas de sobriedade.

Finalizou ela, ao fim de sua partilha.

Uma sombra cruzou a fila atrás de González. Ela abandonou sua conversa com a mãe e transladou os olhos pelas trevas da catedral. Na penumbra em que se encontrava, não conseguia uma visão nítida das filas que se estendiam até a nave principal. Uma silhueta enegrecida e disforme perpassou o altar e alojou-se no canto direito do ambiente, mas a investigadora não conseguiu discernir se era real ou fruto de sua imaginação.

— Seja quem estiver aí, saia ou vou ter de usar minha arma e pedir reforços… Saia! — Disse em tom ríspido, mas amedrontada.

O vulto tornou a mover-se, mas González não conseguiu ver o que era. Um forte odor, que ela nem sequer reconheceu, impregnou o ambiente. A temperatura, antes aconchegante, tornou-se gélida, deixando o gás carbônico semelhante ao que expiramos em dias frios, de um inverno severo. Antonieta olhava ao seu redor, enquanto a sombra se alocava instantaneamente em pontos distintos na escuridão da catedral. Ela dirigiu-se ao altar e ficou arraigada em frente à mesa principal, onde Morales ministrava boa parte da liturgia e do protocolo da religião.

Mesmo com a baixa temperatura que se instaurou no local, González suava, com a arma em punho. Atentava, perplexa, em todas as direções, fazendo movimento circular com a perna esquerda, deixando como ponto de apoio o membro direito. O vulto rasgou o ar gelado atrás dela e a fez bruxulear como fogo ao vento. Antonieta tentou prostrar-se com mais firmeza e, nesse momento, a sombra colidiu em seu corpo ainda desequilibrado e a levou ao chão. Um grito de ameaça medonha e em ebulição, ecoou na catedral. Era uma voz rouca e tenebrosa. A investigadora levantou-se e tornou à posi-

ção de defesa. A silhueta atormentadora percorria as sombras ao redor do altar.

Castillo pediu a palavra e resolveu dizer como se sentia. Todos aplaudiram e o investigador iniciou sua partilha.

— Boa noite, companheiros. Sou Pérez, um alcoólatra em busca da sobriedade. Hoje acordei não melhor que ontem. Desde que estive com este grupo pela primeira vez, são dias difíceis. A depressão e a fobia social se instalaram de forma tão ou mais agressiva que minhas recaídas, pois me mantém limpo uns dias e logo volto ao consumo agressivo. A compulsão em beber tem me forçado a manter-me distante desse grupo. Peço que não entendam como aversão ou má vontade.

González sentia-se sob um cerco pavoroso. A sombra mantinha seu tormento, cruzando o altar mais incisiva a cada mudança. O intento era a morte, certamente. A investigadora estava exausta, já havia caído três vezes e suas forças se esvaiam, drenando sua consciência, abstendo-a do discernimento de tempo e espaço.

— Não me sinto bem em ambientes com muitas pessoas… se alguém notou, estou com tampões de algodão nos ouvidos para diminuir os barulhos do dia. Mantenho à noite para evitar os sons da rua que invadem meu apartamento.

O vulto materializou-se e se colocou frente à González. Era uma forma humana da cintura à cabeça, mas sem face. Contudo, feições reconhecíveis se deixavam revelar; silhuetas sutis de olhos, boca, nariz. Antonieta mantinha a arma apontada para a criatura.

— O que é você? O que quer?

— Seu companheiro sabe o que quero. Sua morte será a minha mensagem. Uma derradeira mensagem.

— O que você quer, maldito. Estou junto à Mãe de Todos, junto à poderosa Guadalupe… aqui, você não pode me ameaçar. Não tens poder para isso. Ela vai te expulsar daqui.

Asas negras se abriram e o restante da forma foi revelado. González sentiu o poder da morte lhe dilacerando, na forma do mais tenebroso e indizível medo. O medo de um modo jamais sentido.

— Sinto-me cansado e triste, sem forças para lutar. Os ruídos, os barulhos, as vozes me irritam. Não consigo mais fazer parte de quaisquer que sejam as atividades que envolvam muitas pessoas. Tudo isso me faz muito mal. Consigo apenas trabalhar com minha companheira. A depressão e a fobia social, que se agregaram à minha compulsão, estão me lançando nessa condição deprimente. Sinto vergonha dessa situação.

O anjo se aproximou e segurou o pescoço da investigadora, suspendendo-a acima do altar. Vociferou imperativamente.

— Quero a alma de Itztli. Ela é minha. Há outra, Castillo sabe, mas deixemos para depois. O professor Necalli é o próximo a pagar com a vida…

Com a garganta parcialmente obstruída, González redarguiu com voz cansada e rouca.

— Não sei do que falas, mas se Castillo está envolvido, ele deve ter motivo para lhe esconder. Pago com minha vida, se assim você o desejar. Mesmo que soubesse do que estás falando, esteja certo, imundo, que não lhe contaria nada. Teus dias estão contados. Pérez fará a justiça.

Castillo fez-se pálido, suas pernas quase o traíram, seus olhos ofuscaram-se, mas ele se manteve resoluto e continuou…

— Sempre fui sociável em tudo que fiz, mas minha compulsão pela bebida tornou-me fechado, indiferente à sociedade, quase um misantropo. Sinto muito por tudo isso. Tenho, como todos aqui, muitos problemas do passado. São fantasmas que me assombram. Por conta disso, me fiz amargo, rancoroso, depressivo e avesso ao convívio social.

A criatura alada, sem o véu da obscuridade, fez-se mais agressiva e passou a sufocar González com as duas mãos. Ao impor

essa força, a investigadora disparou quatro vezes contra o peito do anjo. Ele abalou-se com o impacto. Um viscoso líquido *negro-escarlate* correu ao chão, banhando o altar da catedral. González agonizava nas mãos dele.

— Desejo a todos, muitas 24 horas de vida plena.

Todos o aplaudiram de pé. Castillo chorou e um temor gélido abalou sua medula. Seu cérebro pareceu minguar na caixa craniana, fazendo-o cair, inconsciente.

Antonieta sussurrou algo. O anjo não compreendeu. Lançou o corpo da investigadora sem vida no altar e sumiu nas trevas da Catedral Metropolitana, alçando voo sobre o *Zócalo* iluminado, que esperava pelo Natal.

Mayala e Guillermo chegaram das compras com muitas sacolas. Embora ela não fosse uma adepta da comemoração capitalista, deslumbrou-se com a tarde agradável que tivera junto ao primo. Passearam em livrarias e butiques, sorveterias e lanchonetes, fazendo dela apenas uma jovem consumidora e alheia ao real motivo da data.

Lançaram tudo ao chão da sala e deitaram-se, exaustos, nos confortáveis sofás, rindo e tagarelando com entusiasmo.

— Mayala, do que você mais gostou? Na minta, seja sincera.

— Primo, amei tudo, sem distinção. Foi uma tarde maravilhosa. Mas o livro de Rosario Castellanos, que há tanto procurava, fez-me alegre demais… ouça, que profundidade sensata e certeira.

A uma mulher, já velha, que entredorme enquanto o trem avança mas que percorre a excursão com uma avidez que rouba a nobreza de seus anos (como se ainda crera ou esperara) pergunto: sua história tem alguma coerência?

Guillermo franziu a testa e torceu as sobrancelhas. Não tinha muito apreço por poesias como as de Rosario, que escreveu com eloquência acerca de questões de opressão cultural e de gênero. Sua poética não se subtraía em anunciar a amálgama entre o pessoal e o comunitário — sobre o amor e a violência viverem juntos, quase que compactuados.

Dizia ele que faltava a essas poesias *força na pena*; eram poemas de torrões de açúcar, que a mais suave garoa derretia e os levava, sem deixar vestígios. Guillermo era aficionado por textos crus, mais incisivos e perturbadores.

— Amada prima, isso é canção de ninar para os pequenos. Você é uma *mulher* forte, tem de ler coisas fortes. Segure-se onde está, agarre-se com afinco ao sofá e não perca a consciência. Estás pronta? Posso?

Guillermo sentou-se, salivou a mão e passou no cabelo, dando-lhe um brilho nauseante. Friccionou o pomo de Adão e disparou, acertando sem piedade os ouvidos atentos de Mayala…

— *Quando a fome chama, sussurra em seus ouvidos a imagem da loucura e os pensamentos mórbidos. Profane sua alma suja de sangue e seu corpo ainda faminto. Ouça as súplicas e desejos dos mortais. Cruzar os séculos com vida plena; e assim chegará o dia em que a carne humana será novamente um doce gosto de prazer.*

Mayala fechou os olhos e retraiu-se. Guillermo sorriu em deleite, quase insano.

— Estás falando de canibalismo? Foi isto mesmo que eu ouvi? É sobre isto este texto? Você inventou isto agora, ou… espere aí… Gräff, não é?

— Sim. O próprio e mais novo *in memoriam*, Jacob Gräff. Dizem que se inspirou em tribos latino-americanas que praticavam o canibalismo. Você sabe muito bem que moramos em terras de canibais e praticantes de cultos ritualísticos que tinham, no sacrifício de guerreiros, o ponto alto das cerimônias. Corações eram extraídos do peito enquanto a vítima ainda estava viva; e o órgão era comido ao passo que registrava as últimas pulsações.

— Gräff morreu, a pouco? O que estás dizendo? Pensei já estar morto há muito tempo.

— Faz dois ou três meses, não lembro. Está na *Person Magazine*. Publicaram até seu testamento. Você não leu?

— Guillermo, por favor… sabes que não gasto meu tempo com revistas de banalidades. E depois os textos de Rosario que são *torrões de açúcar*.

— Também não sou fã dessas frivolidades, mas Gräff estava como manchete de capa. Sabes quanto o admiro. No testamento, ele deixou sua obra para quem quiser administrar. Contudo, ressoa em todos os cantos que sua obra é fruto de plágio. Dizem ter comprado, feito algumas adaptações e logrado fortuna, que escoou como água pútrida em sarjetas de luxúria e ostentação. Soube, de fonte idônea, que o verdadeiro autor ainda vive e está no México.

— Que patife. Que canalha. Se é isto verdade, devem mesmo se apropriar da obra e entregar ao autor de fato. Sabes algo sobre este poeta? Quem poderia fazer justiça a este homem?

Trocaram mais algumas considerações e foram, cada qual, ao banho. Tinham uma festa de despedida do ano letivo, na basílica de Guadalupe, em Tepeyac. José acompanharia os dois.

Quando chegaram ao santuário, o ensurdecedor barulho das falas e ruídos não menos desagradáveis davam o tom da noite. No altar, havia um conjunto de cadeiras, muito bem ornado e disposto, em fino arranjo, com a suntuosidade que a cerimônia prometia.

Mayala e Guillermo sentaram-se à segunda fileira de bancos, reservada por José. Ele manteve-se atento, em pontas de sapato, buscando reconhecer – ou conhecer – alguém naquele amontoado de jovens falantes e burgueses. José Cáceres procurava por Necalli. O tio tinha um único propósito: tomar conhecimento do professor que vinha causando tanto desconforto em Mayala. Queria analisá-lo, inquiri-lo, se assim fosse necessário, e pôr fim aos devaneios temerosos dela.

Sabiam, o filho e a sobrinha, que ele jamais deixaria o conforto do lar para se embrenhar em uma *selva* como aquela. Mas o fez pelo amor que tinha por Mayala. Tinha ele certeza de que algo estava acontecendo.

Estavam os três, sentindo-se aborrecidos. José bebeu um gole de água, que haviam servido à entrada. Ele desejava um bom vinho,

mas a água lhe garantia uma serenidade confessional. Sem esperar por mais, lançou um estratagema para maquiar o tédio.

— Vocês sabiam, crianças…

Guillermo torceu o nariz. Mayala entendeu o sinal. Contudo, ambos se renderam às palavras de José, buscando resignação em meio a todo o barulho constrangedor que se fazia.

— Vocês sabiam que este santuário é formado por várias igrejas e capelas, sendo duas basílicas, a primeira do século XVI, e esta, recém-inaugurada? Esta construção, assim como a Cidade do México, foi construída sobre um lago aterrado, o Texcoco.

Mayala não se surpreendeu. Sabia de muito mais. Guillermo fingiu interesse, mas algum conhecimento lhe foi imputado na breve fala do pai.

Sobre o altar, andando rápido e por vezes diminuindo a velocidade, cogitando mudanças e novas disposições no contexto da organização, a Madre Superiora se encontrava bem-disposta e atenta aos movimentos da festa. O semblante, porém, não se alterou. Era o mesmo e escuro mármore. Inatingível, impossível de se lapidar.

Jesús chegara. Transladou alguns sorrisos e tratou de emanar seus narcísicos cumprimentos. Abalava-se pelo espaçoso ambiente, que estava guardado pelas inúmeras filas de bancos já floridos de pais, alunos, professores, funcionários e figurões da alta escala da cidade. Havia, deveras, algumas almas inclinadas às letras. Os seres do verso e da prosa, que, como lhes é inerente, bruxuleavam por entre as sombras do santuário. Confabulavam pragmáticas soluções e colocavam em escárnio a semântica vigente.

Disse o contista ao poeta, visando um subterfúgio não almejado frente à edificação que lhes acolhia.

— Fé e ignorância, meu caro, sempre agiram alheias à compreensão cognitiva e racional. Contudo, deveras, não abandonaram seus caráteres passíveis de compaixão. Fato?

O outro redarguiu, sem reticências.

— Apresente a primeira lâmina do conhecimento que ainda não confirmou decapitação.

O Monsenhor colocou-se pouco à frente do altar. Apanhou o microfone e estendeu suas boas-vindas. Logo atrás dele, a Madre Superiora e os professores encontravam-se sentados às cadeiras, como se estivem guardando o diretor de algo ruim. Pareciam a infantaria de um rei já despojado.

— Eis que é chegada a hora. Mais um ano vencido, com graça e a força de Nossa Senhora de Guadalupe. Ela nos é esteio, é porto seguro e é nossa salvação.

Uma salva de palmas encheu o local de uma alegria, mesmo que velada, trazendo acalento às almas ali presentes. Mayala e Guillermo estavam abraçados a José. Jesús continuou…

— A Santíssima Igreja Católica sempre rendeu uma devoção e um culto especial à Virgem Maria. O culto mariano de Guadalupe está na base da história cristã do México e a evangelização de todo o continente americano também se baseia nele. Pertencemos também nós, devotos, filhos, mães e pais, funcionários, professores e, por extensão, toda a comunidade que ampara nossa instituição. Louvemos e enchemo-nos de amor, agradecendo o imaculado Colégio de Nossa Senhora de Guadalupe.

O discurso inflamou-se por vários minutos. Mas nem a vida é para sempre…

José chamou por Guillermo e Mayala, que estavam com alguns amigos. Queria saber quem era Necalli. Precisava falar-lhe. Tinha de ter uma ponta de conhecimento acerca do tão falado professor, advogado, editor. A sobrinha mostrou-se avessa à ideia, transparecendo medo e algo mais que o tio não decifrara.

Mas, o encontro estava fadado a acontecer. José dirigiu-se ao local onde serviam comidas e bebidas. Pediu vinho. Recusou comida. Serviram-lhe água. Ele agradeceu e bebeu um gole com olhar de de-

safeto ao indivíduo que pousou o copo sobre o balcão. Sem gelo, sem limão, porém com simpatia. Não entendeu o motivo, mas seu sentimento de repulsa ao homem que, bem trajado e de semblante amigável, não era inerente à sua personalidade. Tentou esquecer o vexame que sentira sozinho. Mas, *em circunstância*, algo não condizia com a aparência amistosa do copeiro.

Ao seu lado, um jovem senhor - acompanhado de uma bela mulher - pediu água com limão e gelo, em taças baixas. Um dos garçons entregou o solicitado e agradeceu, com voz subserviente. José confirmou sua aversão.

— Grato, senhora Inés. Grato, senhor Necalli.

— Desculpe-me. Professor Necalli?

Frederico voltou-se para a voz questionadora e assentiu com a cabeça. José sentiu as pernas fraquejarem, a saliva engrossar em sua boca e seus olhos fazerem-se enevoados.

— Senhor? O senhor está bem? Alguém, por favor. Chamem um médico…

Inés abaixou-se, tomou o pulso de José e constatou seu desmaio. Estava vivo. Desacordado, mas vivo.

Algum tempo entre o *nada* e o *quase* se passou. José tomou ciência de que estava no Santuário de Tepeyac. Que havia levado filho e sobrinha. Que era novembro de 1981. Mas que o homem que se dizia Necalli não era, de forma alguma. Ele não aceitava as verdades da bela e atenciosa mulher, nem tampouco as do homem que se apresentava com a alma de Lorenzo, dizendo-se Frederico.

A sobrinha aproximou-se do tio e beijou-lhe a testa. Necalli, como se tomado por uma força abrupta, olhou absorto para a jovem e sentiu seu corpo esvaziar-se. Parecia que todas as células que formavam sua vida material desejavam romper uma fronteira abissal e inundar o corpo de Mayala. Não era ele, deveras, mas tudo nele queria tomar o lugar da jovem. Era um ímpeto descabido, enfadonho e mórbido, mas a censura natural da vida não lhe tomava como um

pérfido fantoche de Deus. Ele só desejava. Ele apenas precisava. Seu corpo implorava a alma daquele ser.

Mayala sentiu-se ameaçada. Tentou levantar o tio e caíram ambos. Guillermo apressou-se, ao tomar conhecimento do ocorrido. José levantou-se, amparado pelas pernas do filho que, em vão desatino, buscava trazer à tona a consciência perdida da prima. Ela expirava em sussurros doentios, carregados de dor e funestos espasmos.

Necalli, já sentado, contorcia-se de uma dor jamais sentida. Inés, em pânico, pedia ajuda. Todos permaneciam imóveis, tanto quanto Nossa Senhora do altar, que atenta a todo o sofrimento, buscava intercessão.

Em sua mente, ainda que em estado deturpado, o professor tinha a imagem de seu corpo desprendendo-se num vácuo de tempo e espaço impressionante; como se o invólucro, que nos caracteriza enquanto seres humanos, fragmentava-se num pandemônio de horror indescritível. Um clamor pavoroso eclodia de suas entranhas; e tudo o que o amontoado de sangue, carne, nervos, pele, fluidos e pensamentos desejava era alocar-se na alma de Mayala. Tinha, em substancial certeza, a concretização de que seu corpo estava numa alma que não era a sua, e que a dele, em *sã* artimanha, estava naquela jovem. Seu cérebro não entendia a necessidade antipática e o inumano desejo de obter o que lhe era de direito.

O copeiro aproximou-se. José fitou-o em cólera. Mayala debatia-se em dores lancinantes. Os olhos da jovem obscureceram-se e, de sua boca e nariz, um líquido escarlate e denso trazia a tristeza da vida e a *alegria* da morte.

O homem no uniforme branco juntou-se ao casal. Colocou-se de joelhos e pousou a mão esquerda sobre a cabeça de Frederico. Colocou-se diante do professor e sussurrou, deixando que somente ele ouvisse as palavras em tom surdo…

— Nossa Mãe… Tu que és a Mãe das mães; A Mãe de todos, a que detém o poder sobre a vida e sobre a morte; ofereço-te esta

alma cansada das agruras do tempo. Entrego-te estas almas exauridas das intempéries da angústia diária. Castigadas pelas amarguras da vida. Dilaceradas por si mesmas… Faze, ó Mãe de todos nós, o que tem de ser feito…

Alguns instantes se passaram e uma luz envolvente e plácida tomou a edificação, cegando a todos e fazendo com que o tempo estacionasse. O *nada* fora *tudo* naquele momento. O copeiro virou-se para a luz e soprou em voz fraca e aliviada.

— Está consumado, Mãe. Itztli está em solo sagrado. A outra, deixemos em salvaguarda, como estratagema.

Após render graças, inclinou-se e, com a cabeça baixa, já livre do disfarce, o anjo agradeceu ao espírito protetor de Coatlicue.

Necalli, após surdos tormentos e espasmos coagulados, expirou nos braços de Inés que, debilmente, encontrava-se aquém do santuário, enxovalhando o ar com evocações simplórias e danosas aos espectros de seus rancores mais temerosos. Ele, em delírios últimos, balbuciou algo. Ela não entendera por completo. Discerniu, apenas, que ele a amava desde Stanford e mais duas palavras soltas: obra e justiça. A advogada chorou pelo pouco que entendeu. Resignou-se em constatação, advinda do retorno da alma ao corpo. Perdera um grande homem; e tinha de fazer justiça pela obra de Zapata. Queria saber mais; contudo, Necalli se foi levando segredos tortuosos.

Mayala, despojada de consciência no instante, abriu os olhos e observou, no cume do santuário, a imagem de seu pai se dissolver, dando sinais de que jamais ele voltaria a fazer parte das lembranças do mundo em que viveu. Lorenzo Itztli não mais existia.

A luz, que envolveu a todos, tornou-se uma centelha de brilho intenso e deslizou, oscilante, até o altar. Permaneceu, com insólita persistência, sob a imagem de Nossa Senhora de Guadalupe e logo juntou-se a Ela, congregando uma singular conexão.

A *Mãe de todos* estava no domínio de tudo novamente.

Padre Morales despedia-se de Inés, que estava sob forte dependência de remédios controlados. A *viúva* de Necalli chorou a missa inteira, questionando o motivo da morte do amado.

— Minha filha… querida filha… resignemo-nos. As vontades de Deus não passam por nossas perguntas e reprovações. Somos fruto de um Pai piedoso e sábio, que tem plena ciência de seus próprios desígnios. Entenda que, se Necalli se foi, há um motivo divino para tal. A vida dele não foi em vão. Seus ensinamentos vão perpetuar, assim como a bondade que ele trazia na alma.

— Padre, não consigo me conformar. Sou incapaz de aceitar a morte de Frederico. Minha ignorância diante dos desejos de Deus não me permite tamanha resignação.

— Eu entendo, filha. Mas você precisa continuar. Manter a missão dele, e a sua, na terra. Não podemos nos entregar, ou agir como Castillo. Pérez isolou-se e pediu dispensa do trabalho, buscando a autodestruição. Está morrendo aos poucos. A bebida vai matá-lo se não for feito algo em sua ajuda. Vá, filha, tente auxiliá-lo, faça disso uma cruzada pela vida. Sei que Necalli ficaria orgulhoso de você. Sabe onde ele está, não é?

Inés agradeceu a Morales. Beijou a mão do pároco e desapareceu pela porta lateral da sacristia. Na mente dela, a forma de manter-se ativa, sentindo-se viva, passava pelo pedido do padre. Iria ajudar Castillo a sair do abismo, afinal, o investigador perdera a melhor amiga e o melhor amigo. Os únicos que o faziam *levantar-se pela manhã*, como ele dissera num dia de embriaguez, chorando a morte de González, amparado por Necalli.

Era véspera de *réveillon*. A cidade estava em clima de mudança. Nas ruas, a alegria pela chegada de um novo ano contagiava a todos. Inés saiu de casa pouco antes das duas horas da tarde. Queria estar em Teotihuacán, no interior do município, para ver Castillo.

O investigador foi internado em uma clínica de reabilitação logo após o enterro de González. Seu quadro agravou-se um dia após abandonar o tratamento. Com a morte de Necalli, fora internado novamente. Seu consumo de álcool alcançou um patamar fatal e sua saúde estava em potencial risco de falência generalizada.

Um homem jovem, em jaleco azul-claro, abriu a porta e chamou por Inés. Era o médico que estava cuidando de Castillo.

— Entre, por favor. Inés?

A advogada sinalizou positivamente com a cabeça. Acomodou-se na cadeira em frente à mesa do doutor. Estimava cuidados. Ela estava abatida. Tinha olheiras fundas e escuras. Sua beleza parecia estar definhando. Apresentava cansaço e quase indiferença à vida. Sua depressão encontrava-se em patamar temerário, exigente de cautela e necessário de cuidados.

O doutor sorriu amigavelmente, batendo a caneta sobre alguns papéis pontilhados de azul.

— Bem, você sabe que a situação de Pérez não é das melhores. Seu quadro clínico traz preocupação e requer intervenções urgentes, caso contrário… sobre o problema dele, pode ser complicado identificar os sinais de dependência do álcool.

Inés interrompeu, fechando os olhos devido à luz que adentrava pela janela. O médico atentou-se e fechou a cortina, acendendo logo as luzes do consultório.

— Doutor? Não vejo identificação.

O médico desculpou-se. Apresentou o crachá e leu…

— Carlos Ramirez Waidsen.

Ela descruzou as pernas e considerou, mostrando um *interesse* que não apresentava. Sorriu com cautela, não deixando transparecer quão leiga era no assunto.

— Dr. Carlos, diante do quadro de Castillo, quais outros sintomas, ou atitudes, podemos ter como sinais de que o investigador, ao sair daqui, continua como usuário compulsivo de álcool?

— São muitos, Inés. O indivíduo ingere o álcool, que chama o vício, e o indivíduo acaba por ser ingerido pela torrente sem fim da adicção. Ele simplesmente não pode beber. Não há consumo seguro para o álcool.

— Ele pode tudo. Só não pode beber, é isso?

— Exato. Ele não tem mais controle sobre si em relação ao álcool. Ele não consegue *beber socialmente*, como dizem. Em minha conversa com ele, para buscar uma razão acerca do uso, ele mostrou-se fechado, mas deixou claro que há uma fonte para a angústia e rancor que ele carrega.

A conversa continuou por mais alguns minutos. Carlos relatava sobre alguns pacientes. Falava sobre as insanidades cometidas pelo uso. Mostrou tabelas, gráficos e muito interesse em parecer agradável à Inés. Tinha um brilho nos olhos e um semblante feliz.

A visitante mostrou-se cansada. O doutor despediu-se com um riso acanhado, de lábios aflitos, quase pedintes. Inés agradeceu e dirigiu-se ao pátio, onde se encontrava Castillo.

O investigador estava sentado em um banco. Vestia roupas verde-claro, cabelos penteados para trás, rosto cansado, olhos tristes e distantes. Sugava seu charuto e soprava para o alto, observando o serpentear da fumaça à mercê da brisa que acariciava o jardim da clínica, trazendo uma falsa calmaria.

Inés sentou-se ao lado de Castillo. Ela cumprimentou-o e não recebeu nada em troca. A mulher tornou a lhe falar, com mais ênfase ao pronome e ao verbo. Ele redarguiu com voz abafada por um pigar-

ro que lhe importunava. Olhou com indiferença para Inés. Baixou os olhos e chorou.

A mulher buscou acalentá-lo. Levou, em sussurro, aos ouvidos do investigador algumas palavras de conforto, embora ela estivesse, também, em busca de paz. Castillo secou as lágrimas e ponderou recitante.

— Ver-se refletido numa lápide qualquer, sem os olhos fechar, é desprender a razão… minha cara, Inés… quanta falta ele faz. Como você está?

— Estou bem, obrigada. Estou aqui para lhe ajudar. Vim por você, mas vim por Frederico também. Ele não aceitaria sua desistência, jamais. Era um entusiasta de seu trabalho e sei que és também um entusiasta do trabalho dele.

— Sou sim. Sempre fui. Necalli era um homem incrível. Ajudou-me muito e devo muito a ele. Não importa que tenha ido para outro lugar. A dívida é eterna.

— Eu também devo muito a ele. Esteve ao meu lado em momentos cruciais de minha vida nos últimos tempos. Estive com ele até o último minuto. Não sei como aquilo aconteceu. É algo que vou me questionar até a morte.

—Gonzáles e Necalli foram mortos por *algo*, não por *alguém*… não é *quem*. Mas sim, *o quê*.

— Não entendo, Castillo.

— Sim. Compreendo tua dúvida. O que matou Gonzáles, matou Necalli. É a mesma criatura que me atacou no apartamento, antes de cometer estas duas tragédias. Eles não estavam *em via* de morrer. Eram saudáveis. Jovens. Ainda tinham muitos anos de vida.

— Continuo não entendendo, amigo.

— Vou te contar, mas prometa que tu irás me confiar silêncio sobre o que vou te dizer. Que estávamos, eu e Necalli, prontos a decifrar todo o plano por trás dos supostos suicídios ocorridos na cidade. Sabes do que estou falando, não é?

Inés assentiu com a cabeça. Castillo continuou.

— Bem, Necalli e eu descobrimos que uma nova *Guerra das Flores* estava em curso.

Castillo relatou sobre a descoberta dele e de Frederico. Falou da viagem a *San Luis Potosí* e sobre a alma alocada em Necalli, fato que trouxe pavor à Inés. Detalhou o ataque que sofrera e apontou a certeza de que a criatura que o atacara, foi a mesma que matou González. Disse também que, conforme relatos que teve acesso, ligou a morte de Necalli à mesma criatura. Acrescentou, por fim, o que tivera como revelação num sonho.

Foi um dia após a morte do amigo. Ele havia bebido o dia inteiro e, à noite, exausto, adormeceu, onde estivera lutando contra a revolta. No sonho, estava sobre o sofá, sentado com uma garrafa de tequila já vazia numa mão e um charuto apagado na outra. Relatou.

— Eu já havia bebido tanto naquele dia, que não conseguia me erguer do sofá. Olhava fixo para a parede da sala, que parecia se mover em direção a mim. Aquela sensação de movimento oprimia-me, faltava-me ao ar e obscurecia os meus olhos. Neste sonho, que pensei estar acordado, um anjo se aproximou de mim e ajoelhou-se à minha frente. Ele disse, após chamar-me pelo nome de batismo, que seu inimigo, um mestiço, filho de uma mulher e de um anjo caído, estava aqui para trazer, do submundo, o Reino dos Mortos. Seria instaurado o domínio de Mictlantecuhtli na terra, trazendo um culto puramente Dele, sem interversões cristãs, sem que haja a sombra de um Deus que não seja a sombra do Reino dos Mortos. Este mestiço começou uma nova Guerra das Flores, arrebanhando sacrifícios para alcançar esses objetivos.

Inés estava petrificada. Não conseguia acreditar naquilo que ouvira de Castillo. Pensava consigo o quão doente estava o investigador. Mas ela não se atrevia a falar-lhe sobre suas certezas, sobre seu ceticismo. Resolveu manter-se calada, evitando problemas vindouros na recuperação de Pérez. Contudo, ponderou.

— Caro amigo… é muito grave o que acabaste de me relatar. Estou sem palavras para conjecturar a respeito. Mas sei que tu e Frederico tinham suas convicções e creio nelas enquanto mulher de razão e perspicácia. O que pretendes fazer?

Castillo sentiu a descrença de Inés e se conservou no direito de calar-se. Aproveitou, desse modo, a economia de palavras e resumiu a visita em palavras superficiais e vazias de conteúdo.

— Tenho de sair daqui. Obrigado pela visita. Foi de grande valia ver um rosto familiar. Aqui dentro é triste, apesar de cuidarem muito bem de mim. Volte noutra oportunidade.

Castillo, consigo, ponderava que numa próxima visita, Inés já teria analisado *as coisas* e provavelmente voltaria menos cética, mais aberta a ter com ele uma conversa franca e corajosa sobre o que matou Necalli. Afinal, seu amado fora morto pelo objetivo do anjo mestiço. Necalli foi um sacrifício para a ascensão do reino de Mictlantecuhtli. Ele não fora um *fim*. Fora um *meio*.

Quanto ainda levaria para *essa guerra* terminar? Pelas contas do investigador, mais uma alma completaria os sacrifícios necessários ao intento do anjo. Já estaria a criatura ciente de onde essa alma derradeira estava? Ele tinha condições de arrancar esta alma do corpo que lhe servia de morada? Pérez sofria com esta dúvida e permanecia incapaz de dar cabo a esta tragédia.

Foi medicado e dormiu. Nos sonhos perturbados, viu Necalli e González, afastando-se da presença dele; aos poucos se transformavam em pequenas partículas que logo se uniam e tomavam a forma humana. Juntavam-se ao Reino dos Mortos, onde cruzavam desafios; em montanhas que se chocavam uma contra a outra; num campo com o vento que soprava facas que dilaceravam a carne; num rio de sangue com onças vorazes transladando as margens.

Raúl cruzou o pátio esfregando os olhos. Exequiel estava sentado ao chão sobre uns papelões, chafurdando nas unhas do pé esquerdo. Tenório, Ernesto e Alejandro conversavam, à saída da lavanderia, onde trabalharam na semana que findara. Emanuel encontrava-se caminhando com Ramiro, amparados pela sombra do Firmamento.

O grupo não tardou a se reunir. Não havia detento novo, contudo, Raúl tinha, de antemão, boas novas aos convivas, sobretudo para Ramiro.

Vincent observava o movimento amaldiçoando a todos. Transladava o olhar pelo pátio agraciado pelo sol, naquela manhã agradável de dezembro de 1982, uma sexta-feira de regalia. Nesses dias, instaurado pelo diretor em alusão ao fim de ano, os detentos tinham três horas de banho de sol. Nem isto acalentava o ódio de Harden. Exalava cólera e vingança após ter sua pena ampliada, pois pensava certo de que sairia da Porfírio Diaz em cinco anos. Contrariando as expectativas, esta nova resolução da justiça mexicana frustrou os planos dele, deixando-o mais agressivo e intolerante. Vociferava que alguém pagaria pela sua desgraça. Ramiro era um dos alvos, contudo, El pater tinha a proteção dos guardas, enquanto Vincent era perseguido e muito bem vigiado por todos na penitenciária. Não havia nada que ele fizesse que não se transformasse em assunto nos corredores da vigilância armada da instituição. Ele era um detento sem liberdade na prisão. Isto o deixava mais perigoso, imprevisível.

No gabinete de Manuel Corsero, visitantes ilustres acertavam os últimos detalhes do motivo que os trouxe à penitenciária. Jesús

Fernández Herrera e Inés Reyes Carranza apresentaram os documentos a Manuel, elucidando todas as dúvidas desinteressadas do diretor.

— Bem, estimados… não sou entusiasta desses assuntos. Confesso não me importar com isso, adianto sem cerimônia. Mas, como é caso de justiça, e vocês estão bem alicerçados e muito bem representados pela Dra. Inés, filha de um grande amigo meu, rendo-me às circunstâncias e aprovo a diligência tão nobre em meus muros. A segunda metade do banho de sol é de vocês. Vou primeiramente avisar o sr. Ramiro e logo libero a entrada de vocês, salvo se Zapata não desejar.

Inés sorriu. Manuel retribuiu com entusiasmo, fitando as pernas da advogada, cobertas até o joelho por uma saia escarlate, amparadas por um salto alto preto. Jesús estendeu a mão direita e aguardou um aperto amistoso, que não veio. O diretor meneou a cabeça e sentou-se, transparecendo um enfado causticante.

Ramiro e Emanuel chegaram ao grupo, que ria em profusão de mais uma piada de Exequiel. Tenório disse a Ramiro, em tom fraternal…

— *El Pater*, sorte sua não estar aqui… este inútil trouxe mais uma das suas. Sorte a sua *El pater*.

— Gostaria de ouvir, conte-me amigo Exequiel.

— Não, *El Pater*… é muito ruim, não peça essa desgraça.

Todos riram. Exequiel levantou-se e friccionou a garganta, simulando um aquecimento. Emanuel, Tenório e Alejandro baixaram a cabeça como reprovação. Ramiro sustentou o desejo. Com a positiva de Zapata, o grupo resignou-se e colocou os ouvidos em atenção.

— Vá em frente, homem, conte esta piada de uma vez… vai esperar pela próxima sexta de regalia?

— Perfeito, *El Pater*.

Exequiel cogitou um pouco mais de teatro. Ramiro olhou para o *piadista* com severidade, meneando a cabeça em tom de ordem.

— Bem… meu avô, curandeiro conhecido, foi chamado num convento, em Anenecuilco, para curar uma freira que sofria de soluços. A pior crise de soluços que havia ocorrido em Morelos. Quando meu avô chegou, já conseguiu ouvir os espasmos da freira, quase *gritos*. Ele foi levado à sala da madre superiora e sentou-se. Logo, a freira com soluços entrou e falou, com muita dificuldade: *Por favor, cure-me desse 'hic' maldito soluço. Não consigo dormir, nem 'hic' comer, nem rezar eu consigo. Tenho 'hic' muita dor no corpo por causa de tanto 'hic' movimento compulsivo 'hic' involuntário... Ajude-me 'hic'.* Ela implorou. Meu avô começou a examiná-la. Olhou por cima, olhou por baixo, sacudiu a cabeça, mexeu o tórax, apalpou a garganta, cutucou a barriga e puxou a língua. A freira ansiosa, reclamou: *O que o senhor descobriu? Por favor, isso está 'hic' me matando.* Meu avô, com toda a calma, disse: A senhora está grávida.

Ramiro já ria da piada. O restante do grupo, que ouvira pouco antes, torcia o semblante. Uns com ar de bom-humor. Outros, com atmosfera cansada.

— Ela soltou um grito e saiu correndo da sala. Meu avô começou a se preparar para ir embora. A madre superiora chegou alguns minutos depois e perguntou: *O que o senhor falou para a irmã?* Ele respondeu com outra pergunta. *Acabaram os soluços?* A madre disse que sim… *eu disse a ela que estava grávida. Achei que o susto a curaria.* Respondeu ela, com tristeza: *E curou. Mas o padre Paulo pulou da torre da igreja.*

El pater riu com muito gosto. Achou a história fantástica. Batia nas próprias pernas e nas costas de Emanuel, realmente muito feliz com aquele momento. Olhou fraternalmente para Exequiel e agradeceu o instante.

— Meu caríssimo Exequiel… muito obrigado por isto. Eu estava precisando mesmo rir. Rir com vontade, por gosto e por alegria

da vida… por um contado tempo, esqueci-me de estar aqui, recluso intramuros e recluso em mim mesmo.

O grupo aplaudiu, sorrindo. Ramiro agradeceu e ensaiou uma saída, contudo, ouviu Manuel Corsero lhe chamar. Vinha acompanhado de quatro guardas com armas em punho, e outros quatro sob perspectiva, observando o movimento. Ao lado do diretor vinham também Jesús e Inés, que traziam consigo os documentos de reconhecimento de autoria dos textos de Gräff. Ramiro voltou-se e franziu a testa, buscando entender o chamado e o *porquê* da comitiva que se aproximava, com parcimônia em lustre e resignação emprestada.

Manuel tornou a chamar Ramiro, dessa vez em tom solene e pedinte.

— Caro Ramiro, como estás? Tenho boas notícias.

— Diretor… estou bem, obrigado. Em que posso ser útil?

— Não sei se conheces? Conheces? Esta é a doutora Inés Reyes Carranza. Filha de um grande amigo, pessoa ilustre e de ótima índole. Este é Jesús, diretor do Colégio Nossa Senhora de Guadalupe, na capital.

— Bem, diretor. O que posso fazer pelo senhor?

— Como disse, tenho boas notícias. A doutora Inés lhe explicará melhor… vamos até minha sala, por favor.

Saíram todos. Os guardas, os dois diretores e Inés, sob os olhares muito *cuidadosos* da turba no pátio, que sorria ao vê-la passar. A aura dela inebriava as almas talhadas em rancor, enquanto os românticos esqueciam a solidão de anos enclausurados. Vincent soprou algo na passagem do grupo, mas não fora ouvido.

Após toda a explanação de Inés, Ramiro chorou. Em sua mente, ele jamais receberia de volta sua obra. Mesmo na condição de detento e sabendo que não sairia vivo da Porfírio Diaz, ele fez-se feliz e agradeceu à doutora e aos diretores por trazerem seus textos de volta. Não obstante, Inés prometeu, com o prévio consentimento dele, a publicação da obra.

O detento fora acompanhado por um guarda, que o parabenizou, dizendo-se fã. Zapata retribuiu o carinho e despediu-se do simpático funcionário da penitenciária. No pátio, os *amigos* aguardavam ansiosos pelas notícias. Ramiro acenou e dirigiu-se resoluto ao grupo, trazendo um semblante agradável, quase em júbilo.

El pater prostrou-se diante do círculo formado pelos detentos, passou a mão pelo rosto, suspirou com alívio e falou sobre as boas notícias, mostrando um brilho feliz nos olhos, aquém do fosco véu da amargura. Os convivas comemoraram, parabenizando Zapata, com uma salva de palmas, assovios e gritos eufóricos. Rodearam o escritor e, em tom fraterno, compartilharam um abraço simbólico, que envolveu a todos. Era um momento feliz em meio à tristeza inerente ao local.

A sirene que avisava o fim do banho de sol soara. Os detentos levantavam-se do transe preguiçoso e caminhavam às suas celas, sussurrando desgraças e planejando maldições.

Raúl arrastava-se debilmente em acídia. Exequiel levantou-se dos papelões e ergueu as calças, que já lhe iam à metade das nádegas. Tenório coçava a cabeça, reclamando a Ernesto uma possível infestação de piolhos. Alejandro riu, imitando um macaco. Emanuel despediu-se de todos com um ar preocupado; tinha uma paz amarga na garganta. Em meio ao movimento intenso e de burburinho que soava como ladainhas em procissão, Ramiro dirigia-se ao Firmamento, ensaiando um prefácio para a publicação que se avizinhava.

Passos apressados romperam o barulho compassado da marcha de detentos. De súbito, dois vultos irromperam em luta no chão seco. Uma nuvem de poeira se formou e *gritos urrados* ecoaram no pátio da penitenciária. Os guardas correram para averiguar. Um vão se formou. No centro do já findado embate, Ramiro encontrava-se caído, com sangue vertendo de seu tórax, à altura do coração, no centro do peito. Ele foi levado para a enfermaria rapidamente. O alarme

soou e em segundos a penitenciária estava sob o comando da segurança institucional.

Vincent golpeara *El Pater* três vezes. Uma por ódio; outra por ofensa; e a terceira por prazer… uma hora depois do ataque, as *palavras* se calaram.

Ramiro sentou-se à beira do caminho. Um firmamento cinza maculava-se de azul à sua frente. Cobriu os olhos com as mãos e discerniu, na claridade pálida, a filha que se aproximava. Sentiu-se radiante. Ela estava de volta; ela retornara para ele… seriam, enfim, felizes.

Isabel sorriu. Ramiro quis levantar-se. A filha o impediu; transfigurando-se numa lembrança perdida, disse…

— *Maculei em tempos idos meus claustros sentimentos, donde o enegrecer atroz ungia simples padeceres. A estrada dos tormentos não abandona seu caráter, opressora no início e findada com espasmos. Um obliterar redundante sucumbe minhas forças construindo sombras vazias. Indiferente conservo-me ao mundo, para que deste, lembranças não germinem.*

Ele chorou. Lembrou-se de quando escreveu a poesia que a filha acabara de recitar. Agradeceu com um sorriso triste. Deu-lhe a bênção e uniram-se num abraço. Ele atrelou-se à mão de Isabel e tomaram a estrada, que se projetava como longa, guardada por anjos e protegida pelo amor de Guadalupe.

O recesso de *réveillon* se passara.

O segundo mês de inverno lembrava verão e outono. Trazia o gosto amargo da temporada de furacões e tempestades. Muitos estragos se fizeram na capital.

Catarina avisou sobre a morte de Ramiro, em seu primeiro ato do ano. Inés telefonou a Jesús e o colocou a par de tudo: *A obra dele estava novamente sem casa.* Estudariam, desse modo, uma maneira de perpetuar os escritos de Zapata, que se fora sem gozar do reconhecimento merecido.

Algo muito comum aos poetas. Ele não foi o primeiro, nem seria o último. A história é feita de injustiças. A história é construída pelos bons, mas com louros aos infames e patifes.

Resignada, em termos, Inés saiu. Tinha compromisso no *Diario Mēxihcah,* com Lupe. Muitos meios de comunicação da cidade se reuniriam para homenagear Necalli. Lançariam uma edição comemorativa do jornal, contendo o último texto escrito por ele antes de falecer. A coluna que Frederico assinava traria, na íntegra, sua derradeira expressão crítica.

Ambiente amado por Necalli, uma de suas grandes paixões, a redação do jornal estava tomada. Autoridades, eruditos, pensadores e a imprensa da capital estavam presentes. Apenas os relevantes. Somente aqueles que se importavam com Necalli. Contudo, um nome trazia uma lacuna. Castillo não estava ali. Dentre todos, o investigador era o único amigo.

Lupe chorava, copiosamente.

Coube à Inés, a leitura do texto.

A advogada colocou-se de pé. Havia um ar de comoção. Alguns buscavam saídas visuais, outras prostraram-se de cabeças baixas, em tom reverencial.

Inés apanhou as folhas com o texto de Necalli e disparou, cadente e firme, com Necalli sempre fora.

A superficialidade das perpetrações por nós impostas, cedem a todo o desejo de nos abstermos das resoluções imediatas e necessárias. São tempos de conivência, de um Deus passivo frente às injustiças. Tenho me questionado por onde anda o Deus punidor, aquele que tratava a ferro e fogo as iniquidades. O Deus dizimador e severo, um verdugo para com a antítese do homem justo e benevolente. Estamos em tempos de um Deus alheio ao sofrimento.

A voz de Inés embargara. Lupe chorava baixinho sentada ao canto da redação. A advogada tentou recomeçar, mas deteve-se. Pediu desculpas, olhou com serenidade para o ambiente e para todos. Buscou forças. Encontrou e continuou…

Frente a um Deus conceitual, que não mais se dilacera e espalha o sangue da injustiça, fomos subtraídos da busca por paisagens que eram venezianas do pano de fundo de nossas douradas memórias. As pessoas… ah, as pessoas que gozavam conosco do que pensávamos ser uma realidade gratificante, não estarão mais se alimentando, a bel-prazer, do fruto que inebriava suas almas cálidas e entorpecidas de falsa tranquilidade.

As palavras ásperas de Necalli ainda se faziam ouvir. Sua crítica não morrera com ele. O silêncio da atenção dos presentes avalizava o texto forte e ácido, uma marca de Frederico.

O Deus que alguns procuram, não está confabulado com a vida plena que os fiéis desejam; em contrapartida, o Deus que outros buscam é como o boi que leva ao dorso uma carga que sobrepuja suas forças. Esta carga é a cruz que nós não carregaríamos, nem debaixo da brutalidade do açoite, nem do flagelo de interpolar um Deus que se colocou no pedestal da indiferença.

Um burburinho intenso se formou na redação do jornal após o fim da leitura. Ele estava ali, sem dúvidas. Necalli flutuava no local como alma que busca redenção. O redator-chefe agradeceu a todos pela presença e a homenagem se manteve em cada alma.

Recuperadas da cerimônia, Lupe e Inés saíram juntas. Mas tomaram caminhos diferentes. A advogada fora buscar Castillo na clínica. A tia de Necalli encaminhou-se para férias no litoral. Ambas precisavam manter a vida em movimento. Uma, traçou metas; a outra, buscava forças.

— Seja bem-vinda, senhora Carranza…

Soprou a atendente sobre o balcão, com um risinho amarelado. Inés abstraiu-se e indicou a direção que tomaria, nauseada pela falsa polidez da jovem. Recebeu desagradável negativa, porém, apressou o passo, dando as costas à recepção.

O corredor que dava acesso aos dormitórios estava parcialmente iluminado. Ela não vira movimento de funcionários. Deduziu que os pacientes se encontravam cada qual em seu aposento, gozando do sono após o almoço.

Pouco antes de chegar ao quarto de Castillo, fora chamada, com voz cálida, mas decidida.

— Inés, infelizmente a senhora não pode entrar sem ter o acesso liberado. Sinto muito.

— Gosto de pensar que isto seja apenas um equívoco, meu caro. Não nasci para receber ordens e sugestões. Mas acatarei a premissa pela sua sinceridade. Quero ter com Castillo, sem interrupções e burburinhos inconvenientes. Creio que me entende, não é mesmo, Dr. Carlos Ramirez Waidsen?

O médico contrariou-se, devolvendo a arrogância com aspereza velada.

— Creio que não estejamos falando a mesma língua, Dra. Inés Reyes Carranza. Na minha clínica, as regras sou eu que faço,

sem distinções. Nem que Jesus fosse o visitante. A senhora deve voltar à recepção, aguardar o horário de visitas e esperar que alguém a conduza até o senhor Pérez Castillo. Aqui, por gentileza…

Inés buscou se recompor. Nem mesmo ela se reconheceu no trato ao doutor. Resignada, transladou-se para o *hall* de entrada e logo para o jardim que precedia a clínica. Sacou da bolsa um cigarro e sentou-se, tragando o fumo com tristeza. Sentia-se como uma criança chamada à atenção e logo disposta em castigo. Apesar de ser não comum a atitude que tivera no corredor, sentia-se deveras magoada, repreendida e com uma dose clara de rancor. Queimava em contrariedade. Pensou em Necalli. Pensou em tudo o que Castillo dissera e lembrou do último texto que lera horas atrás.

Fechou os olhos e deixou-se estar, livre da realidade e à mercê do devaneio.

Frederico sentou-se ao seu lado no banco. Fumava um charuto e trazia uma taça, com o líquido transbordando incessantemente. O vinho corria-lhe pelas mãos, até os cotovelos, inundando a calça de linho bege, manchando-a. Ele olhou ternamente para ela e disse, em voz gutural e em sangue coagulado, desfilando um horror pérfido nos olhos. *Amor, tenho me questionado por onde anda o Deus punidor. O Deus dizimador e severo, um verdugo para com a antítese do homem justo e benevolente. Estamos, deveras, em tempos de um Deus alheio ao sofrimento. Inés, Inés, Inés…*

— Inés? Você pode entrar. O horário de visitas começou.

Ela levantou-se assustada do banco. Dr. Carlos estranhou a atitude da mulher e questionou com preocupação.

— Você está bem? Precisa de algo… está pálida. Venha comigo, vou lhe dar um calmante. Suas mãos estão frias, você está com a visão me parecendo turva.

A advogada aceitou a ajuda do doutor e deixou-se amparar por ele. Sentia-se tonta e fraca. A camisa de seda apresentava manchas de suor entre os seios e nas axilas. Seus olhos encontravam-se

sem foco nítido e levemente ofuscados, como se revestidos por teias de aranha.

O doutor medicou-a e manteve-se observando a *nova paciente*. Mesmo depois da rebeldia de Inés, ele deixava irromper um olhar terno, quase piegas. Havia, sem dúvidas, algo que lhe atraía na advogada. Em seu âmago, uma necessidade de tê-la por perto escavava sua ética e corroía sua discrição.

Alguns minutos após toda a admiração velada, Inés despertou do breve sono. Recuperada da indisposição, agradeceu ao doutor e solicitou o que lhe era de direito. Castillo a esperava no jardim, com um livro nas mãos e muitas considerações na mente; guardado por árvores, estátuas, vasos e uma sombra que se projetava em meio aos tons escuros.

O investigador dedilhava as páginas com cautela. Lia, retornava e lia novamente, depois finalizava com leitura em voz alta. Buscava entender o texto; e só conseguia isto quando sua voz inundava os ouvidos. Dizia que ler com os olhos era para pessoas em patamar avançado no processo de internalização de conteúdo. Ele, que estava aprendendo, necessitava que a própria boca lhe ensinasse os pormenores, os detalhes; mas precisava de energia, não de sussurros. Ele, *que estava aprendendo*, necessitava que a própria boca lhe ensinasse os pormenores, os detalhes; mas precisava de energia, não de sussurros.

— Caro Castillo, como estás?

Ele sorriu ao ver Inés. Num primeiro momento, pensou em lhe questionar sobre os olhos fundos e a tez pálida; contudo, recuou com uma tosse simulada.

— Olá… estou bem… e você?

Inés sentou-se, cruzou as pernas e acendeu um cigarro. Ativeram-se no horizonte por alguns instantes, parecendo não ter nada a falar um ao outro.

Castillo fechou com rispidez o livro, que jazia sobre as pernas. O som das páginas se chocando fez Inés alertar-se. O investigador sorriu e levantou-se. Olhou serenamente para a advogada e questionou com timbre retórico.

— Já ouviu falar no *Universo 25*, cara Inés?

— Não… que eu lembre de momento, não.

— Pois bem. John Calhoun introduziu quatro casais de ratos num recinto com numerosos *apartamentos*, abundantes materiais de nidificação, comida e água ilimitadas; escasso era o espaço físico.

— Meu caro Castillo… onde está querendo chegar? Sei que não falas nada que não seja com propósito.

— Já irás entender. Não conhece mesmo o *Universo 25*?

— Não! Como disse, de momento não lembro… mas creio que não, pelo simples motivo de não lembrar, tenho o fato como irrelevante. Conte-me.

— Como ele previra, um ano depois os animais tornaram-se mais violentos e começaram a negligenciar ou mesmo a atacar as suas próprias crias. Ele chamou a este colapso da ordem social um *sumidouro comportamental*.

Inés não se sentia cômoda. Algo parecia lhe incomodar.

— Castillo…

O investigador continuou.

— Por fim, a colônia extinguiu-se.

— Entendo. Mas ainda não vi a real intenção de me apresentar isso. O que desejas? Queres me mostrar algo? Ou somente compartilha um conhecimento?

— Finalizando… Calhoun não se coibiu de antropomorfizar as suas descobertas. O que vimos no *Universo 25*, podemos ver em nosso universo, ou não?

Inés frustrou-se. Esperava mais de Castillo. Queria os detalhes de todo o processo das mortes, de tudo o que ele havia lhe posto na última visita. Tinha plena convicção de que ele amenizaria suas

angústias diante do luto. Contudo, debruçou-se sobre uma analogia entre ratos e seres humanos, numa sociedade utópica, em mazelas compartilhadas. Decerto, frustrou-se.

Castillo passava os olhos sobre as páginas do livro. Franzia a testa, como que se questionando. Estaria louco? Perdera o discernimento? Que fatal desconexo, que delírio absurdo.

Ela levantou-se do banco, ajustou a camisa, tomou um cigarro e acendeu-o. Soprou a fumaça a favor do vento e ultimou.

— Muito explicativo, Castillo. Mas, em suma, não me diz nada. Vamos embora, o mundo lá fora te espera… espera-nos. E que estejamos prontos para ele.

— Estou certo de que sim. Espera-nos.

Castillo devolvera a nuance com impertinência.

Na fala, abstraiu-se. Contudo, na mente, um turbilhão de sensações o enredava num caos medonho, azafamando o intuito que o precedia. Teria de ser mais forte do que *sempre* fora.

A *Guerra das Flores,* que fora iniciada e contava muitas vítimas sacrificiais, ainda estava por findar. *O mal maior estava por vir?* O mal maior estava por vir. Seria um tremendo horror. Ele poderia dar cabo à criatura que arquitetara toda essa desgraça? Num ímpeto moribundo, confabulava com tenacidade pertinente. Travava consigo uma dialética obliterante. Era imprescindível que se aliasse ao anjo que o visitou após a morte de Necalli? Somente os dois juntos interromperiam o ciclo dos sacrifícios? Sim. Eles estancariam a barbárie, impedindo a concretização do intento da *Guerra das Flores*. Mas onde encontrar este anjo? Como chegar até ele? Qual a forma mais rápida para que a *aliança* se fizesse? Ele teria essa ajuda? O último sacrifício estaria já reconhecido pelo executor?

Nesses questionamentos mirabolantes, ele *cria* estar traçando um plano infalível. Estava enganado: a sombra, que o observava nas penumbras, acompanhava-o nesse turbilhão de indagações utópicas e *certezas vãs*.

Durante o trajeto da clínica até o Hotel Regina, abstendo-se da *companhia* de Inés, o investigador continuou engendrando a logística para salvar a última vítima. Todo o sucesso da empreitada funesta passaria por encontrá-la. Iria até ela, explanaria todo o processo. Após, firmaria acordo com o anjo e apresentariam suas armas contra o causador do mal. Muito simples, não tivessem que entrar em combate com a temível criatura.

Ao chegar à nova morada de Castillo, Inés fitou o investigador com ódio velado. Tratou, então, de expor seu descontentamento severo. Tinha os olhos rubros e fundos, não melhores que os dias de luto que trazia ao peito.

— Sabe, meu caro, sempre acreditei que tu nutrias um mínimo de consideração por mim. Sei que não somos grandes amigos; temos, deveras, uma boa relação por conta de Frederico. Mas jamais me ocorreu que seria colocada de lado sobre o que diz respeito à causa da morte de Necalli. Esperava mais de você, amigo.

— Caríssima Inés. Por nossa boa relação, e por Necalli, que estou lhe preservando. Tenho um enorme apreço e consideração por você. Não desejo seu mal. Quero você protegida e a causa da morte de Necalli será tratada por mim, exclusivamente por mim. Você ajudaria muito se se mantivesse longe disso, não próxima. Sei que és muito forte e decidida, mas o risco é grande demais. Prova desse risco é onde estamos agora. Abandonei meu apartamento e viverei num quarto de hotel. Restrito, oprimido, enclausurado. Frederico não gostaria de vê-la em perigo. Estamos embrenhados numa batalha letal e não temos tempo para estudar. Temos de agir com urgência. Desculpe-me, daqui para frente decido os próximos passos. Obrigado por tudo, adeus.

Castillo desceu do automóvel. Deu as costas com aspereza, buscando desintegrar toda a *má sorte* de inconsequência que semeara. Inés, contrariada e irresoluta, tomou a transversal, sumindo em direção ao *Zócalo.*

Na vidraça da sala de estar, a chuva *crepitava* com afinco, causando melancolia. A cada brilho no céu, vítima das descargas, um vulto distorcido corria a extensão da parede oposta, trêmulo com a vinda do trovão. Alheios, conversavam…

— Guillermo, definitivamente não consigo entendê-lo.

— Minha amada prima, quanta aspereza? Estamos em férias.

— Por isso mesmo que não consigo entendê-lo. Daqui a dois meses começamos uma nova jornada na vida. Um curso universitário é algo relevante e primordial.

— Férias. Preguiça e alegria e despreocupação.

— Não tenho como me desligar da vida do modo que você faz… quanta infantilidade.

José, *que lia o jornal*, observava *atento* o embate. Pensou em intervir, mas absteve-se, acreditando em Mayala e lhe dando os louros pela sensatez. Bebeu um gole de *bourbon* e sorriu.

Guillermo subiu para o quarto, a fim de se vestir para a noite. Mayala sentou-se à escada e transladou os dedos por uma brochura da Universidade Nacional Autônoma do México.

A chuva continuava. Trovões e relâmpagos faziam a sonoplastia daquela tarde monótona, quase desagradável. José levantou-se para atender o telefone. Surpreendeu-se após saber quem lhe falava. Seu semblante, antes calmo e lúcido, tornou-se pesado e denso. Balançava a cabeça em concordância; contudo, as palavras do seu interlocutor à distância não lhe agradavam.

— Podemos, sim, senhor Castillo… para quando esta *conversa*? Mas, de antemão, adianto que não entendo o motivo para nos encontrarmos, ainda mais nessas condições de urgência.

José manteve as expressões assertivas na fala, lançando espasmos positivos ao aparelho: *Sim, senhor. Entendo. Perfeitamente.* Contudo, seu rosto trazia exatamente o contrário. Estava, decerto, contrariado com a conversa; a conversa em que ele apenas ouvia.

— Como desejar então, investigador. Amanhã à tarde, aqui em casa. Estarei à sua espera.

José bateu o telefone com cautela. A testa franzida e os olhos entreabertos lhe deram ares de preocupação. Mayala estranhou, mas, como sempre fora discreta, resolveu não questionar. Contudo, num canto íntimo de seu âmago, um sinal de alerta soara sutilmente. Quase um ensaio de medo. O que haveria de ser? Qual a ligação de um investigador como seu tio? Abstraiu-se do enredo que formara e foi ao banho. Um trovão soou. Um vulto arrastou-se e sumiu debaixo da escada.

Assim como fizera com Lorenzo, vigiando-o e aguardando a ocasião para recorrer aos desejos de morte, impostos ou próprios, Morsath passou a rondar Mayala. Nela, desde a morte de Frederico, estava a alma que faltava para o sacrifício final, a derradeira parte de um todo que por muito tempo vinha se construindo. O anjo da véspera a espreitava, buscando estratégias para drenar a vida que traria o Mictlan à terra.

Entretanto, como os anseios suicidas haviam abandonado a jovem, ele semeava tentações sob a alma que nela fazia morada e em todos que a circundavam, aspirando sorte melhor. Ela teria de morrer; ou alguém teria de matá-la. Morsath encontrava-se sem ações. Não poderia dar cabo à vida dela; seria a obliteração de tudo: ele seria expurgado e o trabalho seria em vão. Ele precisava de uma vontade suicida, de uma discórdia assassina; quiçá, um acidente premeditado. Não havia mais saídas, todo o plano macabro de Morsath

dependia da morte do invólucro Mayala Cáceres, onde vivia a alma de Necalli.

— Olá, senhor Castillo, seja bem-vindo.

— Muito obrigado, senhor Cáceres. Prometo que não vou me demorar. Serei sucinto.

José ofereceu algo para beber. Castillo beberia água.

— Bem, aqui está… então, de que se trata?

— Senhor Cáceres…

— Pode me chamar de José, prefiro assim, Pérez.

Castillo sorriu, sugando o resto da água, parecendo estar com muita sede. Pediu mais. José serviu. Drenou o grande copo e acomodou-se no sofá, buscando o ar que lhe faltava.

— Minha vinda se deve…

José absorveu tudo com uma sensação sufocante na garganta e um redemoinho no estômago. Não conseguia acreditar no que o investigador dissera, sem titubear, alheio à verossimilhança, ao mundo real, à vida humana. Eram muitas informações. Nada do que ouvira parecia estar ligado à realidade. Sua sobrinha, que tinha como filha, era o pivô de um terror sem precedentes, de proporções gigantescas. Ela estava num campo de pavor e tragédia. Impossível. Não tinha como acreditar em tudo que Castillo dissera. *Não tinha como acreditar em tudo que Castillo dissera.*

— Sei que é difícil, mas tudo que lhe falei é o fato puro e simples, caro José. Terrível, mas uma verdade; sem fantasias, sem máscaras. Fui atacado. Professor Necalli e a investigadora González foram mortos por este propósito, esta barbárie insana.

José estava atordoado. Sentia-se tonto, desprovido de noção real da vida. Seu crânio parecia oprimir o cérebro, faltando-lhe as vistas. Suava frio e salivava. Disse, bruxuleando como vela…

— Você acredita em tudo que acaba de relatar? Pérez, com convicção, digo-lhe: sou um homem de espiritualidade aguçada, mas tudo isso soa um tanto perdido, aquém da compreensão humana, dis-

tante demais de minhas crenças. São conjecturas graves, assertivas tétricas. Trata-se de uma guerra, sacrifícios suicidas, assassinatos impostos. Inferno na terra, propriamente…

José buscou acalmar-se. Pensou no filho e na sobrinha. Restabeleceu a respiração e ponderou, com serenidade.

— Não sou descendente dos povos primários desta grande nação, mas convivi com muitos deles, nascidos de sangue asteca. Minha família sempre esteve rodeada de gerações nascidas de gerações de Aztlan. Mas isto, minha sanidade se nega a aceitar, está longe demais do que creio e tenho como humanamente possível.

— Entendo perfeitamente. Penso que o senhor, *que você*, deve pensar mais sobre isto. Agradeço o tempo despendido. Tenho de ir e *talvez* seja tarde.

Castillo levantou-se pesadamente. Dirigiu-se à porta de saída e sumiu pelo jardim, olhando com tristeza para o céu. José permaneceu sentado, com as mãos envolvendo a cabeça. Em sua mente, um terror se instaurara, ensaiando o pavor dos dias vindouros. Levantou-se vacilante e tomou a direção da garagem.

No alto da escada, Mayala chorava, atônita, abandonada dentro de si. Sentia-se vazia e desnuda de espírito. No trajeto ao quarto, precisando se enclausurar e processar o golpe, questionou-se, sob abjeta descrença, como pessoa de fé, rendida à mecânica da tragédia.

Em que momento minha alma fora subtraída? Onde está, pois, minha verdadeira alma? Como, se sem alma, ainda possuo minhas lembranças? Possuo lembranças, ou apenas ciência de um presente continuado? Meu passado recente se fora?

Buscou por respostas urgentes. A mente parecia lhe trair. Somente perguntas suscitavam. Apenas um vazio, um abismo. O nada absoluto reinava em sua memória.

Como posso estar aquém de acontecimentos tão íntimos? Minha memória apagou-se? Não consigo lembrar de coisas que ocor-

reram meses atrás… lembro-me de ontem, de anteontem. Mas a semana passada é um borrão na minha mente.

Mayala se contorcia em sofrimento. Não possuía mais uma alma, não conseguia lembrar da vida. Sentia-se um autômato, um ser desprovido de passado. Tinha um presente restrito e mínimo. Teria, então, um futuro?

Quando perdi minha alma? Em qual momento, exatamente, fui privada de meu maior dom? Como perdi o que me diferenciava da multidão? Preciso me lembrar. Necessito de minha história de vida junto a mim.

Ela andava em círculos, titubeando e oscilando. O corpo já apresentava disfunções por conta do extremo padecimento. As lágrimas surgiam sem ela se aperceber. Olhos vacilavam. Ouvidos pareciam surdos. Ela não sentia mais os pés ao chão, estava como que anestesiada. Suas mãos tremiam e suavam. Sentia-se tonta. Salivava demasiadamente. Espasmos atacaram-na. Sua cabeça pesou, as pernas fraquejaram e ela caiu. Todo o peso do corpo encontrou-se com a mesa de cabeceira, derrubando xícara, livros, abajur e a imagem de Guadalupe.

O barulho chamou a atenção de José. O tio correu até o quarto e deparou-se com Mayala caída. Guillermo surgiu à porta assustado. Deitaram-na à cama. O primo ligou para o médico da família.

Quando o doutor chegou, Mayala já estava desperta. Chorava. José tentava acalmá-la. Entremeios, reiterava desesperadamente que sabia de tudo *e de sua solução íntima e definitiva*. O tio e o primo ouviam com pesar os relatos desesperados. Um, padecendo a condição humana da sobrinha; outro, questionando a veracidade dos fatos. José tinha certeza da existência da alma humana; Guillermo possuía suas dúvidas. Cada qual com sua crença, ambos sofriam por ela. Fitavam-na nos olhos. Neles, o nada infame se alocou. O brilho que dantes lhe trazia frescor e vida, não mais existia.

Saíram os três, ponderando melhoras.

Sozinha no quarto, entrou em guerra consigo. Se lhe fora *ou não* subtraída a alma, tinha ao menos a cruel certeza de que algo lhe fora suprimido. Mayala era um corpo sem alma própria, um simples invólucro esperando a morte. Em delírios de supressão indelével, prenunciava, mormente, com o *pouco* que restou das angústias e com o *muito* que soçobrou dos anseios.

Aproprio-me, agora, da indiferença perante o fim. Dilacero e castigo minha carne com a verdade. Reitero a punição das mentiras infligidas. Cadente e submissa à vontade do nada eu estou. A morte para quem não tem alma, traduz-se na redundância da resignação ofertada. Paralisia de sangue, febre de sentimento. Morte será a libertação frente minha incapacidade de luta. Manipulação é clemência para quem respira sem vida. Abstenho-me, pois, da força de permanecer de pé. Morrer ou viver não se distinguem mais. De que vale a precaução com a vida, se se faz mais necessário ocupar-se de morrer. Empeço-me, em definitivo abrupto, do viver; pois, o morrer se fez salvação.

A semente da discórdia entre alma e corpo fora plantada. Ela germinou e deu o tão esperado fruto. A alma que fazia morada em Mayala estava agora como o cego, de olhos opacos e funestos, enxergando além do mundo. Observava o *vão de tudo*, a impassível vida depois do *aqui* e do *agora*. Bruxuleava tal qual os espíritos do mundo de hoje, *peças de um quebra-cabeça*, que buscam se ajustar, que lutam para se adequar, que tencionam o aconchego, o afago, a luz calma da desambição. Mas, ao menor sinal de uma ruptura, de uma peça que se desprende, tudo o que fora arquitetado e edificado, encontra o desacordo. A discórdia entre alma e corpo se fez valer pelo fim do tempo na terra.

Morrer é vida, viver é morte. O ocaso sublima, por fim, o antagonismo de não mais existir.

A *luz* apagou-se.

Castillo levantou-se sonolento e com um gosto amargo na boca. A cabeça parecia pesar uma tonelada. Talvez mais.

Ligou o televisor antes de ir ao banheiro. O jornal da manhã trazia sua vinheta. A apresentadora estava sorridente; alegre, como em todos os dias, iniciava o programa com uma poesia…

— *Chegas, silenciosa, secreta, e despertas os furores, os gozos, e esta angústia que acende o que toca e engendra em cada coisa uma avidez sombria. O mundo cede e se desmancha como metal ao fogo. Entre minhas ruínas, me ergo, sozinho, desnudo, despojado, sobre a rocha imensa do silêncio, como um solitário combatente contra invisíveis tropas. Octavio Paz. Bom dia.*

Um caótico estampido, surdo e penetrante invadiu o quarto e sacudiu as vidraças. Houve um silêncio total. Um silêncio absurdo. Os pássaros deixaram de cantar, as árvores balançaram temerosas. O som intermitente do trânsito pausou. Um silêncio opressor tomou o ambiente numa súbita ruptura.

Ao sentir o tremor Castillo reclamou, aborrecido: *outro sismo, outras reuniões e inventário de dados novamente.* Alheio e egoísta, sentou-se na cama e resolveu calçar os sapatos.

Uma sensação de angústia nublada oprimiu seu cérebro. Lembrou-se de ligar para Inés, saber como ela estava. Pensou também em José e Mayala. Sem sucesso no intento, abandonou o telefone que já estava mudo, estampando o fim.

Levantou-se bruscamente e olhou pela janela do hotel. Os prédios à frente trepidavam e estalavam. A luz do apartamento se apagou, a televisão caiu e Castillo buscou a porta de saída. Uma ex-

plosão ecoou. As edificações mais frágeis se revolviam e se despedaçavam antes de cair ao chão.

Os estrondos da destruição eram inimagináveis, intoleráveis. Fortes, densos, muito agudos, muito graves. Era como se toda a cidade estivesse se quebrando.

Numa escola, as aulas iam começar, quando de repente uma aluna sentiu a classe tremer devagar, depois com agressividade. Imaginou ser a colega ao lado, mas ela estava pálida, sentada ao chão; logo, um abalo mais violento e prolongado sacudiu as estruturas. As janelas rangeram dramaticamente e os vidros estilhaçaram; depois, só se ouviam os gritos dos alunos e professores.

Um jovem pai, preparando-se para ir trabalhar, apercebeu-se imediatamente do tremor. Não conseguiu tirar os filhos de casa. Estavam todos no último andar do Condomínio *Nueva Aztlan*. O prédio desabou. A mãe salvou-se da queda do edifício, havia saído para comprar leite. Faleceu na explosão da padaria, logo depois.

Antigas mansões e palácios, alguns datados do tempo colonial, sofreram danos irrecuperáveis. As estruturas testavilhavam. Parecia que a terra estava viva, como se estivesse reclamando por dentro. As pessoas estavam nas ruas, gritando, chorando; havia casas desmoronadas, paredes rachadas, calçadas quebradas. Era a sensação de um pesadelo vivo. Um cataclismo sem precedentes.

Muitos que morreram estavam dormindo; outros não tiveram tempo de abandonar as suas casas antes delas desabarem.

A cidade central, construída sob o Lago Texcoco, padecia com a força do terror da terra. Os sedimentos lacustres soltos amplificaram as ondas de choque. O movimento do solo nessa área foi cinco vezes maior do que nos distritos mais afastados, que tinham fundações de solo diferentes.

Os edifícios com até 15 andares foram os mais afetados. A interação com as ondas de choque criou uma ressonância harmônica, exacerbando o grau de oscilação, deixando para trás pequenos montes de entulho de apenas alguns metros de altura. Edifícios desaba-

vam por completo e milhares de outros foram danificados. A terra urrava de ódio.

Civis e policiais corriam, ao prédio desabado da *TeleMexico*, para salvar as pessoas que estavam presas nos escombros. Corpos ficaram dependurados no rompimento da estrutura.

Vários mortos foram cobertos e colocados na avenida *Excel Central*, no coração da cidade. Isso foi feito para as famílias poderem identificar seus parentes.

Muitos dos edifícios em ruínas explodiam, vomitando fogo em suas redes de gás. Isso se dava pela repetição do *ataque da terra*, da ira da natureza que se projetava contra tudo e todos. A cidade iria morrer; e sua população padeceria desta catástrofe.

Nas áreas rurais e outros distritos, apenas o brilho funesto das explosões e da fumaça da destruição eram observados com o mais profundo pesar. Na Porfírio Diaz, os detentos sentaram-se no pátio, erigindo, de suas almas condenadas, preces às vítimas do terror. Alheia à vigília, ancorada a uma coluna no Firmamento, ainda tomado pelo musgo, uma silhueta fumava, escarnecendo e regozijando com a desgraça.

O prédio onde ficava a *Nacional Televisiva* desabou. Era como que uma mão invisível e superpotente amassasse uma maquete. Um estouro gigantesco. Toda a vizinhança esmigalhou-se ao redor do barulho. Os gritos, as lamúrias, o choro, o fogo e o sofrimento se espalhavam pelas ruas.

Ônibus escolares estavam parados em estradas que sumiram. As crianças gritavam pelos pais. Sangue e pavor pintavam os olhos de quem ainda se arriscava a olhar. O modo com que as edificações desabavam deixava claro que nada se manteria vivo ou de pé.

Ao chegar ao parque, ao final da avenida, Castillo parou. Amparou as mãos sobre os joelhos. Estava ofegante e petrificado. De súbito, viu toda a estrutura de apartamentos ir abaixo. O Hotel Regina não existia mais. Era apenas um amontoado de alvenaria, ferro, lembranças e tristezas.

A energia provocada pelo abalo soava como milhões de toneladas de dinamite. Ondas de destruição irrompiam da costa de *Michoacán*. Seguiam intolerantes para o norte, agredindo ferozmente *Tlatelolco*, *Colonia Roma* e a capital. A perversão insolente do caos chocou-se com a *Sierra de Guadalupe* e retornou, trazendo mais destruição, pavor, morte.

Bairros residenciais sentiam o pavor da tragédia. Os pontos intermediários ao centro da cidade, padeciam também com o terror.

Em *Colonia Cuauhtémoc*, as explosões traziam o medo absurdo. O fogo assumia o comando de tudo e a *fome da terra* era voraz. Um pai e um filho abraçaram-se e morreram juntos.

No colégio de Guadalupe, em recesso, a destruição foi completa. Nada ficou de pé, nem mesmo a estátua de Nossa Senhora resistiu. O *MXC Executivo* caiu como um castelo de cartas, no *rush* da manhã, de um dia normal.

Em *Del Valle*, pouco afetado pelo terror, uma *mãe* tentava remarcar uma viagem a Miami, bebendo *bourbon* com água tônica.

Nas ruas as pessoas corriam sem direção, sem saber o que fazer ou como ficar em segurança. Ouviam-se os gritos de quem estava soterrado, ou preso em prédios que não desabaram por completo.

Castillo vagava cambaleante por entre o pandemônio. Arrastava-se junto a outros que haviam perdido a noção da realidade.

O *sonho* perturbador em que estavam mergulhados trazia à sombra projetada pelo aniquilamento a nuance de que nada mais voltaria ao normal. Era o fim pleno. Sirenes e gritos ecoavam. A tristeza e o medo carregavam às costas toda a fé de um povo.

Ao chegar aos pés do *Ángel de la Independencia,* o investigador parou. Não via mais esperança. Não lhe suscitava, então, a vontade de salvação. Deixou-se, tenebrosa e resignadamente, entregue ao pandemônio. Absorto e suplantado no caos.

De súbito, um pavoroso estrondo irrompeu o chão do *Paseo de la Reforma.* Um vão grotesco engoliu a avenida, os carros, as ár-

vores, enfim, toda a *vida* que ali *vivia*. A gigante cova expelia fogo e terror. Lançava, a distâncias enormes, camadas de pedra, terra e tudo que sustentava o cartão postal.

Do Castelo de *Chapultepec* ao Palácio Nacional, nada se manteve intacto. Os últimos sobreviventes foram a *Lei*, a *Justiça*, a *Guerra* e a *Paz*, que dantes imponentes - em bronze, sucumbiram em espasmos tortuosos, assinalando o fim de uma era.

Castillo sangrava. Contorcia-se em sofrimento; e sabendo, pois, que o fim se aproximava, sentiu a alma esvaindo-se e o vulto de um anjo lhe beijando.

Jesús assistia a tudo no noticiário, sentado no restaurante do Plaza Hotel, em Nova Iorque.

— Nesta quinta-feira, às 7h19, a Cidade do México foi abalada por um sismo violento, de magnitude 8,1 na escala Richter, tendo seu epicentro no mar de Michoacán, litoral do México, alcançando a capital em aproximadamente 50 segundos. Ainda não temos informações sobre o número de mortos e feridos.

O *ontem* era vislumbrado frente à destruição infligida.

O caos, visto do alto de Teotihuacán, trazia o desalento vivido em tempos remotos. A terra ancestral sofria.

Estáticas, no cume da Pirâmide do Sol, duas sombras conjecturavam. A fumaça e o tremor de vistas em chamas emolduravam a paisagem. Quet'zan, *o suposto vencido*, engendrava um novo caminho a seguir. Morsath, *o cogitado vencedor*, regozijava frente ao cenário de abominação. À medida que este trazia os louros do possível trabalho cumprido, o outro padecia com mais um iminente fracasso.

No insolente fluxo de repulsa, o dantes execrado rebento de anjo caído e primata de Deus, alcançou a maldita redenção. Saboreava o pérfido êxito. O desenredo de todo o mal, o sucesso da nova *Guerra das Flores*.

O sangue estava em suas mãos; e sua empreitada fora vitoriosa. Conseguiu abortar as estratégias inimigas, decapitou a força de luta do opositor e de todos que buscavam sua derrocada. Interceptou os estratagemas de Castillo, fez valer suas intenções mórbidas para com Mayala e sua alma alocada. Era, de fato, um conquistador. Um causador da discórdia.

Para Quet'zan, restava o sensabor da história. A latrina dos falidos. Fez-se, novamente, um ser aquém. Era *a decepção* do progenitor; *a vergonha* de Coyolxauhqui; *o descrédito* de Huitzilopochtli. Mas, ainda pior: ele transformou-se no *opróbrio* de Coatlicue.

Insolventes e *inabaláveis*, os anjos da véspera ouviam, ecoar no vale, as vozes perenes de Tenochtitlán sofrendo no cadafalso do tempo. Aceitando a derrota, os espectros antepassados lamuriavam, com ódio, a capacidade ineficaz. O vento, quente e infecto, reverberava angustiantes vozes reclamando salvação.

O pandemônio avizinhado, perturbador e cruel, fez *às vezes* de um *novo* Cortés. Maculou novamente a paisagem da vida asteca. O odor da morte tomava conta de tudo. Até onde os olhos alcançavam, de quem via aquele vale, só existia a tristeza e o choro, seguido do massacre, assim como fora em agosto de 1521.

A fatalidade da *terra protestando* trouxe o medo, a prostração, a angústia, a dor, a destruição, o terror, a crueldade. Trouxe a mais pura e violenta desolação. Trouxe, enfim, o Reino dos Mortos à superfície ancestral?

A *Mãe de todos* chorava.

Dois anjos travam uma batalha particular na Cidade do México, década de 1970: Quet'zan, filho de uma deusa asteca e um anjo de Deus; e Morsath, rebento de uma humana com um anjo caído. Um tem a missão de cuidar de potenciais suicidas, buscando evitar a consumação do ato. O outro é facilitador da morte. Nesta luta entre bem e mal, uma nova Guerra das Flores é criada para trazer o reino dos mortos à superfície, consumando sacrifícios ao deus asteca do submundo.

Paralelo a esta disputa divina e profana, pessoas comuns enfrentam a vida com seus medos, desejos, paixões e crimes.
Um investigador luta contra seus demônios, com a ajuda da parceira, enquanto tenta resolver o mistério dos suicídios na metrópole. Marcada por assassinatos, uma jovem busca redenção, sofrendo pelo pai, acusado pelo massacre da família.

Internos de uma penitenciária partilham suas histórias, para acalentar o inferno que vivem dentro dos muros da prisão e de suas próprias almas maculadas pelos atos cometidos.

Um professor entra na luta para elucidar os suicídios. Enquanto um escritor injustiçado, padece por vingar a morte da filha; e uma advogada criminalista se encontra entrelaçada a acontecimentos e pessoas ligadas à guerra engendrada pelos anjos da véspera.

Quem vencerá a batalha?

ISBN: 978-65-01-03075-3
9 786501 030753

editora potencial
livros e sonhos